

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Eliane Knorr de Carvalho

sexo no mercado
produção de verdades, desejos e moral

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Eliane Knorr de Carvalho

sexo no mercado
produção de verdades, desejos e moral

Doutorado em Ciências Sociais

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais com área de concentração em Antropologia sob a orientação da Profa. Dra. Dorothea Voegeli Passetti.

São Paulo
2017

agradecimentos

Concluir essa tese foi um presente que recebi dos meus amigos.

Dorothea Voegeli Passetti me abriu mundos, portas e janelas com vistas exuberantes. Abriu a porta da sua casa com abundância de carinho, sorrisos (para não falar dos doces extraordinários). Presença amiga e alegre. *Sunshine*.

Edson Passetti, amigo faceiro de força e leveza descomunal, interessado em que se possa passar, que se possa avançar. Companheiro de nu-sol, integrante da banca de qualificação (obrigada pelos objetos preciosos), mas antes de tudo um grande e querido amigo.

Salete Oliveira, amiga sem medida. Amiga mágica. Terra e fogo que fertiliza, produz coisas bonitas como a cerâmica. E que anda ao lado, sem falta, em abundância.

Também agradeço ao nu-sol como um todo, e a cada um, pela paciência, pela força, pelas conversas. Beatriz Carneiro pela disposição-torcida e retornos no fim da corrida. As ajudas com a pesquisa, pela querida e bela Lúcia Soares, pela lépida Mayara Cabeleira, pela atenciosa Helena Wilke (que ainda deu uma grande força da revisão), por Cecília Oliveira (companheira e força nas viagens e nova mamis do pedaço, viva!), por Flávia Lucchesi, também por seus delicadíssimos retornos. Ao Ricardo Abussafy pelas inúmeras caronas e conversas. Ao Vítor Osório pela atenção e curiosidade. Ao Gustavo Simões pelas trombadas divertidas nos caminhos das teses. À Sofia Osório pelo jeito de me apresentar à dança e pela revisão impecável. À Luiza Uehara, amiga ponta firme. Thiago Rodrigues que faz falta por aqui, mas que alegra o Rio. Ao Acácio Augusto, amigo de longa estrada e que eu sei que posso contar sempre.

Agradeço ao Francisco Xavier de Carvalho pelas incansáveis tentativas de tornar os meus caminhos sempre largos, belos e sem limites.

À Ana Cristina Schlitler pela discreta, mas aguçada atenção e pelo carinho.

Às crianças que encontrei. Ao Júlio pela paciência.

Aos amigos anarquistas que fiz pelas andanças, e que não pouparam ajuda, atenção e força, em especial a Leona e Jason McQuinn. Mas também aos amigos do grupo de estudos e aos amigos do *Long Haul*, em Berkeley.

Aos amigos do *Center for Sex and Culture* em São Francisco, Miss Ian e Dorian, pelas conversas, entrevista e auxílios com o material.

À Candace Falk e sua equipe do *Emma Goldman's Project*, pela hospitalidade sincera e ajuda com o arquivo.

Ao Thomas Laqueur, que me recebeu de braços abertos, sempre disponível e atencioso, e que me abriu as portas para Berkeley.

À Dagmar Herzog que me deu pistas importantes para o terceiro capítulo.

Às outras pessoas que também me deram suporte e me auxiliaram na viagem para os Estados Unidos: Annamaria Salles, Leandro Siqueira, Adriana Schweikert, Amanda Nunes, Cássio Modelli.

A cada um dos entrevistados: Joani Blank (que infelizmente faleceu em 2016), Carol Queen, Nenna Joiner.

A ajuda, atenção e sorriso das bibliotecárias da Universidade Politécnica em Atenas.

Ao Jorge Leite pela presença divertida que vem desde os tempos de graduação e pelas importantes sugestões na banca de qualificação.

Aos professores da banca e os suplentes que aceitaram o convite.

Às coordenadoras do PEPG em Ciências Sociais, da PUC-SP, Lúcia Bógus e Vera Chaia, pela força e apoio.

À Kátia (há muito tempo) e ao Rafael, pela força e carinho.

A cada um dos professores com quem tive aula e cuja companhia e vivacidade escapavam das salas de aula.

Àqueles que eu esqueci.

A quem eu não posso esquecer ou ignorar.

À CAPES pelo financiamento da bolsa sanduíche. Ao CNPq pelo financiamento da bolsa regular.

Ao Paul, porque, para além de umas tantas coisas (e o especial apoio na finalização da tese), deitar ao seu lado e sentir o seu cheiro foi um dos maiores prazeres que esta pesquisa me deu.

resumo

O sexo revestido de sexualidade tornou-se um negócio lucrativo no mercado e abriu passagem para os investimentos na pessoa como capital humano em argumentos com base na saúde e na religião. O objetivo deste trabalho é apresentar como a renovação da sexualidade – a partir da noção de dispositivo de Michel Foucault – facilitou a modulação e acomodação de práticas tidas como subversivas em direitos negociáveis no interior do mercado. A partir destas negociações, ampliou-se o alcance dos investimentos nas condutas da população normalizada, e a produção de conceitos abrangentes relacionados à saúde sexual, possibilitou os investimentos na parceria entre Estado, religião e organizações internacionais no cálculo da mortificação da vida.

Este trabalho apresenta-se a partir de três séries.

A primeira série, intitulada “jogos de verdade (produção de identidades, direitos e educação no âmbito da chamada sexualidade)”, com foco nos Estados Unidos e na Baía de São Francisco, mostra, desde os movimentos políticos nos anos 1960 e 1970, as disputas de verdades em torno das identidades, a produção de saberes em função destas verdades, as negociações no mercado e a relação entre a educação e o investimento em capital humano.

Na segunda série, “produções de desejos (novos investimentos no mercado do sexo no Brasil)”, a *Erótika Fair*, em São Paulo, apresenta-se como campo profícuo para a análise da produção e assimilação de desejos, justificada pela introdução do público feminino neste mercado. A análise situa a assimilação de conceitos no interior do mercado que traduz o pessoal em negócios e leva estes negócios para o campo pessoal.

Finalmente, a terceira, “moral sexual (religião e saúde)”, expõe os investimentos de igrejas cristãs na condução de condutas – com foco na análise de grupos evangélicos –, e sua articulação com as diretrizes internacionais em torno da saúde sexual, que utilizaram o advento da AIDS para justificar os programas de educação para crianças e jovens, a partir de uma vida calculada, em que se abdica dos chamados desvios no presente em nome da promessa de um futuro melhor.

Palavras-chave: sexualidade, mercado do sexo, capital humano, saúde sexual, religião.

abstract

Sex enrobed in sexuality has become a lucrative business. It has opened the way for investments in people as human capital through discussions based on health and religion. The objective of this work is to present how the reappraisal of sexuality – based on the concept of *dispositif* as defined by Michel Foucault – facilitated by the modulation and accommodation of practices considered as subversive in rights that are negotiable within the market. Thus, the range of investments in the normalized population's behavior was broadened. The production of comprehensive concepts related to sexual health – in partnership between State, religion and international organizations – enabled investments in calculating a mortified life.

This work is presented in three series.

The first serie, entitled "games of truth (production of identities, rights and education in the field of sexuality)" focuses on the United States and San Francisco Bay Area. It presents some of the disputes over truths around identities; the production of knowledges in the light of these truths; market negotiations and the relationship between education; and investment in human capital.

In the second serie, "productions of desires (new investments in the sex market in Brazil)", the *Erótika Fair*, in São Paulo, presents itself as a profitable field for the analysis of the production and assimilation of desires, justified by the introduction of the female audience into this market. The analysis situates the assimilation of concepts within the marketplace that translates the personal relationships into business and takes these businesses into the personal field.

Finally, "sexual morality (religion and health)," highlights the investments of Christian churches in the guidance of behavior, focusing on the analysis of evangelical groups, and their articulation within international guidelines on sexual health. And how the HIV/AIDS context is used to justify education programs for children and young people, of a calculated life, in which they abdicate so-called deviations in the present in the name of the promise of a better future.

Keywords: sexuality, sex market, human capital, sexual health, religion.

sumário

apresentação.....	8
jogos de verdade (produção de identidades, direitos e educação no âmbito da chamada sexualidade).....	28
os levantes das chamadas minorias.....	43
a mãe da masturbação.....	55
<i>Eve's Garden</i> : feminismo no mercado.....	63
<i>Good Vibrations</i> e a educação sexual.....	78
outras vibrações: uma abordagem modelo.....	90
institucionalização de saberes.....	99
constituição do campo da sexualidade no Brasil.....	115
educação e capital humano.....	121
jogos.....	128
produção de desejos (novos investimentos no mercado do sexo no brasil).....	132
<i>Erótika Fair</i>	145
o pessoal é negócio.....	187
Beate Uhse e a renovação.....	202
sexo no museu.....	207
produção de desejos.....	212
moral sexual (religião e saúde).....	224
deus é amor.....	233
escola do amor.....	243
sexo no templo de deus.....	260
o sexo no casamento entre a religião e o mercado.....	268
o sexo no casamento entre estado e religião.....	276
sexo é saúde ou, o verbo se fez carne.....	287
é o fim! ...é o fim?.....	300
referências bibliográficas.....	312
ANEXO.....	320

apresentação

Enfim, a chamada liberação sexual tornou-se um negócio profícuo. Coloca-se como solução para os mais diversos problemas de relacionamento, além de pretender impulsionar a vida profissional e garantir a saúde física e mental. A questão apresentada aqui consiste em analisar como o sexo contribuiu para a renovação do capitalismo e da política de Estado diante das rupturas nos anos 1960, momento em que o próprio sexo foi tido como um dos principais meios de combate e subversão da ordem. Como a liberação sexual deixou de se restringir àqueles que se opunham aos costumes, e passou a figurar como objeto de desejo até da população dita mais conservadora?

Este trabalho está atravessado pela exposição da constituição e do funcionamento de uma subjetividade por meio da sexualidade, como produção de desejos e verdades, e que se articula com o empreendedorismo de si pela lógica do capital humano. Esta sexualidade se traduz em um novo aprisionamento de si e dos outros, com lucros, manutenção do Estado e da sociedade às expensas da mortificação da vitalidade.

Na segunda metade do século XX, anunciou-se no ocidente uma transformação na abordagem sobre o sexo. A chamada revolução sexual, no final dos anos 1960, foi um momento de explicitação e propagação desta transformação, mas não a sua origem. Nos anos anteriores, algumas produções de caráter científico voltavam-se para a desmistificação do sexo, tido como aprisionado em uma moral que o enquadrava em um circuito para a procriação. Muitas destas produções foram retomadas nos anos posteriores à chamada revolução sexual, como justificativa na produção de novos saberes sobre o sexo, sendo, inclusive, responsabilizadas, negativa ou positivamente, pelas experimentações de caráter liberador.

O sexo enquanto forma de contestação política rapidamente foi ocupado como lugar dos argumentos científicos ou, quando muito, foi pacificado em negociações por direitos. O argumento em torno da superação da repressão sexual foi fundamental na justificação da institucionalização de uma produção de saberes, bem como no reconhecimento de direitos.

Nos anos seguintes à chamada revolução sexual, Michel Foucault se opôs ao argumento repressivo, sem ignorar as rupturas presentes no final dos anos 1960, e atento para a institucionalização destas práticas, voltando-se para a construção da própria noção de sexualidade que passava a recobrir as práticas sexuais.

No ano de 1976, Michel Foucault publicou o primeiro volume da *História da sexualidade*, intitulado *A vontade de saber*. O projeto inicial previa seis volumes: um primeiro introdutório, o segundo que deveria se concentrar na problematização do sexo no começo do cristianismo, e os quatro seguintes seriam desdobramentos dos investimentos da sexualidade, colocados no primeiro volume: a criança masturbadora, a mulher histórica, os perversos e o último voltado à questão da população e da raça para se pensar a *biopolítica* (DAVIDSON, 2006: 125-126).

No segundo volume, *O uso dos prazeres*, depois de um intervalo de oito anos¹, Foucault mudou o rumo do projeto inicial a partir da questão da constituição de sujeito desejante (FOUCAULT, 2004a: 194). No ano anterior à publicação de *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, concluiu em um artigo que, enquanto *A vontade de saber* “permitia acompanhar a formação dos saberes”, por meio das análises discursivas e mostrar, por meio de sua análise, as relações de poder e suas tecnologias como estratégias abertas, era preciso um deslocamento para se compreender o processo de subjetividade que estava para além da questão da sexualidade (IDEM).

O sujeito, como sujeito de desejo, o homossexual, como exemplo, é identificado a partir de determinados desejos que devem constituir o seu ser (FOUCAULT, 2015). Deste modo, a constituição do sujeito por ele mesmo, em um processo de assujeitamento, tornou-se a questão vital para o autor. Ele afirma, a partir deste momento, que se o que chamou de “história da sexualidade” se refere a uma experiência em que o indivíduo passa a se reconhecer como sujeito de sexualidade, esta experiência é uma “correlação (...) entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de

¹ Durante este período, Foucault realizou os cursos *Segurança, território e população* (1977-1978), *O nascimento da biopolítica* (1978-1979), *Do governo dos vivos* (1979-1980) *Subjetividade e verdade* (1980-1981), *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982), *O governo de si e dos outros* (1982-1983) e *A coragem da verdade (O governo de si e dos outros II)* (1983-1984).

subjetividade” (FOUCAULT, 2004a: 193). O próprio termo *sexualidade* aparece apenas no século XIX como um dos efeitos dessas experiências. Voltar-se para a questão do sujeito, era retomar de que maneira o sujeito foi se constituindo e se percebeu – por quais *jogos de verdade* – como um sujeito de desejo. Assim, neste deslocamento, Foucault propôs analisar como a atividade sexual foi problematizada na cultura clássica (*Uso dos prazeres*); como, nos séculos I e II d.C., se deu essa problematização nos textos gregos e latinos (*Cuidado de si*); e finalmente, a análise da doutrina e da pastoral da carne (*As confissões da carne*).²

O deslocamento de Foucault remete a uma inquietação que se colocou em seu percurso de trabalho, a partir de um problema que dizia respeito à sua própria transformação (FOUCAULT, 2004a: 196 e 197). Os efeitos dessa subjetividade que permitiram, hoje, a existência de um sujeito que possui uma sua sexualidade que o constitui, se mostram a partir deste dispositivo identificado por Foucault em *A vontade de saber*.

A emergência de um *dispositivo de sexualidade* é possível a partir do momento em que o próprio sujeito se identifica como um *sujeito desejante*, mas para além da maneira como se deu esse processo no interior de uma série de *jogos de verdade*, os efeitos dentro desses jogos não param de produzir outros efeitos e transformações que alteram o funcionamento do próprio dispositivo.

Segundo Foucault, um dispositivo funciona dentro de uma racionalidade. Ele é acionado de maneira estratégica nas relações de poder com objetivos que estão ligados, de certa maneira, à manutenção de uma subjetivação. Não é algo imposto, mas incorporado nos *jogos de verdade* que existem em um dado espaço e momento. Ele se torna um dado naturalizado, como é o caso da

2 Foucault não chegou a concluir a obra. No dia 25 de junho de 1984, foi decretado seu falecimento em função de complicações causadas pela fragilização de seu corpo pelo vírus do HIV, em uma época em que muito pouco se sabia sobre o vírus. O quarto volume da obra, incompleto, permanece inédito. Seguindo as orientações de Foucault, Daniel Defert, com quem manteve um relacionamento por mais de 20 anos, não permitiu que se publicasse nada que Foucault não tivesse concluído. Em situação semelhante, Max Brod resolveu ignorar as orientações do amigo e publicou as obras inacabadas de Kafka – *O processo*, *O castelo*, *O desaparecido* –, abrindo para o mundo a singular e importante produção da qual o próprio Foucault não deixou de beber. Kafka e Foucault, continuam a ser fontes inesgotáveis de vitalidade: movem, convulsionam, incomodam, fazem ruir certezas e atizam o fogo de corpos inquietos. (Sobre alguns efeitos da obra destes dois autores ver: Edson Passetti (org). *Kafka-Foucault, sem medos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004).

sexualidade, sustentado pelas relações de poder-saber. É ao mesmo tempo, algo que não existe, mas que está presente constantemente em uma sociedade específica.

Foucault mostra, portanto, em *A vontade de saber*, como o *dispositivo de sexualidade* se constitui e funciona num dado momento na história do Ocidente. A partir das indicações de uma hipótese repressiva que assinala uma intensificação das repressões e proibições sexuais entre os séculos XVI e XVIII, Foucault faz emergir a composição de uma série de saberes e verdades dentro de um jogo da qual a hipótese repressiva é apenas uma parte (FOUCAULT, 2003a: 13).

Ao rejeitar uma análise a partir de hipótese repressiva, portanto, Foucault abre espaço para se pensar não somente o poder como uma relação coercitiva em que os sujeitados não seriam mais do que vítimas, mas também o papel dos sujeitados enquanto assujeitados, no sentido do que poderia se chamar de uma sujeição ativa. Recusar a hipótese repressiva, permite analisar as relações de poder não pelo viés do algoz e da vítima, mas como as chamadas vítimas também constituem esses processos de sujeição.

Além disso, este deslocamento do olhar se insere no campo de batalha em que se passam as disputas de verdade, sem pretender estabelecer uma nova verdade no lugar, mas mostrar o seu funcionamento, os seus efeitos e as suas modulações. Uma teoria que busque estabelecer uma nova verdade se constitui por meio de um objetivo, um fim a ser alcançado, neste sentido abarca desde a utopia liberal quanto a utopia comunista. Neste ponto, os anarquistas também são uma dissonância deste pensamento globalizador, não quando buscam o nirvana em uma sociedade futura, mas quando realizam no presente as práticas liberadas de guias de condutas universais.

O *dispositivo de sexualidade*, segundo Foucault, é produzido a partir de – e acoplando-se a – um *dispositivo de aliança*. Neste último, está em jogo a questão da transmissão ou circulação das riquezas (FOUCAULT, 2003a: 101) e, desse modo, a reprodução é o momento decisivo. Foucault salienta que o *dispositivo de aliança* tem como vínculo privilegiado o direito, de modo que o controle acontece por meio das leis: o que é permitido, proibido, prescrito e ilícito. Não estão em

jogo as nuances dos “pecados”, mas à obediência às leis. Este dispositivo, portanto, ainda está associado a um governo soberano e ambos dispositivos irão se vincular a partir da família.

É então, com base no *dispositivo de aliança* que o *dispositivo de sexualidade* se instala, tendo no corpo, seu principal campo de articulação.

O *dispositivo de sexualidade*, não se instala de maneira abrupta e não descarta o seu antecessor. Tampouco se mantém de maneira rígida e contínua, e seus efeitos variam de acordo com contextos e espaços diversos. Portanto, “o *dispositivo de sexualidade* deve ser pensado a partir das técnicas do poder que lhe são contemporâneas” (FOUCAULT, 2003a: 141).

A instalação deste dispositivo se dá no contexto da disputa por uma verdade. Historicamente poderia se situar a emergência da burguesia que procura se estabelecer, criar para si uma identidade, segundo Foucault (IDEM, 2003a). Cabe lembrar, como ele apontou em *Os anormais* – curso de 1974-1975, que precede a publicação de *A vontade de saber* – que nesta emergência de uma nova governamentalidade que depõe o monarca, esta “classe” que se coloca diante de uma nova ordem econômica utilitarista, procura se inserir no espaço criado, apartando-se da figura do *rei incestuoso*, que comete excessos situando-se acima das leis, e do *povo canibal*, abaixo das leis, cujo excesso se explicita a partir da escassez, da miséria, da animalidade. Duas figuras monstruosas que anunciam uma transformação de uma arte de governar, até então fundamentada na lei. A burguesia, portanto, procura se estabelecer neste cálculo ótimo da moderação como virtude.

Os saberes técnicos que vão constituir a sexualidade investem na construção de um corpo específico. É por este corpo revestido de sexualidade que esta nova classe irá se afirmar (IDEM).

Segundo Foucault, com o *dispositivo de aliança* instaura-se uma tecnologia de poder – a de confissão e de penitência – que tem a família em sua base. É a partir daí que a sexualidade começa a germinar, tendo a família como seu suporte.

Em *O nascimento da biopolítica* – curso de 1979, posterior a publicação de *A vontade de saber* – Foucault mostra como uma série de dispositivos de saber-poder, entre eles o da sexualidade,

estão inseridos no interior de um novo regime de verdade, base sob a qual aparecerá o que Foucault chamou de *biopolítica*, cujo o foco é o controle da população. (FOUCAULT, 2008: 30).

Este novo regime de verdade funciona a partir de uma racionalidade liberal que tem como características a troca, ou o mercado, como lugar de verificação, a utilidade como fator autolimitador do governo, e a Europa como região de desenvolvimento econômico ilimitado em relação ao mercado mundial (FOUCAULT, 2008: 83). Este caráter ilimitado está acoplado com um discurso de solução de conflitos internacional. Neste sentido, o equilíbrio propiciado por uma concorrência em ampliação, asseguraria uma paz perpétua (FOUCAULT, 2008: 73 e 78).

Foucault mostra como, a partir de uma série de investimentos, acontecimentos e efeitos na história, o liberalismo tornou-se o princípio fundador e legitimador do Estado (FOUCAULT, 2008: 300). Mostrou, ainda, que, com a emergência do neoliberalismo alemão e americano, o mercado, aos moldes da empresa, se colocou como modelo desejado para o governo (IDEM: 159), em que o princípio regulador é a concorrência (IDEM: 201) e onde, por esse princípio, a multiplicidade e a diferenciação terão um papel essencial para se evitar o monopólio. (IDEM: 204).

Pode se dizer, que o *dispositivo de sexualidade* se insere no corpo e na população, e que tem no mercado – por meio de uma racionalidade liberal – um de seus campos de ação.

Com a emergência de uma lógica de capital humano, introduzida por Schultz e Becker na segunda metade do século XX (FOUCAULT, 2008), o dispositivo passa a compor outros meios, como a educação e os investimentos na saúde.

Hoje, a partir das indicações de Deleuze (2004) sobre a emergência de uma sociedade de controle, Edson Passetti sinalizou para alguns de seus desdobramentos (PASSETTI, E., 2003 e 2007). Os efeitos deste desdobramento não se restringem mais ao corpo da população, mas ampliam a sua área de atuação. O capital humano abre a possibilidade de investimento no meio e para o meio. Coisas que já estavam anunciadas, de certa maneira, com relação ao mercado. A diferença é

que, se em um dado momento os Estados e empresas passavam a funcionar a partir de uma lógica empresarial, de negociações, agora o corpo e a vida de cada um entram nesta mesma lógica.

Dessa maneira, cada uma das relações passam por essa racionalidade. Desde a relação com os objetos – que não são somente voltados à cura do corpo e à domesticação do corpo – e à relação com o planeta – da qual os objetos não estão apartados. Cada coisa e cada corpo passam a ter um valor extrínseco não mais como história marcada no corpo, mas como investimento. Na relação com os objetos, isso se modifica, na medida em que, por exemplo, um objeto não é somente mais um aparato de prazer, mas de melhoria de vida.

A própria noção de sexo sofre alterações no interior desta racionalidade, por meio da luta por direitos associada a produção de saberes.

Por muito tempo, e ainda hoje em algumas sociedades não-ocidentais, as relações de toques e prazeres entre mulheres não estavam sujeitas a intervenções, na medida em que não se configuravam como práticas sexuais. A ênfase na penetração do órgão genital masculino para procriação, certamente ajudou a estabelecer, em um determinado momento, esta forma de sexo entre dois homens como um desvio.

Atualmente, o sexo ainda é amplamente difundido como a prática de penetração. Existe, entretanto, uma produção e uma movimentação que encaram o sexo para além da interação com os próprios genitais. Na sociedade ocidental contemporânea, talvez tenham sido as chamadas práticas BDSM (BD: Bondage³; Disciplina. DS: Dominação e Submissão. SM: Sadomasoquismo), que introduziram a noção de sexo para além dos genitais. Mas há também uma forte entrada a partir dos movimentos de mulheres que, antes de mais nada, buscam desvincular o sexo da necessidade de penetração que é uma marca do modelo heterossexual masculino.

Hoje, a chamada sexualidade permite abarcar todas estas outras formas de interação para o prazer.

3 O *bondage* é uma prática de amarração e imobilização inspirada em técnicas orientais.

Este trabalho surgiu de uma inquietação pessoal. As experiências subversivas no passado, muitas vezes, estavam relacionadas a uma ruptura por meio do sexo. As experiências de sexo livre eram acompanhadas de uma ruptura com a família, com o Estado e com a sociedade. Ser livre sexualmente, significou, em um dado momento, apartar-se do controle sobre a vida. Por que então, na atualidade, o sexo passou a ser assimilado no interior do Estado, da religião e do mercado como algo positivo, por meio de argumentos que enfatizavam a importância do prazer na vida de cada um, sem que isso estivesse relacionado a uma ruptura significativa, mas com a finalidade de moderar e modular os costumes?

A proliferação dos investimentos sobre o sexo no mercado regularizado se apresentou como um das pistas mais importantes: o prazer sexual não estava necessariamente ligado a uma liberação como era anunciado pelos chamados movimentos minoritários nas décadas de 1960 e 1970.

Uma das primeiras hipóteses que surgiu é que o sexo no mercado não estaria de fato associado às experimentações de prazer. Mas no início das pesquisas de campo, a hipótese foi “por água abaixo”: os relatos e as observações no campo logo me mostraram que o prazer não era um elemento ignorado, e que técnicas para ampliar o prazer eram incorporadas neste mercado. Além disso, a pesquisa também mostrou que os prazeres sexuais tidos como transgressores tinham o seu lugar neste mercado, ainda que não fossem a “atração principal”.

Em vez de buscar respostas para o *porquê* do sexo não ser mais subversivo, voltei-me ao *como* – nas pistas de Foucault, e deste por Nietzsche – as variadas formas de prazer sexual passaram a ser assimiladas como algo positivo na atualidade. O caminho do *como* é um caminho incerto. Ele não anuncia um destino final. Ele não tem um destino final. Não aponta o olhar para o futuro, mas ao redor.

Também não existe uma receita de como percorrer este caminho, existem pistas colocadas pelo próprio percurso e que também acompanham aqueles com quem se anda. Escolhi para me acompanhar aqueles que também não tem um caminho certo.

Não é ao acaso que esta maneira de caminhar se aproxima de quem me acompanhou durante a minha existência na universidade. O trabalho que desenvolvo com Dorothea Passetti desde o tempo da graduação abriram possibilidades e me levaram a transformações que não seriam possíveis em qualquer outro espaço. Dorothea Passetti foi a primeira que me apresentou a antropologia fora dos padrões e que me abriu mundos e portas a partir de sua delicada perspectiva por meio da relação com as artes e com os objetos, apresentando autores e reflexões que me colocaram fora de uma prática acadêmica burocrática, mostrando um caminho que começa pela beleza e não pelas certificações.

A metodologia, que posteriormente relacionei à chamada estratégia de pesquisa e que me auxiliou na apresentação da mesma, tem algo do que Dorothea Passetti identificou como a *bricolagem* em Lévi-Strauss e como ela mesma formulou na ideia de “colagem como procedimento das artes e das ciências”. Inspirada nas experiências dadaístas, em especial, Passetti mostra que,

A colagem não agrupa qualquer resto de papel só porque ele está à disposição para ser colado. (...) A colagem não está preocupada em dar visibilidade ao diverso; ela busca descobrir as relações entre os elementos que ocupam um mesmo espaço. A colagem é seletiva, como é o mito e a bricolagem. Se o repertório é finito, os recursos escassos, isto não significa que todos serão utilizados. (...)

Fracionar e rejuntar, como faz a colagem, não repõe a unidade quebrada. Ela não pasteuriza nem pacifica. (...) A diversidade cultural não é abolida numa suposta universalidade globalizada, nem o multiculturalismo deveria ser confundido com a inegável tendência à diversificação, mesmo sob pressões homogeneizadoras e pasteurizadoras. Diverso não é sinônimo de equivalente, assim como os fragmentos da colagem não são substituíveis entre si (PASSETTI, D., 2007: 12).

Em *Levi-Strauss, antropologia e arte*, Dorothea Passetti (2008) apresenta a crítica de Lévi-Strauss à ideia de que o pensamento científico seria o único verdadeiro, rebaixando o chamado pensamento selvagem a uma categoria inferior. Apesar de atribuir ao *pensamento selvagem* uma ambição simbólica, como mostra Passetti, ao delimitar as diferenças entre este pensamento e o pensamento científico, ou *domesticado*, assinala que o segundo tem sempre como objetivo obter um rendimento (IDEM: 264), enquanto o *pensamento selvagem* – que está também presente entre nós

ocidentais, em especial no campo das artes – “não se cria em função de uma utilidade prática, apesar de também servir para essa finalidade” (IDEM: 272).

Desta maneira, adotando esta metodologia *selvagem* que se aproxima de uma lógica do *bricoleur* – menos por meio dos contornos de Lévi-Strauss, mas pela análise da colagem de Dorothea Passetti – procurei me afastar dos universalismos e da busca de uma verdade preestabelecida.

Esta metodologia permitiu o distanciamento do pensamento pela falta, uma vez que se formula pelo que existe, pelo que está aqui, neste momento. Dessa forma, este também pode ser considerado um método anárquico. A companhia dos anarquistas do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUCSP), do qual faço parte, também reverbera significativamente neste trabalho. Cada um dos trabalhos de tese de doutorado, mestrado, iniciações científicas, produção de aulas-teatro, revista *verve*, projeto *ecopolítica*, além das conversas deslocadas da universidade, produziram efeitos que estão presentes nesta tese, mesmo quando não citados.

Como anarquistas e abolicionistas penais libertários, não está em jogo a substituição de um modelo pelo outro, de uma forma de governo por outra, ou uma alternativa para o castigo. Castigos e regras de condutas fazem parte de um caminho que já está estabelecido e que eventualmente precisa que sua rota seja corrigida para que ninguém se perca, para garantir a manutenção de Estado e a continuidade da extração de lucros às expensas da produção de misérias. Não existe capitalismo sem essa produção de misérias, afinal, se todo mundo fosse rico – como o capitalismo prega ser possível a partir de esforço pessoal – o valor monetário das coisas simplesmente desapareceria, e o dinheiro ou seus similares se tornariam inúteis. É por isso que a gestão, e não a eliminação, da miséria e da pobreza se torna necessária.

Este caminho sem rotas preestabelecidas, *selvagem* e anárquico, possibilitou outros encontros e companhias que desviram o projeto de seus planos iniciais. Foi o caminho que produziu a tese e não o projeto que determinou o caminho.

A coleta do material se deu ao acaso, mas não displicentemente. A entrada pelo mercado das sexshops aconteceu pelas pistas encontradas durante o percurso. Os começos poderiam ser outros, a educação na escola, a prostituição, as matérias em revistas femininas e masculinas, os investimentos psiquiátricos e terapêuticos, a formulação de leis. Mas, além das propagandas veiculadas pela mídia, a percepção de que aumentavam os números de sexshops longe de áreas marginalizadas, ainda que centrais, que apresentavam uma estética mais suavizada.

A *Erótika Fair*, anunciada em notícias de jornais e propagandas em ônibus, me levou para um campo propício onde se reuniam uma variedade de serviços e produtos ligados ao mercado de desejos, além de apresentarem os novos investimentos e tendências, em primeira mão.

Logo no início do acompanhamento da feira, a estranheza causada naquele ambiente por uma apresentação, levaram-me para uma festa de sadomasoquismo, mas logo descartei esta entrada quando nos primeiros momentos descobri que as festas eram frequentadas por policiais que estavam ali para apanhar de forma *segura, saudável e consensual*.

Um momento importante durante a pesquisa, foi a realização de um intercâmbio acadêmico, por meio do doutorado sanduíche realizado com a Universidade da Califórnia, em Berkeley, sob coorientação do historiador Thomas Laqueur. Em um primeiro momento, encontrar alguém disposto a me receber como pesquisadora visitante em uma instituição estadunidense não foi tarefa fácil. Apesar de muitos professores aprovarem a minha iniciativa, nenhum dizia ter disponibilidade para me receber. Minha escolha pela Universidade da Califórnia, em Berkeley (UCB), se deu pela história da universidade relacionada às experimentações no final dos anos de 1960, e pela proximidade com a cidade de São Francisco, conhecida por suas experimentações no campo do sexo e dos direitos.

Em princípio, procurei por coorientadores dentro do Departamento de Antropologia, onde não obtive sucesso. A maioria das pesquisas relacionadas à sexualidade no Departamento de Antropologia tem uma abordagem voltada para os direitos e diversas segmentações no campo da

sexualidade, que o meu projeto de pesquisa se afastavam. Apesar de segmentações também existirem no Departamento de História, foi lá que fui recebida sem rodeios e de braços abertos por Thomas Laqueur.

Por meio do processo de bolsa sanduíche na PUCSP, fui aprovada para receber o financiamento pela CAPES. Desde meus primeiros anos na PUCSP, pude experimentar uma abertura e generosidade no relacionamento com estudantes, professores e outros funcionários da instituição. E participar de aulas e atividades fora do currículo oficial, que contribuíram na elaboração de perguntas mais do que estabelecer soluções determinadas. Entretanto, nos últimos tempos pude sentir na pele, e pelo contato com pessoas próximas, como, no decorrer dos anos, no lugar de ser um lugar aberto para pesquisas, experimentações e inquietações a PUC vem se tornando um lugar de gerenciamento burocrático que aos poucos vem minando sua vitalidade.

O período de pesquisa em Berkeley e na região da Baía de São Francisco foi importante por me colocar em contato com perspectivas que não faziam parte do meu universo. Uma outra compreensão sobre o termo *queer*, para além da teoria de Judith Butler, e uma outra visão em relação à prostituição, que não se limitava entre a exploração da mulher ou um empreendimento econômico. Thomas Laqueur, além de contribuir com a sua obra, também foi responsável por me introduzir e colocar em contato com outros autores, como Dagmar Herzog, e me dar algumas pistas a partir de minhas próprias inquietações.

O *Center for Sex and Culture*, localizado na cidade de São Francisco, foi um dos espaços em que tive acesso a um grande número de documentos, além da possibilidade de estar em contato com pessoas que tinham uma perspectiva e experiência diferentes do que eu conhecia até então. Em Berkeley, também pude frequentar o arquivo do *Emma Goldman's Project*, onde fui calorosamente recebida por Candace Falk, a coordenadora do projeto, e por sua equipe. Ainda tive a oportunidade, em Berkeley, de frequentar o grupo de estudos anarquistas que me colocou em contato não só com discussões importantes acerca de questões para estes anarquistas na atualidade, como me colocou

em contato com pessoas que contribuíram com suas experiências, conversas e referências. No *Long Haul*, espaço onde era realizado o grupo de estudos, também participei de um grupo de discussão sobre identidade, coordenado por Leona, que somou bastante nas reflexões sobre o tema.

O fato de tratar de um assunto tão abrangente como o sexo, colocou-me em contato uma série de anônimos em ponto de ônibus, filas de aeroporto, guichês de loja, que sempre tinham algo a comentar, alguma pista, ou história para contar. O material utilizado nesta pesquisa é composto por entrevistas, observações de campo, material recolhido em campo, uma bibliografia de referência e documental (não necessariamente apartadas uma da outra), documentos, notícias, e vídeos na internet, bem como vídeos-documentários.

Com relação aos aspectos históricos presentes na pesquisa, optou-se pelo uso de fontes secundárias a partir de pesquisas, principalmente, de historiadores. A escolha por este material se deu pelo fato de que o foco deste trabalho são as transformações no presente, deste modo, interessa mais o acesso a fontes primárias neste âmbito. Para além do fato que existem hoje muitas pesquisas históricas cuidadosas em torno do sexo – o que em si só é um dado importante para este trabalho –, debruçar-me sobre documentos originais relativos à abordagem do sexo nos últimos séculos demandaria um tempo e deslocamento muito maior e que não respondem à proposta de investigação.

A numerosa produção acadêmica em torno do tema da sexualidade que pude acompanhar durante os anos do percurso de pesquisa, contribuíram para identificar um interesse em um processo de constituição de verdades. Não que toda a produção em torno do sexo se proponha a participar destes jogos de verdade, mas o interesse por editoras, jornais, e outros meios de divulgação, mostram que há um investimento em certificar a legitimidade do tema.

Neste trabalho procurei mostrar como se deu esta ampliação do campo da sexualidade na atualidade, em meio a quais disputas e negociações, e alguns de seus efeitos, sem a pretensão de dar conta da totalidade, mas buscando as relações colocadas em espaços diversos em que circulei.

A tese apresenta a pesquisa em três séries: os jogos de verdade, a produção de desejos e a moral sexual.

A primeira série, referente aos *jogos de verdade*, tem como objetivo mostrar algumas procedências e disputas em torno da constituição de verdades sobre o prazer sexual e a sua relação com o mercado. Os Estados Unidos, em especial a região da Baía de São Francisco, forneceram a maior parte dos elementos dispostos nesta série. Os Estados Unidos, na atualidade, também é um dos maiores produtores de verdade neste campo, e a articulação entre direitos e mercados é uma de suas características mais marcantes.

Estes elementos estão dispostos a partir da noção de dispositivo de sexualidade, de Michel Foucault, e as relações entre identidades, direitos, mercado e produção de verdades. A análise por meio do dispositivo, permite um deslocamento do olhar sobre as proibições, para seus efeitos produtivos e positivities. Neste processo, as identidades e direitos se mostram como construção de verdades e negociações que produzirão outros efeitos no interior do mercado. Da mesma maneira, a educação se coloca como meio estratégico na consolidação destas verdades.

O primeiro agrupamento nesta série diz respeito às lutas de minorias conformadas a movimentos e a uma inversão de sinais entre a identificação daqueles tidos como marginalizados e a suas conquistas por meio das identidades e reconhecimento como sujeitos de direitos. Os anos de 1960 e 1970, não marcam a origem destas contestações, mas um momento de explosão e grande ruptura. É neste mesmo momento que o governo passa a investir em garantias legais, na tentativa de apaziguamento destes mesmos grupos de contestação. Entre eles os *Black Panthers*, os chamados *hippies*, gays e lésbicas e a relação destas últimas com o movimento feminista. Em meio a contestações, conquistas de direitos e regularização de um mercado, surgem também as influências e disputas entre estes grupos, e em seu interior.

O segundo grupo mostra os efeitos destas lutas nas experiências de Betty Dodson. A sua trajetória é fortemente marcada pela influência do feminismo, bem como das experiências de

liberação sexual. Dodson se volta para o prazer sexual das mulheres com *workshops* de masturbação, que posteriormente são certificados e aliam-se a lógica do mercado com o objetivo de ampliar a sua disseminação.

O terceiro agrupamento nesta série, se volta para as experiências de Dell Williams, sua relação com o feminismo, a aproximação com a obra de William Reich e o trabalho de Betty Dodson, e a sua relação com o mercado como ativismo político, com a criação da primeira sexshop exclusivamente para mulheres nos EUA, a *Eve's Garden*. A introdução de seu feminismo no mercado também expõe as negociações envolvidas, que se ampliam após a sua morte.

Em seguida, apresenta-se uma outra experiência que articula sexo e feminismo no mercado, mas a partir de uma ruptura dentro do próprio feminismo, e uma atenção especial ao prazer sexual, não exclusivo para mulheres, por meio da educação. A criação da *Good Vibrations* na Baía de São Francisco, por Joani Blank (que logo abandonou o empreendimento), explicita como as negociações se dão para garantir a própria existência da loja neste mercado.

O quinto grupo mostra como a experiência educacional da *Good Vibrations* passa a configurar como um modelo de empreendimento, não mais restrito à região de São Francisco. O modelo *sex positive* torna-se um elemento de valorização neste mercado.

O sexto item desta série, mostra a institucionalização dos saberes em torno da chamada sexualidade, em meio a disputas de produção de verdades, e a perspectiva sobre o sexo livre a partir dos anarquistas Émile Armand e Emma Goldman. No interior destas disputas, as crianças se tornam o alvo preferencial para justificar acusações e investimentos. A partir das noções de rapto e sequestro de Réne Schérer e Guy Hocquenghem, é possível mostrar a maneira em que as crianças são assimiladas nestas disputas.

O sétimo grupo é composto pelos investimentos em uma consolidação do campo do saber sobre a sexualidade no Brasil.

No item “educação e capital humano”, estabelece-se uma relação entre o investimento educacional e a inserção de uma racionalidade econômica nas condutas cotidianas, no que se configura como um gerenciamento da vida de cada um por cada um.

Ao final destes agrupamentos busca-se explicitar os jogos que compoem este mercado, no qual as crianças são o alvo preferencial.

Na segunda série, referente à *produção de desejos*, são colocados os processos de produção de desejos, tendo como foco o mercado sexual no Brasil em relação aos processos de colonização e civilizatório, a urbanização e industrialização em relação às regulações da prostituição, e a constituição do erotismo como pacificação da pornografia. Nesta série, a noção de *dispositivo de segurança*, de Foucault, auxilia na análise do controle da circulação no espaço urbano. O objetivo desta série é mostrar a articulação entre o mercado, as experiências de vida de cada um, a produção de desejos e a consolidação de verdades.

No primeiro item é apresentada a pesquisa de campo na *Erótika Fair*, na cidade de São Paulo. Nele se explicitam os investimentos e a consolidação de uma verdade no interior do mercado. Durante o trajeto de 20 anos da feira, aparecem os processos de mutação, a assimilação de saberes relacionados à saúde, e a produção e assimilação de desejos, entre elas as negociações em torno das práticas BDSM. O espaço da feira ainda mostra em que medida se dá incorporação de outras minorias e os chamados alternativos. Em consonância com a produção de desejos explicita-se também a produção de verdades ligadas a estes desejos, como a introdução do conceito de “bem-estar sexual”.

O segundo grupo evidencia as experiências pessoais como oportunidade de negócios em um meio de duas vias. Por um lado, como as próprias experiências, diante de certas dificuldades, podem se tornar economicamente lucrativas. Por outro lado, como as relações pessoais podem ser incorporadas como estratégias de negócios. Dentro destas experiências, as profissionais do sexo

tornam-se especialistas, voltando sua atenção para mulheres, remodelando a máxima dos anos 1960 e 1970 de que o “pessoal é político” em “pessoal como negócio”.

A criação da primeira sexshop por Beate Uhse, no final da Segunda Guerra, traz uma das procedências deste investimento nas relações pessoais no mercado de desejos, apontando para os ajustes em torno das demandas do público consumidor.

O quarto grupo apresenta a consolidação da noção de sexualidade por meio de sua inserção em museus. e como a relação com museus apontam para um processo de colonização.

No último item desta série, situa-se como a produção de desejos insere-se no mercado em meio a negociações e ajustes. Neste processo, o autoconhecimento por meio da sexualidade é um elemento importante. A sexualidade, desse modo possibilita a articulação entre o pessoal e os negócios, em que os romances e as biografias de autoajuda são um dos meios de conexão entre estes dois pontos. O mercado regularizado assimila e difunde os desejos tidos como transgressores de maneira segura.

A terceira e última série refere-se à *moral sexual*, e aos investimentos nas práticas sexuais relacionados à religião e a saúde por meio da noção de poder pastoral, elaborada por Foucault e suas articulações com a emergência de um dispositivo disciplinar e com a psiquiatria, por meio da família. O objetivo desta série é mostrar como a renovação do casamento, nas parcerias entre mercado, Estado, organizações internacionais e a religião cristã, abrem espaço para um modelo de governo de condutas tendo o sexo como principal meio de entrada.

O primeiro item mostra a importância do casamento nas religiões cristãs e o conceito de amor cristão como modelo para essas relações. Além disso, este fragmento também apontam para a ampliação do investimento no casamento cristão como resposta às formulações de novas famílias.

O segundo agrupamento se volta para investimento evangélico na renovação do casamento, mais especificamente a partir da produção de casal Cardoso, da Igreja Universal do Reino de Deus, com o programa televisivo *The Love School – Escola do Amor*, a produção de literatura de

autoajuda e a palestra-culto “Terapia do Amor”. Apresenta-se também a aproximação do discurso evangélico com o discurso psiquiátrico.

No terceiro item situa-se o investimento no sexo, nas religiões cristãs (em especial a evangélica), a partir de sua positividade, e a sua valorização na manutenção de um relacionamento “saudável”. No lugar da repressão sexual, mostra-se uma sacralização do sexo e a constituição dos pastores como especialistas, a partir de sua própria superação.

O quarto grupo nesta série apresenta o casamento entre o mercado do desejo e a doutrina evangélica. As negociações entre um e outro se dão por meio de ajustes de ambos os lados, que possibilitam a ampliação de sua área de atuação.

No quinto item acha-se a relação entre a emergência do pânico em torno da AIDS e os novos investimentos em educação sexual. Apresenta ainda os processos de colonização em parcerias entre Estado e religião e as disputas entre organizações internacionais e instituições religiosas em nome da segurança de crianças e jovens.

Finalmente, encontra-se a sexualidade como possibilidade de gerenciamento da vida, em que o alvo principal são as crianças, por meio de conceitos e índices que permitiriam um cálculo e orientações de conduta a partir do foco na saúde.

jogos de verdade

(produção de identidades, direitos e educação no âmbito
da chamada sexualidade)

Em 2015, logo após o desfile da Parada do Orgulho Gay, em Oakland, na Baía de São Francisco, uma feira com música, comida e barracas de vendas de produtos, informativas ou de organizações não governamentais, recebem um público variado. São famílias homo ou heterossexuais, jovens, meninos e meninas trans, travestis, gente com roupas extravagantes, outros mais bem-comportados. Tudo em clima de festa.

Logo na entrada da feira, algumas organizações distribuem panfletos sobre inseminações artificiais, adoções, e outros meios que possibilitem casais homossexuais a constituir uma família. São muitas instituições e empresas que apoiam a feira. Alguns braceletes com as cores do arco-íris são distribuídos com o nome de um banco gravado por cima das cores.

Esta primeira série é disposta a partir da noção de dispositivo de sexualidade, de Michel Foucault, pela articulação entre identidades, direitos, mercado e educação em negociações e produção de verdades. O que se apresenta são alguns dos processos de constituição e disputas de novas verdades, que respondem às rupturas com as rígidas instituições políticas e culturais. Entre os processos observados estão as lutas por direitos, as demandas de reconhecimento, a produção de saberes, os investimentos em educação e as negociações no mercado.

O primeiro item compõe a emergência das lutas das chamadas minorias nos anos 1960 e 1970, e sua consolidação em identidades e direitos, assinalando as conexões e disputas no interior de movimentos identitários. Em seguida, mostra-se, a partir da trajetória de Betty Dodson, considerada a “mãe da masturbação”, alguns dos efeitos da chamada revolução sexual, articulados com uma produção de saberes e a constituição de uma abordagem positiva do sexo. Mais adiante, a vida de Dell Williams, criadora da *Eve's Garden*, primeira sexshop exclusivamente para mulheres nos Estados Unidos, articula suas experiências com o feminismo e a inserção dessas experiências no mercado. Logo após, a formação da *Good Vibrations*, na costa oeste dos Estados Unidos, mostra a introdução do elemento educacional junto com uma abordagem *sex positive*. O próximo item

apresenta a composição da abordagem da *Good Vibrations* como um modelo, além das articulações entre as diferentes experiências a partir do feminismo e de uma abordagem educativa na produção de novos saberes. Em “institucionalização de saberes”, situa-se alguns dos investimentos em torno da produção de verdades sobre o sexo e a diferença a partir de uma perspectiva anarquista. Além disso, explicita a atenção às crianças como alvos em meio às disputas de verdade, e a noção de rapto e sequestro em Réne Schérer e Guy Hocquenghem. Imediatamente, procurei mostrar a constituição de saberes em torno da sexualidade no Brasil. A relação entre educação e capital humano articula as experiências pessoais na constituição de verdades no interior de um cálculo econômico seguro para o futuro. E, finalmente, chegamos a como os direitos, identidades e produção de saberes compõem um jogo no qual a criança é seu principal alvo.

A chamada revolução sexual, no interior da emergência de um movimento contracultural⁴, no final da década de 1960 e início da década de 1970, é largamente relacionada ao fim de uma era de repressões, à conquista de direitos de minorias e à abertura para uma abordagem positiva diante do sexo.

A obra de Wilhelm Reich, na Europa dos anos 1930, a publicação do Relatório Kinsey, nos Estados Unidos dos anos 1940, e a invenção da pílula contraceptiva, nos anos 1950, são consideradas algumas das proveniências deste movimento de escala intercontinental.

O sexo, que até então seria tomado como alvo de proibições e repressões, passou a ser identificado como sinônimo de liberação ou, ao menos, um meio privilegiado para uma liberação.

4 Entende-se por movimento contracultural as manifestações de diferentes grupos e indivíduos, nas décadas de 1960 e 1970, que se colocavam contra a ordem cultural, política e social estabelecida, fosse pela experimentação de novos costumes ou no embate direto contra as velhas condutas. Nos Estados Unidos os movimentos compostos por *hippies*, *Black Panthers*, gays, lésbicas, feministas, anarquistas, entre outros, foram caracterizados como contraculturais, alguns sob influência direta do que se classificou como movimento *Beat*. A chamada contracultura, no entanto, não é exclusiva ao território estadunidense. Maio de 1968, na França e os chamados tropicalistas, no Brasil – só para citar alguns exemplos – também são consideradas expressões de uma contracultura. Michel Foucault identifica este momento de ruptura em meados do século XX como um momento de crise das instituições disciplinares. Momento em que são colocados em xeque as estruturas rígidas da família, das escolas, dos partidos. A influência e a presença anarquista nos chamados movimentos contraculturais se coloca não só pela presença direta destes (ver: “dossiê 68”, *revista verve n. 13*, 2008, pp. 82-121 e “dossiê 68” [segunda parte], *revista verve n. 14*, 2008, pp. 13-45), como também por questões como amor livre, práticas antiautoritárias, recusa das relações monetárias, entre outros, que já vinham sendo colocadas por anarquistas desde o século XIX.

Falar abertamente sobre o sexo tornou-se um meio de liberar-se. A obra de Reich, neste sentido, foi retomada como uma das bases para as manifestações que associam a liberdade à experiência sexual, por meio da identificação dos autoritarismos e de problemas psíquicos e corporais a uma repressão sexual.

No Brasil, apesar da ditadura civil-militar, a obra de Reich também repercutiu em algumas experiências radicais em relação à liberação política e à experimentação corporal. Como relata Gustavo Simões em sua dissertação de mestrado *Roberto Freire: tesão e anarquia* (2011), foi a partir do encontro com o grupo anarquista *The Living Theatre* que Roberto Freire tomou conhecimento da obra de William Reich, que posteriormente também influenciaria a *somaterapia*⁵ – terapia anarquista – desenvolvida por Freire.

Na publicação do estudo *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil* (2011), em uma parceria entre a França e países da América Latina, financiada pela Fundação Ford, Jane Russo e Fabíola Rohden – responsáveis pela coordenação da seção brasileira – e sua equipe de pesquisadores afirmam que nas décadas de 1970 e 1980, a combinação do que chamaram de uma “cultura psicanalítica” da época com uma “cultura alternativa” derivou em uma série de “terapias corporais” influenciadas direta ou indiretamente por Wilhelm Reich (RUSSO, ROHDEN, et alli, 2011: 32)

Alfred Kinsey desmistificou as chamadas perversões sexuais, ao mostrar, por meio de uma pesquisa quantitativa⁶ nos Estados Unidos, que os comportamentos sexuais considerados anormais eram mais frequentes e comuns do que pregava a moral e os bons costumes.

A pílula contraceptiva, finalmente, apartou especialmente a questão da demanda reprodutiva do sexo feminino. A entrada da pílula contraceptiva, no Brasil, em 1962 e no decorrer do período da

5 “A Somaterapia ou apenas Soma é um processo terapêutico-pedagógico, realizado em grupo e com ênfase na articulação entre o trabalho corporal e o uso da linguagem verbal. Foi criada no Brasil pelo escritor e terapeuta Roberto Freire, a partir da obra de Wilhelm Reich e sua pesquisa sobre corpo e emoção. As sessões terapêuticas abordam ainda os conceitos de organização vital da Gestalterapia [cuja criação está associada a um outro anarquista, Paul Goodman], os estudos sobre a comunicação humana da Antipsiquiatria e a arte-luta da Capoeira Angola. Eles servem como ferramentas para auxiliar as pessoas na elaboração de vidas mais livres e prazerosas.” Disponível em: <http://www.somaterapia.com.br/> (último acesso em: 26 de junho de 2016).

6 Kinsey, Alfred C.; Pomeroy, Wardell B.; Martin, Clyde E. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia: W.B. Saunders, 1948; Kinsey, Alfred C. *Sexual Behavior in the Human Female*. Philadelphia: W.B. Saunders, 1953.

ditadura civil-militar, esteve ligada diretamente às orientações internacionais. Entretanto, apesar de seus entusiastas desenvolvimentistas amparados pelo neomaltusianismo⁷, a adoção da pílula no país enfrentou opositores dos setores nacionalistas, católicos e mesmo de grupos feministas, como observa a historiadora Joana Maria Pedro (2003).

De qualquer forma, toda essa produção põe em questão as limitações que seriam colocadas às formas sexuais diversas daquelas heterossexuais e para procriação.

Michel Foucault, sob uma perspectiva diferente, mostrou em *A vontade de saber* a produção e alguns dos efeitos positivos no investimento do que é identificado hoje como *sexualidade*. Ele se afastou da chamada hipótese repressiva para poder voltar-se não à verdade em relação ao sexo – se o sexo é bom ou mau –, mas ao que tornou as práticas sexuais uma questão importante em nossas sociedades, e, aos discursos de verdade produzidos em torno do sexo.

Sem negar as proibições e interdições, Foucault se interessou em investigar a “colocação do sexo em discurso⁸” – do qual as repressões e proibições são uma parte – a partir do século XVI (FOUCAULT, 2004a: 16-17). A questão colocada por Foucault em *A vontade de saber*, como salienta em entrevista, é menos traçar uma história da sexualidade como um processo contínuo, mas mostrar os jogos de verdade que trouxeram a sexualidade como elemento fundamental de constituição do sujeito a partir de um determinado momento (FOUCAULT, 2015).

O *dispositivo da sexualidade*, identificado por Michel Foucault, não se refere, portanto, ao sexo, mas ao que o reveste. Este dispositivo joga com identidades e prazeres, procura conectar ou desconectá-los, configurar ou reconfigurá-los. Ele está relacionado a uma maneira de fazer

7 No século XIX, Thomas Malthus, economista e clérigo da Igreja Anglicana, alardeou em torno do grande crescimento populacional que levaria à escassez de alimentos e recursos. O neomaltusianismo é uma atualização da teoria de Malthus que propõe como uma das saídas possíveis o investimento em Planejamento Familiar.

8 Em uma entrevista de 1978, com estudantes de Los Angeles (EUA), Foucault define, em princípio, como a sua noção de análise discursiva se diferencia de uma análise fenomenológica: “Não procuro encontrar, por trás do discurso, alguma coisa que seria o poder e sua fonte. (...) Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante (...). O tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para qual o poder funciona.” (2003c: 253). Acrescentando, “(...) é preciso considerar o discurso como uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado” (IDEM: 254), e conclui que “(...) o discurso não é senão um componente religado a outros componentes. Elementos de um conjunto. A análise consiste em descrever as ligações e relações recíprocas entre todos esses elementos” (IDEM).

funcionar que reveste as condutas, mas que também provoca efeitos impensados e se renova. Este dispositivo não é uma verdade, mas se funda e funciona por meio delas ao mesmo tempo que as produz.

Um dispositivo é um meio, ou uma variedade de meios, que busca atingir um objetivo, possibilitar que algo funcione. Um dispositivo é, portanto, estratégico. Para fazer com que algo funcione, um dispositivo não pode ser rígido, ele deve permitir certa maleabilidade, certos ajustes e adaptações. Ele mesmo procura ajustar a realidade aos seus objetivos, mas é a imprevisibilidade da realidade que faz com que seus ajustes sejam necessários.

Ao atravessar os jogos de verdade que o compõem, o *dispositivo da sexualidade* possibilita que certas verdades tornem-se parte constitutiva da subjetividade de cada um.

Foucault mostra que a *sexualidade* emerge como uma forma de constituição de uma identidade burguesa – em sua busca de diferenciação diante das outras classes sociais – e, dessa maneira, torna-se a verdade essencial que constituirá o sujeito. Este dispositivo não atinge todas as classes e contextos do mesmo modo, seus efeitos giram em torno, inicialmente, da própria burguesia. Somado à biopolítica⁹, este passa a ser um investimento que assimila também as classes populares (IDEM, 2003a).

Para Foucault, a masturbação foi um ponto chave na consolidação deste *dispositivo de sexualidade*, no sentido de que a interdição do prazer da criança ao se tocar, além de um controle sobre um tipo de prazer, também produziu um novo prazer diante do proibido, por vezes relacionado com uma revolta contra a autoridade. Este seria o ponto a partir do qual se estabeleceu a *sexualidade* (FOUCAULT, 2015).

A positividade do *dispositivo de sexualidade* diz respeito tanto a um conjunto de técnicas, regulamentações e mecanismos que o constituem, quanto a uma produção de novos desejos e prazeres. A sexualidade é ela mesma, nesta perspectiva, um efeito de regulamentações e contra-

⁹ A *biopolítica* é apresentada por Foucault a partir de uma série de políticas, tecnologia e saberes que tinham como alvo a população enquanto espécie biológica, administrada a partir de saberes estatísticos (FOUCAULT, 2004).

regulamentações em torno das práticas sexuais. A sexualidade é constituída como “a verdade do sexo e seus prazeres” (FOUCAULT, 2003a: 67). Este dispositivo emerge em consonância com a construção da figura do indivíduo, do Homem, pelo Iluminismo.

Segundo Max Stirner¹⁰ (2004), o seu tempo introduziu a noção de Homem a partir das demandas burguesas, no lugar do que antes era atribuído a Deus. O Homem é o que deve ser protegido e preservado, torna-se a nova expressão do bem comum. A expressão de unidade dos homens é o Estado. Não se trata mais, portanto, da vontade de um soberano sobre a vontade dos súditos. A burguesia venceu a vontade do soberano sobre seus súditos e com ela os privilégios das classes mais abastadas. Com isso, o Estado, essa unidade que representa os homens, tornou-se sinônimo de igualdade, na medida em que cada um é igualmente sujeito às suas leis. Stirner afirma, além disso, que o Estado é aquele que representa os interesses dos homens. O Estado não é egoísta, ele rejeita o egoísmo e considera desumano tudo aquilo que for privado e singular. Somente enquanto Homem o indivíduo é parte do Estado. Reconhecidos como homens, e somente como homens, os sujeitos do Estado têm direitos.

Nisto que configura o que Stirner chamou de liberalismo político, a burguesia declara: “o Estado, o homem autêntico, dar-vos-á o direito a participar no que é seu, conceder-vos-á os ‘direitos humanos’: o homem concede-vos os seus direitos!” (STIRNER, 2004: 83).

No século XIX, atravessadas pela chamada natureza monstruosa como oposição à natureza do Homem universal, emergem algumas conformações do indivíduo anormal que passam a ser respaldadas por um discurso médico-jurídico (FOUCAULT, 2002a). A entrada da psiquiatria no campo da medicina abre para a identificação do sujeito a partir de suas práticas. São os atos, comportamentos, condutas e atitudes que definirão a essência do sujeito. Entre as figuras que aparecem neste momento está a do *homossexual*. Diferente do que era o sodomita – homem ou

10 Max Stirner é o pseudônimo de Johann Casper Schmidt, nascido em 1806, em Bayreuth, na Alemanha, fez parte do grupo hegeliano *Os livres*, junto com Friedrich Engels. Foi autor de alguns breves textos e de um único livro, *O único e sua propriedade*, publicado em 1845. Sua obra foi esquecida em pouco tempo, e retomada na década de 1880, pelo anarquista John MacKay (BARRENTO in STIRNER, 2004).

mulher que pratica a sodomia –, o *homossexual* é mais do que alguém que realiza determinada prática, mas considera-se que a sua prática é o que passa a determinar a sua própria essência. Como reafirma Gayle Rubin, a partir de suas leituras de Foucault e Jeffrey Weeks, a exemplo do século XVI, o sodomita não era um tipo específico de indivíduo, ele não era reconhecido desta forma nem por si mesmo nem pela sociedade. Rubin afirma que a identificação deste como um “tipo” de indivíduo tem ligação com a concentração nos centros urbanos industrializados (1993: 17).

A industrialização das cidades atraía um contingente maior de população e, ao mesmo tempo, incidia no esquadramento da própria cidade, definindo – por tipo de atividade e condição econômica – quais indivíduos circulavam em quais áreas. A concentração das populações nas cidades facilitou ainda, segundo Rubin (1993), a criação de comunidades específicas a partir de seus interesses, cuja concentração, uma vez marginalizadas e identificadas como alvos, também possibilitava uma forma de se protegerem.

Nas décadas seguintes, uma nova forma de saber se inseriu a partir da emergência do que se convencionou chamar de Ciências Humanas. A psicologia, e posteriormente o seu desdobramento na psicanálise, voltou-se para a constituição do indivíduo, primeiramente com voltas às percepções sobre os desvios – os anormais – ainda inseridos dentro do argumento de uma natureza humana, e depois voltada aos “normais”. Esta forma de saber reconstrói a figura do Homem a partir de uma história essencial que constitui o seu ser, e o sexo se encaixa na constituição desta essência.

Freud, no início do século XX, sem descartar a presença do sexo na fala, reproduz ainda uma visão do sexo saudável enquanto a copulação entre um homem e uma mulher adultos. Todas as outras formas sexuais são, em sua perspectiva, efeitos de uma falha no desenvolvimento da criança. A novidade trazida por Freud está em inserir as crianças no campo da sexualidade, atribuindo uma fase de passagem com relação ao prazer em seus sexos, mas que devem ser superadas em nome de uma sexualidade saudável. Como assinala Maria Filomena Gregori, Freud considerava a *sexualidade polimorfa e perversa* da criança como dados naturais a serem superados (2016: 109).

Wilhelm Reich – que foi, no princípio, discípulo de Freud – assumiu a importância do sexo na vida do ser humano, mas não enquanto mal a ser domesticado, como afirmava o último; se, por um lado, o mal para Reich estaria precisamente nesta domesticação. A cura, por outro lado, estaria na liberação das couraças criadas pela repressão sexual, em que o falar sobre também comporia um momento de liberação. Reich, no entanto, não abandonou naquele momento a ideia de que a expressão mais saudável do sexo sem neuroses seria entre um homem e uma mulher. Desta forma, a partir da liberação de todas as couraças repressivas, as chamadas “perversidades” simplesmente desapareceriam (REICH, 2004).

A sexualidade, conectada à constituição de um sujeito, passa a determinar quem é esse sujeito. A maneira como alguém se relaciona com o próprio sexo e com o sexo alheio se torna um índice de identificação, o que posteriormente é assumido como identidade. O que vemos acontecer como um dos efeitos das mobilizações de 1968, com a chamada liberação sexual, é uma proliferação de sexualidades a partir de uma demanda de reconhecimentos.

Foucault, entretanto, observa, em uma entrevista de 1982, que há uma característica estratégica na identidade.

(...) se a identidade é apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações, relações sociais e as relações de prazer sexual que criem novas amizades, então ela é útil. Mas se a identidade se torna o problema mais importante da existência sexual, se as pessoas pensam que elas devem “desvendar” sua “identidade própria” e que esta identidade deva tornar-se a lei, o princípio, o código de sua existência, (...) então eu penso que fizeram um retorno a uma forma de ética muito próxima à da heterossexualidade tradicional (2004: 265-266).

Nesta mesma entrevista, Foucault admite que assumir determinada identidade, em um dado momento, foi importante enquanto abertura para a possibilidade de um direito de escolha, ainda que reconhecesse certas limitações dos movimentos identitários enredados em direitos humanos e civis, no momento da entrevista (2004).

A antropóloga estadunidense Gayle Rubin, em seu artigo “Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of The politics on Sexuality”¹¹, problematiza o sexo como um dado natural, algo que seria

11 O artigo em questão foi publicado a princípio em 1984 no livro organizado por Carole S. Vance. *Pleasure and*

relativo à essência do indivíduo, defendido como tal durante mais de um século pela medicina, psiquiatria e psicologia. Ao propor uma teoria radical do sexo, afirma que é preciso levar em conta que o sexo não é um dado trans-histórico, imutável e independente do contexto social.

Rubin ainda assinala, nos Estado Unidos, os contextos em que os chamados grupos sexuais minoritários se estabeleceram a partir de resistências. Segundo a autora, entre os anos 1940 e 1960, houve uma grande perseguição às chamadas comunidades eróticas que não se adequavam ao modelo do *American Dream* do pós-guerra (1993: 5). Tais perseguições não cessaram nos anos seguintes à década de 1960. No final dos anos 1970 e nos anos 1980, mesmo na “liberada” São Francisco, além das prisões e interrupção das atividades de estabelecimentos comerciais, a perseguição da comunidade gay por meio da violência de jovens homens armados com bastões de basebol tornaram-se atividades corriqueiras (IDEM).

Uma segunda onda da *nova direita*¹² tomou conta dos EUA durante o governo do presidente Ronald Reagan, entre 1981 e 1989¹³. Rubin empresta o termo “pânico moral” de Jeffrey Weeks para explicar essas ondas “repressivas”. “Pânicos morais são ‘momentos políticos’ do sexo, em que atitudes difusas são canalizadas em ações políticas e daí em transformações sociais” (1993: 25). Entre os exemplos, Rubin assinala a “histeria da escravidão branca”, nos anos 1880, as “campanhas anti-homossexuais”, nos anos 1950, e o “pânico da pornografia infantil”, no final dos anos 1970 (IDEM). Nesses períodos de pânico, as minorias, estratificadas por um sistema hierárquico de classificação sexual, tornam-se alvos fáceis. Apesar das repressões, as respostas em organizações e lutas por reconhecimento dos grupos tornados alvos foi um dos efeitos desses períodos. No Brasil, a chamada epidemia da AIDS ficou conhecida como “peste gay” ou “câncer gay”, e houve uma redução drástica de organizações ativistas gays de caráter antiautoritário no país (FACCHINI, s/d: online).

Danger: Exploring Female sexuality. A versão consultada, foi publicada na coletânea *The Lesbian and Gay Studies Reader* (RUBIN, 1993), considerada um dos marcos dos chamados *Queer Studies*.

12 A chamada segunda onda do movimento *New Right*, nos Estados Unidos, teve início nos anos 1960 e geralmente é relacionado à direita religiosa.

13 Reagan já havia sido governador do estado da Califórnia entre os anos de 1967 e 1975.

A partir de uma perspectiva anarquista, Jamie Heckert¹⁴ analisa, em seu artigo “Maintaining the borders: Identity and politics” (2002), a construção e manutenção de identidades como forma de perpetuar limites e hierarquias. Para isso, assinala alguns pontos críticos em relação às identidades. Entre eles: “identidades encorajam a conformidade”, na medida em que uma pessoa deve responder a certas condutas de modo a fazer parte de uma estratificação específica; “encoraja o isolamento”, ou seja, a criação de guetos; “reduz fenômenos sociais aos indivíduos”, quando, por exemplo, ignora que as condutas racistas não são exclusivas de um grupo determinado, “os racistas”, e não destrói o sistema e a mentalidade do qual os mesmos são também produtos; “encoraja a pureza”, determinando quem pode ou não ser considerado o que, e em que nível, reproduzindo as relações hierárquicas mesmo dentro de identidades combativas. E afirma:

As políticas de identidade cabem perfeitamente no interior da ideologia neoliberal dominante. Grupos criados em torno de identidades oprimidas podem pressionar o Estado por direitos civis. A ideia de proteger os indivíduos [por meio dos direitos de minorias] sem alterar as relações ou o sistema de organização é compatível com a base individualizada do capitalismo e da ‘democracia’ representativa (HECKERT, 2002: 5).

Em outro artigo, publicado originalmente em 2005, “Anarquismo e sexualidade: rumo a relações consensuais”, Heckert acrescenta que, apesar da importância significativa dos combates por meio das identidades em abrir caminho e fortalecer os que eram tidos como alvos, a organização em movimentos identitários significou uma negociação da liberação “em troca do ideal de igualdade entre homossexualidade e heterossexualidade” (IDEM, 2015: 171).

Mas se a identidade se torna limitada por fixar o indivíduo em um modelo de “ser” de conduta, é preciso considerar, na atualidade, o surgimento de identidades múltiplas ou flexíveis.

Debra Curtis ressalta a diferença entre identidade sexual e subjetividade sexual. A primeira demandaria uma unidade e coerência no próprio indivíduo, enquanto a segunda, cuja definição ela empresta de Sally Alexander¹⁵, não é fixa e nem finalizada, está sempre em transformação. Esta

14 Jamie Heckert é formado em psicologia e *Gender and Women's Studies* pela Universidade de Grimell, Estados Unidos, e doutor em sociologia pela Universidade de Edinburgh, Escócia. Atualmente, desenvolve suas práticas anarquistas como professor de Yoga (<http://heartoffreedom.com>) (Cf. HECKERT, 2015).

15 O texto de referência de Sally Alexander é “Women, Class and Sexual Differences in the 1830s and 1840s: Some

noção de subjetividade sexual, no lugar de identidade sexual, pode ajudar a compreender o que vemos emergir como “identidades fluidas/flexíveis” ou, para utilizar um termo de Gilles Deleuze em seus escritos sobre a chamada sociedade de controle¹⁶, “dividualidades”. Um exemplo recente de identidades flexíveis encontra-se em algumas abordagens do chamado movimento *queer*¹⁷.

Na década de 1990, nos Estados Unidos, o termo *queer* passou a tomar contornos de movimento e explicitar uma recusa à identificação em categorias fixas e imutáveis. Na atualidade, o mesmo termo é utilizado tanto como uma resposta radical aos movimentos identitários, como uma sigla em anexo ao LGBT(Q). O *queer*, nos Estados Unidos, está presente na universidade, por meio dos “Estudos Queer”, conectados aos movimentos de luta por direitos em paradas gays e museu LGBT, e também em produções anarquistas, como a revista *Baedan: journal of queer nihilism*, de Seattle.

No Brasil a noção de *queer* chegou com mais força por meio de Judith Butler e os estudos em torno da sexualidade, sob uma chamada perspectiva pós-estruturalista. Butler, no prefácio do livro *Gender Trouble* [traduzido como *Problemas de gênero, em português*] (1999), que é considerado um dos textos fundadores da *teoria queer*¹⁸, expõe como as transformações em termos de identidades de gênero a partir dos questionamentos de categorias identitárias colocaram, aparentemente, um problema teórico para o feminismo. De modo superficial, a *teoria queer* pode ser explicada a partir da noção que as performances de gênero colocam em questão a própria naturalidade do gênero. Atualmente, a questão do *queer* foi um dos meio pelos quais vários grupos

Reflections on the Writing of a Feminist History”. In Nicholas B. Dirks, Geoff Eley, and Sherry B. Ortner (eds.) *Culture/Power/History*. Princeton: Princeton University Press, pp. 269–296, 1994.

16 A noção de *sociedade de controle* foi inventada por Deleuze em seu “Post-scriptum” (DELEUZE: 2004), tomando de empréstimo um termo utilizado por William Burroughs e a partir das análises de Foucault sobre a crise da chamada sociedade disciplinar. Edson Passetti desenvolveu esta noção ampliando-a por meio do que ele identificou como *ecopolítica* no lugar de uma biopolítica complementar às disciplinas (PASSETTI, E., 2013; 2011; 2007). A *sociedade de controle* se configura, entre outras coisas, pelo inacabado, pelos fluxos contínuos, pela convocação à participação, e pela extração de inteligências.

17 Wander Wilson Chaves mostrou em sua dissertação de mestrado, *O comissário do esgoto: coragem da verdade e artes da existência na escritura-vida de William Burroughs* (2014), que a proposição do termo *queer* por William Burroughs – resgatado de uma palavra, em sua juventude, para designar pessoas que faziam sexo com outras do mesmo sexo – foi uma maneira de escapar da identificação e da identidade gay. Burroughs, de acordo com Chaves, não negava se relacionar sexualmente com outros homens, mas negava a identidade gay, bem como a participação em qualquer movimento.

18 Conforme citado por Butler na reedição do livro de 1999. A primeira edição foi publicada em 1990.

dentro das universidades puderam se atualizar, unindo estudos em do LGBTs, gênero e sexualidade em um campo ainda em construção¹⁹.

Thomas Laqueur mostra, em *Inventando o sexo* (2001), como a identificação do sexo biológico se transformou no decorrer dos séculos no ocidente, do sexo único (em que a mulher é uma variação inferior e fria do sexo masculino) para o sexo duplo (constituição de dois sexos diferentes: homem-mulher). Laqueur mostra que cada uma das categorias de gênero não está restrita ao seu caráter puramente biológico, e que as próprias noções estabelecidas pela biologia e pela medicina são atravessadas por um determinado contexto social e cultural. Hoje, seria possível acrescentar uma flexibilização deste sexo para além do sexo duplo. Neste sentido, os estudos *queer*²⁰ inserem uma reflexão acerca de conformações biológicas e subjetivas que não correspondem ao gênero feminino ou ao masculino, reconhecendo como outras expressões de gênero os chamados transgêneros, gêneros neutros, e outras infinidades de classificações que levam em conta desde a apresentação social (feminino e masculino), características físicas (biológicas ou não, inatas ou não), como as relações amorosas²¹.

Como mostra Laqueur (2001), as próprias ciências biológicas têm descoberto cada vez mais pontos intermediários entre o que é considerado masculino (que compõe desde o cromossomo XY,

19 Nas universidades brasileiras, a intersecção entre o campo de pesquisa de gênero, LGBT e *queer*, pode ser observada no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da UNICAMP (SP), que realizou em 2015, o “I Seminário Queer”. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/i-seminario-queer/>; O NUDES (Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades), na UERJ. Disponível em: <http://www.promovide.febf.uerj.br/projeto-nudes.html>; O NIGS (Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades), da UFSC, coordenado pela antropóloga Miriam Pillar Grossi, que realizou em 2016, uma aula magna com o tema “Gênero, Identidades e Subjetividades: 25 anos de estudos feministas e *queer*”. Disponível em: <http://nigs.ufsc.br/>; O Núcleo de Pesquisa de Diferenças, gênero e sexualidade, “Quereres”, da UFSCAR (SP), coordenado por Larissa Pelúcio e Richard Miskolci, este último, autor do livro *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* (Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012); Na PUCSP, o NIP (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Sexualidades, Feminismos, Gênero e Diferenças) apresenta esta articulação em algumas de suas atividades. Disponível em: <http://www.inannaeducacao.com/cursos-inanna> (últimos acessos em: 27 de junho de 2017).

20 Me refiro aos estudos *queer* e não somente a teoria, pois a teoria – em especial de Judith Butler – se insere dentro de um campo de estudos mais amplo.

21 Em 2014 o site da *ABC News* publicou uma lista com 58 gêneros possíveis no Facebook. Disponível em: <http://abcnews.go.com/blogs/headlines/2014/02/heres-a-list-of-58-gender-options-for-facebook-users/> (último acesso em: 26 de junho de 2017). A comissão de Direitos Humanos de Nova York reconheceu oficialmente, em 2016, a existência de pelo menos 31 identidades de gênero. Disponível em: https://www1.nyc.gov/assets/cchr/downloads/pdf/publications/GenderID_Card2015.pdf; <http://www.newsmax.com/Newsfront/NYC-releases-gender-list/2016/06/01/id/731809/> (últimos acessos em: 26 de junho de 2017).

até a produção de testosterona, a presença de próstata, entre outros) e o que é considerado feminino (neste caso, relacionado ao cromossomo XX, ao estrogênio, à presença de útero, entre outros). Estes pontos intermediários não se referem exclusivamente ao chamado hermafrodita (em que era levado em conta apenas a configuração genital externa e interna), mas à diferentes características corporais – incluindo hormônios, cromossomos e, atualmente, componentes neurológicos – que formariam distintas variações dentro da grande categoria Homem ou da grande categoria Mulher. Atualmente, há, inclusive pesquisas que determinam o sexo do cérebro, desassociada da identificação física ou biológica do sujeito.²²

Segundo Heckert (2015), a crítica à identidade – de modo geral, não somente às identidades sexuais – é uma característica das chamadas teorias pós-estruturalistas. É inegável que o chamado pensamento pós-estruturalista tenha ganhado força e se disseminado a partir das (e ao mesmo tempo em que as) contestações que explodiram no final dos anos de 1960, período em que observou-se, em diversas partes do planeta, um questionamento acerca das estruturas rígidas da sociedade, seja o socialismo estatal, a família nuclear monogâmica heterossexual, as relações com o trabalho e a educação.

As múltiplas categorias identitárias – enquanto constituição do indivíduo – que abrangem as chamadas minorias começam a manifestar-se, a princípio, como classificação médico-policial no período que Foucault analisou como predominantemente disciplinar. Foucault anunciou uma mudança no funcionamento de uma governamentalidade, já em meados do século XX. Deleuze observou a emergência de controles mais modulares, flexíveis e inacabados (2004), em processo contínuo desde então.

Em relação às identidades, neste processo de mutação das formas de governo, é possível afirmar que a inversão de sinais que colocou o irregular, indesejado, desviante como positivo foi um dos efeitos e estratégias das lutas contra essas classificações. Edson Passetti, em entrevista

22 Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI65446-15224,00-QUAL+E+O+SEXO+DO+SEU+CEREBRO.html> (último acesso em 12 de julho de 2017).

publicada na revista do CRPRS (Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul), afirmou que

Houve um tempo em que o Estado punia as relações entre pessoas do mesmo sexo como homossexualismo condenável moralmente. Hoje ele deve punir condutas contra o homoerotismo. Produziu-se uma inversão de sinais, revisão de conceitos. Houve progresso na aceitação desta conduta porque ela é produtiva e ajustou as transgressões sexuais às regulações familiares. Esta é a positividade do poder (2013b: 20).

Desta maneira, é possível compreender as chamadas identidades positivadas como parte deste processo de transição entre uma sociedade predominantemente disciplinar e uma sociedade de controle. É necessária a identificação – técnica disciplinar – para que a identidade se constitua como algo positivo. Parece haver algo de imprescindível na identidade para ambas as formas de governar as pessoas. Ainda que, na atualidade, algumas identidades se encontrem em processo de mutação para formas mais flexibilizadas.

A difusão de identidades também assume um lugar distinto no interior do mercado. Diante das técnicas de governo disciplinares, os chamados desvios estavam diretamente ligados a um mercado clandestino/ilegal, enquanto o mercado regularizado, ou legal, era “conquistado ora por especialização, ora por colonização, ora por redução dos custos de produção” (DELEUZE, 2004: 223). Nas novas configurações que respondem às mutações de controle “[a]s conquistas de mercado se fazem por tomada de controle (...), por fixação de cotações (...), por transformação do produto” (IDEM: 224)

Nos Estados Unidos, Gayle Rubin (1993) afirma que o mercado torna-se também um local de resistências nas lutas por direitos na ocupação dos espaços. Diante das perseguições aos estabelecimentos comerciais relacionados à comunidade gay, seu reconhecimento e permanência confunde-se com as lutas pela conquista de direitos. Desta maneira, o próprio mercado se coloca em mutação constante em resposta aos conflitos e às disputas no campo da política, do Direito e da moral. Um lugar de negociações.

os levantes das chamadas minorias

No final dos anos 1960, uma série de mobilizações ao redor do planeta colocaram em questão as rígidas instituições culturais e políticas. O contexto político internacional anunciava uma disputa pela hegemonia planetária entre o comunismo soviético e o liberalismo estadunidense, em polos opostos, diante do enfraquecimento político da Europa devastada pelo pós-Guerras e da ameaça nuclear.

Nos Estados Unidos, a desigual Guerra no Vietnã, em que a gigante potência bélica combatia guerrilheiros tendo como objetivo frear o levante socialista, reavivou um movimento antimilitarista que já havia explodido no começo do século com a iminência da Primeira Guerra Mundial, e que, à época, tinha muitos anarquistas, como Emma Goldman, à sua frente. Naquele momento, o fracasso estadunidense contra o diminuto exército de vietcongues não se reproduziu em outras partes do planeta. Na América do Sul, os investimentos contra a ameaça comunista por parte dos governos estadunidenses sustentaram ditaduras por anos a fio.

As ditaduras, entretanto, não impediram a emergência de movimentos de contestação. No Brasil, movimentos estudantis se organizaram em várias formas de resistência, assim como as chamadas expressões culturais e artísticas, apesar de perseguidas, não foram contidas durante o período da ditadura civil-militar.

Nos Estados Unidos, entre os anos de 1963 e 1969, o governo do então presidente Lyndon B. Johnson – que assumiu o posto após o assassinato de John Kennedy em 1963, e foi eleito presidente em 1964 – apostava na retórica do programa *Great Society*²³, dando continuidade às propostas elaboradas durante o governo Kennedy, e que tinha como principais objetivos o fim da pobreza e da injustiça racial²⁴. O programa tinha como foco central a *guerra à pobreza* e era guiado pela

23 Considerado o maior programa de reforma desde o *New Deal* de Roosevelt, o *Great Society* foi um programa socioeconômico voltado para o fim da pobreza e aumento dos direitos civis. Disponível em: <http://www.learnnc.org/lp/editions/nchist-postwar/6106> (último acesso em: 23 de maio de 2017).

24 Disponível em: <http://countrystudies.us/united-states/history-121.htm>. O website abriga “Versões online de livros previamente publicados pela *Federal Research Division of the Library of Congress* como parte da série *Country Studies/Area Handbook* financiada pelo *U.S. Department of the Army* entre 1986 e 1998.” (último acesso em: 23 de maio de 2017).

chamada ‘democracia participativa’ nas áreas de moradia, saúde e educação.²⁵ Além do investimento na chamada democracia participativa, foram criados programas de saúde como *Medicare*, para os idosos e *Medicaid*, para os pobres, somados ao investimento em estudantes e artistas. No Brasil, na mesma época, em meio à ditadura civil-militar, houve um dos maiores investimentos do governo brasileiro na área da cultura – como mostrou Sofia Osório em sua dissertação de mestrado *Teatro de dança galpão: experimentações em dança e práticas de resistência durante a ditadura civil-militar no Brasil* (2015) – em consonância com as medidas estadunidenses.

Em 1964, a lei dos Direitos Civis colocou um fim à segregação racial institucionalizada no país, e em 1965 os negros tiveram direito ao voto²⁶. Apesar destes e outros investimentos nas áreas de educação e saúde, a atenção à guerra no Vietnã colaborou para aflorar os ânimos entre a população-alvo do programa do governo de Johnson. O programa *Great Society* não conseguiu manter financeiramente todos os seus investimentos e a guerra no Vietnã foi identificada como uma das fontes desta escassez.

As comunidades negras nos Estados Unidos, um dos principais alvos do programa, logo responderam à nova situação. Além do clamor de pacifistas no movimento negro, como Martin Luther King Jr., também se opuseram à guerra movimentos armados como o *Black Panthers*, de vertente socialista. O combate à guerra no Vietnã, no entanto, não foi o fim do programa, que se estendeu nos governos republicanos.

A luta contra a segregação racial não era um assunto novo no país, contudo, entre o final da década de 1940 e começo dos anos 1950, o governo estadunidense se viu obrigado a responder às demandas antidiscriminatórias. Atos de resistência no decorrer dos anos 1950 somaram-se no que posteriormente foi construído como movimentos organizados pelos direitos civis, como no episódio em que a negra Rosa Parks foi presa por recusar-se a dar seu lugar no ônibus a uma pessoa branca,

25 Disponível em: <http://www.learnnc.org/lp/editions/nchist-postwar/6106> (último acesso em: 23 de maio de 2017).

26 Disponível em: http://nvrmi.com/?page_id=41 (último acesso em: 23 de maio de 2017).

em 1955. O caso tornou-se simbólico e essencial na mobilização de outros grupos pelo país. Entre os mobilizadores se encontrava o pastor batista Martin Luther King Jr., um dos responsáveis por instaurar o boicote à empresa de ônibus Montgomery, envolvida no episódio de Rosa Parks.

Inspirado em Ghandi, Luther King Jr. propunha uma resistência pacífica por meio da desobediência civil. Este e outros eventos, bem como sua manifestação pública na marcha de Washington em 1963, o consagraram como símbolo da luta pacífica pela igualdade de direitos entre negros e brancos, rendendo-lhe um prêmio Nobel em 1964 (THE BLACK, 2015, documentário; MCLAUGHLIN, 2014: IX). Na mesma época, Malcom X tornava-se outra figura proeminente na luta pelos direitos dos negros, mas sem descartar a possibilidade da luta armada. Em 1965, Malcom X foi assassinado e, apesar de 3 homens terem sido sentenciados a morte por seu assassinato, ainda hoje há controvérsias quanto aos fatos, motivações e pessoas envolvidas²⁷.

Em 1967, uma onda de motins, que vinham desde o início da década, ficou conhecida como *long, hot summer*. Em diversas cidades dos Estados Unidos, grupos no interior das comunidades negras, muitas vezes apoiados por suas igrejas, realizaram uma série de levantes. Em abril de 1968, Martin Luther King Jr. também foi morto com um tiro e, apesar das diferenças entre suas estratégias, integrantes do *Black Panthers* reagiram contra o assassinato (MCLAUGHLIN, 2014: IX).

Ainda ao final dos anos 1960, os *Black Panthers* adotaram a luta armada para atacar a violência contra negros, em especial a violência empregada pela polícia. No documentário *The Black Panthers: Vanguard of Revolution*, para além dos embates nas ruas, mostra-se outras experiências no interior do movimento como os projetos de alimentação para crianças, clínicas gratuitas, entre outros. Questões como o machismo no interior do próprio movimento também eram discutidas. O partido *Black Panther* iniciado em Oakland, na região da Baía de São Francisco, na Califórnia, espalhou-se por outras regiões do país. A luta dos *Black Panthers*, no entanto, não ficou

²⁷ Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2015/feb/21/malcolm-x-assassination-records-nypd-investigation> (último acesso em: 23 de maio de 2017).

restrita ao partido; outras pessoas tomaram parte no embate apoiando a luta e rechaçando a violência da polícia. Após o assassinato, pela polícia, do jovem *Black Panther* Bobbie Hutton, de 17 anos, uma das figuras de destaque que foi a público em apoio à luta dos *Panthers* em comício realizado durante o funeral, foi o ator Marlon Brando. *Hippies*, estudantes e outros artistas, também apoiavam as ações dos *Black Panthers* (THE BLACK, 2015, documentário).



Fred Hampton, integrante do grupo, começou a organizar discussões para além da comunidade negra, enfatizando a importância da união entre diferentes grupos e apontando para a estratégia de governo de colocar uns contra os outros na sociedade, fossem porto-riquenhos, ou os chamados *hillbillies*²⁸. O FBI foi colocado a serviço com o objetivo de combater a organização, apelando, como de praxe, para elementos infiltrados. A atuação do FBI levou à execução de Fred Hampton e Mark Clark em 1969, em um ataque surpresa facilitado pelo então guarda-costas de Hampton, William O'Neal (THE BLACK, 2015, documentário).

Muito próximo de onde surgiu o partido dos *Black Panthers*, outra experiência, com características distintas, destacava-se com os chamados *hippies*. Em São Francisco, durante o verão de 1967, as ruas Haight e Ashbury serviram de espaço para uma série de práticas e experimentações no que ficou conhecido como *summer of love*. Formaram-se, na região, diversas comunidades que tinham como princípio a experimentação de uma outra vida que não a determinada pelo Estado ou

28 *Hillbilly* é um termo considerado depreciativo que se refere a homens e mulheres brancos, pobres, da zona rural dos Estados Unidos.

pelo capitalismo. Uma das principais experiências que constituiu o *summer of love* foi promovida pelo grupo anarquista *The Diggers*. Seus integrantes instalaram um estabelecimento em que ofereciam comida gratuita e, posteriormente, uma clínica de saúde, também gratuita. A presença explícita de anarquistas foi maior entre o chamado movimento hippie do que nos demais “movimentos minoritários”.

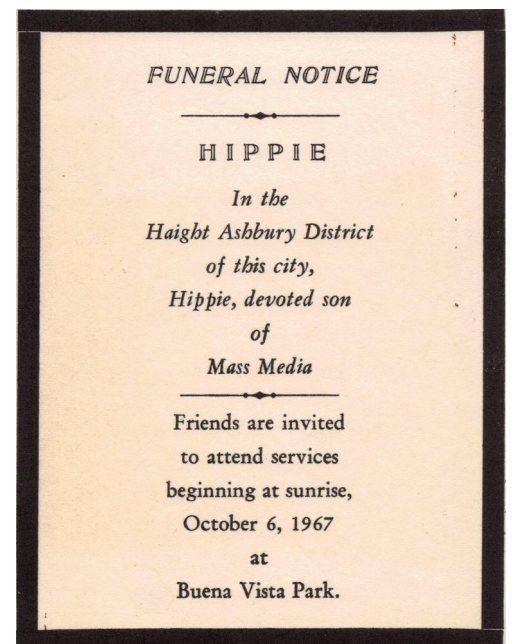
O uso de substâncias que propiciam estados alterados de consciência – o LSD, em especial – fazia parte das experimentações diárias da comunidade, assim como as relações de amizade e amor não pautadas pelas condutas estabelecidas no restante da sociedade ocidental (SUMMER, 2007, documentário).

A experiência atraiu jovens do país inteiro, desde a idade de 13 anos, como mostram alguns relatos registrados em livros e documentários sobre o acontecimento. De acordo com o documentário *Summer of love*, de 2007, distribuído pela PBS²⁹ e dirigido por Gail Dolgin e Vicente Franco, o *summer of love* atraiu por volta de 9 milhões de jovens com menos de 25 anos. No mesmo documentário, Joel Selvin – hoje crítico de música e que tomou parte na experiência em 1967 – afirmou que os motivos que atraíam os jovens para a região eram os mais diversos possíveis, entretanto, uma vez lá, todas as portas estavam abertas. William M. Hedgepeth, jornalista que se infiltrou na região para realizar uma reportagem para a *Look magazine*, relata seu ceticismo antes de entrar em contato com a comunidade e que, em pouco tempo,

estava tão encantado com isso que eu pensei: este é um universo alternativo perfeito para mim. Quero dizer, você não precisa de dinheiro, não precisa de nada. Eu posso... Eu poderia ter ficado lá se quisesse. Era como uma expressão mais fina da natureza das pessoas, como eu nunca vi antes (SUMMER, 2007, documentário).

29 A Public Broadcasting Service (PBS) é uma distribuidora de programas para a televisão sem fins lucrativos, fundada em 1969, reconhecida como uma das instituições televisivas mais confiáveis nos Estados Unidos. Em seu website afirma a “PBS é uma organização de afiliados [*membership organization*] que, com suas estações afiliadas, serve ao público estadunidense com uma programação e serviços de alta qualidade, usando a mídia para educar, inspirar, entreter e expressar a diversidade de perspectivas. A PBS empodera indivíduos a alcançar seu potencial e fortalece a saúde social, democrática e cultural dos Estados Unidos”. Disponível em: <http://www.pbs.org/about/about-pbs/mission-statement/> (último acesso em: 23 de maio de 2017).

O mesmo jornalista afirma, no entanto, que esteve presente em um momento de explosão e que, em pouco tempo, muitas das pessoas que estavam ali desde o começo começaram a notar as mudanças causadas pela superpopulação e superexposição propiciadas, em grande parte, pela mídia. A grande migração de jovens *hippies* para São Francisco também estimulou uma reação contrária da população mais conservadora, bem como do governo e sua polícia. Ao mesmo tempo, a grande mídia ganhava com a produção de manchetes, bem como o comércio de turismo que, entre outras coisas, transformou a região de Haight e Ashbury em uma vitrine em que cidadãos respeitáveis poderiam assistir ao “bizarro show” hippie, do conforto de um ônibus fechado com as devidas legendas sobre esta curiosa “espécie” (SUMMER, 2007, documentário). Não foram somente os investimentos no comércio legal que incidiram na desestabilização da experiência. Sob a mesma lógica, comerciantes de drogas ilegais aproveitaram a oportunidade, aberta pelas experiências de estados alterados, para comercializar outras substâncias, que se alegava terem como efeito a dependência química. Diferente da maneira com que se fazia uso de substâncias alucinógenas, distribuídas gratuitamente no interior de uma experiência que se opunha às relações monetárias, as novas substâncias introduzidas pelo chamado mercado ilegal contribuíram para o reestabelecimento destas relações monetárias (IDEM).



Em outubro de 1967, um grupo que ainda vivia em comunidades em Haight e Ashbury declarou o fim da experiência com uma brincadeira anunciada como “A morte do Hippie” [Death of Hippie]. Mary Eleen Kasper, que também tomou parte no *summer of love*, descreve: “Nós queríamos assinalar que era o fim daquilo: Não venha. Fique onde está! Leve a revolução para onde você vive. Não venha aqui porque isso aqui acabou” (SUMMER, 2007, documentário).

A história de cada um desses movimentos é recontada, na atualidade, como constituintes do chamado movimento por direitos civis. No entanto, apesar de distintas, as intersecções entre os movimentos se davam na recusa por um certo modo de vida que estava colocado, e que Rubin identificou como *American Dream* (mas que também poderia ser identificado com o chamado *American way of life*). Da mesma forma que os atos contra a violência policial – que tinha os negros como alvos privilegiados – tinham largo apoio de jovens não negros, e bem como práticas denominadas pacifistas, como dos *hippies*, eram adotadas por jovens negros e não negros, os *Black Panthers* – acusados de forma recorrente pelo governo e pela grande mídia de serem segregacionistas – agiam de forma a unir não somente os negros, mas outras populações que viviam em território estadunidense e que sofriam com a pobreza, discriminação e violência policial (THE BLACK, 2015).

A região da Baía de São Francisco tornara-se, já na década de 1960, um lugar de migração para muitos que não se adequavam ou não queriam se adequar às condutas estabelecidas como normais. Gays, lésbicas, *hippies* e inconformistas de toda a sorte encontravam na região uma possibilidade de unir forças e inventar outras relações. Entretanto, a concentração de não-conformistas na região não era sinônimo de ausência de conflitos, fosse com a polícia, com governantes, ou com uma população mais conservadora.

Se o período entre a década de 1960 e o início da década de 1970 pode ser considerado o ápice de radicalização de alguns desses movimentos, como o movimento negro e os *hippies*, os

efeitos não ficaram restritos a estes grupos e nem a este intervalo de tempo. Outros movimentos também cresceram a partir daí.

Leo Laurence vivia em Indiana nos anos 1960. Republicano e conservador, separava sua vida amorosa com outros homens de sua vida pública e profissional, até o dia em que seu amante “bonito e efeminado” levou seu almoço para o escritório em que trabalhava. O gesto foi imediatamente reportado pela secretária para seu chefe. No mesmo dia, Laurence foi demitido. Pouco tempo depois, ainda em Indiana, Laurence foi espancado por um homem por ter sido visto em um encontro com outros homens. Ao dirigir-se à delegacia, ainda sangrando, foi mandado para rua assim que a motivação para a violência se tornou evidente. Na noite seguinte, Laurence dirigiu para São Francisco, se instalou em Haight-Ashbury, e começou a trabalhar na rádio *KGO* e no jornal *Berkeley Barb*³⁰, escrevendo sobre os movimentos contra a guerra e pela liberação sexual. Entre as suas novas influências estavam os *Black Panthers* (SIDES, 2009: 91-92).

Enquanto uma parte do movimento gay organizado – entre eles o SIR (*Society for Individual Rights*), do qual Laurence fez parte por um tempo – buscava a inclusão e aceitação do restante da sociedade, procurando, de acordo com o historiador Josh Sides, passar uma imagem de “respeitabilidade e profissionalismo” (IDEM: 95), Leo Laurence adotou uma postura mais radical que tomou forma a partir de um protesto organizado sob o pretexto da demissão de Gale Whittington da transportadora estatal *States Line Steamship Company* por vir a público como gay³¹ (IBIDEM: 93).

De acordo com Sides, “os protestos contra a *States Line Steamship Company* por Whittington, Laurence e o CHF (Committee for Homosexual Freedom) inauguraram uma era de radicalismo gay, fenômeno que se tornou conhecido após as rebeliões, ao final de julho de 1969, em Stonewall”

30 A *KGO* é uma estação de rádio de São Francisco, Califórnia, criada entre os anos 1940 e 1950, durante a guerra, e que desde os anos 1960 se especializou em notícias e conversações. O *Berkeley Barb* é um jornal criado nos anos 1960 voltado à chamada contracultura e aos nomeados movimentos por direitos civis, em Berkeley, Califórnia.

31 Em 1969, Leo Laurence publicou uma entrevista no jornal *Berkeley Barb* em que clamava para que todos os gays “saíssem do armário”. Junto ao texto figurava uma foto de Laurence e Whittington abraçados e sem camisa. A publicação da foto é o que teria levado à demissão de Whittington (SIDES, 2009: 93-94).

(IBIDEM: 93-94), em Nova York. Em entrevista à *Stonewall Live*³², Whittington afirma que, à época dos protestos, o CHF (*Committee for Homosexual Freedom*) teve apoio, entre outros, do partido dos *Black Panthers*.³³

HOMO REVOLT MARCH 28 - APRIL 3 BERKELEY BARB PAGE 5

'DON'T HIDE IT'

The largest gay organization in the United States has been challenged to join the revolution, "today not tomorrow."

The challenge appears in the April issue of *Vector*, the official publication of the SP-based Society of Individual Rights (SIR). The magazine goes out today (Friday) to 3000 SIR members.

Editor Leo E. Laurence told BARB in an exclusive interview this week that he knows he has put his job on the line by what he writes in the current *Vector*. However, he is willing to take the risk.

"I've dedicated my life to this revolution," he said determinedly. "Someone has to make the first step.

"Society has made us perverts for too goddamn long," he said, "It's time for a change -- right now."

He calls for an end to the status quo in an editorial -- not only in society at large, but within gay organizations themselves. "Timid, uptight, conservative, and afraid to act for the good of the whole homosexual community," that's what the gay establishment is like, says the editorial.

"I fully expect up-tight members and officers of SIR to try and stop me as editor," Laurence writes. "But I promise *Vector* is going to be honest in its reporting, even if it make our middle class homosexuals mad."

"I'm not afraid" Laurence told BARB. "Many young homosexuals believe as I do."

Gays have to love themselves first, Laurence stresses in his editorial. They have to get rid of their double life and proclaim to the world they are homosexuals, and proud of it.

"Tell your boss, family--everybody, that you're gay," he advises. "This isn't easy for the old style leaders of the gay organizations to admit, he confesses. "But even they have to be forced to look at themselves and learn to love themselves.

"We have to get over this bullshit of guilt, the feeling we are degenerates," Laurence said. "After we can admit to ourselves 'gay is good' the revolution will come."

It's the young militant gays who are going to be the leaders, according to Laurence. He used much of the terminology of the Black Revolution as he rapped. "If the uptightness of the present leaders breaks the revolution," he said, "then they must go." Any means necessary must be used to gain gays their personal rights, he said.

"All our lives we've been made butts of jokes, laughed at, made to feel guilty," he said. "Human beings shouldn't have to live like that."

Four years ago Laurence was so guilt ridden and miserable because he was gay, he actually thought of suicide. "Countless young men go through this same misery," he said.

But Laurence went to Glide Memorial Church where he met Reverend Cecil Williams, a black priest.

"By understanding the black revolution, I saw the parallel and what could be done," he says. He believes gays are now where young blacks were just before their revolution -- willing to confront the establishment and demand their rights.

"I'm a homosexual and want to be accepted as such," should be the gay slogan of liberation. It's the same as "Black is Beautiful", says Laurence. Only if we believe that deep down inside can the revolution proceed, he said.


Willie Brown Jr, a black, is leading the battle for sexual freedom in the State Legislature, Laurence pointed out. Brown has introduced a bill making sexual acts between consenting adults legal in California.

"He says self-determination has no timetable. That's also what I believe is right," the editor said. "Others are asking for the 'right political climate.' That's bullshit. We should demand our personal liberty and freedom right NOW."

Instead of isolating themselves from politics in their own little groups Laurence wants gays to participate in other militant social causes. Alliances with the Black Panthers, the Resistance, and other anti-war groups will help when common causes arise, he said.

But it's clear the present gay establishment won't dig this, Laurence said. They've been con-

see p. 23



GAY EDITOR SHOWS WHAT HE MEANS photo by Hoffman

Artigo com foto no Berkeley Barb que levou à demissão de Whittington e os levantes em São Francisco (o artigo completo está no anexo).

Laurence também criou uma organização que servisse como “guarda-chuva” para todos estes pequenos grupos, que nomeou como *Gay Liberation Front*, em referência à *National Liberation Front* no Vietnã, e adotando o termo *Gay* no lugar do uso comum de *homossexual* (IBIDEM: 96).

32 A *Stonewall Live* é uma radio veiculada pela internet que se define como: “The best of Gay, Lesbian, Bisexual and Transgender book, film and media talk”. Disponível em: <http://www.blogtalkradio.com/stonewalllive>.

33 Disponível em: <http://www.blogtalkradio.com/stonewalllive/2011/02/04/gale-chester-whittington-author-of-beyond-normal-t> (último acesso em: 23 de maio de 2017).

Apesar de São Francisco ser considerada uma cidade mais aberta a outros tipos de experiências de vida, os problemas com a polícia, assim como os problemas em relação aos empregos – em que contava a velha matemática de piores empregos para “cidadãos de segunda classe” – não foram suprimidos rapidamente. Uma das saídas foi a constituição de um comércio especificamente voltado e tocado por essas minorias.

De acordo com a história escrita por Josh Sides acerca das revoluções sexuais em São Francisco, em *Erotic City: Sexual Revolutions and the making of Modern San Francisco* (2009), as antigas disputas em torno da prostituição³⁴, assim como as lutas que envolviam outras formas de se relacionar com o sexo, abriram espaço para a constituição de um mercado específico, sustentado pela conformação de novos públicos consumidores. A conformação da cidade foi se alterando aos poucos; bairros antes povoados por imigrantes deram lugar a outros grupos minoritários, não sem conflitos. No caso de bairros que acabaram se estabelecendo como bairros gays, houve também um grande interesse dos proprietários, que viam uma maior vantagem econômica em alugar suas propriedades para um público gay do que para os antigos moradores imigrantes.

Sides afirma que, na década de 1960, não havia grande distinção entre os espaços de trânsito e ocupação de *hippies*, gays e lésbicas, uma vez que havia um convívio comum nos diferentes lugares, fossem bares, eventos ou comunidades (2009: 113).

Mas, para muitas lésbicas – especialmente aquelas envolvidas com a esquerda e movimentos estudantis nos anos 1960 –, o caráter espontâneo, ambíguo, e largamente apolítico do lesbianismo e da bissexualidade dos anos 1960 era inalcançável ou indesejável (IDEM: 114).

Com isso, muitas autoidentificadas lésbicas se aproximaram do feminismo, ao mesmo tempo em que rompiam com o feminismo tradicional, que por vezes mostrava-se discriminador em relação às mulheres que se relacionavam amorosamente com outras mulheres (IBIDEM). Na década de 1970, em São Francisco, um movimento de lésbicas-feministas organizado, que tinha Del Martin – reconhecida, atualmente, como uma das principais ativistas dos direitos LGBT junto com sua

³⁴ Josh Sides traça em seu livro, as disputas em torno das regulamentações, ocupação de espaços, proibições da prostituição, que, assim como no Brasil fizeram parte da constituição da cidade de São Francisco.

companheira Phyllis Lyon – como uma das figuras principais, passou a criticar o machismo do movimento gay com mais veemência e separar-se deste. Naquela década, surgiu um dos primeiros bares lésbico exclusivamente para mulheres, o *Full Moon Café* (IDEM: 115).

Muitos outros espaços exclusivos para mulheres abriram na mesma época³⁵. Em 1976, Carol Seajay e sua companheira Paula Wallace abriram a livraria “lésbico-feminista” de maior longevidade, a *Old Wives' Tales*.



Carol Seajay, Pell, Sherry Thomas, Tiana Arruda, and Kit Qun na *Old Wives Tales*, em 1982.

Enquanto o movimento gay, ao tornar-se mais próspero economicamente, era frequentemente acusado de elevar os preços das regiões que ocupavam, expulsando os antigos moradores pobres e imigrantes, o movimento “lésbico-feminista” se distanciava cada vez mais dele, aproximando-se de outros grupos minoritários, como de mulheres negras e latinas (IBIDEM: 115).

Parte deste novo movimento feminista de mulheres lésbicas não recusava somente a presença masculina, mas também de travestis, transexuais, bissexuais, que eram vistos como proliferadores do patriarcalismo. Assim como eram recusadas as presenças de outras lésbicas cujas práticas

35 Em 1972, em Washington DC, surgia também a primeira gravadora musical exclusivamente para mulheres, *Olivia Record*, que se tornou, em 1988, uma companhia especializada em turismo lésbico (LUCCHESI, 2015: 52 e 55).

sexuais envolvessem objetos considerados fálicos, ou adeptas do chamado sadomasoquismo, por supostamente reproduzir a dominação do homem sobre a mulher (IBIDEM: 117).

Gayle Rubin (1993) observa que, nas décadas de 1970 e 1980, feministas identificadas como “anti-pornografia” utilizavam imagens de filmes sadomasoquistas grosseiros – produzidos, de acordo com Rubin, por pessoas que tinham uma visão preconceituosa da prática – com mulheres em posição de submissão para ilustrar seus argumentos contra toda e qualquer pornografia. Deste modo, Rubin afirma que o argumento destas feministas, muitas vezes, aproximava-se do argumento moralista da direita conservadora, ao considerar que a pornografia levava aqueles que a assistiam a se comportar como nos filmes e que, no limite, todo filme pornográfico despertaria o desejo de estupro. Para Rubin, a similaridade entre alguns argumentos não era mera coincidência, uma vez que a direita conservadora e religiosa teria, na realidade, assimilado certas premissas feministas, como quando, nos anos 1980, o Papa João Paulo II, apontou os danos da pornografia enquanto objetificação da mulher (IDEM: 26).

Josh Sides observa que, ainda no final da década de 1970, Pat Califia – “que se tornaria Patrick Califia 30 anos depois quando fez uma transição para a identidade masculina” (2009: 119) – até então envolvida com esta nova vertente do feminismo, resolveu abraçar seus desejos sadomasoquistas e, após conhecer Gayle Rubin, criou com ela um outro grupo menos restrito, mas engajado politicamente no feminismo, chamado Samois.

Em sua primeira publicação declararam: “Como feministas, opomo-nos a todas as formas de hierarquia social baseadas no gênero. Como pervertidas radicais, opomo-nos a todas as hierarquias sociais baseadas na preferência sexual” (IDEM: 120).

Sem abandonar o feminismo, outras mulheres se opuseram às restrições colocadas a suas práticas sexuais. Marguerite Rubenstein, auto-identificada como bissexual, começou a oferecer palestras sobre bissexualidade, e alguns anos depois foi co-fundadora do SFSI (San Francisco Sex Information), considerada umas das organizações mais inclusivas em termos de sexualidade, que

oferece cursos, atendimentos por telefone, apoio, entre outras atividades, abrangendo um público de lésbicas, bissexuais, heterossexuais, transgêneros, transsexuais, sadomasoquistas (IBIDEM).

Sides ainda menciona um outro caso de ruptura com as chamadas lésbicas-feministas. A cantora country Beth Elliot nasceu homem, mas, aos 19 anos, passou a se identificar como uma mulher lésbica. Após ser agredida verbalmente em um show realizado em uma conferência feminista, Elliot se juntou a alguns *hippies* remanescentes de Haight-Ashbury e passou a advogar em prol da bissexualidade, de transgêneros e por uma visão mais aberta em relação ao sexo (IBIDEM: 122).

Enquanto esses movimentos emergiam e passavam a reivindicar direitos legais, um mercado mais abrangente em termos de sexualidade começou a se estabelecer com mais ênfase na região da Baía de São Francisco, sem apartar-se dos movimentos.

a mãe da masturbação

Betty Dodson é artista plástica e, desde 1994, doutora em sexologia e professora-adjunta no Institute for Advanced Study of Human Sexuality (IASHS), e considerada a mãe/madrinha da masturbação³⁶ (VENNING; CAVANAH, 2003). Nascida em uma cidade do Kansas, onde, segundo a mesma, não teve uma educação muito sofisticada³⁷, Dodson afirma que resolveu aderir às experimentações sexuais que emergiam a partir dos movimentos contraculturais depois de uma tentativa frustrada em um casamento convencional e monogâmico³⁸. Ao notar que poucas das mulheres que participavam das festas sexuais que abrigava em sua casa tinham orgasmos – a maioria reclamava e/ou fingia –, resolveu criar um grupo só para mulheres voltado ao conhecimento de seus corpos e prazer³⁹.

36 Disponível em: <http://dodsonandross.com/essay/mother-masturbation-steroids>; (último acesso em: 15 de abril de 2017).

37 Disponível em: <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2015/03/i-was-uneducated-cowgirl-kansas-dell-was-middle-class-jewish-girl> (último acesso em 14 de julho de 2016)

38 <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2015/06/my-monogamous-history> (último acesso em 14 de julho de 2016)

39 Disponível em: <http://dodsonandross.com/blogs/carlin-ross/2011/09/and-betty-asked-how-do-you-want-me> (último acesso em : 14 de julho de 2016)

O foco de Dodson tornou-se ensinar as mulheres a ter orgasmos clitorianos. Uma de suas grandes influências na descoberta da importância do orgasmo foi Wilhelm Reich, cuja abordagem serviu de modelo para o seu próprio processo de educação das mulheres⁴⁰. Suas oficinas começam reunindo as mulheres nuas – ela incluída – em um círculo. Cada mulher é apresentada a sua própria vulva com um espelho, permitindo que as outras também possam observar vulvas diferentes. Em seguida, técnicas de massagens clitorianas são introduzidas por Dodson (ou outra pessoa que esteja coordenando a sessão), tocando, ela mesma, o corpo destas mulheres para melhor orientá-las – mas com uso de luvas de látex para manter o profissionalismo⁴¹ – e, finalmente, é inserida a estimulação vaginal com um objeto apropriado.

A perspectiva masculina sobre o sexo, segundo Dodson, ignorava a importância do clitóris para o prazer feminino. O fato de o pênis ser mais facilmente estimulado também tornou o controle sobre a masturbação feminina mais efetivo, como concluiu Dodson, a partir do fato de muitas mulheres com quem realizou os *workshops* nunca terem se masturbado enquanto crianças.

Assim como Foucault, mas sem se posicionar criticamente em relação à sexualidade, Dodson reconheceu na masturbação “a base em que toda a sexualidade humana é construída”⁴², concordando ainda que o alvo principal em relação à masturbação foi o controle sobre o corpo das crianças.

Com relação à sua própria experiência, Dodson lembra como foi importante a atitude de sua mãe diante dessas questões. Em uma de suas palestras, realizada em Seattle, afirma que sua mãe – uma mulher ignorante, cuja escolaridade não passou da alfabetização – sempre soube que masturbar-se era algo natural a qualquer criança.⁴³

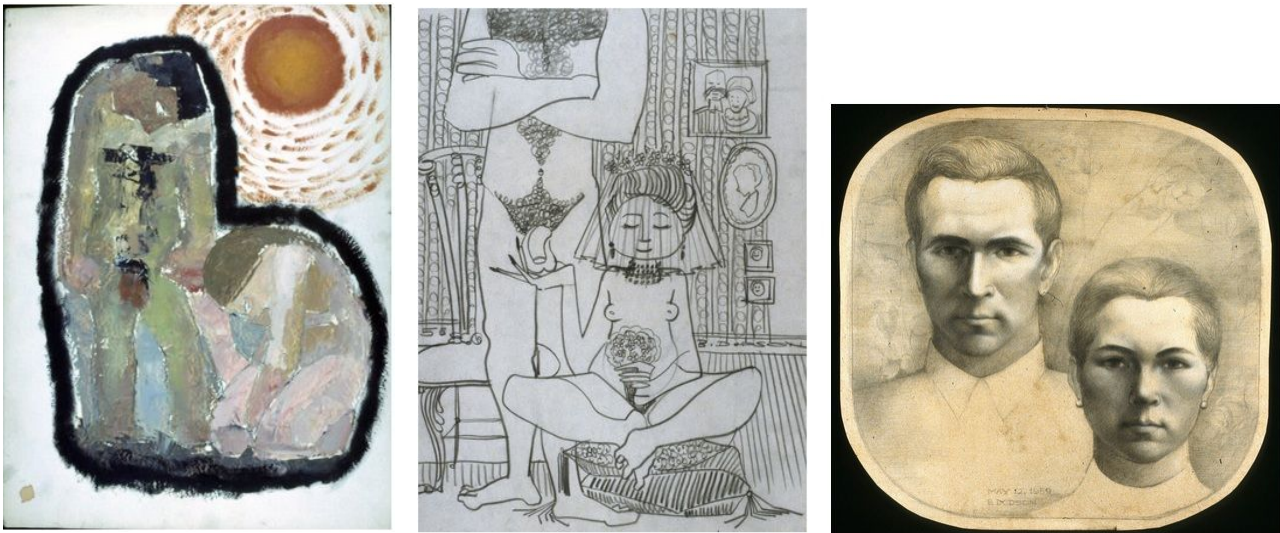
40 Disponível em: <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2014/10/wilhelm-reich-had-profound-influence-my-work>; <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2015/03/i-was-uneducated-cowgirl-kansas-dell-was-middle-class-jewish-girl>; <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2013/07/everything-he-said-about-orgasm-resonated-me> (últimos acessos em: 14 de julho de 2016)

41 IDEM

42 Disponível em: <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2011/12/awakening-clitoris> (último acesso em: 14 de julho de 2016)

43 “Betty Dodson: Her Life of Sex & Art” Partes I, II e III (published by Carlin Ross, Jul 21, 2013), Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HBa7tYoFEhA>, <https://www.youtube.com/watch?v=COpX9Z6Wt2Q>, <https://www.youtube.com/watch?v=B7lUgknyQC8>. (últimos acessos em: 10 de abril de 2017).

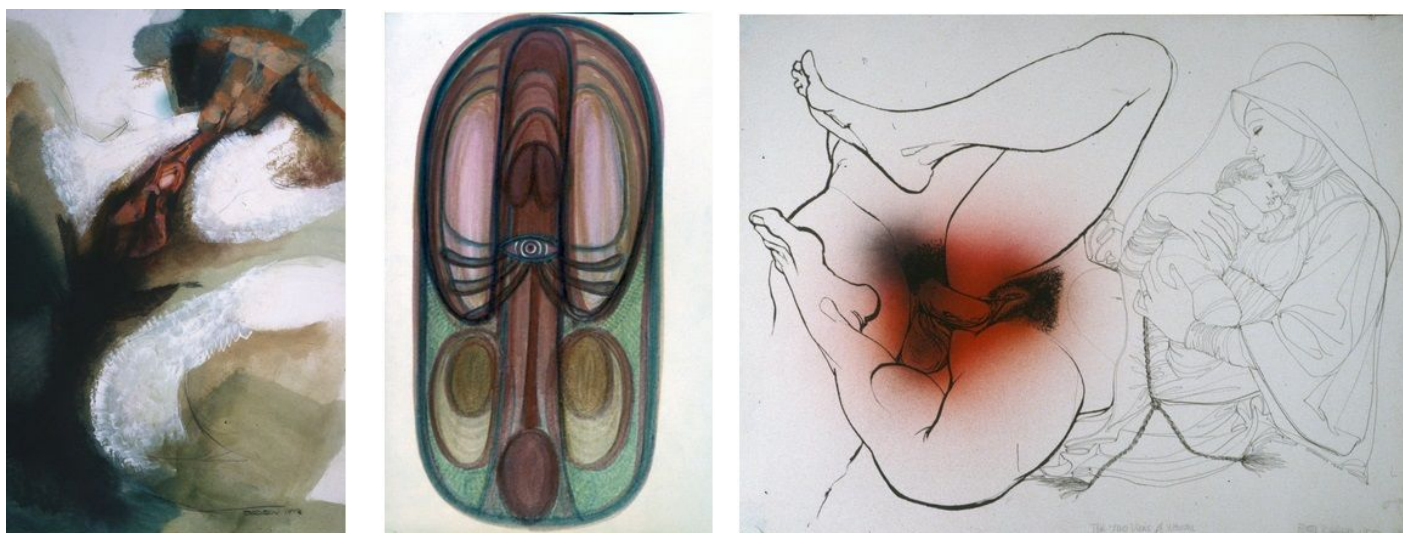
Dodson observa que a educação, na medida em que é uma forma de domesticação, tem um papel nocivo à maioria das pessoas, e atribui a naturalidade de lidar com estas questões, e sua capacidade de realizar um trabalho tão importante, à ausência de educação formal. Afirma ainda que, como artista, aprendeu logo que a melhor maneira de aprender algo é fazendo, experimentando, assim como com o desenho.



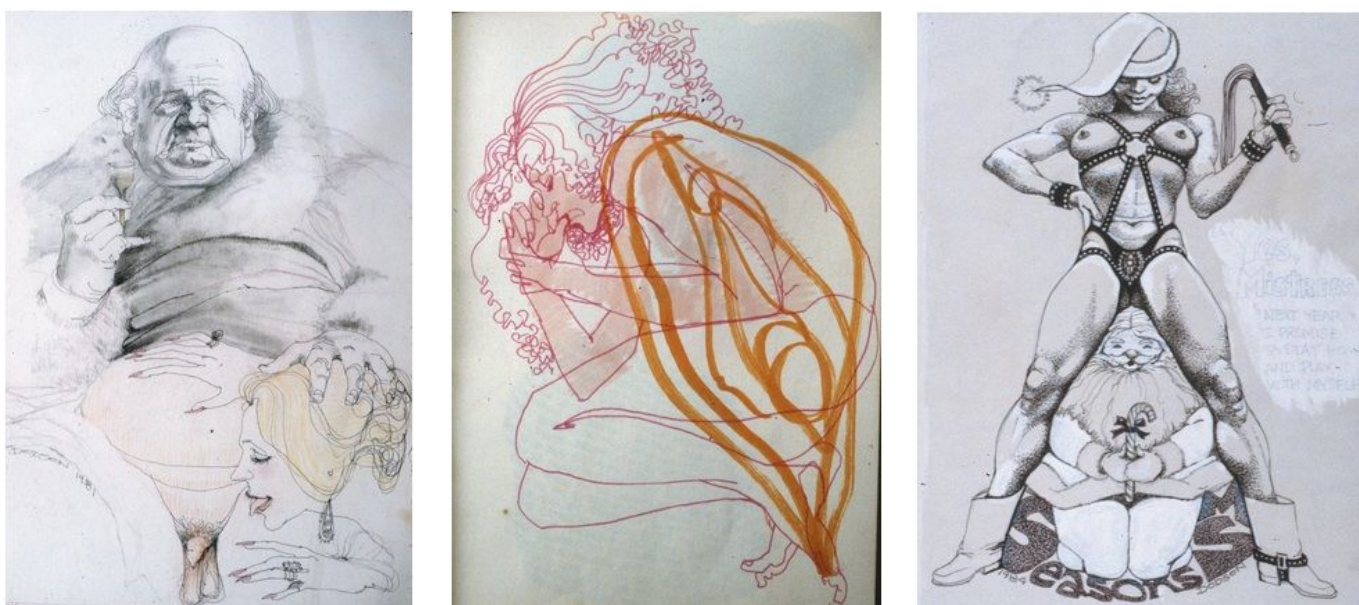
Acima, trabalhos de Dodson nos anos 1950: “Dominação Masculina”, “bolas da noiva”, (a primeira tentativa de cartão de natal de Dodson e seu marido, o qual ele recusou e nunca chegaram a enviar) e “Retrato de casamento”.
(Fonte: <http://www.dodsonandross.com>)



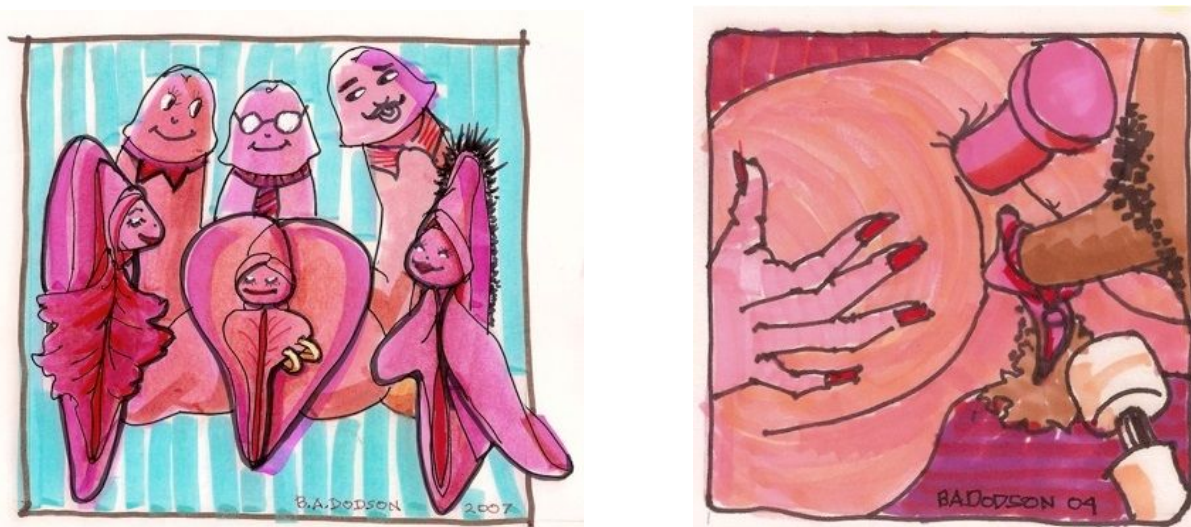
Trabalhos de Dodson nos anos 1960.
Acima “Devorando a *Mulheridade* [Womenkind]”,
“Nu masculino reclinado” e, ao lado, “Uma Pietá”.
(Fonte: <http://www.dodsonandross.com>)



Acima, trabalhos de Dodson nos anos 1970. “Meu clitóris”, “orgão sexual masculino-feminino” e “Duas visões de uma mulher”. (Fonte: <http://www.dodsonandross.com>)



Acima, trabalhos de Dodson nos anos 1980. “Capitalismo”, “Buceta-negativa [cunt negative]” e “Meu primeiro e último cartão de natal”. (Fonte: <http://www.dodsonandross.com>)



Acima, trabalhos de Dodson nos anos 2000. “Pornô da Betty 2”, “Pornô da Betty 31”. (Fonte: <http://www.dodsonandross.com>)

Em 2014, Dodson e Carlin Ross comemoraram a notícia de que o método de Dodson seria tema de uma tese de doutorado, em uma pesquisa quantitativa sobre seus efeitos nas mulheres que participavam dos *workshops*. A entrada do método no universo acadêmico, como afirmam, seria uma grande oportunidade de certificar sua importância terapêutica a partir de números, possibilitando a disseminação do método e talvez, incluindo oficinas como estas na cobertura do seguro de saúde. Configurando, segundo elas, uma vitória para as mulheres e uma grande conquista para as feministas.⁴⁴

Dodson afirma que a criação dos *workshops* esteve diretamente ligada ao seu envolvimento com o feminismo. Foi no interior do movimento que ela aprendeu que “o pessoal é político”⁴⁵. Naquele momento, as pessoas envolvidas nos movimentos de contracultura entendiam que mudariam o mundo, e as experiências faziam parte deste processo. Com relação aos *workshops*, apesar de seguirem uma metodologia, Dodson observa que cada um era uma experiência diferente, moldada a partir das mulheres que participavam dele.⁴⁶

Muitos dos problemas que as mulheres traziam vinham também da vergonha do próprio corpo e, em especial, do próprio sexo. Dodson relembra quando foi apresentada a outras vulvas por um namorado a partir de sua coleção de revistas pornôis, e que este foi um momento importante para entender que nenhuma vulva é igual à outra. Como artista, resolveu voltar seu olhar à beleza de cada uma e, em 1973, em uma apresentação na primeira – e única – conferência da NOW (National Organization for Women) sobre sexualidade, exibiu um *slideshow* com uma infinidade de fotos de vulvas de todas as cores, formas e tamanhos, nomeando-as como *Deco cunt*⁴⁷, *Barroc Cunt*,

44 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZMt6b8hocsc> (último acesso em: 01 de agosto de 2016).

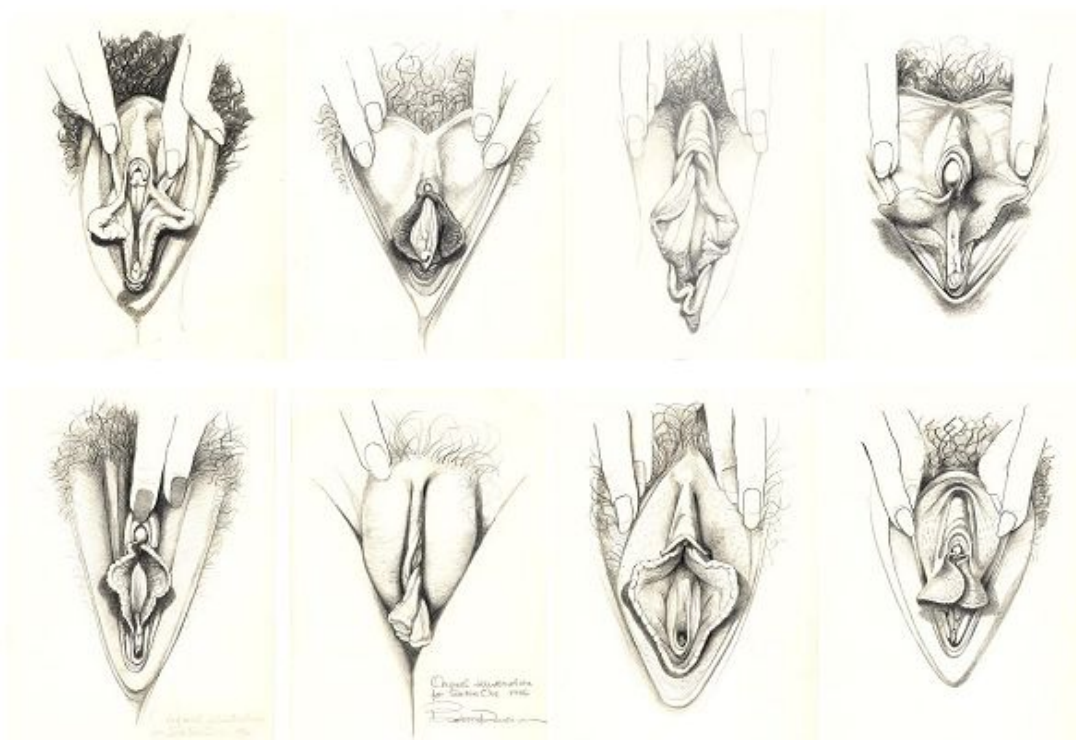
45 IDEM

46 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SK8qIDDdhvg> (último acesso em 01 de agosto de 2016); Em São Paulo, uma experiência similar aos *workshops* de Dodson tem acontecido recentemente, sob coordenação da filósofa e performer Sue Nhamandu (<http://www.rivistadiscienze-sociali.it/sue-nhamandu/>). O *workshop* visa ensinar técnicas de prazer de próstata para o homem e ejaculação feminina para mulheres. Diferente do curso de Dodson, os primeiros dias são dedicados a explanações político-filosóficas (chamada de jornada Pornoklasta), que incluem Michel Foucault, Judith Butler e Paul B. Preciado, para então, no último dia, serem explicadas e realizadas as técnicas, com todos nus, munidos de luvas de látex e lubrificante. Disponível em: <http://ondda.com/noticias/2016/08/o-dia-em-que-eu-participei-de-um-workshop-de-ejaculacao-feminina> (último acesso em 27 de junho de 2017).

47 *Cunt* se refere à vulva, mas a tradução mais apropriada em português seria *buceta*.

chamando a atenção para a particularidade de cada uma como uma obra de arte. O final da apresentação foi um dos momentos mais marcantes que viveu, quando toda a plateia aplaudiu e mostrou a energia de um momento de força e liberação⁴⁸ (WILLIAMS & VANUCCI, 2005).

Em 1974, Dodson publicou seu primeiro livro *Liberating Masturbation* [Liberando a masturbação]. Inicialmente publicado por ela mesma, o livro foi vendido para uma grande editora, em 1987, onde foi reeditado como *Sex for one* [Sexo para um]⁴⁹. As fotos originais foram substituídas por desenhos de vulvas e pênis, mas os últimos foram cortados pela editora. Um dos capítulos do livro *Liberating Masturbation* – que a princípio era um artigo de 18 páginas – era intitulado “Cunt positive”. O objetivo de Dodson não era abordar a questão dos relacionamentos, mas se voltar para o corpo e o prazer – ou o sexo consigo mesmo.⁵⁰



Original drawings by Betty Dodson
Published in her best selling book *Sex for One: the Joy of Selfloving*
All Rights Reserved © Betty Dodson 1996
www.bettydodson.com

48 Betty Dodson: *Her Life of Sex & Art Part I, II e III*, 2013, op. cit.

49 Disponível em: <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2015/03/i-was-uneducated-cowgirl-kansas-dell-was-middle-class-jewish-girl> (último acesso em 14 de julho de 2016).

50 Betty Dodson: *Her Life of Sex & Art Part I, II e III*, 2013, op. cit.

Em 2002, então com 73 anos, Dodson foi procurada por Eric Amaranth que, após terminar seu curso de psicologia aos 20 e poucos anos, queria se tornar um educador sexual. Dodson e Amaranth foram amantes por 10 anos, como parte do treinamento, e Dodson publicou o livro *Sex for Two* (2002), inspirada no relacionamento entre os dois. Hoje, Eric Amaranth atua como um *Sex life coach*⁵¹, com atendimentos individuais e para casais⁵².

No ano de 2007, Carlin Ross convidou Betty Dodson para gravar um *podcast*. Ross havia largado o trabalho na área de advocacia para se voltar às questões relacionadas ao sexo e ao feminismo. Dodson ficou encantada com Ross e lhe propôs uma parceira. Hoje, Ross trabalha junto a Dodson, e o endereço eletrônico do website *bettydodson.com* passou a ser *dodsonandross.com*. A parceria das duas, de acordo com Dodson, entre outras coisas, permite a junção de duas gerações de feministas trabalhando por um objetivo comum⁵³.

Entre as várias outras parcerias de Dodson, ela menciona o trabalho de Geof Rochester, companheiro de Ross, em seu “marketing agressivo”. Apesar de ter sempre se oposto a este tipo de abordagem, Dodson afirma:

Evitei [este tipo de gente] a maior parte da minha vida, porque eles são só números, mercado e dinheiro – o oposto da vida de uma artista idealista. Mas quer saber? Eu vi o nosso país descer ao fundo do poço devido ao marketing político de Bush e Cia. Todas essas mentiras que a mídia conta para promover a guerra. Por isso, estou disposta a usar os mesmos princípios de Relações Públicas para enviar uma mensagem de prazer sexual, saúde e paz que darão ao povo alguma esperança de prazer em suas vidas.⁵⁴

51 Um *Sex Life Coaching* é uma variação do *Life coaching*, mas voltado às questões sexuais. De acordo com o verbete em *The American Heritage Medical Dictionary Copyright*, um “life coach” seria “alguém que aconselha ou motiva outras pessoas na conquista de objetivos pessoais, tais como escolher ou mudar de carreira, melhorar relacionamentos, estabelecer metas e determinar prioridades”. Disponível em: <http://medical-dictionary.thefreedictionary.com/life-coaching> (último acesso em: 15 de abril de 2017).

52 Entre os serviços oferecidos por Eric Amaranth estão “Saying No To Infidelity and Divorce” [Dizer não à infidelidade e ao divórcio] (Disponível em: <http://www.thesexlifecoach.com/services-methods/specialized-coaching-options/saying-no-to-infidelity-and-divorce/>) e “Coaching for Conservatives” [Coaching para conservadores]. Disponível em: <http://www.thesexlifecoach.com/services-methods/specialized-coaching-options/coaching-for-conservatives/> (último acesso em: 15 de abril de 2017).

53 “My glorious summer vacation”, 2016. Disponível em: <http://dodsonandross.com/blogs/betty-dodson/2016/02/you-are-my-favorite-valentine> e <http://dodsonandross.com/sexfeature/my-glorious-summer-vacation> (último acesso em: 01 de agosto de 2016).

54 IDEM

Betty Dodson é uma figura importante no contexto da educação corporal para o prazer. Ela é citada frequentemente no chamado mercado *sex positive* para brinquedos eróticos, por suas atividades pioneiras em relação ao prazer feminino.

Em 2011, Dodson recebeu da SSSS (Society for the Scientific Study of Sexuality)⁵⁵ um prêmio por serviço de utilidade pública e, em 2012, foi premiada mais uma vez com o *Masters & Johnson Awards*, pela SSTAR (Society for Sex Therapy and Research)⁵⁶ pelo desenvolvimento de longa data de trabalhos e pesquisas. Além disso, foi nomeada entre as dez pessoas mais revolucionárias do sexo pela revista *Cosmopolitan*, e ficou em 43º lugar em uma lista das 100 pessoas mais importantes para o sexo, pela revista *Playboy*.⁵⁷

Apesar de ter desenvolvido seu método antes de certificar-se com uma formação institucionalizada, as premiações que Dodson recebeu adicionam um valor simbólico a sua capacitação, a partir de um reconhecimento oficial de sua prática. Elas certificam as práticas formalmente. Uma certificação é o que dá o caráter de verdade a alguma coisa. As premiações vieram depois de Dodson ter recebido o título de doutora em sexologia, porém, se referem à prática desenvolvida anteriormente. O título de doutora permite que Dodson também seja uma certificadora, enquanto as premiações garantem a legitimidade de seu trabalho.

Hoje, Betty Dodson continua realizando o *bodysex workshop* a cada dois anos e certificando mulheres que queiram realizar seus próprios *workshops*.⁵⁸ Além disso, vende seus próprios produtos e mantém atendimentos pessoais como *sex coach*, em Nova York⁵⁹.

55 Website da premiação: http://www.sexscience.org/ssss_public_service_award/ (último acesso em: 01 de agosto de 2016).

56 Premiações: <http://sstarnet.org/wp-content/uploads/Student-Research-Award-Winners-1.pdf> (último acesso em: 01 de agosto de 2016).

57 Disponível em: <http://dodsonandross.com/about-us> (último acesso em: 15 de abril de 2017). A lista publicada na revista *cosmopolitan* se refere aos 10 revolucionários do sexo – além de Masters e Johnson – que devem ser conhecidos. Nesta lista constam ainda Alfred Kinsey, Margaret Sanger e Mary Calderone. Disponível em: <http://www.cosmopolitan.com/sex-love/advice/a4867/sexual-revolutionaries/> (último acesso em: 15 de abril de 2017). A lista da *Playboy*, pode ser verificada no website: <http://www.thedailybeast.com/articles/2009/01/13/the-biggest-names-in-sex-1.html> (último acesso em: 15 de abril de 2017). Outros nomes que também constam na lista são: Alfred Kinsey, em primeiro lugar; Masters and Johnson, em 15º lugar; Dra. Mary Calderone, em 37º lugar; e Dell Williams em 54º lugar.

58 Disponível em: <http://dodsonandross.com/blogs/carlin-ross/2016/07/bodysex-certification> (último acesso em: 01 de agosto de 2016).

59 Betty Dodson afirma que suas sessões privadas seguem o mesmo modelo dos *workshops*, porém, voltadas apenas

Por seu pioneirismo, Betty Dodson se tornou uma referência e, ao mesmo tempo, uma certificadora de pessoas que se empreendem e trabalham no ramo. O seu reconhecimento vem por meio de sua história de militância e experimentações. Apesar de não considerar que o certificado seja o mais importante, encontrou na certificação uma maneira de difundir e validar as suas atividades.⁶⁰

Eve's Garden: feminismo no mercado

Dell Williams foi a fundadora da primeira sexshop voltada exclusivamente para mulheres nos EUA, a *Eve's Garden*. A criação da sexshop esteve ligada diretamente ao envolvimento de Williams com os movimentos de mulheres nos anos 1970 e a sua busca por independência e prazer.

Nascida no ano de 1922, de família judia que emigrara da Rússia⁶¹, Dell Williams conheceu uma América que convivia com a ascensão da URSS⁶², que experimentara os chamados anos de depressão atribuídos à crise de 1929, e que transformou a Segunda Guerra Mundial em um momento ideal para recuperação financeira. A influência do comunismo, a escassez no período da depressão que atingiu diretamente a sua família e os anos de convívio no exército durante a Segunda Guerra, foram alguns dos elementos que Williams retomou em sua biografia, publicada em 2005, e que teriam contribuído com a sua formação.

Williams também reconhece a influência da mãe como uma mulher forte e determinada, com interesse pelas artes e pelo “bem-estar dos filhos, acima de tudo”. Foi a partir das dificuldades enfrentadas por sua mãe, abandonada pelo marido durante o período da Grande Depressão nos anos

para uma pessoa. O preço do atendimento que, de acordo com Dodson não costumam ser mais de uma sessão, é de US\$1500. Disponível: <http://dodsonandross.com/private-session-dr-betty-dodson> (último acesso em: 01 de agosto de 2016)

60 Disponível em: <http://dodsonandross.com/sexfeature/how-do-you-become-sexologist> (último acesso em: 01 de agosto de 2016)

61 Entre os anos de 1880-1914 houve uma grande onda de emigração de judeus que deixaram a Rússia para escapar de perseguições religiosas e da escassez econômica. Além dos pais de Dell Williams, vieram nesta onda Emma Goldman e Alexander Berkman, entre outros anarquistas (GOLDMAN, 1931; FALK, 1984).

62 Emma Goldman, que fora deportada dos EUA em 1917, lembra que as intensas agitações anarquistas que tomavam o país no final do século XIX e início do século XX haviam sido sufocadas – em grande parte pela caça sistemática aos anarquistas pelo governo estadunidense –, enquanto os movimentos revolucionários se associavam cada vez mais ao comunismo por influência do crescimento do Estado Soviético (GOLDMAN, 1931)

1930, que Williams pôde vivenciar práticas de solidariedade e, ao mesmo tempo, reconhecer a força das mulheres diante dos obstáculos colocados por uma sociedade patriarcal (WILLIAMS & VANUCCI, 2005). Segundo Williams, as dificuldades enfrentadas durante o período da Depressão também criaram uma geração de crianças muito mais independentes, uma vez que tinham que ficar em casa sozinhas enquanto seus pais trabalhavam em qualquer coisa que aparecesse (IDEM: 27).

Em sua biografia, Williams procura mostrar o papel de suas experiências sexuais no reconhecimento do seu prazer e, ao mesmo tempo, explicitar as dificuldades associadas a uma moral patriarcal que não aceitava que a mulher ocupasse determinados papéis na sociedade. Seu primeiro namorado, quando estava no final de seu período escolar, a quem agradece imensamente e com quem nunca teve sexo com penetração⁶³, ensinou-lhe onde era o seu clitóris e como desfrutá-lo. Para Williams, esse foi um momento importante que a impulsionou na descoberta da própria sexualidade, já que havia se privado desta experiência anteriormente ao ver o irmão ser reprimido por sua mãe ao se masturbar (WILLIAMS & VANUCCI, 2005).

A segunda experiência, não prazerosa, foi com um comediante com quem tivera um breve caso e que conheceu por meio do curso de teatro da sinagoga. Como ela mesma define, ele lhe “tomou a virgindade”, uma vez que foi contra a sua vontade. Apesar da dolorosa e humilhante experiência, como Williams a classificou, ela decidiu que não a transformaria em trauma, ainda mais, quando já havia experimentando – com o outro namorado e sozinha – o quão prazerosa uma experiência sexual podia ser. Entretanto, a partir desse acontecimento, lembrou seu sentimento de culpa por ter se colocado em tal situação com o comediante – afinal, ela havia aceitado o convite para sair com o rapaz –, além da vergonha e da repulsa pelo fato de que ele, anos mais tarde, tornou-

63 Em entrevista, Joani Blanki chamou a atenção para a diferença entre “sexo” e “*intercourse*” (no inglês), o último refere-se necessariamente à relação sexual com penetração (vaginal, anal ou oral). No dicionário *Merriam-Webster*, a definição de “*intercourse*” indica uma relação sexual envolvendo os genitais de, pelo menos, uma pessoa, associada também ao sexo heterossexual. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/sexual%2Bintercourse> (último acesso em 15 de abril de 2017). No dicionário em português, não há qualquer distinção entre “sexo” e o similar “coito” ou mesmo “intercurso”. Verbete disponível em: <http://www.aulete.com.br/coito> (último acesso em 15 de abril de 2017).

se um homem de família respeitado e querido por toda a nação (WILLIAMS & VANUCCI, 2005: 39).

Ao estourar a Primeira Guerra Mundial, Williams teve outro breve caso, interrompido pelo recrutamento de seu namorado. Contudo, ela havia engravidado e, diante das circunstâncias, resolveu fazer um aborto. O processo do aborto foi mais doloroso e humilhante do que esperava, não porque ela mesma não estivesse certa do que queria fazer naquele momento, quanto a isso afirma não ter nenhum remorso, porém, ela lembra como foi recriminada pela própria equipe médica que realizava a operação, além de ter sido privada de qualquer anestesia para evitar complicações ao médico. Williams lembra da sua indignação frente a essas pessoas que iam contra seus próprios princípios morais movidos unicamente pelo dinheiro (WILLIAMS & VANUCCI, 2005).

Além dessas situações, Williams enumera outras que evidenciavam a discrepância no tratamento entre homens e mulheres com relação ao seu sexo e ao seu corpo. Cada uma destas experiências acabou se tornando combustível para sua luta pela liberação do prazer para as mulheres.

Entre o fim de seu período escolar e o início da Segunda Guerra Mundial, Williams se juntou, por um breve momento, ao Partido Comunista (IDEM)⁶⁴. Além do prazer em estar envolvida com algo que representava – aos seus olhos – uma causa nobre, Williams reflete sobre como este contato com as obras de Marx foi um importante passo no seu “caminho espiritual”. Neste sentido, observa

64 Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, nos EUA, intensificaram-se as atividades anarquistas, que passaram a ter grande repercussão com o episódio de Haymarket, em que 8 anarquistas foram executados como punição aos conflitos e à morte de um policial. Em 1903, o governo estadunidense lançou o *Immigration Act*, também conhecido como *Anarchist Exclusion Act*, que visava expulsar do país estrangeiros que tivessem ligados a atividades anarquistas. Em 1918, a noção de anarquista no conteúdo da lei foi ampliada, bem como foram facilitados os mecanismos do processo para deportação. Em 1917 estourou a Revolução Soviética na então Rússia czarista e, em 1919, Emma Goldman e Alexander Berkman foram deportados dos Estados Unidos para a URSS. A caça aos anarquistas em território estadunidense nas décadas anteriores resultou ainda na execução dos italianos Sacco e Vanzetti, em 1927, mesmo após uma forte campanha internacional em prol de sua libertação. As décadas seguintes, atravessadas por duas grandes guerras, foram de expansão do comunismo nos Estados Unidos e em outras partes do planeta. No Brasil, a história teve algumas semelhanças. Também no final do século XIX e início do XX, as atividades anarquistas se tornaram intensas no país. Assim como nos EUA, muitos anarquistas aqui eram imigrantes, e o governo respondeu com a Lei Afonso Gordo, que tinha como objetivo a expulsão dos mesmos. O crescimento do partido comunista no Brasil se deu tanto pela influência da Revolução Soviética, como pelas próprias leis trabalhistas que começaram a ser implantadas no país.

que a famosa citação de Marx sobre a religião ser o ópio do povo é geralmente colocada fora de contexto. A partir de uma citação, reproduzida do artigo “Laying to Rest Beliefs on Religion and Politics” [Deixando para trás crenças sobre a religião e a política], de Christopher Hitchens, afirma que Marx não era contra a religião em si, mas contra as grandes organizações religiosas que pretendem controlar as pessoas (WILLIAMS & VANUCCI, 2005: 47).

No início da Guerra, alistou-se ao exército (IDEM: 48). Para Williams, além da possibilidade de trabalhar com o teatro, que era sua paixão, para entreter os soldados, esse momento foi importante por conta das experiências coletivas e do espírito de camaradagem – que só encontrou novamente quando se juntou ao movimento das mulheres no início dos anos 1970 (IDEM: 54).

A vontade de estar ligada a uma causa nobre aparece no decorrer de toda sua biografia, quando relata, por exemplo, o momento em que teve a oportunidade de trabalhar com a ONU, da qual foi privada posteriormente pelo fato de ter feito parte do Partido Comunista na juventude e trabalhado pela liberação de artistas de Hollywood que haviam sido banidos durante o período do Macartismo e do HUAC (House Un-American Activities Committee – Comitê de Atividades Antiamericanas)⁶⁵.

Ao final de seu único casamento – com um homem mais jovem –, resolveu sair de Nova York e procurar trabalho em alguma área profissional predominantemente masculina, buscando anúncios na seção “para homens” dos classificados de empregos. A partir daí, trabalhou com contabilidade e, posteriormente, em empresas de propaganda, destacando-se e alcançando o sucesso em atividades empresariais que não eram comuns às mulheres (WILLIAMS & VANUCCI, 2005).

Foi da janela de uma destas empresas de propaganda que Williams tomou conhecimento da marcha de mulheres, nos anos de 1970, e resolveu se juntar a elas. Essas e outras experiências – em

65 “O House Un-American Activities Committee (HUAC) foi criado em 1938 para investigar suposta deslealdade [ao governo estadunidense] e atividades subversivas por parte dos cidadãos, funcionários públicos, e organizações supeitas de terem laços comunistas”. Disponível em: <https://www2.gwu.edu/~erpapers/teaching/glossary/huac.cfm>, (último acesso em 23 de maio de 2017).

especial as posteriores, dentro do movimento feminista – fizeram parte de um percurso que resultou, na mesma década, na criação de uma sexshop voltada para mulheres, localizada em Nova York.

As experiências de Williams são importantes na medida em que refletem a conjunção de uma busca pela independência das mulheres e por experimentações de prazeres, ligadas a um sentimento de pertencimento a uma causa nobre, não apartada das experiências pessoais. Relacionados mais diretamente à liberação de sua sexualidade, Williams identifica dois momentos importantes em sua história: o contato com a obra de William Reich e com o trabalho de Betty Dodson.

Uma das coisas que Dell Williams coloca em sua biografia é que, no momento em que nasceu, as mulheres já tinham direito ao voto, mas ainda não tinham orgasmos.⁶⁶ Ao invés destes, dizia-se que as mulheres tinham crises histéricas. Williams acrescenta ainda que, até 1952, o desejo sexual das mulheres era classificado como condição médica pela *American Psychiatric Association* (WILLIAMS & VANUCCI, 2005: 13-15).

Em 1949, o livro *A função do orgasmo* saltou aos olhos de Williams em uma livraria em Los Angeles, na Califórnia. A leitura ampliou seu conceito de sexo para além de um determinado contato entre dois corpos. Para Williams, a obra de Reich colocou o sexo como o eixo essencial da vida humana, além de ser fonte de problemas relativos a toda a sociedade, e não somente ao indivíduo (IDEM: 74-75).

Outro momento importante para Williams foi sua própria experiência com um terapeuta reichiano. Foi por meio das técnicas que associavam o trabalho sobre o corpo – no sentido de abrir as couraças causadas pelas tensões emocionais, como definiu Reich – e sobre a psiquê, a partir da identificação e verbalização dessas feridas emocionais, que Williams conseguiu se ver livre de um período de reclusão e dores de cabeça excruciantes. Foi na identificação do ressentimento de sua

66 Na história oficial do feminismo estadunidense existe uma classificação que reconhece três ondas do feminismo. A primeira onda estaria associada ao movimento das “sufragetes”, na luta pelo direito das mulheres ao voto, no final do século XIX e início do XX. A segunda onda do feminismo é classificada como um movimento em que, para além das questões de direitos legais, volta-se contra os costumes patriarcais, com atenção à violência contra as mulheres, e às desigualdades sociais, que teria emergido nos anos 1960-1970. Finalmente, a chamada terceira onda, é considerada resultado das disputas nos anos 1980 entre duas vertentes do feminismo em torno da sexualidade e das múltiplas identidades, constituiria-se a partir dos anos 1990.

mãe em deixar de lado a própria vida para cuidar dos filhos que William reconheceu a fonte de sua couraça emocional (IDEM: 96-97).

O contato com o trabalho de Betty Dodson começou quando Dell Williams frequentou uma oficina de masturbação na casa dela, só com mulheres. Todas as presentes – incluindo Dodson – estavam nuas. No primeiro momento, cada mulher foi apresentada a um espelho em sua frente e orientada a abrir bem as pernas para poder olhar e aprender mais sobre a própria vulva. Essa foi a primeira vez que Williams viu a sua, quase aos 50 anos de idade, e também a primeira vez que viu tantas outras vulvas – nenhuma igual à outra. Segundo Williams, este foi um momento revolucionário em sua vida (IDEM: 143).

O trabalho de Dodson – não somente durante a oficina –, ensinou a Williams que “para alguém abordar a vida com uma atitude positiva frente ao sexo [ou, *sex positive*], é preciso, primeiramente ter uma atitude positiva quanto ao próprio corpo”⁶⁷ (IDEM: 151).

No segundo dia da oficina, cada uma das mulheres foi apresentada ao *Hitachi Magic Wand*. O massagedor não foi introduzido no mercado como vibrador genital, mas é considerado nos EUA um dos vibradores mais populares, premiado em 2013 na categoria “Sex Toy preferido para mulheres” pelo *The Sex Awards*, e, em 2015, na categoria “Melhor sex toy para mulheres” pelo *The SHE Awards*⁶⁸. Considerado o “cadillac” dos *sex toys*, o *Magic Wand* ainda figurou em muitos clássicos do pornô dos anos 1970. De acordo com Carol Queen, ainda na década de 1920, foram os filmes pornôs que começaram a desmascarar publicamente o uso de vibradores para o prazer feminino.⁶⁹

Ao final da oficina, Williams decidiu comprar seu próprio *Magic Wand* em uma famosa loja de departamento. Ao perguntar sobre o massagedor a um jovem atendente, o rapaz,

67 O termo *sex positive* é, na atualidade, muito comum no campo da sexualidade e do mercado erótico nos Estados Unidos. A origem de seu uso, no entanto, não é conhecida. Em entrevista, Joani Blank diz que o termo é, em geral, associado a ela, mas que ela mesma não acredita que o tenha introduzido (BLANK, 2016: entrevista).

68 *The Sex Awards*, disponível em: <http://www.thesexawards.com/>; *The Sexual Health Expo Awards*: <http://www.sexualhealthexpo.com/>. (último acesso em 16 de julho de 2016).

69 Disponível em: https://www.vice.com/en_us/article/fucking-hysterical-a-timeline-of-vintage-vibrators; <https://dildographer.com/2012/05/04/why-the-movie-hysteria-gets-its-vibrator-history-wrong/> (últimos acesso em 16 de julho de 2016).

indiscretamente, questionou para que fins ela o queria. A experiência, segundo ela, foi vexatória (o que não a impediu de comprar o objeto) (WILLIAMS & VANUCCI, 2005: 148-149). A partir dali, buscou de todas as maneiras convencer suas amigas lojistas a venderem o produto, de modo que outras mulheres pudessem comprá-lo sem serem interpeladas por ninguém (IDEM: 160).

Diante do fracasso em convencer os outros, e seguindo os conselhos de Dodson, que se tornara uma grande amiga, Dell Williams resolveu abrir sua própria sexshop, voltada para mulheres. Naquele momento, Dell Williams havia acabado de perder sua grande paixão. Por pouco mais de um ano vivera com sua amante, até que ela falecesse em decorrência de um câncer de mama. A descoberta de seu interesse por mulheres foi possibilitada dentro do universo feminista, como a mesma ressalta (IBIDEM: 153). A ideia da loja foi, para ela, um ótimo refúgio para sua grande perda (IBIDEM: 161).

A *Eve's Garden* começou suas atividades em setembro de 1974. Os três únicos produtos disponíveis eram: o *Hitachi Magic Wand*, o *Prelude 3*, e o livro de Betty Dodson, *Liberating Masturbation*.



À esquerda, *Hitachi Magic Wand* (fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FH8zGc8WTCA>);

À direita, *Prelude 3* (fonte: <http://www.nerve.com/love-sex/hysterical-women-a-visual-history-of-the-vibrator>)

Antes de começar os negócios com a *Eve's Garden*, Williams fora interpelada por um empresário que havia desenvolvido seu próprio vibrador, o *Prelude 3*. A proposta era vender o

produto – que possuía um dispositivo arredondado, especialmente para massagem clitoriana – nos eventos da NOW (National Organization for Women)⁷⁰, organização à qual Williams havia se associado (WILLIAMS & VANNUCI, 2005: 160).

As primeiras vendas foram realizadas por meio do seguinte anúncio na *Ms. Magazine*⁷¹: “Vibradores liberadores e outras coisas prazerosas para mulheres, de uma empresa dirigida por uma feminista. Envie 25 cents para obter nosso catálogo. *Eve's Garden*, 119 W. 57th St., NYC.” (IDEM: 179). Com o tempo, a partir de contatos diretos com médicos e terapeutas ou organizações relacionadas a eles, Williams começou a receber clientes por meio de suas indicações⁷² (IDEM: 181).

As vendas cresceram e o serviço de correio foi transferido da casa de Williams para um escritório. Apesar de o negócio não gerar rios de dinheiro, foi o suficiente para que ela pudesse largar o emprego como executiva em uma agência publicitária. Enquanto a repercussão da loja na imprensa europeia crescia, nos Estados Unidos ela ainda estava restrita a um par de revistas. Williams, então, resolveu abrir seu próprio estabelecimento – na mesma localização do escritório – para operar a loja. De acordo com ela, era um espaço acolhedor e exclusivo para mulheres, onde elas poderiam explorar a própria sexualidade com privacidade e segurança (IDEM: 183). Em 1979, a loja mudou para um estabelecimento de portas para a rua.

Além de aumentar a variedade dos produtos, Dell Williams contratou e treinou mulheres que tivessem conhecimento e sensibilidade suficientes para guiar e dar conselhos a outras mulheres sobre questões referentes à sexualidade. Somado a isso, frequentou uma série de cursos para ampliar o seu conhecimento, escreveu folhetos didáticos para acompanhar os produtos e abriu o

70 A National Organization for Women (NOW), fundada em 1966, é considerada uma das organizações feministas de maior influência nos Estados Unidos. Segundo Josh Sides, o início dos anos 1970 marcaram uma mudança na organização que passou a incluir a causa lésbica, opondo-se a declarações preconceituosas como a de Betty Friedan – uma das fundadoras da NOW – em relação a gays e lésbicas (SIDES, 2009: 114).

71 Revista feminista fundada em 1971. Disponível em: <http://msmagazine.com/> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

72 Williams não especifica quais especialidades de médicos, mas menciona uma carta de uma cliente que tomou contato com o catálogo da *Eve's Garden* em um consultório médico.

espaço para oficinas como as de Betty Dodson (IDEM). O tempo dedicado à NOW também tornou-se restrito. Quanto a isso, Williams se justificou:

O que eu estava fazendo no *Garden*, estava fazendo como feminista e, ao difundir a mensagem de liberação sexual de meu escritório na Fifth-seventh Street, eu preenchia admiravelmente meu tempo e meu desejo de contribuir à causa. Comecei a ser vista como uma porta-voz da causa da liberação sexual (IDEM: 184).

Entre as atividades realizadas por Dell Williams estavam encontrar novos produtos, testá-los, descobrir livros, técnicas e outras novidades. Já entre o final dos anos 1990 e início dos 2000, com o sucesso da série televisiva *Sex and the City*, Williams afirma que passou a assistir aos episódios do programa para que pudesse estar a frente do estoque, quando produtos como as *pearl panties*⁷³ [calcinhas com pérolas] – que, sem dúvida, suas clientes solicitariam assim que a loja abrisse no dia seguinte – figurassem no programa (IDEM: 190).

Williams ressalta, entretanto, que nem todas as demandas de suas clientes foram bem recebidas por ela, em especial nos primeiros anos da loja. Os equipamentos de BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo), como roupas de couro, algemas e chicotes, entravam em conflito com seus ideais feministas por conta da questão da submissão e dominação no sexo (WILLIAMS & VANUCCI, 2005:191). No final dos anos 1970 e no decorrer dos anos 1980, como observam Josh Sides (2009), Gayle Rubin (1993), entre outros, houve uma disputa no interior do movimento feminista, nomeada posteriormente como “guerra do sexo feminista” [*feminist sex war*], que também foi denominada como uma disputa entre feministas anti-pornografia e feministas pró-sexo, como mencionado no início desta série.

73 O episódio em questão foi ao ar em 2002. A calcinha, em formato fio dental, possui pérolas na parte que toca a vagina, com o objetivo de estimular o clitóris enquanto a mulher se movimenta. A revista *Cosmopolitan* fez uma reportagem sobre a calcinha a partir do episódio da série *Sex and the City* intitulada “Pearl panties e Sex and the City”. Disponível em: <http://www.cosmopolitan.com/sex-love/advice/a5588/pearl-thong-experimen> (último acesso em 16 de agosto de 2016). Este, no entanto, não foi o único brinquedo sexual que apareceu na série: um vibrador conhecido como *rabbit* ficou famoso e teve alta procura entre consumidores após aparecer em um dos episódios; mamilos falsos também foram apresentados no programa, e mesmo o famoso *Hitachi Magic Wand*. A presença dos objetos no programa não é negativa, mas sempre ressalta as relações entre as pessoas em que o objeto deve ser um coadjuvante. Em 2003, Kim Cattrall, uma das principais atrizes da série, cuja personagem é majoritariamente sexual, lançou o livro *Satisfaction: The Art of the Female Orgasm* e, em 2005, publicou, o livro produzido com a ajuda de Betty Dodson (Disponível em: <http://dodsonandross.com/node/1620>), *Sexual Intelligence*, que se desdobrou em um DVD com a presença de Betty Dodson entre outros especialistas.

Em seu processo de busca pelo próprio prazer, Williams constatou certa incompatibilidade em relação ao sexo com penetração. Segundo descreve, as relações sexuais com penetração tinham para ela, a princípio, um caráter de dar prazer ao parceiro, mais do que desfrutá-lo em conjunto. Incomodava-lhe a sensação de poder do homem sobre ela, uma vez que os padrões de prazer sexual haviam sido determinados pelos homens (WILLIAMS & VANUCCI, 2005: 76).

A partir do envolvimento com as feministas e, em especial, com Betty Dodson, Williams percebeu que o conhecimento sobre o próprio corpo e sobre o próprio prazer ampliam as experiências prazerosas. Identificou, em sua biografia, que estes conhecimentos adquiridos a partir de eventos e no convívio com essas pessoas eram sinônimo de poder, afirmando, assim que “conhecimento é poder” (IDEM: 152).

Em um breve relato sobre como começou o seu envolvimento íntimo com mulheres, Williams relembra uma frase do diplomata e político estadunidense Henry Kissinger que, segundo ela, apesar da imprevista relação, “abriu sua visão”. A frase é: “o poder é o maior afrodisíaco”, citada em 19 de janeiro de 1971 e em 28 de outubro de 1973 no jornal *The New York Times*, na época em que Kissinger era Assessor de Segurança Nacional dos EUA, durante o governo de Richard Nixon. A partir dessa frase, Williams definiu que se a atração de uma mulher por um homem está relacionada ao seu desejo pelo poder deste homem, no momento em que a mulher é dona desse poder por si mesma, ela é livre para se apaixonar e se envolver com qualquer outra pessoa (IDEM: 153-154). Tal reflexão mostra uma produção de desejos por meio das relações de poder, ao mesmo tempo que traduz a igualdade em um relacionamento pelo viés das negociações. Ou ainda, de modo diferente, pode-se dizer que a igualdade significa igualdade política/econômica e que, a partir desta, liberdade é poder negociar.

Em documento da ONU Mulheres intitulado “Princípios de empoderamento feminino: igualdade significa negócios” (2011), afirma-se que “num mundo cada vez mais globalizado e interligado, a utilização de todos os ativos socioeconômicos é essencial para o sucesso”, mais

adiante acrescenta: “o investimento em mulheres pode render um ‘dividendo de gênero’ lucrativo, (...) que incentiva os setores público e privado a colher esse benefício ao investir em mulheres e levá-las a cargos de liderança”. Apesar de escrever em um momento anterior à declaração da ONU, a relação de igualdade entre homens e mulheres proposta no documento, não parece se distinguir daquela buscada por Williams. Neste sentido é possível, portanto, fazer uma conexão entre a relação que ela estabelece a partir da frase de Kissinger e o que se entende hoje por empoderamento feminino, na medida em que a liberdade está relacionada à possibilidade de fazer parte do jogo das negociações.

Em função da demanda por objetos de BDSM, Dell Williams foi colocada diante de uma nova questão por seus próprios funcionários e clientes. Se o sexo tem que ser liberado, porque alguém não pode sentir prazer nesse jogo de dominação e submissão? Em que medida seria ela a pessoa a *julgar* (itálico de Williams) a preferência sexual dos outros? Com o tempo, versões mais amenas de algemas e chicotes foram incluídas nas estantes da *Eve's Garden* (WILLIAMS & VANUCCI, 2005).

Houve outros momentos em que Williams convidou suas clientes a participarem e se posicionarem sobre a produção de um objeto, como quando da introdução de dildos no mercado de orientação feminista que, até então, só vendia vibradores. O primeiro dildo em sua loja foi o de Gosnell Duncan.

Duncan costumava trabalhar com silicone em uma empresa automecânica. Em 1965, sofreu um acidente no trabalho que o deixou paralisado da cintura para baixo. Apesar de todo o suporte de sua esposa – que se casara com ele no hospital –, poder satisfazê-la sexualmente era uma questão importante para Duncan, e isso significava encontrar um substituto para o seu pênis. Ele afirma que a questão do sexo ainda era pouco considerada pelo movimento de deficientes, com o qual se envolveu no final dos anos 1960.

Em 1971, durante um evento para pessoas com deficiência realizado em Indianápolis (Indiana), teve a oportunidade de assistir uma mesa sobre “sexo e deficiência”. Apesar dos

palestrantes levantarem os problemas, não havia muitas sugestões sobre como solucioná-los. Duncan aproveitou a oportunidade para sondar o interesse do público presente comprar dildos para substituir o pênis. A resposta da maioria foi afirmativa, e Duncan começou a pesquisar materiais que pudessem servir de matéria-prima para a fabricação de dildos. Por conta de sua experiência com silicone, e com a ajuda de especialistas, conseguiu produzir um silicone que não fosse tóxico para o corpo humano e que se aproximasse ao máximo possível do toque da pele humana. Até então os dildos existentes no mercado eram de má qualidade, derretiam com o calor e muitas vezes causavam reações alérgicas (LIEBERMAN, 2015: online).

Com a baixa receptividade no mercado voltado para deficientes, Duncan entrou em contato com Dell Williams por meio de um anúncio da *Eve's Garden* (IDEM). Apesar das vantagens do produto de Duncan sobre os outros disponíveis no mercado, Williams, insatisfeita com o visual peniano extremamente realista, resolveu fazer uma consulta às suas clientes perguntando o que elas buscavam em um dildo. A resposta foi: “algo não necessariamente comprido, mas afilado; não necessariamente largo, mas ondulado no meio; maleável e fácil de cuidar; e em cores bonitas” (WILLIAMS & VANACCI, 2005: 193).

Duncan aceitou as recomendações de Williams e então surgiu o *Venus*, primeiro dildo com alguma aceitação entre as consumidoras feministas. Alguns anos depois, outra sexshop orientada especialmente (mas não exclusivamente) para mulheres na Califórnia, a *Good Vibrations*, inseriu o produto entre suas mercadorias (LIEBERMAN, 2015: online).

A loja de Dell Williams continuou a crescer, mudou-se do quinto andar, onde estava localizada em um prédio comercial, para um espaço de portas para a rua. Incorporou o público masculino entre seus clientes, foi vendida a um investidor em Boston, tornando-se novamente uma loja de entrega por correio, para depois voltar ao mesmo escritório e às mãos de Williams, que a retomou em situação catastrófica (WILLIAMS & VANUCCI, 2005).

A história relatada na biografia de Williams, é interrompida no ano de 2004, momento em que o governo de George W. Bush investia em políticas mais restritivas em torno do sexo e do corpo. Dell Williams faleceu em 11 de março de 2015. Na última década, a loja em Nova York vem sendo dirigida por Kim Ibricevic, no mesmo endereço na 57th Street.

No website da loja, os produtos estão separados por categorias ou marcas. Entre as categorias estão: dildos, *other sex toys* [outros sex toys], *mood setters and lubes* [afrodisíacos e lubrificantes], *books* [livros], DVDs, *health and accessories* [saúde e acessórios], *for couples* [para casais], *for men* [para homens], *gift ideas* [presentes], *clearence* [higienização].⁷⁴

A categoria “other sex toys” inclui objetos para *bondage* (técnica de imobilização), anal, *harnesses* [cintas], e outros. A parte dedicada ao BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo) agora abriga também alguns objetos de metal e couro, em relação aos quais Williams ainda era um pouco receosa em 2004. Os objetos para festas de despedida de solteira (*bachelorette parties*), que atualmente são comuns nas lojas do ramo, não constam entre as categorias ou subcategorias, entretanto, o blog (que faz parte do website) contempla um guia de produtos destinados ao “*Bridal shower*” [chá de noiva].

No website também não há uma sessão para eventos, mas no blog há alguns anúncios de oficinas como: “*Customize your 'playtionship'*” [Personalize seu 'relacionamento-lúdico/alegre']; “*Erotica writting 101*” [Escrita erótica para iniciantes]; “*The power of NO*” [O poder do NÃO]⁷⁵. Além das oficinas, outros eventos realizados pela *Eve's Garden* são: “*Celebrate Cinco de Mayo*” [Celebre cinco de maio]⁷⁶; “*Pride and Prosecco*” [Orgulho e prosecco]; “*Enjoy Champagne and Chocolate while picking our something special for Valentine's Day*” [Desfrute de champagne e

74 Disponível em: <https://www.evesgarden.com/> (último acesso em: 15 de julho de 2016).

75 Disponível em: <https://www.evesgarden.com/search?q=workshop> (último acesso em 15/07/2016).

76 Cinco de maio é uma data que virou símbolo da celebração mexicana nos Estados Unidos. A data se refere à vitória do exército mexicano sobre o exército francês em 1862 e, de acordo com David Hayes-Batista, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, acabou assumindo uma celebração diferenciada nos Estados Unidos que remete a união de estadunidenses e latinos durante a guerra civil. Disponível em: <http://newsroom.ucla.edu/stories/cinco-de-mayo-just-as-american-271607> (último acesso em: 23 de maio de 2017).

chocolate enquanto escolhe algo especial para o dia dos namorados]⁷⁷. Além do website, no entanto, a loja possui também uma página no Facebook, Twitter e Instagram.⁷⁸

A primeira postagem na página do Facebook data de julho de 2009, no Twitter o primeiro post é de abril de 2011, e no Instagram, janeiro de 2015. Estas datas sugerem o momento em que estes meios eletrônicos passaram a integrar a rede de comunicação e divulgação da loja. O website, reformulado em julho de 2015, três meses após a morte de Williams, funciona como uma loja virtual que pode redirecionar os seus clientes para as redes sociais e o blog, como fontes de informação também operando no sentido inverso, redirecionando acessos para o website da loja.

Na página do Facebook há muitos destaques para conteúdos e produtos relacionados à trilogia *Cinquenta tons de cinza*. Apesar de serem imagens externas, isso é, não publicadas diretamente pelo administrador da página da *Eve's Garden*, chama a atenção o número de postagens em que figuram casais heterossexuais após a morte de Williams. Ainda que a fundadora da loja não estivesse mais em atividade direta no empreendimento, a disparidade com as imagens disponibilizadas antes de sua morte sugere que houve uma mudança no filtro das publicações, ainda que isso tenha sido efeito de um certo respeito a Williams e não necessariamente pela sua intervenção.

O slogan original da loja – ainda presente no Facebook e no Twitter – “*We grow pleasurable things for women*” [Nós cultivamos coisas prazerosas para as mulheres], atualmente não está presente (ou ao menos não facilmente localizado) no website. No lugar, destacam-se “*Perfecting Discretion since 1974*” [Aprimorando discricção desde de 1974], abaixo do logo, e “*Shop Discreetly. Shop Beautifully*” [Compre discretamente, compre lindamente], no canto superior direito de cada página.

77 Nos Estados Unidos, o “dia de São Valentim” é comemorado em 14 de fevereiro, e não diz respeito exclusivamente a um namorado ou namorada, mas alguém que se quer bem. Disponível em: <https://www.evesgarden.com/search?q=events> (último acesso em 15 de julho de 2016).

78 Disponível em: <https://www.facebook.com/EvesGardenBoutique/>; <https://twitter.com/evesgardenshop>; <https://www.instagram.com/evesgardenshop/> (últimos acessos em 15 de julho de 2016)



Acima, logo da loja, no Facebook.
Ao lado, anúncio de lançamento do novo website em que estão presentes o antigo e o novo slogan.



Em sua biografia, quando traz a questão da introdução de produtos BDSM em sua loja, Williams já assinala que havia uma discordância entre a sua perspectiva sobre a loja e a dos funcionários.

Outro ponto inaugurado nos meios de comunicação da loja após o falecimento de Williams é a introdução no website de sugestões para festas de despedidas de solteira ou chá de noiva, cuja imagem aparece também no Twitter, com mais frequência, e no Facebook.

Em sua biografia, Williams afirmou que sentia certa ambivalência em relação ao casamento. Por um lado, entendia sua importância enquanto sinônimo de uma relação amorosa e de suporte entre duas pessoas, que não necessita de uma declaração em papel. Entendia também que o reconhecimento da comunidade é importante, pois “fornece o suporte social e o quadro legal no qual o novo casal pode progredir mais segura e alegremente através de sua união” (WILLIAMS & VANUCCI, 2005: 157). Por outro lado, Williams afirmava que o casamento aos olhos da comunidade só tinha valor enquanto uma declaração oficial, o que explicaria a aceitação da

comunidade de uma relação heterossexual, mas não de uma relação entre duas mulheres. (IDEM). A ambivalência de Williams aparece, neste sentido, como uma questão de reconhecimento. Sobre a instituição, ela afirma:

O casamento, como mencionei, é uma instituição da qual eu desconfio. Acredito que ela deva ser, se não suprimida, ao menos redefinida. Talvez possamos fortalecer a instituição do casamento (...) se a considerarmos menos em função de qual sexo o casal pode ou não compartilhar, e mais sobre a permanência do amor (IDEM: 158).

***Good Vibrations* e a educação sexual**

Poucos anos depois da inauguração da *Eve's Garden* na costa leste dos Estados Unidos surge, na outra extremidade do país, mais especificamente em São Francisco, Califórnia, uma sexshop voltada especialmente – mas não exclusivamente – para mulheres. No ano de 1977, Joani Blank⁷⁹ inaugurou a primeira loja da *Good Vibrations*, logo após ter fundado a editora *Down Press*, em 1975. Dell Williams menciona em sua biografia, a importância da nova loja para a expansão do entendimento dos ideais que levaram ela e Blank a começarem seus negócios (IDEM: 187). Afirma ainda que há 30 anos ambas elas sido competidoras amigáveis, e que, a cada barreira que uma ultrapassa, as duas são beneficiadas (IBIDEM).

Blank nasceu no ano de 1937, em Boston, no estado de Massachusetts e, assim como Williams, em uma família judia. No começo dos anos 1960, formada em Antropologia/Sociologia, pela Faculdade de Ohio, e depois de ser liberada da *Peace corps*⁸⁰, antes que fosse enviada para servir no exterior, Blank rumou para Honolulu, no Havaí, onde se formou na área de Estudos Asiáticos com concentração em Saúde Pública. Pouco tempo depois, voltou para os Estados Unidos, onde recebeu seu título de Mestre em Saúde Pública, na área de concentração de Educação em

79 Infelizmente, soube que Blank faleceu em 06 de agosto de 2016.

80 O *Peace Corps* é um programa de voluntariado que atua em parceria com as lideranças dos chamados países em desenvolvimento, administrado pelo governo dos Estados Unidos e criado por John F. Kennedy em 1961. Informação disponível em: <https://www.peacecorps.gov/> (último acesso em: 15 de julho de 2017).

Saúde Pública, pela Universidade da Carolina do Norte, em 1965. Naquele momento, o interesse de Blank era em Planejamento Familiar (BLANK, s/d: online).

Em 1971, mudou-se para São Francisco, na Califórnia, onde começou a trabalhar com Planejamento Familiar. Interessava-se, a princípio, pelo controle de população, uma vez que àquela época se falava muito sobre a escassez de recursos no planeta em função do alto crescimento populacional. Segundo Blank, seu trabalho consistia em dizer quem e como não se deveria ter filhos (BLANK, 2016: entrevista).

O trabalho com o planejamento familiar, no entanto, levou Blank a notar que um dos motivos que dificultava às mulheres tomarem decisões sobre a gravidez e terem controle sobre os métodos contraceptivos era o fato de se sentirem desconfortáveis com a própria sexualidade (IDEM). Apesar de não ser incentivada a falar sobre sexo no Programa de Planejamento Familiar (IDEM), o envolvimento com Maggi (Marguerite) Rubenstein – terapeuta sexual e educadora sexual que fundou o Glide Memorial Church's National Sex Forum, o San Francisco Sex Information, e o Institute for the Advanced Study of Human Sexuality – em seu grupo de conscientização de mulheres e, posteriormente, o seu envolvimento no San Francisco Sex Information (SFSI) como voluntária a colocaram diante da importância da questão do prazer para as mulheres (BLANK, s/d: online).

Na década de 1970, como afirma Blank, era comum para muitas mulheres o envolvimento em grupos de orientação feminista, onde se discutia muito a autonomia da mulher em todas as esferas da vida, e a recente invenção da pílula contraceptiva trouxera para o feminismo uma atenção maior à questão do prazer (BLANK, 2016: entrevista).

Essa transformação dos costumes que ganhou força entre os anos 1960 e 1970 já se anunciava na vida de Blank, no interior da própria família. Ela afirma que os seus pais tinham uma abordagem bastante aberta – ou, progressista, em seus termos – no que se refere ao sexo. Recorda, quando criança, que ao encontrar um diafragma entre os objetos de sua mãe, a mesma explicou-lhe, sem

alardes e sem mistérios, qual o propósito daquele objeto. A abordagem de seus pais com relação ao sexo, não mudou mesmo com a maturidade, como afirma (BLANK, 2016: entrevista).

Seu trabalho como voluntária no SFSI (San Francisco Sex Information) foi uma porta de entrada para o trabalho no Programa de Aconselhamento Sexual, recém-criado no centro médico da Universidade da Califórnia, em São Francisco. Ali, aprendeu algumas técnicas, desenvolvidas por Lonnie Barbach⁸¹ – atualmente terapeuta de casais – e outros estudiosos, para ajudar mulheres que nunca tiveram orgasmos a tê-los. Nestes grupos, ensinava-se as mulheres a se masturbar (o que não era colocado em prática no grupo, mas em casa), e, para aquelas que continuavam tendo dificuldades, era introduzido, em um certo ponto do programa, o uso de vibradores (IDEM).

As mulheres que frequentavam o grupo não eram necessariamente “frustradas”, como ressalta Blank, mas tinham muito pouco conhecimento sobre os seus genitais, e seus parceiros – a principal fonte de conhecimento – também não ajudavam muito, pois não haviam sido educados sobre o prazer feminino. Elas eram estimuladas a compartilhar suas histórias, conhecer seu corpo e se sentir mais confortáveis para pedir o que queriam. O vibrador em si só era sugerido para aquelas que continuavam tendo problemas em atingir o orgasmo depois de todas as sessões (IDEM).

Depois de alguns anos trabalhando no programa e como voluntária no SFSI, Blank se deparou com um problema comum às mulheres que precisavam de vibradores: onde comprá-los? (IDEM), uma vez que uma das alternativas na época eram as sexshops tradicionais, chamadas *adult bookstores*, onde o ambiente era escuro, frequentado em sua maioria por homens, e onde as mulheres em geral não se sentiam muito confortáveis. Foi assim que surgiu a ideia de montar uma loja que fosse bem iluminada, com funcionários que pudessem auxiliar na escolha e uso de vibradores.⁸²

81 Lonnie Barbach começou a trabalhar com um grupo de mulheres denominadas pré-orgásmicas – termo que procura substituir a noção de anorgásmica – nos anos 1970 pela Universidade da Califórnia em São Francisco, a partir de uma abordagem da técnica de masturbação direta desenvolvida por Joseph LoPiccolo e WC Lobitz. Disponível em: <https://www.psychotherapy.net/interview/lonnie-barbach-sex-therapy>

82 Disponível em: <http://www.goodvibes.com/s/content/c/about-good-vibrations> (último acesso em: 30 de julho de 2016)

Blank conta que, inicialmente, a loja era um espaço pequeno, com pouca propaganda e que não dava muito dinheiro, mas era suficiente para pagar o aluguel (que não era alto, na época). Além disso, o lucro não era o objetivo central da loja – o que era mais ou menos o perfil das outras lojas na área (BLANK, 2016: entrevista).

O suporte para homens e mulheres que buscavam uma abordagem diferente de objetos para o prazer sexual era o foco principal. A escolha dos funcionários, neste sentido, era fundamental. Além de pessoas que estavam ou estiveram ligadas ao SFSI – que, apesar de ser um serviço telefônico de informação e auxílio, serve até hoje de referência na formação de pessoas que trabalham com a questão sexual –, Blank afirma que, mais de uma vez, contratou imediatamente pessoas que haviam frequentado o curso intitulado *AYS (About Your Sexuality)* – elaborado pela igreja *Unitarian Universalist*⁸³, da qual faz parte –, por ser um dos poucos que abordavam a educação sexual voltada para jovens de maneira abrangente e aberta, de acordo com Blank (IDEM).

Enquanto os vibradores tinham uma boa aceitação entre o público de mulheres de orientação feminista, os dildos não eram muito bem-vistos. Em parte pela má qualidade que existia no mercado, mas também porque representavam o pênis, em um momento em que este era tido como o símbolo de uma sociedade patriarcal. Blank vendia dildos em sua loja, mas não os deixava expostos e só mostrava para os clientes que buscavam por ele particularmente. Quando Blank contratou Susie Bright⁸⁴, em 1981, para integrar a equipe da loja, Bright sugeriu que Blank expusesse também os dildos. Apesar de um pouco reticente com a sugestão, Blank resolveu adotá-la quando foi apresentada aos dildos fabricados por Gosnell Duncan a partir das sugestões de Dell Williams. Com

83 A igreja *Unitarian Universalist* foi criada nos anos 1960, a partir da junção de dois grupos cristãos radicais: a Igreja Unitária (1825) e a Igreja Universalista (1793). A congregação se autodenomina democrática e acolhe pessoas de distintas crenças que compartilham os mesmos valores. A congregação é conhecida por seu ativismo social e relação com os chamados grupos minoritários, como o LGBT. Recentemente chegou ao Brasil com a Associação Unitarista Brasileira, em Pernambuco (<https://sites.google.com/site/cristianismoliberal/>) e a Sociedade Unitária de São Paulo, ainda em processo de formalização. Disponíveis em: <https://www.uua.org/association> (último acesso em 22 de maio de 2017).

84 Susie Bright é uma jornalista, feminista, performer e editora. Informação disponível em: <http://www.susiebright.com/> (último acesso em 16 de agosto de 2016).

o tempo, assim como Williams, Bright passou a contribuir com sugestões para Duncan, na produção de seus dildos (LIEBERMAN, 2015: online).

Joani Blank, que se considera uma anticapitalista (BLANK 2016: entrevista), viu o comércio dobrar com a introdução de venda por correio – ideia de um funcionário, aos quais Blank costumava dar grande autonomia. Cansada dos conflitos acerca da produção de lucro, em 1992, Blank vendeu a loja aos funcionários (permanecendo entre eles), transformando a *Good Vibrations* em uma cooperativa – formato que à época ela desconhecia totalmente, mas que hoje está no centro de grande parte de suas atividades – e, dois anos depois, deixou a loja para trabalhar em outros de seus interesses (ANDERSON, 2006: online). Segundo Blank, conforme a loja passou a tomar contornos de uma empresa, ela deixou de ser uma atividade divertida (BLANK, 2016: entrevista).

Transformar a *Good Vibrations* em cooperativa, não solucionou a questão da produção dos lucros e de expansão do empreendimento, como queriam alguns funcionários. A empresa começou a apresentar certas dificuldades econômicas e, para tentar solucioná-las, contratou uma especialista em gerenciamento de empresas. Beth Doyle, uma profissional com experiência na área de reabilitação de empresas, começou a formatar a cooperativa – não sem conflitos – sob uma estrutura mais hierarquizada. Conforme as oportunidades iam surgindo, Doyle conseguiu inserir na equipe da *Good Vibrations* pessoas com experiência na área corporativa. Uma das primeiras pessoas a compor o novo time foi Theresa Sparks (ANDERSON, 2006: online), que se tornou diretora financeira da empresa.⁸⁵

Theresa Sparks, hoje executiva de sucesso e ativista LGBT⁸⁶, foi veterana do exército (quando ainda era identificada como homem) e trabalhou para uma série de empresas de lixo e reciclagem antes de realizar uma mudança de sexo. Com sua transformação, passou a ter dificuldades em arrumar emprego. A oportunidade na *Good Vibrations* surgiu quando, em 2001, conseguiu um posto temporário na loja para, então, ser escalada na área financeira (ANDERSON, 2006: online).

85 Disponível em: <http://www.goodvibes.com/s/content/c/175> (último acesso em 16 de agosto de 2016)

86 Disponível em: <http://theresasparks.com/> (último acesso em 16 de agosto de 2016).

O acordo entre Doyle e os empregados da *Good Vibrations* era que a expansão deveria ocorrer sem alterar a estrutura de cooperativa (IDEM). Entretanto, isso trouxe dificuldades quanto à aquisição de empréstimos e, portanto, de crescimento contínuo da empresa (BLANK, 2016: entrevista; ANDERSON, 2006: online; QUEEN, 2016: entrevista).

Carol Queen, principal educadora sexual na *Good Vibrations*, menciona outra questão que teria dificultado a existência da loja enquanto cooperativa: as alterações inseridas pela empresa Google, no segmento de buscas na internet. A história da loja passou a ser insuficiente para mantê-la na primeira página de pesquisas da Google e, com isso, a divulgação por meios eletrônicos – já importante à época – reduziu drasticamente, junto ao número de clientes (QUEEN, 2016: entrevista).

Apesar da desistência de Doyle, que deixou seu posto em 2005, a *Good Vibrations* se tornou um empreendimento comercial de estrutura tradicional, deixando de ser uma cooperativa, em fevereiro de 2006. Diante da crise e com a saída de Doyle, Sparks levantou o argumento de que os valores da loja poderiam ser mantidos sem que a mesma tivesse que permanecer como cooperativa, assim como outras empresas com valores semelhantes e responsabilidade social como *Whole Foods* e *Ben & Jerry's*⁸⁷. Além disso, caso a *Good Vibrations* deixasse de existir, a cooperativa também não existiria mais (ANDERSON, 2006: online).

87 *Whole Foods* é uma rede de supermercado criada em Austin, no Texas, em 1980, e que hoje tem mais de 400 lojas espalhadas pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido. Durante o período que estive em Berkeley, notei que o supermercado se destacava pela qualidade dos produtos, pelo fato de haver um cuidado em comercializar produtos cujos processos não incluíssem sofrimento de outros animais, além de evitar produtos de origem transgênica ou com uso de venenos ou outras substâncias potencialmente nocivas ao corpo humano. Havia também produtos *vegan*, que não utilizavam nada de procedência animal, e que eram de fato saborosos, como pude comprovar com alguns doces disponíveis na loja. Além disso, os empregados usavam *piercings*, cabelos coloridos, tatuagens e atendiam com um sorriso. O supermercado em si também era esteticamente agradável na disposição dos produtos, iluminação e cores. Entre os valores da loja estão: a preocupação com o meio ambiente, com a saúde e com as comunidades locais e globais. Muitos dos produtos são provenientes de produtores de cada região, de modo a incentivar a economia local e reduzir a chamada “pegada ecológica”. Os custos dos produtos são muito acima de outras lojas e supermercados. Além disso, a presença da empresa na região colocou uma mediação entre os produtores e os consumidores que também refletiu nos preços dos produtos. Website da empresa: <http://www.wholefoodsmarket.com/company-info> (último acesso em 15 de abril de 2017).

Ben & Jerry, uma empresa de sorvetes, foi criada em Burlington, Vermont (EUA), em 1978. Em 1984, seus fundadores descobriram uma oportunidade na bolsa de valores e com isso puderam financiar a construção de um fábrica de sorvetes. Em 1985, criaram uma Fundação. Em 2000 a companhia passou a ser propriedade da Unilever, mas mantendo uma diretoria independente. Em 2011, lançaram uma carta de apoio aos movimentos *occupy* nos Estados Unidos. Todas estas informações estão disponíveis no website da empresa: <http://www.benjerry.com/about-us> (último acesso em 15 de abril de 2017).

Good Vibrations – hoje uma rede de venda de produtos eróticos com 8 lojas, em sua maioria na região da Baía de São Francisco, na Califórnia – tornou-se um modelo de empreendimento sexual voltado especialmente para mulheres. Além dos produtos, oferece cursos voltados tanto para a educação sexual como para técnicas de prazer, realiza eventos de cunho artístico até festas de despedida de solteiras, abriga um museu de vibradores antigos e atua com organizações e campanhas voltadas, em especial, para a saúde e a educação sexual.



Coluna da direita: Fachadas das lojas da Polk St, em SF, e em Berkeley. Interior da loja em Palo Alto.
Coluna da esquerda: Fachada da loja na Kearny St, em SF e interior da loja de Brookline.

A fachada de cada uma das lojas em nada lembra os lugares escuros em que brilhavam em neon vermelho as palavras “sex shop”, e sua aparência não se diferencia muito de outras lojas mais refinadas de cosmético ou lingerie. Carol Queen, para se referir ao modelo de atendimento da *Good Vibrations*, citou as lojas de cosméticos de luxo, em que o atendente deve ter conhecimento sobre o material, o produto, a aplicação e sua origem (QUEEN, 2016, entrevista).

No interior das lojas segue-se o mesmo padrão das fachadas: iluminadas, sem imagens muito explícitas, e com atendentes mulheres, em sua maioria, que estão prontas para dar qualquer informação. De acordo com a descrição no website, a *Good Vibrations* “inventou o conceito de uma loja de vibradores 'clean', iluminada, orgulhosa de oferecer um ambiente seguro, acolhedor, que não julga, onde os clientes podem comprar sex toys, livros, filmes e frequentar oficinas”.⁸⁸

Cada um dos trabalhadores que atuam no atendimento direto, identificados como SESAs (*Sex Educator-Sales Associates* – Colaborador-Educador Sexual), participa de um treinamento intenso e continuado, instruído pela PhD em sexologia Carol Queen. A *Good Vibrations* assinala que, com isso “nossos SESAs entendem e podem educar os clientes acerca dos mínimos detalhes dos produtos, da sexualidade e anatomia humana, assim como oferecer dicas de ‘como fazer’ e técnicas para um sexo mais prazeroso”.⁸⁹

O caráter educativo sempre foi considerado o principal eixo da *Good Vibrations*. Além de artigos no website, relacionados à educação e à saúde sexual, e do preparo dos funcionários, a loja também conta com a presença fixa de uma PhD em educação sexual, em cada uma de suas lojas, sendo Carol Queen a principal responsável pela área educacional.⁹⁰

Carol Queen conheceu Joani Blank em uma das oficinas realizadas por Betty Dodson. Blank, então, convidou-a a realizar um trabalho na área de educação uma vez por semana na loja, em 1990.

Na época, Queen já tinha conexões com o Institute for the Advanced Study of Human Sexuality⁹¹,

88 Disponível em: <http://www.goodvibes.com/s/content/c/about-good-vibrations> (último acesso em 30 de julho de 2016).

89 IDEM

90 Disponível em: <http://www.goodvibes.com/s/content/c/good-vibrations-sexologist-carol-queen> (último acesso em: 16 de julho de 2016).

91 Disponível em: <http://www.humansexualityeducation.com/> (último acesso em: 16 de julho de 2016).

em São Francisco (de onde recebeu seu título de doutorado), San Francisco Sex Information (onde trabalhava como voluntária), com a comunidade BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo) e outras comunidades em São Francisco. No início dos anos 1990, criou, junto com Robert Lawrence, uma organização sem fins lucrativos para a realização de eventos, festas, performances, pesquisas, cursos e oficinas relacionados ao sexo, o *Center for Sex and Culture*⁹², cuja ideia atribui a Betty Dodson (QUEEN, 2016: entrevista).

Além do trabalho como educadora na *Good Vibrations*, mantém uma coluna no website intitulada “Pergunte à Doutora”. O canal de perguntas, por e-mail, chat ao vivo ou telefone, é privado e indicado para questões mais específicas, no entanto o link remete a uma série de “how-to” [como fazer] que orientam para as dúvidas mais comuns. No website, lê-se a orientação em inglês e espanhol:

[Nota em inglês] Precisa de um pouco de informação antes de fazer uma compra mais informada? Leia nossos artigos sobre educação sexual e as seleções dos livros “como fazer” para ideias de como escolher o *sex toy* correto para você, seja um vibrador, lubrificante ou qualquer um de nossos brinquedos de alta qualidade.

[Nota em espanhol] Te interessa o sexo anal? Quer saber como usar a camisinha ou para que serve o lubrificante? Você encontra isso e muito mais em *How-to Articles* (nos informativos “o que é” e “como se faz” em espanhol).⁹³

Em uma visita à loja em Berkeley, dois folhetos, em inglês e espanhol, sobre sexo anal, saltaram aos meus olhos, indicando que esta é uma questão frequente e possivelmente mais frequente entre os latinos, em função da nota no website.

As categorias de “como fazer”, no website, são as seguintes: vibradores (como escolher/ como usar/vibradores premium); dildos (como escolher/ em silicone, vidro e metal); sexo anal (como desfrutar do sexo anal/ introdução a plugs anais e brinquedos anais/ top 10 dicas para sexo anal/ por cima do namorado: como fazer um sexo com cinta peniana com um namorado homem). Além dessas, também há outras categorias: anéis e bombas penianas; ponto G; próstata; lubrificantes;

92 Disponível em: <http://www.sexandculture.org/> (último acesso em: 16 de julho de 2016).

93 Disponível em: <http://www.goodvibes.com/s/content/c/Sexual-Education-Good-Vibrations-How-To> (último acesso em: 16 de julho de 2016).

camisinhas; Bondage e fetiche; cintas; “sexo em espanhol” (limpeza e cuidado com brinquedos de diferentes materiais/ anel para a base do pênis/ lubrificantes); gênero (como acondicionar [to pack] o pau/ porque acondicionar o pau/ como escolher um vibrador); materiais e limpeza; pergunte aos especialistas; dicas de sexo e anatomia (destaque aqui para o sub link: como entrar no clima); escolhas dos funcionários e ideias para presentes.⁹⁴

Dentro da área educativa da *Good Vibrations* existe o *Antique Vibrator Museum*, cuja curadora responsável é Carol Queen. O museu abriga uma coleção de vibradores, que data do final do século XIX até os anos 1970. De acordo com as informações disponíveis no museu e em seu website, os primeiros vibradores tinham como função a cura da histeria; conforme os objetos foram se tornando menores e mais portáteis, a sua venda começou a se disseminar entre as mulheres por meio de catálogos e revistas femininas, como auxílio médico, mas sem mencionar o uso genital. Com sua disseminação, o uso de vibradores se tornou uma panaceia para problemas de saúde e beleza. Com a produção de filmes eróticos, nos anos 1920 – em que uso dos vibradores por mulheres se dava explicitamente para seu prazer – , a venda para a população geral decaiu, e desde então os vibradores passaram a ser diferenciados entre aparelhos massageadores para homens e mulheres e apetrechos eróticos. Mas o uso de massageadores para estímulo do prazer genital nunca cessou, e esta associação entre massageadores “comuns” e vibradores genitais permanece nos dias de hoje.

No website da *Good Vibrations*, os produtos estão distribuídos entre: *accessories* [acessórios]; *anal toys* [brinquedos anais]; *body & massage* [cosméticos]; *bondage & fetish* [bondage e fetiche]; *books & erotica* [livros e erótica]; *boudoir & fantasy* [boudoir e fantasia]; *couples' toys* [brinquedos de casais]; dildos; *gender expression & play* [expressão de gênero e jogo]; *guides & favorites* [guias e favoritos]; *lube & condoms* [camisinhas e lubrificantes]; *men's toys* [brinquedos para homens];

94 As categorias estão disponíveis no link: <http://www.goodvibes.com/s/content/c/Sexual-Education-Good-Vibrations-How-To> (último acesso em: 16 de julho de 2016). A categoria “pergunte aos especialistas”, além de direcionar para e-mail e chat, redireciona para esta mesma página onde estão todas as categorias.

party, gifts & kits [festas, presentes e kits]; *sexual health & wellness* [saúde e bem-estar sexual]; *strap on* [cintas]; *vibrators & pulsators* [vibradores e pulsadores].⁹⁵

Joani Blank menciona que a gama de produtos que a loja abriga atualmente mudou muito desde que se tornou um grande empreendimento. Produtos variados em formato de pênis e seios, sabonetes e lingerie são coisas que Blank nunca teve interesse em vender na loja (BLANK, 2016: entrevista).

Segundo Carol Queen, desde que a loja foi criada, uma de suas características era ouvir o que tinham a dizer aqueles que a frequentavam. Alguns produtos surgiram de sugestões colocadas a partir das necessidades das pessoas. Carol Queen observou que, durante a época da cooperativa, apesar de se ouvir o que os compradores tinham a dizer, cada vez que um deles pedia por um produto que não era do gosto da cooperativa, a tendência era dizer não. Na atual configuração da empresa, se o produto solicitado pelo cliente não for de “extremo mau gosto e ofensivo”, como colocou Queen em entrevista, ele geralmente é incorporado. Como exemplo, ela cita a inclusão no catálogo da loja de produtos para festas de despedida de solteira (*bachelorette parties*), como pratos com imagem de pênis, jogos e similares. A empresa não quis incluir estes objetos em um primeiro momento, uma vez que eles não seguiam o padrão de qualidade da loja. Os objetos acabaram sendo incorporados como uma maneira de valorizar os consumidores, que não gostariam de comprar os produtos em qualquer outro lugar, segundo Queen (2016: entrevista).

No website, estes produtos não estão disponíveis, mas em visita à loja em Berkeley foi possível encontrar fôrmas de bolo e de chocolate, e canudos em formato de pênis; assim como sabonetes em formatos variados.

Ainda existem reticências sobre a incorporação de outros produtos. Carol Queen cita como exemplo um produto que ainda não foi incorporado no mercado, mas que diz se tratar de um produto médico, e um outro produto de uma marca reconhecida que dá choques. Quanto ao primeiro, pesaria a responsabilidade da loja em responder não somente pela qualidade do produto,

⁹⁵ Disponível em: <http://www.goodvibes.com/s/sex-toys> (último acesso em: 30 de julho de 2016).

mas também por seus efeitos médicos. O aparelho que dá choque foi incorporado, mas é nessa medida que Queen destaca, mais uma vez, a importância da habilidade dos vendedores como educadores, para poder orientar adequadamente um possível comprador sobre os efeitos do brinquedo (QUEEN, 2016: entrevista).

As pessoas, observa Queen, têm procurado cada vez mais produtos que fazem parte do universo BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo), uma das razões para tal é a popularização da trilogia *Cinquenta tons de cinza*. Mas nem todas as pessoas gostam ou estão preparadas para experimentar sensações que fogem completamente do que é considerado a norma (IDEM).

Para ela, não há um problema com os objetos de BDSM no sentido de representarem uma submissão da mulher, como havia colocado Dell Williams. Nesse sentido, Carol Queen, como um dos nomes de grande representação da chamada abordagem *sex positive* (ou sexo-positiva), considera a prática tão saudável e importante como qualquer outra prática sexual consensual. No *Center for sex and culture*, do qual Queen é uma das fundadoras e responsáveis, pude presenciar mais de uma exposição de desenhos e pinturas que tinham como tema elementos do BDSM, bem como eventos específicos. Dessa forma, a questão com tais produtos estaria na responsabilidade da loja frente aos consumidores que não estivessem habituados a tal prática e que, por este motivo, poderiam colocar-se em situações não prazerosas ou mesmo perigosas se praticadas sem o conhecimento devido.

Além das sugestões de clientes, outra maneira de absorver novos produtos na loja é por meio de produtores que já tem uma relação consolidada com a *Good Vibrations*. Queen afirma que, no início, a *Good Vibrations* era a única sexshop que, ao receber um produto com defeito, enviava o produto de volta ao produtor. Cada um dos objetos, antes de saírem da loja, são testados para garantir que o comprador não fique descontente e sinta confiança na empresa. Com o tempo, as próprias produtoras começaram a consultar a *Good Vibrations* antes de lançar um produto novo no

mercado. A tendência da loja, por esse motivo, é simplesmente incorporar os produtos destes fabricantes com quem também estabeleceram uma relação de confiança (QUEEN, 2016: entrevista).

outras vibrações: uma abordagem modelo

Joani Blank afirmou que a *Eve's Garden* foi, também, uma de suas inspirações para criar a *Good Vibrations*, mas ressaltou que, além de a primeira ser inicialmente uma loja que funcionava por vendas no correio – enquanto a sua era uma pequena loja de bairro –, Dell Williams, em função de sua história com o movimento feminista, optara por abrir uma loja que atendesse, a princípio, só a mulheres (BLANK, 2016: entrevista).

A *Good Vibrations*, contudo, não demorou muito para se tornar referência para outras lojas do gênero. Uma das razões é que Blank estava interessada em criar uma rede de cooperação. De acordo com Lessley Anderson, em artigo para a revista *Business 2.0*, em 1992, Blank convidou duas mulheres que tinham interesse em abrir uma loja como a *Good Vibrations* a passarem por um período de experiência em sua loja. Pouco tempo depois, uma das mulheres abriu uma loja em Boston, e a outra em Seattle, a *Toys in Babeland* – hoje uma respeitada e próspera loja do setor.⁹⁶

Em 1995, a *Toys in babeland* (atualmente *Babeland*) começou a vender produtos por correio e, no ano seguinte, construiu seu website. Em 1998, abriu sua segunda loja, localizada em Manhattan, Nova York, e em 2003, na mesma cidade, uma terceira unidade foi inaugurada no SoHo⁹⁷. Atualmente, há também uma quarta loja, no Brooklin. Além disso, a *Babeland* começou seu próprio *Vintage Vibrator Museum*, um museu online.⁹⁸

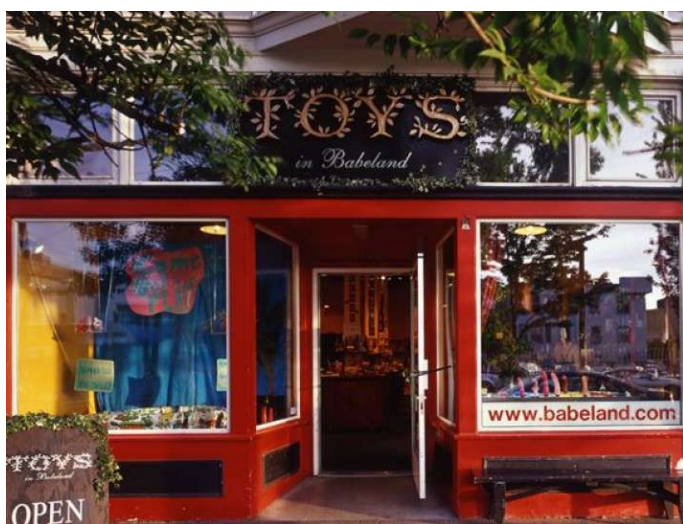
Além do museu virtual, o website da loja comporta seu próprio blog, assim como informações sobre saúde e educação sexual, com dicas e orientações, e promove eventos e oficinas. A loja, em Seattle, segue o mesmo padrão adotado pela *Good Vibrations*: “clean” e bem iluminado.

96 A informação de que Claire Cavanah, fundadora da *Babeland*, teria recebido suporte de Joani Blank, também pode ser conferida aqui: <http://www.sfgate.com/bayarea/article/PROFILE-Joani-Blank-A-sexual-aide-Founder-of-3308358.php> (acesso em 13 de julho de 2016).

97 Disponível em: <http://www.babeland.com/about/presskit/history> (último acesso em 16 de julho de 2016).

98 Disponível em: <http://www.vintagevibrators.com/> (último acesso em 16 de julho de 2016).

A loja em Seattle está localizada em uma rua povoada por bares. A fachada do estabelecimento não se distingue muito dos outros estabelecimentos no local, a não ser por suas cores vibrantes: amarelo com detalhes em rosa e azul⁹⁹. O interior da loja é bem iluminado e com as mesmas cores vibrantes da fachada, complementada pelo colorido dos objetos à venda. À direita está localizado o balcão de atendimento. Ao fundo da loja, em um suporte redondo, é possível testar alguns dos brinquedos mais avançados, perceber a textura e a potência da vibração. Os objetos dispostos nas prateleiras possuem embalagens discretas que não remetem a nenhum corpo nu. Ao fundo estão dispostos alguns objetos de BDSM, como palmatórias, algemas e chicotes.¹⁰⁰



Em cima, à esquerda, fachada da loja em Seattle em 1993. À direita, a mesma loja em 2015. Em baixo, à esquerda, fachada de uma das lojas em Nova York. À direita, interior da loja.



No perfil sobre Joani Blank no website *SFGate*, há uma declaração atribuída a Rachel Venning – uma das fundadoras da *Babeland*, junto com Claire Cavanah – em que ela exalta a

99 Atualmente, conforme foi possível observar pelo *Google maps*, a fachada da loja foi pintada em um tom de cinza escuro.

100 Anotação de 30 de novembro de 2015. Texto escrito a partir das anotações do caderno de campo. Para distinguir de outras citações, as anotações do caderno de campo serão apresentadas em itálico e centralizadas na página.

posição não competitiva de Blank, nos anos em que compunha a equipe da *Good Vibrations*, no entanto, afirma que hoje em dia, com a internet, a não-competitividade não é possível para nenhuma das duas empresas¹⁰¹.

Claire Cavanah afirma que, nos anos 1980, durante o período na faculdade, ela e Venning se envolveram com o feminismo e se interessaram pela abordagem *sex positive* (SURNOW, 2013: online).

Uma abordagem positiva do sexo (ou *sex positive*) é, atualmente, adotada por outras sexshops abertas nos Estados Unidos¹⁰², desde os anos 1990, e não é completamente ignorada na expansão do mercado no Brasil, citada por Paula Aguiar – presidente da ABEME (Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico e Sensual) –, em referência ao trabalho de Blank, como conceito de um “ambiente limpo, bem iluminado para comprar artigos sensuais eróticos” (AGUIAR, et alli, 2015: 16), acrescentando ainda que as sexshops “da cultura do sexo positivo, (...) tendem a serem orientadas para a comunidade, muito consciente de seu papel na sociedade com relação à sexualidade, patrocinando palestras voltadas para o bem-estar e saúde sexual (...)” (IDEM: 18).¹⁰³

Hoje, há um certo consenso em identificar o termo *sex positive* como uma reação à negatividade sobre o sexo na cultura ocidental, em favor de todas as formas de sexualidade (incluindo assexualidade) ou práticas sexuais, desde que consensuais, e o acesso à informação de qualidade voltada ao prazer e à saúde (QUEEN, 1997 e 2014; GLICKMAN, 2000; FOSTER et alli, 1997).

101 Disponível em: <http://www.sfgate.com/bayarea/article/PROFILE-Joani-Blank-A-sexual-aide-Founder-of-3308358.php#photo-2116418> (último acesso em 14 de julho de 2016).

102 Algumas das lojas que se auto-intitulam *sex positive*, podem ser conferidas na lista organizada por JoEllen Notte, criadora do website *The Redhead Bedhead: saving the world from mediocre sex*. Em 2013, deu início à sua *Super Hero sexshop Tour*, cuja proposta era conhecer algumas sexshops pelos Estados Unidos e Canadá, onde encontrar produtos feitos com materiais que fossem de boa qualidade, seguros para o corpo, informação/educação precisas e ambientes inclusivos, abertos e acolhedores. Disponível em: <http://www.redheadbedhead.com/the-superhero-sexshops-tour/> (último acesso em 12 de junho de 2015).

103 No ano anterior ao lançamento do *Guia*, em 2014, Aguiar lançou também o livro *ABC erótico: o dicionário do sexo*, onde não há menção ao termo sexo positivo. Neste mesmo dicionário não consta um outro termo, apesar de comum em campanhas dentro do mercado erótico, que é *pedofilia*. O termo efebofilia, que se refere à relações sexuais com jovens púberes, ainda que ilegais, é brevemente citado no verbete *parafilia*.

Nos EUA, existem dois momentos tomados como importantes para a ampliação desse termo. O primeiro momento, entre as décadas de 1970 e 1980, remete à disputa no interior do feminismo entre as feministas que eram contra a objetificação da mulher no comércio sexual e contra qualquer tipo de pornografia, e aquelas ligadas a uma posição anti-censura e pró-sexo, na chamada “guerra do sexo feminista” [*feminist sex war*], como já foi mencionado. O segundo momento se refere aos investimentos em relação ao combate à AIDS, especialmente na década de 1990, e a resposta, em grande parte do movimento gay, pela divulgação de práticas mais seguras em contraposição a abordagem que assinalava o sexo como sinônimo de risco de morte (SIDES, 2009: 181).

Charlie Glickman, educador sexual que trabalhou na *Good Vibrations* entre os anos de 1996 e 2013, escreveu em um artigo de 2000 sobre a importância de uma linguagem *sex positive*:

Desenvolver um conjunto de palavras e teorias para descrever e mudar o mundo é parte integral de qualquer movimento social. Criar uma nova linguagem para discutir o sexo é uma parte necessária para mudar nossa atitude em relação ao sexo (GLICKMAN, 2000: online).

No entanto, em entrevista, Miss Ian – que trabalha há mais de 4 anos no *Center for Sex and Culture*, dirigido por Carol Queen, e que é considerado um centro *sex positive* – observa que atualmente o termo *sex positive* tem servido de respaldo para as pessoas que buscam por alguma validação em seus negócios, ainda que não tenham uma atitude honestamente aberta sobre o sexo (MISS IAN, 2015: entrevista).

Em outubro de 2015, visitei uma filial de uma grande rede de sexshops tradicional (fora do circuito *sex positive*), cuja frequência maior é de homens heterossexuais – justificada pela presença de uma sala privada com exibição de vídeos.

Localizada em uma larga avenida de caráter comercial, mas com pouca circulação de pedestres, a fachada da loja chama a atenção por seu letreiro em fundo preto com a palavra sexy compondo um slogan, logo abaixo um outro letreiro, em tons claros, lembra a mesma estética do museu da Good Vibrations, que remete à época vitoriana, e carrega a palavra boutique. A porta de entrada principal está fechada (possivelmente em caráter permanente para aproveitamento do espaço interno) e a porta de acesso é ao lado e um pouco mais discreta. No interior da loja, à direita da entrada, fica localizado o balcão de atendimento, e à frente do balcão, alguns objetos, lubrificantes e lingerie. Ao lado do balcão, ao fundo, há uma área reclusa, com filmes pornô de todos os tipos e uma saída para a sala de vídeos. À

esquerda, antes da sala de vídeo, alguns outros produtos como dildos e vibradores, especialmente da marca pipedream, da série Fetish – de acordo com o funcionário responsável, esta marca possui uma série inteira só com produtos para casais. Muitos dos produtos possuem em suas embalagens imagens de mulheres ou homens seminus ou completamente nus, a partir de uma estética de uma pornografia “mainstream”, ou seja, mulheres brancas, com muita maquiagem, magras e com seios fartos, e homens brancos, musculosos e com pênis avantajados.

Em conversa com o funcionário responsável na loja, perguntei se a empresa assumia uma abordagem *sex positive*, ao que ele me respondeu – após perguntar sobre a minha definição do termo – que a loja poderia ser considerada *sex positive* com relação ao modo como ele se posicionava frente aos clientes, em não intimidá-los e tratar o sexo como naturalidade. Além disso, no que se refere à disposição dos objetos, afirmou que de maneira oposta às antigas sexshops, a loja tinha uma organização mais *clean*. Diferente das lojas autoidentificadas como *sex positives*, esta não apresentava uma abordagem educacional do sexo. Outra diferença que pude notar em comparação com os websites da *Good Vibrations*, *Eve's Garden* e *Babeland* – consideradas *sex positive* – é que em todas elas havia uma categoria masculina, mas não uma feminina, enquanto na *sexshop* em questão o website apresentava tanto a categoria *para homens* quanto *para mulheres*. A identificação nas *sex positives* reforça que as mesmas são lojas voltadas especialmente para mulheres, mas que os homens também tem seu lugarzinho.

No mesmo mês de outubro de 2015, fiz uma visita à outra filial maior da mesma rede de sexshop, em um bairro comercial com maior circulação de pedestres em Oakland.

O letreiro do lado de fora da loja é bem chamativo. No interior da loja, logo à porta de entrada, está localizado o balcão de atendimento. No largo espaço da loja, há uma sessão exclusiva de DVDs, e um espaço de cabines para assistir aos vídeos, localizado à direita. Outra área exclusiva, de lingerie, está localizada à esquerda na loja. Os outros produtos estão agrupados por suas categorias (vibradores, lubrificantes, cosméticos.), mas sem uma área exclusiva. Os funcionários são muito jovens e não estão preparados para dar quaisquer informações que não seja a localização dos produtos.

Além disso, outra diferença entre esta loja e as chamadas *sex positives* estava no fato de que as últimas costumam expor objetos em cujas embalagens não figuram imagens de corpos, senão dos próprios objetos, em um esforço de não caracterizar nenhum tipo de corpo ou sexualidade

específica, seja em relação a identidades culturais, raciais, de gênero, ou sexuais. Nessa loja mais convencional e em algumas outras que tive a oportunidade de visitar nas costas leste e oeste dos Estados Unidos, as embalagens dos produtos reproduziam, com frequência, o estereótipo da mulher branca, magra, com seios fartos, mas sem excluir os produtos encontrados nas lojas *sex positive*.

As chamadas *adult bookstores*, que são frequentemente usadas como referência em oposição às lojas *sex positives*, são cada vez mais raras na região da Baía de São Francisco. No bairro de Chinatown, em Oakland – uma região menos valorizada da cidade, e considerada mais violenta –, pude encontrar uma loja, mas fui impossibilitada de entrar por restrições da pessoa que estava no balcão, quando expliquei se tratar de uma pesquisa. No entanto, pude observar que se tratava de um espaço pequeno, aparentemente sem preocupações estéticas, com muitas prateleiras.

Ainda em Oakland, a *Feelmore 510* é uma sexshop criada por Nenna Joiner, identificada como *cultural positive*. Joiner é uma mulher negra, cristã que trabalha há anos no segmento *queer* da indústria pornográfica. Apesar de ter realizado o curso no SFSI (San Francisco Sex Information) e ter buscado o suporte de Joani Blank, Joiner se define como uma empreendedora e não esconde o seu interesse pelo dinheiro (JOINER, 2015: entrevista). A loja também se caracteriza, enquanto *cultural positive* por fugir dos padrões corporais tanto em relação às formas quanto às cores (IDEM).

Joiner afirma que o que a levou a abrir a loja foi tanto o sonho de ter um empreendimento independente, como a vontade de trabalhar em um nicho incomum. A escolha de Oakland para o espaço expressa a sua relação com a comunidade e o interesse em uma valorização da região. Em sua vitrine o slogan “nossos *bullets* não matam”¹⁰⁴ explicitam a imagem da região que Joiner quer mudar. Além disso, ela ressalta a importância da inclusão das “pessoas de cores”¹⁰⁵ no interior deste mercado. A abordagem de Joiner em relação aos produtos se diferencia das outras sexshops *sex*

104 *Bullets*, além de ser o nome dado às balas de revólveres, também é o nome de vibradores pequenos com formato cilíndrico.

105 Em inglês o termo *People of Color* (POC), se refere a todos os não brancos, sejam latinos, asiáticos ou negros, e tem grande aceitação no interior destes diferentes grupos, como um reconhecimento de suas diferenças.

positives, pois não pretende estabelecer um uso correto para os objetos. Para ela, cada objeto pode ser usado de inúmeras maneiras, dependendo da criatividade e dos desejos de cada um, o que ampliaria a diversidade de clientes, podendo incluir até os chamados assexuais (IDEM).

O destaque em relação às outras sexshops mais convencionais – que de alguma forma adotaram algumas transformações propostas pela abordagem *sex positive* – é que as *sex positives* apresentam sempre uma atenção especial ao caráter educativo, seja com relação à formação dos vendedores ou ao oferecimento de cursos e oficinas.

Ao colocar em xeque algumas verdades que povoavam o saber oficial sobre o prazer e o sexo, as pessoas envolvidas nos movimentos de contracultura passaram a investir em uma produção de saberes que atendessem às suas demandas no sentido de possibilitar experiências de prazer e destruir a crença na nocividade de algumas práticas sexuais. Nesse sentido, a abordagem educacional permitia ampliar a difusão de saberes, com o objetivo de dar mais autonomia às pessoas em relação a seu próprio corpo e possibilitar uma abertura maior às experimentações de prazer.

A abordagem educativa, portanto, não está apartada da constituição deste novo mercado em torno de uma visão mais positiva do sexo. Paralelamente e conectados à criação destes espaços onde as mulheres, em especial, e também os homens, pudessem buscar experimentações de prazer sem restrições, também foram estabelecidos outros espaços que não estavam inseridos diretamente no mercado de varejo, mas que dão suporte a ele: os espaços de produção de saberes e disponibilização de informações.

O termo *sex positive* passou a ser reivindicado como um novo modelo de abordagem da sexualidade. Apesar da origem do termo não ser muito clara, é possível identificar uma relação com a própria hipótese repressiva trabalhada por Reich, em que a vida saudável estaria atrelada a uma liberação sexual e não à repressão. A presença do termo nos círculos feministas já nos anos 1970 provavelmente deriva do contato com a obra de Reich, mas foi nos anos 1990 que *sex positive*

tomou proporções maiores, chegando a ser considerado um movimento¹⁰⁶, e como tal, na atualidade, um elemento de valorização de empreendimentos com “responsabilidade social”.

A *Eve's Garden* foi fundada somente alguns anos antes da *Good Vibrations*. A diferença fundamental entre as duas, como observa Blank, era que Williams colocava o feminismo a frente, enquanto a proposta da *Good Vibrations* era colocar o sexo à frente.

Porém, tanto Williams como Blank dispuseram suas lojas a partir de algumas questões em comum: um lugar em que as mulheres pudessem se sentir confortáveis; onde as pessoas pudessem encontrar informações de qualidade; e em que fossem atendidas adequadamente, sem sentirem-se constrangidas ou humilhadas.

A abordagem educativa, fundada nas chamadas conquistas de direitos, liga-se à produção de saberes que funcionam como justificativa da utilidade de novas práticas (ou sua legitimação), seja com base na saúde corporal ou psíquica, e mesmo social.

As duas “pioneiras” assinalaram seu envolvimento com um posicionamento feminista, ainda que Williams tivesse uma ligação, em alguns momentos, com um feminismo dito mais tradicional. Foi necessário, no entanto, que Williams tivesse contato com um ponto de vista diferente, colocado pela sua aproximação com Betty Dodson, para que ela se voltasse definitivamente para a questão sexual por meio da *Eve's Garden*.

Mas, seja por meio do socialismo ou do feminismo (ou ambos), as duas lojas estão ligadas à constituição de uma verdade. A *Eve's Garden* marcou um espaço identitário no mercado do sexo, enquanto a *Good Vibrations*, por meio de sua abordagem educativa, contribuiu na produção de saberes – validados por universidades – que trazem para a perspectiva *sex positive* uma aprovação científica.

106 O verbete correspondente na wikipédia não garante a instituição do termo como movimento, no entanto, mostra que o mesmo teve impacto suficiente para ser categorizado como tal, da mesma maneira que a história oficial homogeniza os levantes nas décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos e em outras partes do globo, como movimentos de direitos civis. O verbete da *Wikipédia* sobre o movimento *sex positive* está disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Sex-positive_movement (último acesso em 15 de abril de 2017).

O meio pelo qual desdobraram seu ativismo político, em um determinado momento, foi pela comercialização de objetos atrelados a uma educação do prazer sexual. Dessa maneira, o sentido dos objetos para o prazer sexual também foi redimensionado no interior de uma causa, com uma visão distinta de saúde e de prazer.

Williams – ainda que tenha se associado ao partido comunista quando jovem e lutado pela liberação dos artistas condenados por serem comunistas em Hollywood – era uma mulher que associava o sucesso e a independência das mulheres com o feminismo a partir de suas próprias experiências, tendo se tornado uma executiva bem-sucedida em uma área que era geralmente dominada pelo sexo masculino. Afirmava estar interessada na equidade entre homens e mulheres, fosse no domínio financeiro ou nas possibilidades de prazer e amor.

Blank, ao contrário, afirma que cresceu com uma visão muito negativa em relação aos negócios, acreditando que as pessoas envolvidas no comércio só tinham interesse em ganhar dinheiro. Quando resolveu abrir a editora *Down There Press*, em 1975, e a *Good Vibrations*, em 1977, uma de suas preocupações era que o lucro não fosse o motor da loja, mas apenas o suficiente para mantê-la existindo¹⁰⁷.

Ambas tiveram ao menos algum contato com o socialismo, mas, para Williams, isso esteve mais ligado a sua atração por “causas nobres”, como outras que ela experimentou em sua vida. Williams foi uma mulher de negócios, adotando o feminismo como um guia político em seu empreendimento comercial. Com relação à Blank, a influência do socialismo se mostra por meio da verbalização de seu posicionamento anticapitalista, bem como por seu interesse em práticas comunitárias, como a cooperativa. Enquanto a primeira investiu no crescimento de sua própria loja, a segunda resolveu abandoná-la quando esta começou a se configurar em um formato cada vez mais empresarial.

Apesar das duas lojas apresentarem pontos em comum em sua configuração, a trajetória das duas mulheres também sugere alguns efeitos distintos. Joani Blank esteve mais diretamente

107 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jbjwTgfns24> (último acesso em 04 de dezembro de 2016).

conectada ao universo acadêmico. Provavelmente por isso, dois anos antes de abrir a loja, havia criado uma editora cuja primeira publicação foi um livro de sua autoria dirigido ao conhecimento das mulheres sobre seu próprio prazer. Dell Williams, por sua vez, transferiu a sua militância diretamente para a criação da loja.

O caráter relacionado à educação estava mais fortemente presente na criação da *Good Vibrations*, e continua sendo uma das bandeiras principais da rede. Talvez a relação mais direta com a educação tenha aberto as portas para a *Good Vibrations* se estabelecer como modelo.

institucionalização de saberes

Há hoje uma série de organizações e instituições voltadas ao ensino e à certificação, e à regulamentação e suporte para profissionais no campo da sexualidade. A área de estudos da sexualidade aparece conectada com o campo da psicologia e da biologia/medicina e, mais recentemente, com as ciências humanas, em especial os estudos de gênero.

A constituição do campo mais abrangente da sexualidade remete ao encontro das ciências biológicas com as ciências humanas, por meio da psicologia e da psiquiatria.

Richard Freiherr von Krafft-Ebing, psiquiatra alemão, publicou em 1886 a obra que é considerada hoje uma das fundadoras desse campo de estudo, *Psychopathia Sexualis*. No primeiro capítulo de sua obra, Krafft-Ebing afirma que a

sexualidade é o fator mais poderoso da existência individual e social; a iniciativa mais forte no exercício da força e aquisição da propriedade, desde a fundação de um lar, ao despertar do sentimento altruísta, primeiro em relação a uma pessoa do sexo oposto, depois à prole e então, num sentido mais amplo, para toda a humanidade (1894: 1).

A perspectiva assumida por Krafft-Ebing apresenta elementos do evolucionismo somados a uma teoria da degenerescência. Ele classifica as formas em que a sexualidade se apresenta a partir de um primitivismo selvagem até a construção da civilização, na qual aponta a existência de indivíduos degenerados. Desse ponto de vista, Krafft-Ebing reconhece um momento de

racionalização das relações sexuais, afirmando que “ao sentimento bárbaro de desejo sexual, são adicionados os princípios de um sentimento ético. O instinto é intelectualizado” (IDEM: 3). Este seria para ele um amor civilizado, deixando de se expressar pelo físico e tornando-se mais transcendental. Sob essa abordagem civilizatória, ressalta a importância do cristianismo na elevação da condição da mulher, que teria deixado de servir aos prazeres masculinos, adotando, inclusive o papel de educadora na vida das crianças (IDEM: 3-4). Jorge Leite (2008) observa que, ainda influente na atualidade, a obra de Krafft-Ebing teve grande repercussão em sua época, para além do meio médico.

No mesmo período, final do século XIX, o médico e psicólogo inglês Havelock Ellis, de acordo com Jorge Leite (2008) não foi bem recebido por sua obra na Inglaterra, mais especificamente pelo livro *A inversão sexual*, que compunha a série *Psicologia do sexo*, “considerado por um juiz como não tendo valor científico, ofensivo à moral e, assim, condenado a destruição pelas autoridades policiais” (IDEM: 94). No entanto, a obra de Ellis foi bem recebida por alguns anarquistas que pensavam e praticavam o amor livre, ecoando nos Estados Unidos com Emma Goldman, por exemplo, que chegou a conhecê-lo pessoalmente (GOLDMAN, 1931: 602-611).

A aproximação de Goldman com a obra de Havelock Ellis se deu por meio do posicionamento de Ellis frente à punição e por sua perspectiva em torno dos chamados “desviantes”. No lugar de observar nas prostitutas um desvio psíquico, por exemplo, Ellis estava atento aos abusos e às situações desafortunadas em que as mesmas se encontravam, como recorda Goldman (GOLDMAN, 1910: 78)

A conexão dos dois, portanto, se dá por meio de uma moral humanista, presente em alguns anarquismos desde o século XIX, por conta de sua tradição socialista. Mas o pensamento de Goldman não se restringia a este humanismo socialista. Outras perspectivas compunham sua reflexão, como, por exemplo a influência da obra de Friedrich Nietzsche, citada e reproduzida em

suas publicações, e também de perspectivas anarquistas distintas, como o chamado individualista Émile Armand¹⁰⁸, cuja obra também situou as relações amorosas e sexuais em um contexto libertário.

Emile Armand, no início do século XX, interessava-se pelas coisas concretas, rejeitando abstrações. Para ele o mundo só poderia ser apreendido pelos sentidos: pela pele, pelos olhos, pela carne, pelos músculos, pelo cérebro, por tudo o que é físico e concreto na existência de uma pessoa. Dessa maneira, compreendia que os prazeres também só poderiam ser concebidos a partir de experiências pessoais, de modo que ele não classificava os “prazeres como superiores ou inferiores, bons ou maus, uteis ou prejudiciais, favoráveis ou inconvenientes” (2004: 31). As posições de Armand deixam claro que ele não buscava uma regra geral, para todos os anarquistas, mas que pensava, primordialmente, a partir do corpo e da experiência de cada um.

Ao voltar-se às experiências concretas e pessoais, Armand expunha a liberdade e o amor como práticas singulares, não podendo ser definidos senão pela experiência de cada um. Para ele, “a experiência amorosa não conhece fronteiras ou limites. Ela varia de indivíduo para indivíduo” (2004: 33), mas a maioria das pessoas só conhece o amor legal, pelo casamento. Armand reconhecia que as obrigações legais, sociais e morais que envolvem um casamento convencional também pudessem se reproduzir em relações que não sejam estabelecidas por um contrato jurídico.

Ao voltar-se ao amor enquanto prática que envolve uma atração sexual, Émile Armand aponta que esta atração existe independente do caráter reprodutivo que ela envolve entre pessoas do sexo oposto. A prática sexual livre, para ele, não está relacionada ao desejo de um sobre o outro, para sua própria satisfação, mas unicamente a “dispor de sua vida sexual [e não de uma outra pessoa] conforme seus próprios impulsos” (IDEM). Mas, ao assentir este impulso como algo natural, não nega que as práticas sexuais livres, assim como as práticas de liberdade, demandem um

108 Émile Armand nasceu em 1872 em Paris. Filho de pais “progressistas” (seu pai lutara na Comuna de Paris), rompeu com a própria família, a religião e o Estado. Considerando-se um “anarquista individualista”, interessou-se pelas relações de liberdade entre camaradas. Foi ensaísta, poeta, jornalista, tradutor e editor de diversos jornais.

certo esforço e, neste sentido, acredita que uma prática sexual livre não se aparta de uma educação sexual.

Uma educação sexual, em seus termos, deve abarcar não somente métodos que permitam que a procriação seja voluntária – reconhecendo que a mulher deve poder escolher se quer seguir com uma gravidez ou não –, como também “trazer à luz” conhecimentos sobre doenças venéreas, os cuidados que demandam e como evitá-las, dentro ou fora de um casamento, em uma relação monogâmica ou não.

As relações sexuais deveriam ser consideradas, segundo Armand, como qualquer outra questão. Elas não estão apartadas das experiências na vida como um todo. Além disso, constata que,

Pouparíamos-nos de certas desilusões e repulsas se, no lugar de considerar certos fatos da vida como definitivos, nós os contemplássemos como temporários, modificáveis, revisáveis, em resumo, variáveis. Isso que já é algo aceitado do ponto de vista científico e intelectual, geralmente não é aceitável do ponto de vista sentimental, afetivo e sexual. E não sabemos o por quê (ARMAND, 2004: 35).

Apesar de estar atento ao caráter pessoal dessas relações, Émile Armand afirma que a liberdade sexual na clandestinidade não tem sentido para um “anarquista individualista”, uma vez que as liberdades devem ser públicas por se conectarem não somente com o crescimento individual e lealdade coletiva, mas, em grande parte, ao desaparecimento do regime autoritário (IDEM).

Emma Goldman, assim como tantos outros anarquistas, não estava interessada em qualificar uma ou outra prática sexual como desviante, revolucionária, ou conservadora. O que lhe interessava eram as relações de liberdade em qualquer esfera da vida, incluindo aí as relações amorosas e de prazer.

“Amor livre? Como se o amor fosse outra coisa que não livre” (1910: 94). Era assim que Emma Goldman entendia as relações amorosas sem a intervenção da igreja ou do Estado, ainda que, assim como Armand, reconhecesse que muitas vezes, em relacionamentos ditos livres, reproduzia-se a mesma moral. Goldman opunha o amor ao casamento que, segundo ela, era uma maneira de garantir uma segurança econômica (IDEM) e, por parte do Estado, garantir a propriedade (2009: 2).

Além das palestras que realizava em suas viagens, especialmente pelos Estados Unidos e Canadá, sobre amor livre, controle de natalidade (o que a levou a ser detida pela polícia, inúmeras vezes), e da busca e divulgação constante de obras que trouxessem uma perspectiva menos repressiva sobre a sexualidade, Emma Goldman buscava experimentar o que compreendia por amor livre em sua própria vida. Teria sido a sua conturbada relação com Ben Reitman, segundo Candace Falk (1984), o que a levara a elaborar um texto intitulado “Jelousy: causes and a possible cure” [Ciúmes: causa e uma possível cura]. Nesse texto, compreende o ciúme como um dos efeitos da domesticação e posse das mulheres, que resultou em um monopólio sexual. Além disso, afirma que o ciúme está associado ao desejo de punir.

O ciúme é obcecado pelo sentido de posse e vingança. Isto vai de encontro a todas as outras leis punitivas, a partir de estatutos que ainda aderem à noção bárbara de que um delito – que em geral é apenas o resultado de problemas sociais – deve ser vingado ou punido adequadamente (GOLDMAN, 2009: 2)

Não à toa, a sua aproximação ao humanismo de Havelock Ellis, se deu justamente pela abordagem dele diante dos problemas sociais, opondo-se à punição como uma resposta aceitável.

Ellis, diferente de Krafft-Ebing, reconhecia certas condutas como anormais, mas não como passíveis de cura ou sinônimos de degeneração, compreendendo as chamadas anomalias como parte constitutiva dos processos naturais. Na última publicação de *Psicologia do sexo*, de 1933, quando apresenta um resumo de sua obra anterior em um único livro, Ellis questiona o tratamento dos chamados invertidos, apresentando a possibilidade não de cura, mas de aceitação da condição e do alívio de suas angústias. No lugar da cura, propõe “Vale a pena, aumentando seus conhecimentos, aumentar também sua felicidade e utilidade, capacitando-os assim a sentir que, também para eles, e mesmo como são, há um lugar no mundo, e muitas vezes um lugar até invejável” (ELLIS, 1971: 166).

Apesar de uma posição mais radical para a época, o pensamento de Ellis também está atravessado por uma lógica racional da utilidade. Muito antes do reconhecimento em direitos e da assimilação produtiva das chamadas minorias no mercado, Havelock Ellis já alertava para os efeitos

positivos da inclusão econômica e social destes, então, marginalizados. Sigmund Freud fundamentou muitas de suas teorias a partir da obra de Ellis (IDEM: 380). Na edição de 1933 de *Psicologia do Sexo*, Ellis retoma a obra de Freud, mas sem aderir completamente.

Para Ellis, a educação sexual para jovens é, em geral, tratada por especialistas, com base em seus estudos sobre os neuróticos. Tal abordagem seria prejudicial no desenvolvimento da criança, uma vez que o próprio desenvolvimento sexual faz parte de seu desenvolvimento e da curiosidade e, acrescenta, a “supressão forçada e desarrazoada dessas curiosidades naturais, e não sua satisfação, é que predispõe a uma consciência sexual doentia e a supressão deste âmbito na vida dos mais jovens” (ELLIS, 1971: 93).

Nos Estados Unidos, Alfred Kinsey se tornou um dos grandes nomes no campo de estudos da sexualidade. Biólogo de formação, taxonomista, dedicado ao estudo de vespas, passou a dar aulas no curso “Casamento e Família” na Universidade de Indiana em 1938. De acordo com o website do Instituto, foi a partir desse curso que o contato de Kinsey com o tema do sexo entre humanos se intensificou e ele começou sua coleta de dados. Em 1947, com apoio do então reitor da Universidade, Herman B. Wells¹⁰⁹, e com financiamento da *Fundação Rockefeller* – por meio do extinto *Committee for Research in Problems of Sex* [Comitê Para Pesquisas em problemas do Sexo], no interior da *National Academy of Science* –, fundou o *Institute for Sex Research* (ISR), publicando, nas duas décadas seguintes, os resultados de sua pesquisa nos relatórios *Sexual Behaviour in the Human Male* (1948) e *The Sex Behaviour in the Human Female* (1953). A partir destes estudos criou a chamada “escala Kinsey”¹¹⁰, que classifica em um intervalo de 0 a 6, o grau de hetero-homossexualidade, sendo “0” o equivalente a “exclusivamente heterossexual” e “6”

109 Ainda no website do Instituto, o papel de Herman B. Wells aparece como essencial, em função da sua perspectiva frente aos estudos científicos. Uma declaração de Wells, após a publicação do primeiro relatório Kinsey, mostra esta perspectiva: “A Universidade [de Indiana] acredita que o progresso da raça humana tem se tornado possível graças à liberdade dos indivíduos em pesquisar todos os aspectos da vida. Acredita ainda que somente através do conhecimento científico adquirido é possível encontrar a cura para os males sociais e emocionais em nossa sociedade”. Disponível em: <https://www.kinseyinstitute.org/about/history/alfred-kinsey.php> (último acesso em 16 de julho de 2016).

110 Informações e escala disponível em: <https://www.kinseyinstitute.org/research/publications/kinsey-scale.php> (último acesso em 16 de julho de 2016).

“exclusivamente homossexual”. Posteriormente, foi acrescentado o elemento X na escala para se referir a *assexuais*. Uma das conclusões da pesquisa de Kinsey foi que a maioria dos entrevistados se encontravam em algum lugar no interior da escala e não em seus polos. Além disso, a própria posição no interior da escala não era fixa no decorrer da vida de um indivíduo (KINSEY, 1948: 631).

Outro tema de forte repercussão nos estudos de Kinsey foi a sexualidade das crianças. A pesquisa realizada tanto com meninos como com meninas, aborda a relação com o sexo desde os primeiros anos de vida. No relatório sobre o comportamento sexual masculino, observa-se que as formas de entrevistas para crianças impúberes demandavam uma aproximação distinta, em que se incluía a reação das crianças a certas perguntas, interação com brinquedos, e exposição de desenhos (KINSEY, 1948: 58). No segundo relatório, *Sexual Behaviour in Human Female*, introduziu-se a questão da educação sexual para crianças, em que se ressaltou que, apesar de se desconhecer o melhor método e fonte, a educação em si é um elemento importante (KINSEY, 1953: 15-16).

A polêmica criada acerca da pesquisa com crianças se relaciona a acusações envolvendo a prática da chamada pedofilia, uma vez que o relatório quantifica orgasmos de crianças com apenas alguns meses de vida. Grande parte das fontes que acusam o trabalho de Kinsey são ligadas a algum grupo religioso¹¹¹. Um nome frequentemente relacionado às acusações, a partir da década de 1970, é o da juíza e PhD Judith Reisman, também envolvida em acusações contra Robert Mapplethorpe e que relaciona a emergência do regime nazista com o movimento homossexual na Alemanha.

111 Ao fazer uma busca por meio do Google, Duckduckgo, Yahoo com as palavras “Kinsey” e “Children”, os resultados apontavam para textos relacionando Albert Kinsey a práticas de pedofilia, e muitos destes websites se referiam a grupos que continham *fê, Deus* ou *Cristão* no nome ou na descrição do site. Entre os sites que apareceram no resultado de buscas das três ferramentas estão: <http://icolf.org/fact/ecosoc-the-kinsey-institute-and-child-sexual-abuse/> (International Center on Law, Life, Faith and Family); <http://www.sweetliberty.org/issues/bless/kinsey.htm> (Rede composta por diversos grupos, em grande parte religiosos. Nas informações sobre o site a referência a Deus é constante); <https://concernedwomen.org/> (Concerned Women for America, inspirado em princípios Bíblicos); <http://www.alecsatin.com/spirit-of-the-age/alfred-kinsey-children-table-34/> (Confort for Christians); <https://www.lifesitenews.com/news/alfred-kinsey-was-a-pervert-and-a-sex-criminal-life-site-news> (que assume uma ênfase nos princípios judeo-cristão); <http://www.albertmohler.com/2004/11/15/kinsey-as-he-really-was-what-you-wont-see-in-the-movie/> (Albert Mohler é ligado à Igreja Batista). Além deste websites, existe o “stopthekinseyinstitute.org” que não está explicitamente relacionado com nenhuma organização religiosa (últimos acessos em 16 de julho de 2016).

Em 1981, 25 anos após a morte de Alfred Kinsey, o instituto passou a se chamar Kinsey Institute¹¹², apesar das controvérsias, ele é um dos institutos de maior reconhecimento nos Estados Unidos, tanto por sua longevidade quanto pelo caráter precursor do trabalho de Kinsey.¹¹³

O Kinsey Institute, além de ser um instituto de referência, promove eventos, abriga uma biblioteca, coordena cursos de pós-graduação, dá suporte para pesquisadores e se propõe também a ser fonte de referência de informação para jovens de formação universitária, por meio de uma página, *Kinsey Confidential*, que fornece espaço para perguntas e respostas sobre o corpo e as relações sexuais.¹¹⁴

No segundo semestre de 2014, a bióloga PhD Sue Carter tornou-se diretora executiva do Instituto e ampliou a missão do mesmo para “incluir uma ênfase na ciência do amor, criação e bem-estar durante a vida”¹¹⁵. Em abril do mesmo ano, junto com outras 224 Organizações Não-Governamentais, o Kinsey Institute ganhou status consultivo especial junto à ONU, por meio de decisão do ECOSOC (Conselho Econômico e Social das Nações Unidas)¹¹⁶. O status consultivo de Organizações Não-Governamentais junto à ONU foi criado em 1945. As organizações afiliadas devem comprovar que “seus programas de trabalho são diretamente relevantes para os objetivos e propósitos das Nações Unidas”¹¹⁷.

Menos de dois meses depois da decisão, a coalizão *Stop Kinsey Institute* lançou um abaixo-assinado contra a decisão da ONU, alertando para os perigos e danos que o Instituto teria causado, vinha causando e ainda poderia causar às crianças do mundo. No documento, afirmam:

Desde a fraude de sua pesquisa sexual, de sua colaboração com pedófilos para poder publicar seus experimentos com crianças, até a promoção de

112 Disponível em: <https://www.kinseyinstitute.org/about/history/index.php> (último acesso em 16 de julho de 2016).

113 Na área da pesquisa, o trabalho realizado por Williams Masters e Virginia Johnsons, que também teve grande repercussão nos Estados Unidos, é considerado o “pontapé” da chamada revolução sexual no país. Inspirados no trabalho de Kinsey, Masters & Johnson iniciaram uma pesquisa que, para além dos dados recolhidos por entrevistas, se dispôs a medir de fato as reações do corpo durante as relações sexuais e a masturbação.

114 Disponível em: <http://kinseyconfidential.org/about/> (último acesso em 16 de julho de 2016).

115 Disponível em: <https://kinseyinstitute.org/about/profiles/cscarter.php> (último acesso em 16 de julho de 2016).

116 Informação disponível no documento publicado no website da ONU, em: <http://www.un.org/en/ecosoc/docs/2014/dec.2014212.pdf> (último acesso em 16 de julho de 2016); E publicada também no informativo do Kinsey Institute, disponível em: https://kinseyinstitute.org/news-events/newsletters/pdf/Spring_2014_newsletter.pdf (último acesso em 16 de julho de 2016).

117 Disponível em: <http://csonet.org/index.php?menu=30> (último acesso em 28 de junho de 2017).

comportamentos sexuais de risco como saudáveis e normais – que formou a base de perigosos programas de educação em sexualidade pelo mundo –, o Instituto Kinsey tem causado um dano incalculável às crianças, adultos e famílias¹¹⁸.

Além disso, o documento do abaixo-assinado responsabiliza o *Instituto Kinsey* pela chamada Revolução Sexual que teria promovido a promiscuidade hétero e homossexual, contribuindo para o colapso da família e outros problemas sociais. Ele ainda acusa o Instituto de ser a base de programas de educação sexual, conhecidos como CSE (Comprehensive Sexuality Education [Educação Sexual Abrangente]), largamente promovidos por programas da ONU, e que na verdade se tratariam de programas de doutrinação.



Para proteger as crianças dos efeitos do Kinsey Institute, a coalizão informa 4 passos a serem tomados: (1) assinar a petição; (2) recrutar outras pessoas a partir do compartilhamento da petição e do website; (3) educar-se a partir do material que eles disponibilizam contra o Instituto; (4) proteger, agindo nas escolas, revisando o conteúdo didático e formando outras coalizões com os pais e a comunidade¹¹⁹.

118 Informação disponível no website do abaixo assinado: <http://citizengo.org/en/signit/7707/view> (último acesso em 16 de julho de 2016).; bem como na website da coalizão: <http://stopthekinseyinstitute.org/>. (último acesso em 16 de julho de 2016).

119 Disponível em: <http://stopthekinseyinstitute.org/4-steps/> (último acesso em 16 de julho de 2016).

Por volta do ano de 1969, outro grupo envolvido com educação sexual se tornou alvo de acusações e ataques pelo que Gayle Rubin denominou de “extrema direita estadunidense”, que se assumiam, explicitamente, como anti-gays e consideravam os negros como uma classe de pessoas inferior e degenerada (RUBIN: 1993:8). De acordo com Gayle Rubin, o SIECUS (Sexuality Information and Education Council of the United States) foi acusado de ser comunista e destruir a família e a vontade nacional, por meio de escritos como *The sex education racket: pornography in the schools* [A farsa da educação sexual: pornografia nas escolas] e *SIECUS: Corrupter of youth* [SIECUS: Corruptor da juventude], este último, um livro publicado por uma editora cristã (IDEM). Rubin traz ainda um outro panfleto, intitulado *Pavlov's Children (they may be Yours)*: [Crianças de Pavlov (elas pode ser as suas)]¹²⁰, que acusa a ONU de estar em uma conspiração com o SIECUS

para destruir tabus religiosos, promover a aceitação de relações sexuais anormais, para rebaixar padrões morais universais, e ‘destruir a coesão racial’, expondo pessoas brancas, em especial as mulheres, aos baixos padrões sexuais dos negros (apud RUBIN, 1993: 8).

As disputas que se apresentam em diferentes momentos em torno da educação sexual de crianças e jovens explicitam uma preocupação de grupos mais conservadores em relação à disseminação de uma nova abordagem frente à sexualidade, abordagem que não está mais restrita ao âmbito local, mas que começa a tomar contornos planetários.

O SIECUS (Sexuality Information and Education Council of the United States) foi fundado em 1964 por Mary S. Calderone, uma médica que trabalhou com Planejamento Familiar, tornando-se diretora do Planned Parenthood Federation of America, em 1953, e atuando sob a mesma

120 Ivan Pavlov foi um psicólogo russo que ficou conhecido por seus estudos em comportamento, nomeados como reflexos condicionados. Um dos estudos conhecidos com cachorros se constituía em alimentava o animal sempre após um mesmo estímulo externo, e medir a sua salivação por meio de um instrumento anexado cirurgicamente na parte lateral da boca, para compreender como o condicionamento na alimentação produzia respostas involuntárias como a salivação. O que deu origem à psicologia comportamental. Nos Estados Unidos, acusações, mais ou menos recentes, afirmam que Pavlov realizava os mesmos tipos de experiências com crianças de um orfanato. Disponível em: <https://abstractinmind.wordpress.com/2012/12/15/pavlovs-children/>; <https://owlcation.com/humanities/The-Most-Unethical-Science-Experiments-Conducted-on-the-Unwitting-and-Vulnerable> (último acesso em 18 de julho de 2017).

perspectiva de Margaret Sangers¹²¹. Em 1964, aos 60 anos, resolveu deixar o seu trabalho na área de reprodução humana para se dedicar à área de sexualidade.¹²²

O SIECUS fornece fontes e referências para profissionais e para a comunidade, publica revistas, livros, guias de orientação para educação sexual para crianças e jovens nas escolas, realiza conferências, treinamentos, e atua em programas internacionais. Em 1990, o SIECUS expandiu sua atuação em direção às políticas públicas, ao abrir um escritório em Washington DC, onde oferece referência à comunidade e também dá suporte à mídia para garantir que o tema da sexualidade “seja representado adequadamente”¹²³. Assim como o Kinsey Institute, o SIECUS está de acordo com as orientações da ONU em torno dos direitos e educação sexual, utilizando o formato CSE (Comprehensive Sexuality Education), com atenção à promoção de igualdade de gênero, prevenção de gravidez indesejada e de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV.

Entre as campanhas de conscientização do SIECUS, a *No More Money* se volta contra o financiamento de programas que baseiem a educação sexual na ideia de abstinência até o casamento como única forma de prevenção de doenças e gravidez indesejada.¹²⁴ Além dessa campanha, o SIECUS oferece material e informação para que os pais e a comunidade possam evitar a adoção destes programas nas escolas¹²⁵.

121 Margaret Sanger foi uma ativista dos direitos das mulheres em relação ao controle de natalidade, incluindo o aborto. Conheceu Emma Goldman na prisão quando ambas haviam sido detidas por conta das propagandas ligadas ao controle de natalidade. Goldman, no entanto, afirma, que Sanger acabou se voltando para o meio burguês (GOLDMAND, 1931; FALK, 1984).

122 Disponível em: <http://www.nytimes.com/1998/10/25/us/mary-s-calderone-advocate-of-sexual-education-dies-at-94.html?pagewanted=all> e <http://www.siecus.org/index.cfm?fuseaction=Page.viewPage&pageId=493&parentID=472>

123 Disponível em: <http://www.siecus.org/index.cfm?fuseaction=Page.viewPage&pageId=493> (último acesso em: 28 de julho de 2016).

124 Website do projeto: <http://www.nomoremoney.org>. Durante o governo Bush (2001-2009), houve um grande investimento no combate contra AIDS a partir do *abstinence only* (HERZOG, 2008). Todas as organizações que quisessem continuar recebendo financiamento do governo deveriam se enquadrar nestas restrições. Tais organizações, em grande parte, atuavam na África. Disponível em: <http://www.wcc-coe.org/wcc/what/mission/ny-statement.html>; <https://vihsidanoticias.wordpress.com/2009/03/18/igreja-e-sida-em-africa/>; http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/documents/rc_seg-st_doc_20010627_declaration-aids_en.html (últimos acessos em 24 de maio de 2017).

125 Em 2011, no Brasil, a proposta de uma cartilha contra homofobia, intitulada *Brasil sem homofobia*, para ser distribuída em escolas, criou polêmica entre deputados e uma parte da população. Entre os deputados contra a proposta figuravam Jair Bolsonaro e Marco Feliciano, da chamada bancada evangélica. A cartilha era resultado do programa do governo Federal de mesmo nome, mas, após impresso, o material foi vetado pela então presidente, na época Dilma Rouseff, do Partido dos Trabalhadores (PT), em decorrência da polêmica, que foi largamente coberta pela grande mídia. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/projeto-de-distribuir-nas-escolas->

A questão que se coloca entre essas organizações e os grupos geralmente religiosos pode ser compreendida como uma disputa entre uma perspectiva considerada mais “conservadora e antiquada” e uma outra que seria mais “progressista”, ligada às diretrizes internacionais estabelecidas pela ONU. Todos concordam com a necessidade de orientar as crianças em relação ao sexo, mas discordam em relação a qual deve ser esta orientação, a partir de seus diferentes posicionamentos. Seria fácil identificar nessa disputa um caráter ideológico, entretanto, é importante notar que há, nos dois casos, uma justificativa que se respalda, especialmente, na proteção das crianças e que se volta, fundamentalmente, à educação escolar.

Nos Estados Unidos, no mercado constituído a partir das lutas por reconhecimento de direitos, a abordagem estabelecida pelas diretrizes internacionais tem maior ressonância. Nota-se, entretanto, que essa ligação acontece não exclusivamente por meio da assimilação de tais diretrizes, mas também a partir de uma produção de saberes que se dá ao mesmo tempo, e relacionada à constituição deste mercado. Em duas das sex shops “pioneiras” no estabelecimento desta abordagem, a *Good Vibrations* e a *Eve's Garden*, além do feminismo como direcionamento político – que, em termos de diretrizes internacionais, funcionará como a “igualdade de gêneros” – é possível identificar alguns direcionamentos ‘técnico-científicos’.

O Institute for Advanced Study of Human Sexuality (IASHS) está ligado direta ou indiretamente a ambas experiências. No que diz respeito à *Eve's Garden*, apesar de seu foco na educação não ser tão grande quanto na *Good Vibrations*, a presença e influência de Betty Dodson está bem marcada, inclusive na realização de cursos no espaço da loja. Betty Dodson faz parte do corpo docente como professora-adjunta do IASHS.

O Instituto estabeleceu-se formalmente no ano de 1976. Sua criação foi resultado de uma série de pesquisas e encontros entre organizações ligadas a algumas igrejas e grupos voltados ao estudo do sexo cuja preocupação era criar uma instituição que pudesse prover uma formação adequada a

kits-contrahomofobia-provoca-debate.html; <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011>; <http://educacao.estadao.com.br/blogs/lourenco-castanho/as-marcas-da-lourenco-a-educacao-sexual/> (últimos acessos em 15 de abril de 2017).

profissionais no campo da sexualidade. A junção desses grupos e especialistas das mais diversas áreas (médicos, educadores sexuais, psicólogos, entre outros) possibilitou a criação do *National Sex Forum* (NSF), por volta de 1968, e o Instituto surgiu como demanda criada neste mesmo fórum. O NSF também foi responsável por desenvolver uma metodologia – adotada também pelo IASHS – denominada SAR (Sexual Attitude Restructuring)¹²⁶, “um método revolucionário para a educação de adultos sobre o que as pessoas fazem sexualmente e como sentem sobre isso” que, de acordo com o Instituto, “apesar do Processo SAR ser mal compreendido e mal utilizado por imitadores não treinados, ele tem se provado muito efetivo quando usado por sexologistas competentes”¹²⁷.

Conforme o texto acerca da metodologia, publicado como e-book, em 2016, por Ted McIlvenna (que esteve envolvido desde o início na fundação do IASHS) e Loretta Mason Haroian,

Sexual Attitude Restructuring (SAR) é um processo de educação/terapia projetado para auxiliar casais a examinarem suas crenças sobre a sexualidade humana e mudarem de uma perspectiva negativa sobre o sexo para uma positiva (MCILVENNA e HAROIAN, 2016: 5).

Ainda de acordo com o mesmo material, o processo se baseia nas seguintes premissas:

1. O sexo tem um papel muito importante na vida de cada um. Fantasias sexuais, desejos e comportamentos devem ser reconhecidos como partes valiosas e integrais da totalidade de uma pessoa.
2. Sexo pode e deve ser discutido casualmente e sem julgamentos. Indivíduos têm o direito de conhecer os fatos e poder enriquecer suas vidas por meio do aprendizado de toda a extensão do comportamento sexual.
3. Todos têm o direito a uma boa vida sexual, incluindo pessoas com deficiências físicas ou mentais (paraplégicos, diabéticos, amputados, cardíacos, deficientes mentais, perturbados emocionalmente, etc.).
4. A sexualidade é uma das partes mais individuais na vida de uma pessoa. É de cada um determinar e então assumir responsabilidade por seu próprio estilo de expressão sexual.

126 O SAR foi desenvolvido pelos sexologistas Patti Britton e Robert Dunlap.

127 Disponível em: <http://www.humansexualityeducation.com/mission.html> (último acesso em 22 de maio de 2017).

5. Para experimentar uma vida sexual saudável e plena as pessoas precisam aprender sobre seus corpos e apreciá-los, conhecer seus sentimentos e seus *próprios ciclos de resposta sexual*¹²⁸, se tornar sensíveis às necessidades dos outros, e desenvolver um contato íntimo e significativo em seus relacionamentos sexuais (IDEM: 5-6).

Além de Dodson, outros nomes que figuram no corpo docente e institucional do IASHS, são Marguerite Rubenstein (“Dean of Students Emeritus”), Annie M. Sprinkle¹²⁹, Ted McIlvenna (“President”), Loretta J. Zemaitis (“Director, Students Service”) e Joseph Kramer¹³⁰ (“Professor of Somatic Sexology”).

Também fundado por Marguerite Rubenstein, em São Francisco, na Califórnia, existe ainda um centro de apoio e informação, o San Francisco Sex Information (SFSI), que, apesar de não ter um caráter profissionalizante, como muitas das associações e institutos, é uma referência para as pessoas que querem trabalhar na área da sexualidade com uma abordagem mais positiva. A abordagem neste centro está voltada mais para a disseminação de técnicas e conhecimento das práticas, diferente do SIECUS, por exemplo, mais ligado à conquista de direitos.

O San Francisco Sex Information (SFSI), uma organização sem fins lucrativos, é composto pelo trabalho de voluntários que passam por um treinamento antes de começar suas atividades. O foco do SFSI é dar atendimento e assistência por telefone, porém, ele também fornece cursos e treinamentos para todos os indivíduos e grupos – de educadores sexuais, profissionais da medicina, terapeutas, blogueiros, profissionais do sexo – que desejem ser uma fonte de informação em sua comunidade.¹³¹

O SFSI realiza atendimentos por telefone e e-mail a pessoas que queiram conversar sobre os mais diversos assuntos relacionados à sexualidade, de gravidez e doenças até formas de prazer

128 Grifos meus. No início dos anos 1960, William Masters e Virginia Johnson publicaram o livro *Human Sexual Response*, em que, por meio de método de observação quantitativo, estabeleceram um padrão de resposta sexual para a população em geral. O grifo é importante, pois mostra a individualização – que responde às identidades flexíveis – das características sexuais.

129 Annie Sprinkle era trabalhadora do sexo, tornou-se artista plástica, guru sexual e é reconhecida por todos os seus trabalhos. Nos *workshops* de ejaculação feminina, realizados no Brasil, por Sue Nhamandu, Anne Sprinkle é tida como uma das grandes referências.

130 Este último é uma das referências na ABRASEX (Associação Brasileira dos Profissionais de Saúde, Educação e Terapia Sexual), parceira constante na *Erótika Fair*, em São Paulo.

131 Disponível em: <http://sfsi.org/training/> (último acesso em: 28 de julho de 2016).

sexual, direcionando, pelo website, a uma série de outras organizações, websites e blogs que são considerados fontes de qualidade. Os assuntos abordados abrangem desde práticas como a zoofilia, BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo), até questões relativas à saúde sexual.

Alguns poucos temas não são abordados, como a chamada pedofilia; a parte relacionada às crianças remete a educação sexual e sexualidade infantil, mas não a relação com adultos. Entretanto, dentro da área de perguntas frequentes, a questão “Qual seria a idade consensual?” aborda as referências legais e a discussão realizada no interior dos programas da ONU, mas acrescenta: “Se quiséssemos criar uma cultura em que se relacionar sexualmente com uma criança fosse saudável, teríamos que começar por criar uma cultura na qual os sentimentos das crianças fossem respeitados, apoiados e validados. E nitidamente não estamos prontos para isso”¹³².

Em meio às disputas em torno da sexualidade, a criança aparece como uma moeda de troca. A presença da criança em si parece ser colocada de lado, no lugar, é *em nome* dela que se justificam as políticas chamadas mais conservadoras ou mesmo as chamadas mais progressistas.

Réne Schérer e Guy Hocquenghem, no livro *Co-ire, Album systématique de l'enfance* (2016), publicado originalmente em 1976, fazem uma distinção entre o rapto e o sequestro da criança. Os autores recusam a construção da infância como um estado fixo, sucedido pela vida adulta. Nesse sentido, a criança não é uma identidade que pertence à família (SCHÉRER e HOCQUENGHEM, 2016: 180), a criança não é “‘o futuro do homem’, ela é sua contemporânea no agora” (IDEM: 182).

A noção do *rapto* se coloca a partir da criança enquanto um “ser objetivo de desejo”, e não como um “signo”. É a partir do *rapto*, para os autores, que a criança estabelece uma relação com o fora, que permite que ela se manifeste como “corpo de desejo”, que exista a partir de uma relação exterior ao mundo familiar – no qual ela é uma peça, um investimento, um ser em desenvolvimento para o futuro. Nessa relação com o fora, a criança simplesmente é.

132 Disponível em: <http://sfsi.org/misc/> (último acesso em: 30 de julho de 2016)

(...) em meio à lentidão e viscosidade dos compromissos familiares, o rapto é rápido, preciso, ele se situa aquém ou além, mas em todo o caso à margem dessa rede de semiconsentimento e reticências que é o pão nosso de cada dia das crianças de família as quais nem mesmo a fuga solitária permite escapar (IDEM: 153-154).

O rapto está ligado a querer se deixar levar pelo outro; é este fora, “temido e desejado” – porque é também um corte abrupto que remove a criança da acomodação familiar – que permite que se estabeleçam e inventem outras relações. O rapto, portanto, é um roubo, mas em que a criança é roubada por si mesma, por sua vontade e desejo, pelo outro que a deseja por ela mesma, não como signo.

“No sequestro, ao contrário do rapto, a criança não é roubada por si mesma, pelo que vale como ser ou objeto de desejo. O sequestro é uma relação entre adultos (...)” (IDEM: 155). O valor da criança, no sequestro, é um valor de troca, no lugar de objeto de desejo, a criança se torna “objeto de barganha”. Reproduzem-se, portanto, as mesmas relações sociais que atravessam a família burguesa: o investimento para um retorno futuro, as negociações, o valor econômico. Naquilo que ordinariamente se entende por sequestro, uma criança de família rica é retirada do seu ambiente, em troca de dinheiro. A criança, nesse caso, funciona como “caução”.

Essa situação específica não se aplicaria às famílias pobres. Porém, se o sequestro for tomado em uma fórmula geral (e não como uma situação específica), então, apesar da conversão da criança em dinheiro não ser imediata, ela continua operando como “caução para a sociedade em seu conjunto” (IDEM: 156). A criança, portanto, é sequestrada pela escola e por uma infinidade de instituições, de modo que possam, no futuro, devolver este investimento à sociedade.

Nas sociedades modernas (...), a educação das crianças, a preocupação com sua saúde, com seu futuro é o mais potente freio que se pode opor à subversão da ordem social, às revoluções. Pois aqui também permanece a lógica do sequestro, só que invertida. Diz o Estado: mantenham-se quietos, ganhem dinheiro para vossos filhos, fiquem atentos ao que eles aprendem, se assegurem de que frequentam escola, ou eles estarão socialmente mortos. Ou, mais diretamente, quando se trata de asilos, exército, prisões, instituições que retêm sem dar nada em troca: só os resgatarão uma vez mortos, porque vossa dívida e a deles são infinitas (IDEM: 156-157).

constituição do campo da sexualidade no Brasil

Luiz Pereira de Lima Júnior, em sua tese de doutorado *O acontecimento aleatório do sexo: Cartografando a sexualidade na prática da Educação Sexual e no espaço dos Parâmetros Curriculares Nacionais* (2003), mostra que a introdução de uma educação sexual no Brasil teve suas primeiras investidas no início do século XX, sob influência europeia, nos círculos ligados à medicina e ao higienismo. A disputa em torno da inserção da Educação Sexual passava tanto por um interesse do Estado no controle de natalidade da população e na prevenção das DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), como também pela atuação de feministas.

No país, o campo da sexualidade é ainda pouco explorado como área independente. Há muitos grupos e organizações profissionais e de pesquisa que ainda estão diretamente relacionados a outras áreas, como: medicina, saúde e educação infantil, saúde e direitos das mulheres e LGBT.

No estudo *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil* (2011), Russo e Rohden afirmam que o sexo começou a se tornar tema de interesse no Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX, mas foi somente nos anos de 1930 que a sexologia¹³³ começou a ser formulada como uma disciplina específica. Ainda no final daquela década, de acordo com o estudo, foi criada “a primeira instituição destinada à Educação Sexual de que se tem notícia no Brasil” (IDEM: 36), o CBES (Círculo Brasileiro de Educação Sexual).

A oposição da Igreja ao tema, no entanto, conteve os investimentos até o início dos anos 1960, quando a própria Igreja também tomou parte no investimento de uma Educação Sexual no Brasil. No decorrer das décadas de 1960 e 1970, entretanto, uma série de outras disputas em torno dos costumes e de uma moralidade cristã, da própria população, e por vezes do Estado ditatorial, se colocaram no caminho da implementação da Educação Sexual nas Escolas (LIMA, 2003: 2003).

133 De acordo com os autores do estudo “Escolhemos usar este termo por ser esta uma designação tradicional de modos de intervenção e conhecimento que visam o atendimento clínico ou a prevenção de distúrbios relacionados à sexualidade. Entretanto, esta não é mais uma designação consensual dentro do campo, e nossa hipótese é de que o uso do termo está diminuindo, ou mesmo desaparecendo” (RUSSO, ROHDEN, et alli, 2011: 9).

Nos anos 1980 houve uma proliferação de publicações acadêmicas e científicas sobre o tema, conforme Lima Junior (2003) retoma do trabalho de Mary Figueiró, de 1996. Entre outras coisas, surgiram serviços de atendimento telefônico e programas de rádio e televisão, como o quadro sobre sexualidade de Martha Suplicy, no programa *TV Mulher*, veiculado pela Rede Globo (IDEM; SOARES, 2011).

Ainda na década de 1980 foi fundada a Associação de Educação Sexual, a partir de uma dissidência com a Sociedade Brasileira de Sexologia (SBS), que “restringiu a participação de não-médicos em seus quadros” (RUSSO, ROHDEN, et alli, 2011: 41). Com o advento da AIDS, o investimento e a proliferação de estudos no campo da sexualidade também aumentou. “A partir de 1998, a orientação sexual passou a figurar nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como tema transversal” (IDEM: 42).

Em 1984, no interior da área médica da urologia e com atenção às disfunções sexuais masculinas, foi criado o Instituto H. Ellis, que contava também com um centro de diagnóstico e tratamento psicológico (RUSSO, ROHDEN, et alli, 2011).

A partir do I Encontro Nacional de Sexologia, organizado pela FEBRASGO (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia) e realizado em 1983, surgiu a SBRASH (Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana). A organização foi criada em 1986, e afirma ter como objetivos promover o intercâmbio científico entre os profissionais da área, colaborar com governos e outras entidades, emitir certificados de qualificação profissional, avaliar e atualizar os conhecimentos na área, dar suporte técnico, incentivar publicações, desenvolver atividades científicas relacionadas à sexualidade humana, realizar convênio e parcerias “com Instituições Governamentais e não Governamentais ou Privadas de ensino e congêneres”¹³⁴, entre outros.

De acordo com o estudo coordenado por Russo e Rohden, a criação da SBRASH (Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana) foi uma saída para a tensão causada pela

134 Disponível em: <http://www.sbrash.org.br/sobre-sbrash> (último acesso em: 28 de julho de 2016).

participação de profissionais fora da área médica, constituindo-se, portanto, como uma “sociedade multiprofissional” no campo que se colocava “entre a subordinação à medicina e a autonomização da especialidade” (2011: 49).

A profissão de “sexólogo” (ou similar) não está incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os que assim se denominam estão associados a outras profissões, como psicólogos, terapeutas, educadores. Um dos papéis da SBRASH é, portanto, certificar profissionais de diversas áreas no campo da sexualidade. Segundo Russo e Rohden,

As determinações referentes à competência e à área de atuação de profissionais que trabalham neste campo têm sido estabelecidas pelos conselhos ou associações profissionais, como o Conselho Federal de Medicina (CFM), o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e a Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (Sbrash) (2011: 63).

A SBRASH certifica os especialistas em sexualidade por meio do Título de Especialista em Sexualidade Humana (TESH), criado em 2003 para substituir a Qualificação para o Exercício da Terapia Sexual e Educação Sexual, ampliando, desta forma, a gama de profissionais que poderiam atuar no campo (IDEM).

A formação e certificação de profissionais ligados ao campo da sexualidade é um elemento que parece ter relevância no interior do mercado relacionado ao prazer sexual no Brasil. Tal relevância aparece na certificação de profissionais do mercado, dentro do campo da sexualidade, observável na formação recente de professores de pole dance, pompoarismo, consultores de sexshop, entre outros, por meio da ABRASEX (Associação Brasileira dos Profissionais de Saúde, Educação e Terapia Sexual) e seus parceiros.

A ABRASEX é uma associação criada nos últimos anos que tem como objetivos promover e divulgar o exercício de profissionais certificados com atuação na área da sexualidade, estimular o intercâmbio profissional nas diversas áreas de conhecimento humano, facilitar o acesso às pesquisas e publicações¹³⁵. Ligada indiretamente a SBRASH, por meio de seu fundador, o terapeuta sexual

135 Disponível em: <http://www.abrasex.com.br> (último acesso em: 28 de julho de 2016).

Paulo Tessarioli, a ABRASEX também se coloca no campo multiprofissional, explicitado em sua própria sigla.

A *Vivendo Melhor* é uma prestadora de serviços criada em 2004 por Paulo Tessarioli e sua esposa, a educadora e especialista em sexualidade, Graça Tessarioli. Voltada para as áreas de Saúde e Educação, a *Vivendo Melhor* oferece cursos online e presenciais, alguns deles certificados por meio da parceria com o CEFATEF (Centro de Formação e Estudos Terapêuticos da Família)¹³⁶. De acordo com o website da empresa, a iniciativa surgiu a partir da realização do curso “Qualidade de Vida também se aprende na Escola”, ministrado na UNICID (Universidade Cidade de São Paulo). Em 2011, Paulo Tessarioli lançou o primeiro curso de Capacitação em Sexualidade com o título “Da censura do sexo à ditadura do prazer” e, em 2012, o projeto teve continuidade com os “*Workshops* sobre Problemas Sexuais”¹³⁷. Muitas das atividades da ABRASEX com a *Vivendo Melhor* estão envolvidas com os eventos organizados pela ABEME e pela *Erotika Fair*.

Em 2013 me inscrevi no curso “Da censura do sexo à ditadura do prazer”, ministrado por Paulo Tessarioli e oferecido pela *Vivendo Melhor* em parceria com a ABEME (Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico e Sensual), realizado nas acomodações da loja *Doce Sensualidade*, em São Paulo. Além desta, o curso também tem o apoio da loja *Sexy Delícia*, do Rio de Janeiro, e foi patrocinado pela marca sueca de vibradores de luxo *Lelo*. Um dos objetivos do curso é a capacitação de pessoas que tenham interesse em ingressar no mercado erótico ou que já façam parte dele. De acordo com a ABEME, o curso ainda tem como objetivo valorizar o profissional do mercado erótico, para isso, “os profissionais certificados serão listados no site da ABEME como profissionais capacitados a atender os consumidores do mercado erótico e sensual”¹³⁸

Em um auditório montado no interior da loja especialmente para o curso, um telão está posicionado em frente a uma plateia. Os organizadores e palestrantes se encontram junto ao

136 Informação disponível em: <http://www.cefatef.com.br>

137 Informação disponível em: <http://www.cursodesexualidade.com.br/> (último acesso em: 28 de julho de 2016)

138 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/abeme-inicia-parceria-para-capacitacao-do-mercado-erotico-em-sexualidade-e-confere-certificado/> (último acesso em 16 de julho de 2016).

telão. Entre o público, de aproximadamente 20 pessoas, apenas dois são homens. (...) Paula Aguiar, presidente da ABEME dá alguns informes sobre a associação e a Erótika Fair. A dona da loja é a segunda a falar. Ela afirma que não existe concorrência no mercado erótico, uma vez que as possibilidades de segmentação são diversas e ressalta a importância da união e da ação em conjunto neste mercado. (...) Paulo Tessarioli toma a palavra para apresentar, em primeiro lugar, o projeto da Vivendo Melhor. Trata-se de um projeto de educação continuada e em construção. A primeira etapa do projeto são as palestras de capacitação; a segunda etapa consiste em discussões de cases¹³⁹; e a terceira etapa será definida a partir dos retornos e do desenvolvimento das anteriores. Os resultados devem ser apresentados no 21^a Congresso Mundial da Sexualidade¹⁴⁰, em agosto de 2013. Paulo Tessarioli então se apresenta assinalando as instituições e organizações a que está relacionado. (...) Todos são convidados a se levantar, abraçar a si mesmo e mentalizar ‘eu me amo para caramba’. (...) Um outro exercício com dois voluntários da plateia (...). É um exercício de observação justificado pela necessidade de se perceber o cliente, sem procurar enquadrá-lo no que queremos ver. Paulo Tessarioli afirma que outro ponto importante do exercício diz respeito à forma como nós mesmos nos apresentamos, o que queremos que os outros vejam na gente. (...) Algumas pessoas falam dos preconceitos que tem que enfrentar ao trabalhar neste mercado e como lidar com eles. (...) A plateia se apresenta: uma publicitária, um professor universitário que estuda sexualidade na área de geografia, uma vendedora porta-a-porta e consultora de produtos sensuais, uma mulher formada em contabilidade que quer se tornar psicóloga com ênfase em sexualidade, um engenheiro de formação que atua no mercado de produtos eróticos online, uma coaching de relacionamentos, uma bióloga e contadora que trabalha no mercado online, uma mulher do interior de São Paulo que trabalha com produtos eróticos como segunda fonte de renda, uma gestora ambiental, uma professora especializada em consciência tântrica, entre outros. (...) No telão, o título dos pontos seguintes do curso “fatos históricos e curiosos” e “mitos e tabus sexuais”. As apresentações contam sempre com a interação da plateia. O palestrante pergunta: “quais as palavras que vêm à mente com as palavras do título?”. (...) Mary Del Priori é uma das autoras citadas na apresentação a partir da discussão sobre privacidade e intimidade no século XVI no Brasil. A noção do inconsciente coletivo entra a partir de Jung para introduzir a questão da subjetividade. (...) As informações são importantes no curso de capacitação, pois o profissional do mercado erótico tem que ter respostas e argumentos fundamentados. (...) A apresentação é interrompida por comentários, discussões e dados sobre o mercado erótico. (...) O cuidado se si é introduzido com Michel Foucault, relacionado à invenção da sexualidade. (...) Ao fim da apresentação histórica, um exercício de reflexão. (...) A proposta é mostrar os mitos que nos rodeiam. Em seguida, um exercício em grupo com o mesmo propósito conclui com o alerta de que o senso comum na grande mídia e a falta de especialistas contribuem para a marginalização do assunto.

139 O termo *case* é geralmente usado em relação aos negócios, para se referir a casos que merecem atenção pelo seu sucesso, ou que merecem atenção por colarem uma situação ou problema comum. *Cases* são histórias que aconteceram de fato e de onde se pode tirar alguma lição.

140 O congresso a que se referem é o *XII Congresso da Sociedade Latinoamericana de Medicina Sexual (SLAMS)*, realizado entre 28 e 31 de agosto de 2013, em Cancún, no México. O evento acontece a cada dois anos, desde 1990, quando foi fundada a SLAMS, que é associada à *International Society for Sexual Medicine (ISSM)* – fundada em 1978, com base nos EUA, voltada, inicialmente, para o problema da disfunção erétil e, posteriormente, no amplo campo da sexualidade. Disponível em: <http://www.issm.info/who-we-are/faq/>). A SLAMS foi criada no Rio de Janeiro, durante um congresso internacional sobre impotência. Disponível em: <http://www.slamsnet.org/en/history>. O congresso de 2013 contou com a apresentação de conferências, painéis, mesas redondas e apresentação de trabalhos. Entre os trabalhos apresentados, constou o citado no curso de capacitação. Disponível em: <http://www.slamsnet.org/slams2013/slams2013-programa-final.pdf> (últimos acessos em: 28 de junho de 2017).

O curso trouxe ainda discussões sobre os mitos e os tabus construídos em nossa sociedade e o papel de cientistas como Alfred Kinsey, Williams Masters e Virginia Johnson para derrubar estes mitos. Entre os tabus assinalados estavam o sexo anal, o sexo oral, a masturbação e a virgindade. Um exercício meditativo propunha que pensássemos em nossas experiências e nas sensações decorrentes, acomodados em colchonetes e com as luzes apagadas. Assinalou-se ainda as questões de gênero e sexualidade. Quase ao final, foi realizado um exercício em grupos, no qual cada grupo era apresentado a questões comuns aos clientes, e perguntava-se quais orientações cada grupo daria a partir destas questões. Uma das conclusões em meio às discussões é que o sexo começa na cabeça, o que abriu para a discussão do trabalho do terapeuta sexual na busca de resultados. Enfim, foram apresentadas as classes de produtos no mercado erótico, divididos entre aqueles relacionados ao desejo (filmes pornográficos, contos eróticos, ambientações e brincadeiras) e aqueles relacionados à excitação (acessórios e cosmética sensual, próteses e *plugs*, vibradores e masturbadores, lingerie e fantasias).

A ABEME, por meio de suas parcerias com especialistas, possibilita a difusão de uma nova abordagem do sexo no mercado, com informações certificadas por autores reconhecidos. A capacitação amplia o papel do vendedor, agora como consultor e propagador de informações validadas – isto é, àquelas que são difundidas em congressos e similares, por indivíduos ou organizações reconhecidas internacionalmente.

A pluralidade e a desmistificação de antigas verdades são importantes para o campo das vendas, assim como saber trabalhar com as necessidades de cada um e estar capacitado a propor soluções. Quanto mais ampla a abordagem de quem vende, maiores as possibilidades diante do público consumidor. O trabalho em conjunto ainda garante o fortalecimento desta rede diversificada.

educação e capital humano

A importância do caráter educativo, em meados do século XX, não marcou somente as abordagens contraculturais. Por volta dos anos 1950 e 1970, a partir de uma crítica à economia clássica, surgiu uma nova teoria econômica denominada Teoria do Capital Humano. Dois nomes importantes na constituição desta teoria são Theodore Schultz e Gary Becker. Diante das dificuldades resultantes da chamada crise durante a Grande Depressão, Schultz e Becker voltaram suas atenções às práticas econômicas que apresentavam um bom resultado.

Michel Foucault (2008a) descreve que a Teoria do Capital Humano se formula a partir questão do trabalho, mas sob o ponto de vista de quem trabalha. Schultz e Becker colocaram esta questão assinalando que diferenças qualitativas do trabalho podem ter um efeito econômico. Dessa forma, o investimento nos produtos e processos de produção, não seriam suficientes. Foucault observa que, nessa perspectiva, o trabalho é compreendido como uma conduta econômica. Sob esta abordagem neoliberal, o *homo economicus* é resgatado não mais como homem da troca, mas como um empresário de si, e a concepção de força de trabalho é substituída pela concepção de capital-capacitação. Segundo Foucault (2008a), o investimento de cada um em si, abrange desde a escolha de parceiros, no sentido de melhorar a carga genética, até um investimento cotidiano na saúde, no comportamento, na educação. As condutas do consumidor-trabalhador são apreendidas a partir de um cálculo com vistas a um retorno futuro que, apesar de individual, tem efeitos no desenvolvimento econômico e tecnológico da sociedade como um todo. Assim, a Teoria do Capital Humano insere o investimento educacional de maneira mais ampla que simplesmente a escola.

Segundo a noção de que o capital é tudo o que pode se constituir como fonte de renda futura, o homem pode ser entendido como capital e sua renda será produto dos investimentos em si mesmo, fazendo com que todos sejam, dessa forma, empresários de si.

Em seu livro de 1971, *Investment in Human Capital: The Role of Education and of Research*, Schultz coloca a educação como um ponto importante desse investimento. Ele menciona que a

saúde e a alimentação – conectadas – já eram elaboradas como investimentos em alguns lugares. Schultz não inventou uma nova maneira de investir – uma vez que as suas próprias conclusões foram tiradas de situações que ele mesmo observava –, mas trouxe a questão do investimento em capital humano como modelo de solução tanto para empresas privadas como para a criação de políticas públicas. Desta maneira ampliaram o campo de alcance deste modo de investimento.

Em um artigo intitulado “Capital formation by education”, publicado no *Journal of Political Economy* em 1960, Schultz apresenta um cálculo sobre a educação tanto do ponto de vista dos investimentos do estado e do indivíduo, quanto da manutenção das instituições educacionais (como salários, materiais, espaço). Além dos gastos, ele chama a atenção para os retornos que aparecem enquanto rendas futuras, mostrando em uma equação matemática os efeitos do investimento inicial em comparação aos resultados obtidos por aqueles que não investiram (com atenção, por exemplo, aos maiores salários daqueles que investiram na educação).

No momento em que escreve, Theodore Schultz se adianta às críticas em relação à abordagem da educação enquanto investimento e bem de consumo, alertando que esta análise não descarta as aquisições culturais, mas que as aquisições econômicas podem somar a elas. No artigo “Investment in Human Capital”, de 1961, classifica 3 classes de gastos: aqueles unicamente para a satisfação e que não acrescentariam nenhum valor às capacidades e habilidades, o que poderia ser definido como “consumo puro”; os gastos que não trariam qualquer tipo de satisfação, mas que acrescentariam às capacitações, ou “investimento puro”; e, finalmente, aqueles que teriam os dois efeitos, e que seriam, por isso, mais importantes. Com isso, Schultz procura marcar a diferença entre consumo e investimento. A educação poderia se enquadrar nas três formas de gastos. Ela se torna um investimento quando voltada para retornos futuros.

Em 1979, Schultz foi laureado com o Nobel em economia por sua atenção aos problemas dos países em desenvolvimento, a partir da “análise do papel do investimento no capital humano para o desenvolvimento econômico, em especial, na agricultura”¹⁴¹. Em 1992, foi a vez de Gary S. Becker

141 Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/1979/schultz-facts.html

ser laureado com o prêmio “por ter estendido o domínio da análise microeconômica para um campo mais amplo do comportamento e interações humanas, incluindo um comportamento fora do mercado”¹⁴².

Na conferência da premiação, intitulada “The economic Way of Looking at Life” [O modo econômico de olhar para a vida], Becker anuncia que sua pesquisa “utiliza a abordagem econômica para analisar questões sociais para além daquelas geralmente consideradas por economistas” (1997: 38), entretanto, ressalta que isso não significa que considera que as motivações dos indivíduos são somente egoístas ou voltadas para os lucros, mas que o “comportamento é movido por um leque muito mais rico de valores e preferências” (IDEM). O primeiro ponto em comum entre nesta ampla variedade de comportamentos é o “olhar para frente”.

Becker então situa quatro temas para ilustrar a abordagem econômica: a discriminação contra as minorias; o crime; o capital humano; e o casamento e a família. Em relação às minorias, ele afirma que o que chamou de “coeficiente de discriminação” incide sobre a relação entre empregadores, funcionário e clientes, mas também nas possibilidades de capacitação que estão ligadas, entre outras coisas, a uma interiorização que faz com que aqueles discriminados tenham um menor empenho em investir em si próprios (IDEM: 40-41).

Em uma abordagem econômica do crime, Becker assume que há uma racionalidade no crime que não está ligada exclusivamente a problemas sociais ou doenças mentais, discordando da suposição de “que criminosos teriam motivações radicalmente diferente das outras pessoas”. Dessa maneira, o que os moveria seria um cálculo de custos e benefícios em que estão incluídas desde as oportunidades no âmbito social até os riscos e intensidade das punições (IDEM: 41-42).

O que levou Becker a pensar o que chamou de racionalidade no crime foi sua própria experiência, depois de

(último acesso em 30 de junho de 2017).

142 Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/1992/becker-facts.html (último acesso em 30 de junho de 2017).

dirigir até a Universidade de Columbia University para o exame oral de um estudante em teoria econômica. Eu estava atrasado e tive que decidir rapidamente se colocava o carro no estacionamento ou se arriscava levar uma multa por estacionar ilegalmente na rua. Calculei as chances de levar uma multa, o tamanho da penalidade, e o custo de colocar o carro em um estacionamento. Decidi que o risco valia a pena e estacionei na rua (não fui multado) (IDEM: 41).

Entretanto, ao se voltar a outras formas de crime, como o roubo, calculou os custos que isso poderia ter para a sociedade (para além da distribuição de renda forçada), e concluiu que “bandidos” gastam em armas e que o tempo que despendem em planejar o “crime” é improdutivo para a sociedade, logo, o “crime” seria prejudicial (IDEM: 42).

Becker afirmou ainda que o sistema penal estadunidense já realizava (à época) cálculos econômicos para decidir as penas e medidas a serem tomadas em relação aos chamados crimes. E afirma que “uma razão de porque a abordagem econômica do crime é tão influente é que o mesmo aparato analítico pode ser utilizado para estudar a aplicação de qualquer lei” (IDEM).

Ao expor a questão do capital humano, Becker reconhece a importância do trabalho de Schultz e observa que a atual assimilação do capital humano torna incompreensível a controvérsia que ele causou durante os anos de 1950-1960. Sobre o capital humano, ressalta os cálculos de retornos de homens, mulheres, negros, em diferentes graus de investimento em educação. Apesar da maior atenção na questão da educação – que não se restringe à educação escolar ou universitária –, Becker também aponta para as implicações deste capital em outros campos, como o “mercado” do casamento (IDEM: 45).

Finalmente, ao se referir à abordagem econômica no campo que chamou de “formação, dissolução e estrutura da família”, observou que decisões como casamento, divórcio e investimento nas crianças passam sempre por um cálculo racional de custos e benefícios, e que o cálculo só é “tabu” entre os intelectuais. Além disso, ao criticar a análise de Thomas Malthus referente à reprodução, afirma que o problema não estava em sua abordagem econômica, mas em desconsiderar outras variáveis além dos custos em se ter um filho. Sobre isso, Becker explica – oposto a Malthus – que a diminuição no aumento da população estaria mais ligada a uma

valorização do tempo em termos econômicos e dos custos dos investimentos necessários em um país desenvolvido, do que simplesmente ao cálculo no salário dos pais.

As variáveis que permeiam as relações familiares, para Becker, são diferentes daquelas entre empregados, empresas e organizações, e são transpassadas mais por “amor, obrigação, culpa e um senso de dever, do que limitados por interesses próprios” (IDEM: 48).

Nas relações familiares, Gary Becker considera que, mais do que confiar somente no altruísmo no círculo familiar, é preciso levar em consideração a relação entre o investimento no futuro das crianças e com a comodidade dos idosos, uma vez que eles são só dois extremos em que há uma dependência de ajuda exterior. Mas, após algumas equações matemáticas, conclui que famílias que investem nas crianças em um ambiente aconchegante e sem culpa têm uma possibilidade maior de ter um retorno quando elas chegarem à idade adulta (BECKER, 1997: 50-51).

Ao final da conferência, conclui que “o modelo da escolha racional fornece a base mais promissora disponível para uma abordagem unificada à análise da sociedade por intelectuais das ciências sociais” (IDEM: 52).

A partir dessa abordagem, a experiência pessoal na vida de cada um pode ser transformada em capital humano. Isso não descarta a aquisição de títulos, uma vez que são um reconhecimento oficial deste capital, mas incita a cada um utilizar as suas experiências com um retorno profissional ou financeiro no futuro. As superações na experiência de vida de cada um, passam a ser incorporadas como valor na área empresarial.

A questão do investimento para o futuro é fundamental nessa análise. O investimento no capital humano só tem sentido enquanto um planejamento para o futuro. Neste ponto, é possível indicar uma intersecção entre a teoria do capital humano e uma perspectiva colocada como diametralmente oposta a esta abordagem liberal. Assim como a teoria econômica neoliberal

necessita da vista ao futuro para que possa ser colocada em funcionamento, a utopia comunista também se baseia no futuro para colocar em prática as suas proposições estatais.

A educação, em ambas as abordagens, torna-se essencial na constituição de sujeitos que aguardam um retorno futuro. Essa educação se diferencia, por exemplo, da educação anarquista, na medida em que esta última se baseia na possibilidade de experimentações de liberdade agora, sem um modelo definido, mas a partir das descobertas de cada um durante esse percurso.

Mas, se entre as décadas de 1960 e 1970 havia um interesse, para um grupo de pessoas, em derrubar modelos de comportamento a partir das próprias experiências, em pouco tempo estas novas experiências inseridas em um mercado em crescimento, em função das demandas de aceitação de outros estilos de vida, tornaram-se alvo de investimento para atingir o sucesso econômico ou mesmo o reconhecimento social.

Isso não significa que os valores que essas pessoas defendem são falsos, ou meras desculpas para atingir uma segurança econômica; mas, no interior do mercado; esses valores são revalorizados dentro de uma racionalidade neoliberal. O caráter educativo torna-se um valor a mais para a mercadoria e, quanto mais fidedigno, mais valioso ele é. A experiência de cada um torna-se um diferencial, revertida em uma valorização do produto ou serviço. Dessa forma, cada experiência, até algumas consideradas radicais, pode ser incorporada ao funcionamento das mutações necessárias para a melhoria do futuro sem alterar a estrutura de governo da população e do Estado.

No interior do mercado, esses valores se tornam uma opção a mais, sem de fato eliminarem a moral que pretendiam arruinar, uma vez que dentro do mercado os setores devem se ajustar às principais demandas de modo a continuar existindo. As novas opções somam a diversidade de escolhas sobre o mesmo gerenciamento.

Um diferencial na produção do capital humano é que um tanto de gente – em geral os chamados pioneiros, mas não só – realmente acreditam nos valores que estão vendendo e negociam sua entrada no mercado como modo de garantir a continuidade desses valores, ainda que sejam

necessárias algumas concessões que possibilitem a sua permanência no mercado. Estas concessões podem ser desde a introdução de produtos que, a princípio, não expressem os valores de determinado empreendimento (como, por exemplo, produtos de festas de solteiras, quando se advoca contra o casamento); táticas de venda (a adoção do “marketing agressivo”, quando se é contra a manipulação de pessoas por meio da propaganda mercadológica de valores); a adoção de formatos empresariais convencionais (como abdicar de um modelo comunitário horizontalizado, quando se é contra hierarquias).

Para continuar existindo dentro do mercado é necessário atender às demandas do público. No caso das sexshops, por mais honestas que sejam suas propostas, é preciso que as mesmas se adaptem e se ajustem ao que é exigido para garantir sua permanência e continuidade. A chamada concorrência, inerente ao funcionamento do Estado – seja ela local ou internacional –, garante a necessidade de se fazer concessões e firmar acordos. Há, nesse sentido, uma negociação entre os chamados antigos valores e a inserção de novos, que acabam também produzindo novos desejos, novas demandas e alimentando um mercado que se sustenta por meio de novidades.

Em 2011, a união estável entre duas pessoas do mesmo sexo foi reconhecida no Brasil. Dois anos depois foi aprovado o casamento em cartório, bem como a conversão da união estável em casamento, baseada em uma lei de 1996, estendendo os direitos heterossexuais que constam na instituição aos chamados casais homoafetivos. Em 2015, nos Estados Unidos, o casamento entre pessoas do mesmo sexo se tornou legal em nível federal. O casamento entre pessoas do mesmo sexo se tornou, em determinado momento, uma das demandas do movimento LGBT. Mesmo que tais direitos tenham acirrado ainda mais expressões contrárias às práticas homossexuais, o casamento entre pessoas do mesmo sexo uniu os conservadores valores familiares às minorias antes tidas como desviantes.

A chamada febre da trilogia *Cinquenta tons de cinza* aparece como produto dentro dessa negociação. As práticas BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo),

que, no passado, figuraram entre os desvios sexuais nos tratados de medicina e psicologia, e também marca de um enfrentamento à chamada sexualidade normal, compõem agora mais um elemento de “tempero” na restauração do casamento. Os livros da trilogia apresentam, por meio de uma relação sadomasoquista, os problemas enfrentados num relacionamento amoroso, equacionado com o fortalecimento do casal, e atizam o desejo e curiosidade, explicitados no aumento da venda de produtos BDSM.

O sexo anal, apesar de ser uma prática considerada comum no universo do desejo masculino – ao menos no Brasil –, saiu do campo dos desejos secretos e tornou-se alvo de investimentos com lubrificantes especiais, guias e técnicas para sua realização e objetos específicos para sua capacitação.

Enquanto nos anos 1960 e 1970 havia uma proliferação de experimentações, essas acabaram se multiplicando em modelos e negócios rentáveis. A educação, mais uma vez, ajuda a certificar e legitimar o desejo por esses novos produtos e serviços, muitas vezes respaldados por argumentos médicos, relativos à saúde.

jogos

A abordagem do sexo de uma perspectiva positivada é resultado de lutas, de contestações de verdades baseadas na recuperação e produção de saberes. Nos Estados Unidos, em especial, algumas dessas lutas estavam ligadas a movimentos identitários e às disputas no interior destes. O investimento em educação e a produção de saberes precedem e sucedem o reconhecimento de indivíduos como sujeitos de direito.

A noção de *sex positive* esteve ligada tanto ao movimento feminista quanto às rupturas em seu interior, sem que com isso fosse necessário se apartar completamente do feminismo. É enquanto movimento que o reconhecimento dos chamados grupos minoritários se torna possível, e, com este reconhecimento, a aquisição de direitos.

Na atualidade, há uma flexibilização da concepção desse indivíduo minoritário em algumas partes do planeta: são deficientes, homossexuais, mulheres, idosos, negros e, mais recentemente, os chamados transgêneros e transexuais. Todos elevados à categoria de Humanos, enquanto sujeitos de direito.

As próprias identidades, no entanto, são classificações que nascem de uma identificação do que estaria fora da norma, e, por mais diversificadas que sejam essas classificações, elas ainda se encontram dentro de certos limites, como colocara Jamie Heckert (2002). A identidade se apresenta, dessa maneira, menos como uma recusa às classificações e mais como uma negociação por meio da troca de sinais, não deixando de ser, entretanto, uma classificação generalizante. A identidade carrega em si uma verdade universalizante e é necessária na disputa entre as verdades.

Thomas Laqueur, em seu estudo sobre a construção do sexo, mostrou como as categorias homem-mulher sofreram mutações no decorrer da história, mas sempre de uma perspectiva que respondia ao Estado e à sociedade, e não à singularidade de cada um. As novas categorias que surgem na atualidade, por mais flexíveis que sejam, continuam sendo uma resposta ao Estado e à sociedade.

A valorização da autonomia – ainda que isso se referisse, em um primeiro momento, a uma apropriação do próprio corpo e da própria vida – segue, como o seu efeito mais literal – do grego auto: por si; nomos: lei –, a capacidade de aplicar as leis e normas a si próprio. A identidade é a lei assimilada na subjetividade de cada um.

Nesse contexto, o mercado funciona como um facilitador da assimilação, propiciando a criação de espaços identitários, empregos e negociações na manutenção deste jogo de verdades. Para estar dentro do jogo é preciso jogar de acordo com as regras, e as trapaças – podendo ser compreendidas também como alguns dos ilegalismos no interior do mercado – estão previstas em qualquer jogo, sem alterá-lo significativamente.

Entre os ilegalismos, um mercado voltado para a chamada pedofilia é considerado um dos principais alvos de segurança do mercado do sexo regularizado. Entretanto, este mercado ilegal, além de reproduzir a mesma negociação em torno dos desejos e os mesmos autoritarismos em relação às crianças, ainda produz uma série de medidas de segurança que não rompem com essas práticas, mas que possibilitam a manutenção deste mercado, bem como toda uma produção em torno de leis, ONGs e investimentos em educação sexual.

Entre o ilegalismo e a legalidade existe a construção da vítima. Se existe o ilegal, existe sempre uma vítima a que ele está relacionado: é a criança, vítima de “pedófilos”; é a mulher, vítima de assédio; são os cidadãos-pagadores-de-impostos, vítimas da chamada “pirataria”; é o cidadão consumidor, vítima de produtos de origem e qualidade duvidosa.

Nesse sentido, a chamada vítima é vista como tal porque representa uma categoria que deve ser preservada. A vítima não possui vontade. O que ela tem a dizer interessa somente enquanto manutenção da propriedade estatal: garantia das leis do Estado, da propriedade do Estado sobre os corpos de seus cidadãos. É a vontade do Estado, e não da pessoa, que é assegurada.

Quem está de fora e demanda seus direitos quer entrar, mas precisa ser identificado e reconhecido. A identificação exige um processo de formação, de educação que se edifica no adulto cidadão de plenos direitos.

A constituição de identidades homogeniza um grupo de pessoas a partir de sua situação vitimizada de quem foi deixado de fora. O feminismo, por exemplo, ao agrupar as mulheres em uma categoria abstrata enquanto vítimas de um poder patriarcal, reage *em nome* delas. Mas as mulheres e homens produzem e consentem ou recusam certas condutas. Não são vítimas. Cada uma das vozes identificadas interessa enquanto vitimizada, propiciando uma modulação no trajeto que corrija os erros.

As crianças tomadas como vítimas em potencial se tornam o principal alvo de investimentos e proteção; não interessam os seus quereres, mas que estejam livres dos desvios acessíveis no mundo

exterior. São também a moeda de troca mais valiosa, e é *em nome* delas, em função da garantia de seu desenvolvimento seguro, que leis, medidas e normas são fortalecidas.

Não é à toa que, na linguagem dos jogos, as crianças pequenas são sempre “café-com-leite”. Sua participação não tem relevância até que elas aprendam a jogar pelas regras. As crianças, em sua pouca idade, não se reconhecem na categoria “criança” em que são colocadas, e é por isso que são classificadas, nas abordagens psicopedagógicas, como seres em desenvolvimento. Não são seres de autonomia, pois não são autogeridos pela lei da identidade.

produção de desejos

(novos investimentos no mercado do sexo no brasil)

16h40 – Duas mulheres, de 35 e 28 anos, funcionárias do Hospital das Clínicas, olham os vibradores, riem, fazem perguntas sobre alguns produtos. Entram no “peep show” e pedem filmes gays. Nas cabines, têm ataques de riso. “Queríamos ver como era, dá curiosidade. Somos mães de família e estamos vendo isso! Acho que enlouquecemos”.

Trecho da reportagem “Mercado de sexo dá retorno rápido”, *Folha de S. Paulo*, Caderno Cotidiano, 3 de fevereiro de 1996.

Na esquina da Av. Paulista com a Rua da Consolação, em São Paulo, há uma loja comercial que, desde os anos 1990, chama a atenção. Em sua vitrine, manequins com lingerie e boá de plumas vermelhas compõe com o letreiro em neon onde se lê *sex shop*. Não muito longe dali, no começo dos anos 2000, a Rua Augusta, especialmente à noite, era um lugar onde se viam mulheres de carne e osso com os mesmos ornamentos; que se debruçavam sobre as janelas de carros, interrompendo o trânsito, mas sem serem muito incomodadas por isso. Muitas vezes, elas partiam nos carros para voltar ao seu ponto algum tempo depois.

O comércio naquela rua era constituído por alguns pequenos hotéis, uma infinidade de bares, lojas com roupas femininas, justas e brilhantes, e salto altos. Uma infinidade de cabeleireiros e manicures também compunham a paisagem. Casas de “striptease”, sempre com seguranças à porta – muitas vezes, os responsáveis pelo comércio de drogas local –, conviviam com um ou outro espaço de rock alternativo. Ao final da rua, no sentido do centro da cidade, em uma das travessas, a boate *A Lôca* atraía os chamados alternativos – especialmente de quinta e domingo – junto a travestis, bombadinhos e principalmente um grande público gay. Em seu interior se dançava, fazia sexo e usava-se muita droga.

Aos poucos, alguns espaços, também “alternativos”, mas com uma certa aura “retrô” e “sofisticada”, começaram a abrir suas portas na região. Em pouco tempo, as mulheres de roupas justas e provocantes não eram mais as mesmas que se debruçavam nas janelas dos carros. Saltos altos, bolsas caras, corseletes e batons vermelhos compunham o figurino de jovens de classe média e classe média alta, que faziam fila para entrar nos bares cujo preço não estava ao alcance de

qualquer um. O comércio também começou a se modificar: cabeleireiros *vintage*, bares e cafés descolados, restaurantes alternativos. Uma “aura” da Rua Augusta como lugar de sexo, drogas e rock-n-roll permaneceu em uma versão mais “refinada” e para um público diferente.

Nesta segunda série volta-se para a produção de desejos relacionada ao processo de urbanização e de colonização no Brasil, e para os investimentos em torno da prostituição na constituição deste mercado de desejos. Acompanha-se as mudanças nas relações entre público e privado, e ressalta-se a distinção entre erotismo e pornografia produzida no mercado.

A pesquisa de campo realizada entre 2010 e 2016 na *Erótika Fair*, mostra os investimentos, efeitos e negociações em uma nova conformação do mercado do desejo em São Paulo, em consonância com outras experiências que ultrapassam os limites da cidade. Além disso, apresenta-se também a assimilação e articulação de conceitos – como o “bem-estar sexual” – produzidos em parcerias entre a indústria do sexo e organizações internacionais. Em seguida, a relação entre as experiências pessoais e o mercado, explicitam como o pessoal passa a ser traduzido em negócios, distinguindo-se da máxima *o pessoal é político*, dos movimentos dos anos 1960 e 1970. O processo de criação da primeira sexshop, atribuído à Beate Uhse, indica a relação entre uma demanda do público e o desejo de restaurar o casamento. O sexo no museu situa a relação entre os processos de colonização e a consolidação de verdades. Finalmente, mostra-se as negociações e concessões no interior do mercado na assimilação e produção de desejos.

A produção dos desejos não se aparta das experiências muitas vezes marginalizadas. No mercado, esses desejos ajudam a vender, ainda que seja necessário revestir-se de justificativas quando se quer garantir a sua legitimidade.

A relação entre o prazer e o perigo impulsionou a pesquisa da antropóloga Maria Filomena Gregori em torno de sexshops, publicada no livro *Prazeres perigosos*, a partir da noção de Carol

Vence de que, da perspectiva de gênero, o erotismo é formado por estes dois elementos. Seu trabalho partiu do desafio de “discutir as articulações entre prazer e perigo em algumas manifestações do erotismo contemporâneo” (2016: 19), para compreender “as articulações entre gênero, violência e erotismo” (IDEM: 148). Nesta busca, encontrou o lugar da transgressão em meio ao comércio padronizado que ainda reproduz convenções heteronormativas.

Em um primeiro momento, Gregori incomodou-se ao perceber a convivência do comum, do ordinário, com o que povoa o imaginário como práticas transgressivas¹⁴³. Mas, posteriormente, reconheceu “a potência da transgressão entre o comum e o incomum que constitui as fantasias eróticas” (IDEM: 19). Em sua análise, busca se afastar dos “estudos que tratam a sexualidade como um conjunto de dispositivos a normatizar e disciplinar os corpos, influenciados por Foucault” (IBIDEM: 23).

Apesar da diferente perspectiva analítica, o trabalho de Gregori permite mostrar a acomodação do que em outra época era tido – mais do que transgressão – como subversão, inserido num contexto onde quebrar as regras não representa qualquer tipo de risco para o funcionamento da ordem (ainda que essa não seja a conclusão de Gregori). Ao contrário, como qualquer transgressão, apenas reafirma a ordem e permite a sua continuidade. As condutas esperadas de um cidadão de bem, pai ou mãe de família, pagador de impostos, não se alteram em função dos seus desejos sexuais, ao contrário, podem torná-los mais produtivos. Dessa maneira, a produção de desejos torna-se imprescindível para um bom funcionamento da sociedade. É preciso que haja espaço para todos dentro da ordem modular vigente.

Na cidade se produz e comercializam desejos. O processo de urbanização, como efeito da industrialização e do desenvolvimento capitalista, é abordado em dois livros da historiadora Margareth Rago, *Os prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, produzido a partir de sua tese de doutorado, e o recém-reeditado *Do cabaré ao*

143 Na introdução de seu livro, Gregori observa o seu desapontamento inicial em uma casa de BDSM (Bondage, Dominação, Disciplina, Submissão, Sadomasoquismo) quando constatou a normalidade do cotidiano daqueles que se propõem a encenar práticas eróticas tidas como subversoras da ordem e da moral (2016: 19).

lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930), resultado de sua dissertação de mestrado.

Entre os dois trabalhos, Margareth Rago mostra o processo de urbanização em São Paulo, acompanhado de suas resistências, bem como da constituição de um imaginário em torno da categoria mulher. Pode-se dizer que os livros em questão conseguem mostrar que, apesar de ser considerada a “profissão mais antiga do mundo”, a prostituição na pós industrialização explicita o desenvolvimento de um mercado que não se reduz a troca de bens, produtos e serviços, mas que está diretamente ligado a constituição de uma subjetividade e de uma moral, e, principalmente, a uma valoração no interior do mercado que não diz respeito somente ao valor monetário.

A prostituição no Brasil, nos séculos XIX e XX, explicita, para além da constituição de um mercado do sexo, uma produção de desejos.

A questão do desejo foi o ponto de reviravolta no trabalho de Michel Foucault em torno da chamada história da sexualidade (2003b: 11). Foucault se interessou em saber “através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo?” (IDEM: 12). Sem fazer da questão dele a minha, não é possível ignorar que há neste mercado uma relação fundamental com o desejo – a partir de uma noção psicanalítica moderna – que, possivelmente, mais do que o prazer, promove a sua circulação, bem como produz positivities.

Na atualidade, compreende-se o desejo como algo a se alcançar, algo a se obter, mas que existe somente no instante de uma ausência, seja ela baseada na experiência ou não. O desejo existe no instante em que ainda não foi satisfeito. Neste sentido, há ao menos duas maneiras de se analisar este desejo: uma está na relação do desejo com o prazer, quando a busca é o seu próprio fim, quando o prazer está neste quase alcançar interminável; a outra está relacionada ao pensamento psicanalítico, e se pauta pela falta, desejo daquilo que não se tem, um desejo mais ligado à imaginação do que à experiência.

O mercado do desejo parece se produzir pela segunda forma. É a partir da oferta e produção destes desejos que o mercado se constitui e se estende. No Brasil urbano e industrial dos séculos XIX e XX, a oferta da prostituição, em especial entre a elite, respondeu às demandas desta falta. Prazeres e experiências que só existiam ali, que não faziam parte da vida comum, mas que preenchiam o que nela não existia. Os excessos do corpo, das risadas, da música, das bebidas, dos estados alterados de consciência, só eram possíveis neste instante entre a fuga do lar e a transação comercial.

O mercado de luxo do sexo, em São Paulo e no Rio de Janeiro, prestava um certo serviço público e era, muitas vezes, visto como um “mal necessário”, inclusive para a preservação da honra das jovens de família. Além disso, ao lado deste desejo “mundano”, figurava o desejo de se tornar o “colonizador”. Os bordéis de luxo, “casa de artistas” e similares, tinham um papel civilizador aos moldes europeus – mais especificamente franceses – nas provincianas grandes cidades no Brasil. Segundo Rago (1991), as “francesas” – fossem brasileiras, estrangeiras de outras regiões, judias – conheciam os bons modos da elite europeia, sabiam de arte e literatura, sabiam se vestir e sabiam se portar em público. Obviamente, não era somente em seus frequentadores, nos homens da alta sociedade, que a prostituição despertava desejos, mas também despertavam nas outras mulheres o desejo pelo luxo, pelos costumes e pela fantasia de liberdade.

O baixo meretrício, ao contrário, era o principal alvo de investimentos repressivos e de controle. Cortiços e casarões reservados à prática de prostituição das classes menos abastadas eram alvos privilegiados de demolição durante as reformas higienistas do começo do século XX, no Brasil, também sob influência francesa. Durante os séculos XIX e XX, a prostituição foi alvo de uma infinidade de saberes médicos que se voltavam tanto para a classificação das prostitutas, como para as políticas de saúde e regulamentação de espaços e atividades.

Foucault observa no curso *Segurança, território e população*, proferido no Collège de France entre os anos de 1977 e 1978, uma mutação na relação entre o saber e o poder, a partir dos espaços

urbanos, no início do século XVIII. A cidade europeia, território até então amuralhado, se depara com o problema do crescimento demográfico e do comércio que exigem a ampliação do espaço de circulação (Foucault, 2006: 29). Neste contexto, a noção de população também se transforma. Ela não é vista apenas como o conjunto de pessoas que habitam um território e que estão sujeitas às demandas do governo, a população passa a ser percebida como um evento singular, com uma natureza própria, que se transmuta de acordo com as variáveis de um determinado contexto.

Agir sobre a população significa, portanto, agir sobre o meio em que ela está localizada. A noção de *meio* reaparece no saber ocidental entre os séculos XVIII e XIX no interior da biologia (Foucault, 2006). Foucault distingue os investimentos de um *dispositivo de disciplina*, que age sobre o indivíduo determinando o que ele *deve fazer* a partir da criação de um espaço disciplinar artificial (a escola, a prisão, a fábrica), e que responde a uma distribuição hierárquica e funcional ótima – tendo em vista um objetivo determinado –, dos investimentos do que ele denomina como *dispositivo de segurança*.

Enquanto os dispositivos disciplinares estariam ligados a um investimento para ajustar os indivíduos de modo eficiente no interior do espaço, os dispositivos de segurança voltariam seu cálculo para uma regulação que possibilitasse uma “boa circulação” com um menor risco. Inclui-se neste cálculo a existência de legalismos e ilegalismos, em que não se busca a extinção do último, mas o controle de seu funcionamento, de modo que afete da menor (ou “melhor”) maneira possível a circulação desejada de bens e pessoas, a fim de possibilitar a continuidade do governo e do crescimento econômico, e de conter as revoltas.

A pesar desta distinção, Foucault não coloca tais dispositivos como incompatíveis ou substitutos. Ele afirma que, a partir de determinado contexto, há uma predominância de um ou outro dispositivo, mas que estes não deixam de estar articulados. Assim como não existe a supressão do que seria um dispositivo jurídico, predominante nos séculos anteriores, em que imperava o governo de um soberano, por meio das leis, sobre o seu território.

Essa prática governamental que se estabelece na Europa, e cuja análise de Foucault se baseia especialmente na França e Inglaterra, aporta no Brasil como efeito dos investimentos colonizadores e sob sua influência. Entretanto, nos séculos XVI e XVII, já era possível localizar práticas disciplinares no Brasil em função da atuação jesuíta.

Até o século XIX, o desenvolvimento urbano no Brasil era incipiente. A chegada da Família Imperial no Rio de Janeiro – em fuga da invasão pelo ataque francês de Napoleão Bonaparte – produziu algumas mutações na então capital do país. O primeiro documento legal, lavrado após a chegada da corte, foi a *Carta Régia de 28 de janeiro de 1808*. No documento, que é anterior à instalação da família imperial no Rio de Janeiro, foi declarada a abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro. O decreto seguinte, de 23 de fevereiro de 1808, anunciou a criação, na cidade do Rio de Janeiro, de uma cadeira de Ciências Econômicas. Em 1º de abril de 1808, foi lançado o alvará para criação do Conselho Supremo Militar e de Justiça, assim como o alvará para o livre estabelecimento de fábricas e manufaturas. Em 13 de maio de 1808 lançou-se, entre outros, os decretos que criaram a Imprensa Régia e uma fábrica de pólvora. Em 10 de junho do mesmo ano, marcou-se os direitos das mercadorias entradas pelas Alfândegas do país e das reexportadas. Em 12 de outubro foi criado o Banco do Brasil.¹⁴⁴

Em resumo, a corte imperial estabeleceu, em função de sua chegada, uma série de medidas por meio de decretos, leis, alvarás, cujos efeitos atingiram diretamente o comércio, a industrialização, a justiça e a circulação de informações no país. Em sua compilação histórica intitulada *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil* (2011), o sociólogo Paulo Sérgio do Carmo atribui à chegada da corte a influência, nos setores dominantes, de um modo de vida da aristocracia portuguesa, bem como a influência cultural da capital francesa.

144 Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao1.html> (últimos acessos em: 04 de dezembro de 2016).

O desenvolvimento urbano trouxe algumas modificações importantes que atingem as sociedades ocidentais: o elemento de concentração de população, um cálculo de circulação de mercadoria e um cálculo de controle de pessoas.

Segundo Foucault (2006), esta formatação das cidades, construídas e reconstruídas para a circulação, contava com uma lógica e objetivos específicos. Entre eles, pode-se mencionar a construção das cidades para uma melhor circulação de mercadorias, ao mesmo tempo que um maior controle da circulação de pessoas.

No Brasil, Margareth Rago (2014) relata que no final do século XIX e início do século XX, para além do alargamento de ruas e avenidas, uma mutação no modelo das fábricas se colocava em ação. Considerando que o homem era produto do meio, e respaldados em argumentos médico-higienistas, alguns donos de indústrias começaram a investir na “higienização” das fábricas. Entre as novas medidas, construíram vilas de operários “onde havia jardins públicos, lojas, cinemas, clubes, escolas, quadras de tênis, piscina, campo de futebol, água encanada, luz elétrica e esgoto” (RAGO, 2014: 54), buscando suscitar entre os trabalhadores a ideia de lar como conforto – o que os afastaria das ruas – e da empresa como família. Lugar para a segurança.

Outras medidas de controle somaram-se às práticas higienistas. Um exemplo são as formações de organizações de trabalhadores pelos patrões, relativas ao funcionamento das fábricas. A partir daí, passou-se a identificar e marcar os empregados “arruaceiros”, difundindo a informação, de modo que o “indesejável” não pudesse ser empregado nas demais fábricas que tinham vínculo com essas organizações (IDEM).

Esta foi uma maneira de tentar apaziguar os conflitos. As organizações patronais sublinhavam a premiação para os bons funcionários. No lugar de explicitar as penas e o conchavo entre as diferentes empresas, apontavam para os benefícios que poderiam conseguir aqueles que tivessem uma conduta impecável em seus registros. Além de estimular, com isso, uma conduta obediente dos

trabalhadores, essa era também uma maneira de colocar os trabalhadores uns contra os outros e inseri-los na lógica da vigilância e da denúncia (RAGO, 1991).

Mas não eram só os modernos padrões que viam a fábrica, em seus antigos moldes insalubres, como lugar de degeneração. Margareth Rago aponta que entre os relatos de trabalhadores, no que se incluem os anarquistas, afirmava-se que a fábrica era lugar de desestruturação familiar, na medida em que empregava mulheres e crianças, e onde as mulheres ficavam a mercê dos vícios, tornando-se, por vezes, prostitutas, enquanto os homens muitas vezes se entregavam ao “vício das bebidas”.

Michelle Perrot – historiadora francesa que trabalhou com Foucault, e considerada uma das pioneiras nos estudos de gênero e história da mulher na França – se volta à relação das mulheres com o espaço público na Europa (França e Inglaterra, especialmente), enfatizando os séculos XIX e XX. No livro publicado a partir de entrevista realizada por Jean Lebrun, intitulado *Mulheres públicas* (1998), Perrot identifica o século XIX, pós-Revolução Francesa, como um momento de nova formulação da relação das mulheres com o espaço público, a partir da emergência e predominância de uma moral burguesa. Neste contexto, a circulação das mulheres no espaço – em especial as mulheres burguesas¹⁴⁵ – restringe-se cada vez mais ao lar, cada vez mais a este espaço estabelecido pela urbanização, o espaço privado.

A mulher como propriedade era artigo privado quando “de família”, e público quando das classes populares ou prostituta. A própria distinção entre as duas últimas não era tão clara, seja no imaginário da época, seja porque muitas prostitutas compartilhavam da mesma origem que as outras trabalhadoras. Não à toa, “mulher pública”, na França ou no Brasil, foi sinônimo de prostituta. Diferente do adjetivo no masculino, pública ou privada, a mulher era identificada como artigo de uso e de posse do homem (IDEM).

145 Perrot mostra, no entanto, que para as mulheres das classes populares a circulação nas ruas sempre foi mais livre, seja porque o espaço da casa era demasiadamente restrito, seja pelas atividades laborais (Perrot: 1998). Outros autores como Muchembled (2007), também ressaltam a maior liberdade relativa ao sexo das camponesas e mulheres das classes populares. No Brasil, Mary del Priori (2012) e Paulo Sérgio do Carmo (2011) também afirmam que as restrições atingiam muito mais às mulheres da elite.

No espaço privado, Perrot afirma que “a leitura, prazer tolerado ou furtivo, foi para muitas mulheres um jeito de se apropriar do mundo, do universo exótico das viagens e do universo erótico dos corações” (1998: 32). Desta maneira, enquanto um espaço do desejo masculino se construía por meio das experiências em bordéis, para as mulheres das altas classes a leitura e o estímulo da imaginação – ao menos na Europa – se tornou o espaço possível para produção dos desejos.

Segundo o historiador Robert Muchembled, voltado à França e à Inglaterra (mais especificamente o centros urbanos de Londres e Paris), as obras pornográficas surgem em meados do século XVII como uma resposta política contra as autoridades, em especial contra a Igreja (2007: 156). No século XVIII, na França, apesar de proibido, “o comércio de livros e imagens pornográficas é extremamente ativo” (IDEM: 158). Ainda segundo o autor, a partir de meados do século XVIII, “a pornografia parece ter se tornado então um fim em si” (IBIDEM: 160).

Eva Ilouz observa em seu livro *Erotismo de Autoayuda* (2014) que a pornografia tinha um caráter político diante do controle da Igreja e da censura. Enquanto as novelas românticas circulavam preferencialmente em esferas privadas e os panfletos políticos em esferas públicas, as obras pornográficas circulavam entre os dois. Uma vez que a Igreja foi perdendo parte de sua influência política, a pornografia se viu restrita à esfera privada (2014: 9).

A palavra *pornografia*, no entanto, é usada pela primeira vez na França em 1769, por Rétif de La Breton em um escrito sobre prostituição. Muchembled afirma que é somente a partir de 1806 que a palavra será utilizada para se identificar “textos ou imagens que perturbam a ordem social e infringem a moralidade” (2007: 162). Quando se refere a uma literatura pornográfica no século XVIII, o autor a define como “a apresentação escrita ou visual realista de todo comportamento genital ou sexual que viola deliberadamente os tabus morais e sociais amplamente aceitos” (IDEM: 159).¹⁴⁶

146 A definição do autor de pornografia, para além da utilização do vocabulário, mostra, de um lado, a concepção de sexo utilizada pelo autor – genital – e, de outro lado, explícita o uso da palavra nos dias de hoje. Jorge Leite., em um artigo intitulado “A pornografia 'bizarra' em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o 'abuso facial'”, mostra como, na atualidade, com o crescimento das campanhas e leis antitabagistas, fumar se tornou mais uma categoria dentro do universo pornográfico (LEITE, J. 2009).

Maria Filomena Gregori, evitando a distinção que se faz entre erotismo e pornografia, afirma que

No fim do século XVIII e início do XIX, a pornografia passou a representar ameaça à decência, perdendo parte de sua conotação política e se consolidando como negócio. Ainda que com uma configuração clandestina, um mercado se organiza em torno das publicações, inclusive em países como o Brasil (2016: 32).

No entanto, as referências ao sexo, na esfera política, continuam a figurar em charges e caricaturas, e os chamados escândalos sexuais que vêm a público costumam servir, até hoje, às disputas eleitorais.

A partir do século XVIII, Muchembled afirma que, por meio da produção e comercialização de poesias, prosas, piadas, imagens, a pornografia passou a contemplar cinco esferas: (1) médicas ou paramédicas (guias sexuais e tratados de sexologia que abrangem principalmente masturbação, flagelação e estrangulamento); (2) antirreligiosa e (3) antiaristocrática (as duas como vestígios do século anterior); (4) escritos que combinam sexo, sangue e morte; e, finalmente, (4) casamento e “guerra dos sexos”.

Dentro da primeira esfera, Muchembled cita, em referência ao relato de um viajante francês nos anos 1713-1714, que para o estímulo das mulheres, uma boneca cujas pernas eram substituídas por um cilindro coberto por um tecido, podiam ser compradas no Saint James Park, em Londres (IDEM: 167). O que indica que o mercado do prazer voltado às mulheres não se restringia, neste momento, somente à leitura. No entanto, não se pode perder de vista que a própria relação com o mercado era diferente, uma vez que a urbanização e a industrialização ainda não tinham atingido de forma massiva os espaços da cidade.

Com a emergência do que se convencionou chamar de iluminismo, gradativamente a sociedade foi se voltando para as explicações baseadas na natureza e na razão. Deste modo, o que antes se circunscrevia ao ato contra Deus, passa a ser explicado como um ato contra a natureza. Os males então associados à corrupção do casamento, como sagrado matrimônio, voltam-se a corrupção das leis naturais. O historiador Thomas Laqueur salienta que a atenção à reprodução

tomou outros contornos e, neste momento, foi concebida a ideia de masturbação (LAQUEUR, 2003).

Laqueur observa ainda que a masturbação se torna um símbolo de perigo e de liberdade, na medida em que, voltada à imaginação, é livre dos controles externos e ao mesmo tempo um obstáculo à transparência desejada pelas luzes. Esta mesma interdição possibilitou a criação de uma série de aparatos, disponíveis no mercado, para controle da prática (IDEM). Ele mostra em seu livro, *Solitary sex*, como, nos séculos XVIII e XIX, a masturbação foi se tornando a causa preferencial de muitos males e, a partir daí, como se constituiu um mercado com uma série de objetos para prevenir a masturbação que incluíam: alarmes para ereção, estojos penianos, luvas para dormir, suportes para camas que impediam que o lençol encostasse nos genitais, travas para impedir que as meninas abrissem muito as pernas, entre outros (IBIDEM: 46).

As procedências de um mercado de produtos para o prazer sexual abrangem, tanto um campo de transgressão, quanto um campo de saberes médicos. Estas experiências mostram que as procedências de um mercado do sexo são inúmeras, e que legalismos e ilegalismos, fazem parte de sua constituição. Por um lado, o saber médico liga-se a este mercado, aparentemente, de forma reguladora, quando não repressiva. Os efeitos do prazer a partir da medicina se colocam menos explicitamente. A literatura transgressiva, por outro lado, parece estar mais diretamente ligada a produção dos desejos.

Sem ignorar estas procedências e sem descartar os efeitos – ou retomadas – da transgressão e da medicina no mercado do sexo na atualidade, é importante notar, como já havia alertado Rago (1991), acerca da especificidade que se estabeleceu no ocidente com os processos de industrialização/urbanização, e uma nova forma de comercialização em torno da prostituição.

Apesar de a prostituição responder, a princípio, a uma demanda do consumo masculino, Margareth Rago mostra, em *Os prazeres da noite* (1991), como este mercado atingirá diretamente as mulheres como consumidoras, uma vez que não era apenas o sexo que se vendia nestas relações,

mas um modo de vida, e mesmo um padrão estético de beleza. A prostituição de luxo em São Paulo e no Rio de Janeiro importaram a moda e os costumes europeus que afetavam diretamente as mulheres da burguesia brasileira.

Rago observa que “divulgavam-se, ao lado das inúmeras tecnologias importadas, novos equipamentos do desejo: desde roupas íntimas de mulher, fetiches como ligas, calcinhas rendadas, meias preta, até perfumes, afrodisíacos, drogas, objetos de flagelação ao gosto do freguês, revistas pornográficas e filmes proibidos” (1991: 90).

Para além deste comércio de bens, constitui-se também uma transformação no ambiente cultural. A criação de teatros, cabarés, bares, intensificaram a vida cultural na cidade e, para Margareth Rago, seriam o ponto de partida, em São Paulo, para o que viria ser, na atualidade, “sexshops, cabarés, inferninhos, revistas e filmes pornô, dancing e muitos outros” (IDEM: 123).

O mercado do sexo diversificou-se cada vez mais no amplo mercado do desejo.

Erótika Fair

São Paulo, 17 de abril de 2010. Domingo. Desço na estação do Metrô Tietê. Último dia da 16ª Erótika Fair. Minha primeira vez dentro de uma feira de negócios. Saio na rua e vejo o Arquivo público do Estado de SP. Olho à minha volta e só vejo polícia. Virando na Rua Voluntários da Pátria enxergo ao longe duas vans com uma placa na frente. Me aproximo e vejo que são as vans da Erótika Fair. Dentro de uma delas já estão dois casais. Cumprimento os dois e me sento em um banco isolado. Logo os dois casais, um mais velho [entre 40 e 50 anos] e outro mais jovem [de aproximadamente 30 anos e vestido de maneira mais moderna, com piercings, tatuagens], começam a comentar como é difícil encontrar informações sobre a localização da van. Aproveito a brecha e pergunto se é a primeira vez que eles vão à Feira. Quem responde são as mulheres. Os homens falam pouco, e em geral se dirigem às companheiras. A mulher do casal mais jovem disse que já tinham ido no dia anterior. A mulher do casal mais velho diz que é a primeira vez que vai, mas seu companheiro já conhecia. Logo um jovem de uns 20 e poucos anos entra sozinho e se senta na parte da frente da van sem falar nada. Quando o automóvel está para sair chegam outros dois casais muito jovens, com no máximo 20 e poucos anos e também um outro jovem sozinho. Os casais dão uma espremida, sentam um no colo do outro e a van segue até o seu destino.¹⁴⁷

O destino é um grande terreno com cerca de 6 galpões, localizado na Rua Chico Pontes, 1.500, Vila Guilherme, Zona Norte da Cidade de São Paulo. O *Mart Center* é “um empreendimento

147 Texto escrito a partir das anotações do caderno de campo. Para distinguir de outras citações, as anotações do caderno de campo serão apresentadas em itálico e centralizadas na página.

tradicional do setor atacadista de moda do Brasil”¹⁴⁸. Além disso, abriga um centro de convenções, eventos e exposições, o *Expo Mart*.



Na entrada do evento, através de uma porta de vidro pode-se observar uma série de estandes de produtos. Dois seguranças checam a idade dos visitantes, uma vez que o evento é restrito a maiores de 18 anos. Sem o RG, apresento a carteirinha do plano de saúde. O segurança olha para meu documento, olha para minha cara e brinca com o colega: ‘ainda não consegui barrar ninguém hoje’.

A 16ª *Erótika Fair* aconteceu entre os dias 9 e 18 de abril de 2010, com o tema “Erotismo também é cultura”. A comercialização do desejo normalizado circula em espaços apropriados. A polícia na rua não interfere, e garante o transporte seguro até a van nas proximidades do metrô. A região em que acontece a feira permanece inabalada e mesmo indiferente diante do evento que se realiza. No lugar determinado, o clima é descontraído e a segurança privada parece menos austera. Os negócios e atrações realizados ali são todos regulamentados e aprovados pelas instituições responsáveis.

148 Disponível em: <http://www.martcenternet.com.br/hist.asp> (último acesso em: 04 de dezembro de 2016).

A primeira edição da *Erótika Fair*, criada por Evaldo Shiroma – que largou o curso de Engenharia Civil e se formou em publicidade na ESPM –, aconteceu em 1997. Shiroma definiu sua área de investimento a partir do interesse do público feminino. Seu objetivo tornou-se reformular o mercado erótico para se adequar à demanda feminina de consumo, criando, a partir daí, a primeira feira do mercado erótico no Brasil. Além do formato tradicional das feiras de negócios com exposição de estandes de mercadorias, Shiroma incluiu na feira uma série de atividades recreativas e de informação, de modo a atrair um público mais amplo, para além dos próprios investidores¹⁴⁹. O primeiro ano da feira trouxe prejuízos, mas não desistência, sob a motivação de que este era um mercado a ser trabalhado e construído.¹⁵⁰

No ano anterior, o jornal *Folha de S. Paulo*, publicava no Caderno Cotidiano do dia 21 de abril a reportagem: “Mercado de sexo dá retorno rápido”, em que afirmava “A sexshop (loja de artigos eróticos) é uma opção para quem quer ingressar em um mercado de baixo risco e retorno financeiro rápido”¹⁵¹. Na época a rede de sexshops *Ponto G* comemorava seu 4º mês de funcionamento com três grandes lojas em São Paulo, atendendo também o fornecimento para pequenas sexshops na cidade. Entre as bem-sucedidas novidades para atrair público à sexshop, havia a instalação de uma cabine de “peep show”¹⁵².

No mesmo jornal, em 30 de novembro de 1997, era publicada a primeira crítica à feira a partir da perspectiva feminina, em que o repórter apresentou a resposta de algumas mulheres à *Erótika Fair*.¹⁵³ De acordo com a reportagem, o número de mulheres presentes na primeira edição da feira era muito inferior ao número de homens, mas a curiosidade e a disponibilidade delas para conhecer

149 Em feiras de exposições e negócios abertas ao público, atividades interativas não são incomuns. Incluem mini-cursos, jogos, test-drives, de acordo com o ramo de atividades de cada setor.

150 Palestra “Transformando sexo em negócios”, realizada na VI Virada Empreendedora, na FGV, nos dias 16 e 17 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UpGCJTkGzb0>. Entrevista publicada em: <http://coliriogirl.com.br/single-past/564cd9c50cf2382b191f0f11> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

151 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/tudo/1.html> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

152 As cabines de “peep show” são espaços em que se pode observar, por meio de uma “janela”, um show de striptease ou de performance sexual. No caso das cabines citadas aqui, e que são mais comuns no interior de sexshops, a exibição não é de um show ao vivo, mas de filmes pornográficos.

153 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/30/cotidiano/21.html> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

novos produtos e melhorar a vida sexual não eram menores. Uma das poucas mulheres na primeira edição da feira declarou: “Senti falta de variedade. Achei que ia encontrar mais elementos para fantasias, tipo roupas de enfermeira, de colegial, de mamãe noel”¹⁵⁴. Outra jovem declarou que a única coisa diferente que encontrou na feira foi um túnel inflável em que as pessoas entravam e eram apalpadas por modelos nus. Apesar das críticas, a reportagem mostra o crescente interesse feminino no mercado.

Em meados dos anos 1990, este mercado do desejo já era anunciado como prolífico negócio. A então maior rede de sexshop na cidade, *Ponto G*, apostava em atrações para seu crescimento. A curto prazo, o investimento teve bons resultados com a abertura de outras tantas lojas. Os frequentadores, no entanto, ainda eram em grande parte homens, fossem gays ou héteros. Os produtos, no entanto, de acordo com reportagem de 3 de fevereiro de 1996, na *Folha de S. Paulo*, tinham melhor aceitação de homens gays.¹⁵⁵

A *Ponto G* deixou de existir no início dos anos 2000. Um outro empresário, responsável pela *Darme* sexshop, apostava em uma outra abordagem. Diferente da *Ponto G*, que apostava em uma estética de “supermercado”, ele optou por uma loja mais discreta. Gregori, afirma, a partir de sua pesquisa de campo, que, em 2004, muitos entrevistados já não compravam na *Ponto G* e muitas franquias foram fechadas. Em 2007, “a Associação Brasileira de Franchising (ABF) excluiu a rede *Ponto G* de seus quadros filiados, depois que a comissão ética entendeu que o franqueador não cumpriu com suas obrigações.” (GREGORI, 2016: 65; 2012: 14) Hoje, em 2017, a *Darme* continua com sua loja física no centro da cidade e dá continuidade aos negócios por meio de uma loja virtual.¹⁵⁶

Evaldo Shiroma resolveu investir no mesmo segmento, mas voltando-se especificamente ao público feminino. As atrações da feira, no entanto, assim como o “peep show” na *Ponto G*, até

154 IDEM.

155 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/03/cotidiano/19.html> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

156 Endereço da loja virtual: <http://darmesexshop.com.br> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

edições recentes, continuam atraindo preferencialmente homens. A abordagem de uma loja discreta foi assimilada como “conceito” para muitos empresários da *Erótika Fair*.

Maria Filomena Gregori reconhece o que chamou de um modelo de erotismo “politicamente correto”, importado das lutas de direitos nos Estados Unidos, em sua adaptação voltada a um erotismo para as mulheres no mercado de sexshops no Brasil (2016). Para ela “a feminização do mercado erótico está articulada de modo íntimo à difusão em escala global de um erotismo politicamente correto” (IDEM: 203).

No decorrer dos anos, a *Erótika Fair* foi realizada em diferentes espaços. A primeira, em 27 de novembro de 1997, aconteceu no Galpão Fábrica, na rua Tagipuru, 906, Barra Funda, Zona Oeste de São Paulo¹⁵⁷. No ano seguinte, a feira ocupou o mesmo espaço e foi realizada entre os dias 15 a 21 de abril de 1998¹⁵⁸. Além de mais prolongada, a segunda edição da feira contou com mais atrações, como o labirinto das sensações – em que duas pessoas entram com uma máscara nos olhos e uma alga de pelúcia, em um labirinto onde “objetos colocados no trajeto (cortinas, peças plásticas, etc.) procuram aguçar os sentidos de cada um”¹⁵⁹ – e também um número maior de expositores, incluindo, desta vez, a maior importadora e rede de sexshops até então no Brasil, a *Ponto G*. O terceiro ano da feira, que aconteceu no último final de semana de maio de 1999, recebeu ainda mais atenção da mídia. Segundo Marcelo Rubens Paiva, em reportagem para a *Folha de S. Paulo*, um dos pontos de destaque foi o crescimento deste mercado na rede virtual. Além disso, a feira anunciava uma campanha de combate à AIDS e contra a prostituição infantil. Entre as atrações interativas, estava o “carinhódromo”, que constituía “um túnel erótico em que o público é apalpado por 12 performáticos seminus”¹⁶⁰. Em 2000, entre os dias 8 e 12 de abril, a feira foi realizada no *Expo Mart*¹⁶¹ e as “atividades interativas” foram divulgadas na mídia como as grandes

157 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/11/23/tudo/8.html> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

158 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi05049822.html> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

159 IDEM.

160 IBIDEM.

161 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0804200013.html> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

atrações ¹⁶². Em outra notícia sobre o evento, a impossibilidade de um sucesso maior da feira foi atribuída por Shiroma à falta de patrocínio: “As empresas têm medo de associar sua marca à pornografia. Mas nós não queremos o pornográfico, apenas o erótico”, acrescentando que o espaço para o sexo explícito era restrito ao "making off" de um filme e a um curso “em estandes fechados, com bilheteria à parte”¹⁶³. O *Diário do Grande ABC* divulgou ainda, neste ano, uma campanha de prevenção ao HIV/AIDS e um trabalho em torno da educação sexual.¹⁶⁴ Já em seus primeiros anos, a feira passou a assimilar campanhas sociais.

A discrição/ anonimato propiciada pelas redes virtuais também começou a se mostrar um bom negócio. Lojas de sexshop online proliferaram tendo a discrição e privacidade como seus principais motes. Neste momento, a dissociação deste mercado com o sexo explícito relacionado à pornografia começou a ser colocada em pauta. A escolha pelo *erótico* no lugar de *pornográfico* pareceu uma escolha mais adequada no sentido da ampliação do público

Em seu livro, Maria Filomena Gregori faz questão de não distinguir os dois termos, no entanto, observa que, no senso comum, o erotismo costuma ser associado a uma abordagem mais erudita e sofisticada, enquanto a “pornografia seria a contraparte empobrecida, degradada, ou melhor, diria respeito aos materiais (imagens, escritos, objetos) produzidos no âmbito do mercado, visando lucro imediato, envoltos numa aura de vulgaridade e desrespeito aos direitos” (2016: 31).

No interior do mercado, há um investimento em dissociar o sexo de seu prazer imediato pelo investimento na saúde e no relacionamento. Somente assim essa comercialização do sexo consegue se afastar do pejorativo caráter de pornografia.

Enquanto o sexo continuou encerrado em um espaço mais privado, a comercialização dos desejos investiu em sua diversificação evitando ferir a moralidade.

162 Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/181995/feira-erotica-bate-recorde-de-publico-em-sao-paulo> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

163 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0804200013.html> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

164 Disponível em: [http://www.dgabc.com.br/\(X\(1\)S\(fxxsrbuoinucqvmvvcfwxtrt\)\)/Noticia/265478/regiao-estara-na-4-edicao-da-erotika-fair](http://www.dgabc.com.br/(X(1)S(fxxsrbuoinucqvmvvcfwxtrt))/Noticia/265478/regiao-estara-na-4-edicao-da-erotika-fair) (último acesso em 02 de julho de 2016).

No ano de 2001, o sucesso foi tanto que a *Erótika Fair* contou com duas edições no mesmo ano, no espaço do *Expo Mart*. A 5ª edição aconteceu entre os dias 8 e 13 de março, contou com o parque *Erotika Land* e com a primeira *Erotika Party*, campanhas contra pedofilia, contra as drogas e de prevenção a AIDS¹⁶⁵. Em reportagem publicada no caderno “Oportunidades”, do jornal *O Estado de S. Paulo*, Shiroma afirma que a feira também possui um caráter educativo. Neste ano, a área de exposição diminuiu para dar mais espaço às atrações: o Castelo dos Fetiches, o Erótika Sensations, Sala das Fantasias, Contatos Eróticos, Reflexões Eróticas e Disk-Erótico, que permitem uma interação do público com os modelos contratados. O ingresso passou a ser cobrado pelo valor de R\$ 15,00, com exceção do primeiro dia, devido a alguns problemas na organização, e além disso, a feira acabou sendo prorrogada por mais um dia¹⁶⁶.

A 6ª edição aconteceu entre os dias 6 e 11 de dezembro¹⁶⁷, desta vez de volta ao Galpão Fábrica, mas em novo endereço, Rua Francisco Matarazzo, 530 (futuro Espaço das Américas). Em notícia vinculada ao Caderno Equilíbrio e Saúde, no dia 07 de dezembro de 2001, no jornal *Folha de São Paulo*, dois especialistas foram citados brevemente sobre fantasia e sexualidade, apontando para o caráter da saúde neste mercado. O primeiro, o sexólogo e colunista do mesmo jornal, Jairo Bauer, falou da importância do elemento da fantasia em um relacionamento, desde que não se transformasse em dependência. Nelson Vitiello, então presidente da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), colocou a questão entre o que se diz e o que se aceita em termos de “liberalidade”, apontando para a banalização da sexualidade hoje em dia e o crescimento do número de pessoas com “disfunção de desejo”.¹⁶⁸ Alguns dias antes, no caderno

165 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u15726.shtml>; <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u11181.shtml>; <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u16165.shtml>; <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u24039.shtml> (últimos acessos em 4 de dezembro de 2016).

166 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u24308.shtml>; <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20010304-39219-spo-91-opr-co1-not/tela/fullscreen>; [http://www.dgabc.com.br/\(X\(1\)S\(ny2ayatg5adx0smtgxd5ezbx\)\)/Noticia/231565/erotica-fair-tem-prazer-para-dar-e-vender](http://www.dgabc.com.br/(X(1)S(ny2ayatg5adx0smtgxd5ezbx))/Noticia/231565/erotica-fair-tem-prazer-para-dar-e-vender) (últimos acessos em 04 de dezembro de 2016).

167 Informação disponível no jornal *O Estado de S. Paulo*. Caderno Oportunidades e negócios, 06 de dezembro de 2001, p. 71.

168 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u674.shtml> (último acesso em 04 de dezembro de 2016).

Mercado, o jornal havia publicado uma notícia ressaltando o crescimento 316% deste mercado, nos últimos 5 anos¹⁶⁹.

A 7ª edição, em 2002, é anunciada no jornal *Folha de S. Paulo* com a chamada “Negócios crescem 566% em 7 edições”.¹⁷⁰ A notícia se refere a expectativa de crescimento. Enquanto o primeiro ano da feira havia gerado R\$ 300 mil reais (com um prejuízo em relação aos R\$ 500 mil investidos), a notícia anuncia que a 7ª edição *deve* gerar R\$ 2 milhões. Outro destaque no mesmo jornal foi, mais uma vez, a campanha contra a pedofilia em parceria com ONGs¹⁷¹. A feira foi realizada no Espaço das Américas, antigo galpão fábrica, na Av. Matarazzo, entre 4 e 9 de julho de 2002¹⁷², e pela primeira vez contou com patrocinadores.

O anúncio do crescimento deste mercado de desejos é saudado na grande imprensa em São Paulo, mas não sem cuidados. Declarações de especialistas alertam para um limite saudável da expressão deste desejo. Além disso, o argumento de seu caráter educativo e informativo, somado às campanhas sociais e de saúde, investem o setor de respeitabilidade por meio da responsabilidade social.

O ano de 2002 foi também o ano da criação da ABEME (Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico), fundada pelo próprio Evaldo Shiroma. Em entrevista a Augusto Nunes, no canal da *Veja.com*, em 2009, Shiroma afirmou que a ABEME surgiu por orientação de Caio de Alcântara Machado – presidente da Alcântara Machado Feiras e Negócios LTDA e criador das feiras de negócios, no Brasil, no final da década de 1950. O objetivo da associação é orientar e direcionar o mercado, profissionalizando-o. Em 2010, a ABEME passou a ser presidida por Paula

169 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u37108.shtml> (último acesso em 04 de dezembro de 2016).

170 Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u50014.shtml> (último acesso em 04 de dezembro de 2016).

171 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u1148.shtml> (último acesso em 04 de dezembro de 2016).

172 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u50014.shtml> (último acesso em 4 de dezembro de 2016).

Aguiar, “publicitária, escritora, consultora especializada em mercado erótico e primeira secretaria do CEAIDS/SP – Conselho Empresarial de Prevenção ao HIV/AIDS do Estado de São Paulo”¹⁷³.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, de 04 de julho de 2002, publicou, sobre a criação da ABEME, que “um dos objetivos [da associação] é unir as companhias e profissionais dos diferentes segmentos do setor erótico – motéis, videolocadoras, revistas, vídeos, fabricantes de vestuário, brinquedos e sites da internet entre outros – que atualmente concorrem entre si, para aumentar o poder de negociação junto a fornecedores e representá-los comercialmente no exterior”¹⁷⁴.

A criação de uma associação responsável por unir este mercado, além de propiciar ao mesmo tempo um caráter mais profissional (ou mais “respeitabilidade”), facilita a difusão de uma estrutura comum, mesmo que modulável. Esse tipo de associação permite contatos e trocas entre seus associados, ampliando, desta maneira a possibilidade de negócios. Aqueles fora da associação, tenderão, com o tempo, a ficar mais restritos, a não ser que criem outras associações.

No ano de 2003, a feira em São Paulo não aconteceu. A *Exótica Fair*, que teve sua segunda edição em São Bernardo do Campo, entre os dias 12 e 15 de setembro, no Clube dos Bancários, ocupou o seu lugar nos noticiários. Organizada pela DC Produções e Berenice Produções Artísticas, a *Exótica Fair* foi transferida de Campinas – onde aconteceu pela primeira vez – para a região do ABC, de modo a preencher a lacuna deixada pela não realização da *Erótika Fair* naquele ano. Assim como a *Erótika Fair*, esta apresentou atrações interativas e abraçou campanhas pelo sexo saudável, prevenção às drogas e às doenças sexualmente transmissíveis, além de apoiar o combate à pedofilia.¹⁷⁵ Depois de 2003, não foram mais publicadas notícias sobre a *Exótica Fair*, que insinua a sua provável descontinuidade.

Em 2004, a *Erótika Fair* retomou suas atividades no Expo Mart, cobrando ingressos a R\$ 20,00. A 8ª edição aconteceu entre 21 e 26 de abril de 2004. A novidade nesta edição foi a

173 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/sobre-abeme/> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

174 Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral.setor-de-produtos-eroticos-cria-associacao,20020704p33171> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

175 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u73232.shtml>; <http://www.dgabc.com.br/Noticia/214485/sbc-sedia-feira-de-produtos-eroticos> (últimos acessos em 05 de dezembro de 2016).

apresentação de uma “loja conceito”, com “as novas tendências em decoração, estocagem e atendimento do setor”¹⁷⁶. De acordo com o jornal *O Estado de S. Paulo*, a feira, neste momento, já era considerada a maior da América Latina. A segunda notícia anuncia como outra novidade “produtos de uso medicinal, para exercitar próstata e vagina”¹⁷⁷.

A 9ª edição da *Erótika Fair* também aconteceu no Expo Mart, entre os dias 6 e 12 de maio de 2005. Além das atividades e estandes regulares, esta edição contou com “palestras do Instituto Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicossomática (ISEXP), ministradas pelos médicos Celso e Sylvia Marzano”¹⁷⁸. Em 2006, a 10ª edição ocorreu entre os dias 28 de abril a 21 de maio de 2006. O jornal *Folha de S. Paulo* de 28 de abril de 2006, anunciou como novidades um parque de diversões erótico, festas temáticas, entre outras atrações, apesar de muitas delas já constarem em edições anteriores da feira.¹⁷⁹

A presença cada vez mais constante de setores médicos e terapêuticos, somados a conexão entre sexo e saúde, também no que se refere aos produtos, abrange o alcance de público, na medida em que justifica o mercado para além da “sacanagem”, ou ainda, insere um espaço para a “sacanagem” no interior de um saber médico-científico.

Em 2007, a 11ª edição deveria ocorrer entre os dias 13 de abril e 6 de maio, mas foi prorrogada até o dia 30 de junho em função da Parada Gay de São Paulo¹⁸⁰. Em seu décimo aniversário a Feira ocupou dois pavilhões do Expo Mart. O primeiro pavilhão era expositivo, onde se encontravam os produtos, lojas, distribuidores, que marcam as feiras de negócios em geral. O segundo pavilhão foi reservado para performances, shows e brincadeiras – como as das atrações anteriores –, e o valor do ingresso era R\$ 30,00. De acordo com reportagem publicada no portal *GI*,

176 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3380.shtml> (último acesso em 05 de dezembro de 2016).

177 Notícia publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 21 de abril de 2004, Caderno Economia, p. B12.

178 Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/popular/interna/0,,OI527825-EI1140.00-Feira+erotica+mostra+novidades+em+Sao+Paulo.html>; <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2504200501.htm> (últimos acessos em 05 de dezembro de 2016).

179 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2804200601.htm> (último acesso em 05 de dezembro de 2016).

180 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UZ4sSf_N5jQ (último acesso em 05 de dezembro de 2016).

em 13 e 14 de abril de 2007, o pavilhão das atividades era composto por um público majoritariamente masculino e a iluminação mais escassa propiciava um ambiente mais intimista. Neste segundo pavilhão, de acordo com a reportagem, não era permitido sexo entre o público e os profissionais, mas havia espaço para o público se relacionar entre si, assim como shows de sexo explícito entre os profissionais.¹⁸¹ Além disso, menciona-se uma promoção em que 50 homens teriam entrado gratuitamente, desde que nus.

As 12ª e 13ª edições da feira, no ano de 2008, foram realizadas em 11 a 24 de abril e 10 a 19 de outubro, respectivamente, e deram continuidade à proposta do ano anterior, ocupando dois pavilhões do Expo Mart. Em abril do mesmo ano, uma personagem de novela fazia sucesso como dançarina de Pole Dance¹⁸², o que gerou uma série de reportagens veiculadas em programas de TV. A prática teve mais visibilidade, inclusive na *Erótika Fair*, com cursos ministrados durante a edição.¹⁸³ O pavilhão destinado às apresentações e brincadeiras manteve o ingresso a R\$ 30,00, mas acrescido do valor de R\$ 5,00 por shows.¹⁸⁴ Em nota vinculada no Guia da Folha (versão online)¹⁸⁵, em referência à edição de outubro, a área gratuita – de exposição de produtos – era destinada a empresários, enquanto a outra, com performances, cursos, era destinada aos visitantes.

Entre os dias 15 e 24 de maio de 2009, aconteceu a 14ª *Erótika Fair*. Assim como as últimas, essa edição teve uma grande cobertura em vídeo, em programas televisivos ou veiculados apenas pela internet.¹⁸⁶ O canal *Affair Com você*, no youtube, faz a cobertura “oficial” da feira. O Programa é dirigido por Graça Margarete S. Tessarioli, esposa e sócia de Paulo Tessarioli, que nas edições

181 Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL21620-5605,00-CASADOS+SE+ESCONDEM+EM+FEIRA+EROTICA+EM+SP.html> (último acesso em 05 de dezembro de 2016).

182 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LVoPwALl3zo> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

183 Atualmente os cursos de Pole Dance continuam presentes nas edições da *Erótika Fair*, assim como cursos espalhados pela cidade de São Paulo, não são mais tão incomuns.

184 Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/compras/noticia/reduto-dos-prazeres> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

185 Disponível em: <http://guia.folha.uol.com.br/passeios/ult10050u454454.shtml> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

186 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-mUXi9p5jKo>; <https://www.youtube.com/watch?v=s7d5XFdleQ>; <http://videos.bol.uol.com.br/video/vibrador-funciona-com-som-ambiente-na-14-erotika-fair-04023270D0992346?debug=true> (últimos acesso sem 5 de dezembro de 2016).

seguintes da feira estarão sempre presentes, com cursos e parcerias.¹⁸⁷ Nesse ano, a ABEME também organizou o primeiro *Erotika Video Awards* (EVA), uma premiação voltada para a produção de filmes pornográficos¹⁸⁸. A feira continuou dividida em dois espaços, agora nomeados como *Erotika Business* e *Erotika Hot*. O primeiro, privilegiando a exposição de produtos, lojas e marcas, e o segundo shows, performances e outras atividades interativas.

No ano de 2009, também foi realizada uma segunda edição, a 15ª *Erótika Fair*, entre os dias 9 e 12 de outubro. Entre as atrações, um homem e uma mulher vestidos de policiais recepcionaram com “apalpadelas maliciosas” o público interessado.¹⁸⁹ O local e a disposição em dois ambientes se mantiveram.

Apesar de existir uma segmentação entre o público masculino e feminino no que se refere às atrações na feira – uma vez que shows, performances e “brincadeiras”, continuam atraindo um público maior masculino –, a junção entre saúde, educação e prazer acaba abrindo espaço entre o público feminino para atividades que pareciam impensáveis para este público nos primeiros anos da feira. A inserção dos performers vestidos de policiais, interagindo com homens e mulheres, mostra uma abertura – mesmo que pequena – do público feminino para atividades que antes eram exclusivas do universo masculino. Mas antes desta abertura foi preciso instituir um caráter mais profissional nestas performances.

De volta à observação de campo, em 2010, a 16ª *Erótika Fair*:

Antes de entrar na feira de fato, apesar das portas e paredes da entrada serem todas de vidro, não se vê quase nada, apenas uma loja cheia de frascos coloridos: perfumes, gel, óleos. À direita há um painel enorme com algumas mulheres magras, com pouca roupa, em poses sensuais segurando um produto em questão: ‘o simulador sexual masculino mais vendido no mundo’. Mais alguns passos e posso ver, à esquerda, três homens musculosos fantasiados de bombeiro, polícia civil e polícia militar, rodeados por mulheres e alguns homens, jovens, ou nem tanto, que riam e tiravam fotos. Algumas mulheres eram carregadas no colo. Os 3 ‘oficiais’

187 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tS-IvuVEI-0> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

188 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7d5XFd-leQ>; <http://veja.abril.com.br/entretenimento/faturamento-das-produtoras-de-filmes-eroticos-e-um-misterio/>; Blog oficial da premiação: <https://evabrazil.wordpress.com/sobre-o-eva-about-eva/> (últimos acessos em 5 de dezembro de 2016).

189 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0910200929.htm> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

também pareciam se divertir. Dou meia volta, recomeço o tour, agora pelo lado esquerdo da entrada.

Imagem do metrô Tietê: as ruas cheias de polícia. Imagem comum, parte do dia a dia de muitos. Ninguém parece se incomodar. Dentro da feira a polícia continua presente como fantasia. A fantasia do homem em uniforme, da autoridade.

Nos autofalantes ouve-se músicas da Lady Gaga, as vezes interrompidas por uma voz afeminada que anuncia as próximas atrações. A feira lembra um shopping, com suas inúmeras vitrines. A primeira loja – que pode ser vista do lado de fora – é uma loja de cosméticos/ afrodisíacos/ energéticos. Composta por uma vitrine colorida cheia de pomadas, gel, perfumes, sabonetes, óleos, aromatizantes, lubrificantes, adstringentes, estimulantes, excitantes, flavorizantes. A palavra liberdade salta à vista. Além dos produtos cosméticos/ afrodisíacos/ energéticos, as vitrines são praticamente tomadas por pênis de todos os tamanhos e cores. Algumas lojas expõem também vaginas e masturbadores masculinos, mas as próteses e vibradores femininos são maioria. Ao lado destes pênis, muitas vezes encontra-se artigos de pelúcia: corações, coelhinhos pintudos e pênis rosados. (...)

Na porta de um dos estandes, brindes são distribuídos. Quem entrega são duas mulheres brancas, uma loira, outra morena, altas, seios fartos, magras e de lingerie. Além da exposição de cosméticos e sex-toys, a feira também é composta por estandes de fantasias fetichistas, lingeries, possui uma exposição de quadros eróticos, um estúdio de produção fotográfica sensual, em que a mulher recebe uma produção, com maquiagem e roupas sensuais, sapatos de pin-ups até o número 44, bares representando casas de Swing e clube de fetiche, e estandes de lançamento de livros e filmes. (...)

De tempos em tempos uma travesti vestida de moranguinho caminha pelos corredores e anuncia nos alto-falantes palestras e outras atividades. Logo na entrada, próximo ao estande de cosméticos, há um pequeno auditório para palestras, organizado por 'uma agência de inteligência empresarial especializada no segmento erótico'. A palestra que fecha o ciclo desta 16ª Erótika Fair é: 'consumo Feminino – Nossa mola propulsora: Elas decidem'. A moranguinho anuncia uma palestra gratuita sobre sexualidade feminina dirigida apenas para mulheres. No entanto, não é a palestra do miniauditório, estas são pagas. A palestra gratuita dirigida para mulheres acontece no espaço do site não-não-pára, que reúne blogs, vídeos e comentários sobre sexo mantido por Bruna Surfistinha, ex-prostituta jovem de classe média alta e autora de livro sobre sua vida; David Cardoso, nome importante das pornochanchadas do cinema brasileiro nos anos 70; Syang, cantora; e Alê Félix, editora.. (...)

O espaço é uma sala de vidro, como um aquário. Trata de uma conversa com a organizadora e uma psicóloga. Algumas mulheres jovens, entre 20 e 35 anos e outras até 60 anos. Durante todo o tempo estiveram presentes entre 14 e 20 mulheres. As mais jovens circulavam mais, permaneciam menos. Pergunta-se sobre as fantasias, sobre fetiches, desejos, complexos e orgasmo. Uma mulher comenta que fez cirurgia para redução do seio, e logo vem o comentário de uma das organizadoras: 'vacilo seu, deixou de ser fetiche para se tornar uma mulher normal'.

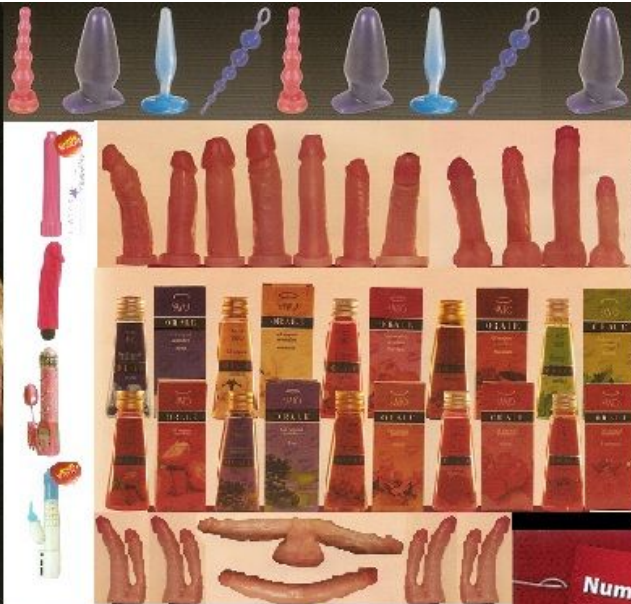
Não, não para...

SEXPIXELS

O maior espaço da internet para o mercado erótico.

Temos um milhão de pixels e motivos para você divulgar a sua empresa.

Anuncie no naonaopara.com.br

16ª ERÓTIKA FAIR




Constantine club

A verdadeira balada para casais.

www.constantineclub.com.br



Numeração até 44




Pin-up

Tel.: (14) 3622.8942

Visite nosso site!
www.pinupcalçados.com.br
compre online com mercado pago

Spanking Bondage/Shisan' Suspensão Podiatria

Safe Sane



CLUBE DOMINNA
Onde a normal é ser diferente

(11)2092.2632/ 9371.6218/ 8483.8149
bela@clubedominna.com

São Paulo - SP - Brasil

Cutting Ticking Inversão Fisting Látex/PVC Gag

Goldenlover Needles Humilhação Feminização CBT Facelifting Cage

Medical Play Cosplay/sexo Amantiaçã e Kinky/Boop Play Training Pain



SUPER CYBER

Vaginas

6015
Clito de Couro
c/ Prótese 16x4 cm

Vaginas

ERÓTIKA 10, 17 e 18 de Abril

Swing Party
by *Constantine club*

A Maior e Melhor Festa Liberal de SP

Com super Duelo de Djs

Super Onibus Bar Transformers
(Projeto único Lançamento na Festa)

E Mais:

200m² de Labirinto, 12 Camarotes com 10m², Balha Acrílica Central de DJ com iluminação digital e 15 lasers
Barras de Pole Dance, Castelo dos Fetiches, Lava Rápido Erótico.
Show de Strippers, Gogo Dancers a noite toda

Casa: R\$100 Mulher: R\$50 Homem: R\$300
Trajes: Esporte Fino

Comandando a noite toda

Show Man Caribó

Dj Assolun (Cosplay/sexo)
Dj Glauco (197Fai)
Dj Bardi (Cosplay/sexo)
Dj Leo
Dj Sorrisinho

Colagem a partir de material recolhido na 16ª Erótica Fair.

Entre conversas sobre orgasmo e vibradores, concluem: toda mulher deve ter um vibrador; que gozar é uma necessidade fisiológica; e a falta de sexo ou de orgasmos influencia de maneira negativa na vida profissional e afetiva, afetando a qualidade de vida. Ao fim da conversa, recebemos *caralinhos* de chocolate e saímos com a promessa de um “jogo da verdade” com *go-go boys* mais para o final da noite.

Sobre a ideia de se montar grupos de discussões naquele espaço, a organizadora responde que a proposta era ocupar os tempos ociosos do estande, utilizado somente no momento de divulgação de livros e filmes.

A discussão realizada como “quebra-galho” ou passatempo, ajuda a explicitar as expressões comuns neste mercado: papel da mulher, sucesso profissional, saúde, qualidade de vida, realização de fantasias.

Mais adiante, uma mulher oriental, loira, com roupas sensuais aproxima-se e convida algumas pessoas para conhecer o estande de uma casa de Swing. A mulher explica o que é a casa e diz que há convites vips que estão sendo distribuídos no espaço. Na porta está um homem jovem, musculoso e sem camisa muito atencioso com homens e mulheres.

Além destas atividades, a 16ª *Erótika Fair* também contou com um lava-rápido sensual, em que modelos masculinos e femininos com pouca roupa lavavam o carro “sensualmente”, um castelo de fetiches, em que as pessoas individualmente poderiam experimentar algumas práticas tidas como fetichistas, e um motel móvel, uma kombi preparada como quarto de motel. Durante os dias 12 e 17 aconteceu, paralelamente, mas relacionado à feira, a segunda – e até o momento, a última – edição do EVA (*Erótika Video Awards*).

A 17ª *Erótika Fair* foi realizada no mesmo ano, 2010, no mês de outubro, entre os dias 8 e 10.¹⁹⁰ Com relação à anterior, esta edição ampliou a variedade de estandes para além dos produtos. Por trás das vitrines havia shows de peep show, BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo), *go-go boys*, palestras pagas ou gratuitas voltadas para o

190 Ao mesmo tempo, na UNICAMP, em Campinas, aconteceu o 8º ENUDS (Encontro Nacional Universitário da Diversidade Sexual), com o tema: Assimilação x Transformação: políticas de subversão e ciladas dos movimentos sociais.

empreendedor no mercado erótico, em que se destacavam a atenção ao consumidor feminino e o mercado virtual. Além disso, um ambiente com lanchonetes, mesa de sinuca e bebidas estava a disposição do público da feira. Lojas de lingerie, exóticas, filmes, tatuagem, casa de swing e estúdios fotográficos também compunham a organização do espaço. No interior da feira, uma outra feira era anunciada em um pequeno estande: a *Eros Fair*, prevista para acontecer entre os dias 24 e 27 de novembro, em Gramado, RS. A proposta da feira de Gramado, segundo a responsável pelo estande, era mais educativa, entretanto, no folder do evento lê-se “O evento, que tem uma proposta inovadora, mesclando informação e diversão, é uma ótima oportunidade para você, lojista, fazer os negócios mais transados no ramo que mais cresce atualmente no Brasil”.

O último post do Twitter do evento¹⁹¹ é de 2010, e atualmente seu website, www.erosfair.com.br, já não se encontra no ar, sugerindo que o evento não teve continuidade. A responsável pela organização foi a JL produções, de propriedade de Evaldo Shiroma.

O estande da *Eros Fair*, além de divulgar a feira, divulgava produtos inovadores no mercado, que procuravam mesclar prazer e saúde, como a *oral sex*, calcinha protetora para sexo oral na mulher.

A 17ª edição ainda contava com um estande da empresa A.T.E.N.A.S. (Agência Tecnológica para Negócios e Ação Segmentada), “agência de inteligência empresarial especializada no segmento erótico”¹⁹². Neste espaço foi realizado o 4ª Seminário Empreender no Mercado Erótico. Os temas tratados no seminário foram: “Tendências pesquisas e mídias sociais”; Empreender e mulheres na web”. “Oficina: montando sexshop na web”; “Oficina: tudo sobre vibradores”; “O que as mulheres querem e produtos eróticos na terapia sexual”; “Fetichismo e consumo feminino, tendências do futuro”. Uma das sócias da Agência, Paula Aguiar, é também presidente da ABEME (Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico e Sensual), desde setembro de

191 Disponível em: <https://twitter.com/Erosfetichismo> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

192 Disponível em: <http://pt.slideshare.net/atenasonline/mercado-ertico-brasileiro-2009> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

2010. A ABEME e a ABREVEST (Associação Brasileira de Vestuário) foram outras organizações que compunham o espaço da feira.

Para além da feira, das sexshops, motéis, casas de swing, os negócios se diversificam em associações, agências, outras feiras e toda uma gama de organizações e empresas, produzidas no interior da feira ou acopladas a ela.

No interior do setor da *Erotika Business*, um segmento que se destacou foi o estande do extinto *Clube Dominna*¹⁹³, um clube de práticas BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadomasoquismo). Neste espaço-aquário, além da exibição de instrumentos da prática BDSM, eram realizadas algumas apresentações. Em uma delas, um homem sem roupa, com uma máscara de cavalo em couro, era chicoteado e recebia ordens de sua dominadora – uma das donas do clube. A exibição chamou atenção naquele espaço, por exhibir um homem completamente nu e que estava de “pau” duro enquanto se contorcia com as chibatadas. Poucas pessoas aderiram às apresentações, mas a exibição acumulou um grande número de expectadores.

No interior do *Erotika Business*, o estande do *Clube Dominna* parecia mais com um show de curiosidade do que possibilidade de negócios; uma atração na qual os espectadores não buscavam nenhum envolvimento. Em torno do estande, outros espaços vendiam vestuários e instrumentos da prática BDSM. Estas performances se diferenciavam de outras por apresentarem ao público comuns cenas explícitas e que misturavam dor com prazer. Não havia referência à saúde, à qualidade de vida, ao caráter educativo, mas uma expressão diferente de prazer. A única referência à saúde na prática se limitava ao slogan que garantia sua “normalidade” apesar de incomum: *seguro, são e consensual*.

O slogan BDSM é atribuído a David Stein, cofundador da *Gay Male S/M Activists* (GMSMA), organização BDSM nos Estados Unidos. Na década de 1980, a GMSMA se pronunciou sobre suas práticas e orientações em um texto que trazia a frase “safe, sane and consensual”.

¹⁹³ Clube que promovia festas BDSM. Fechou em 2010, de acordo com informações no blog de uma das responsáveis pelo espaço: <http://castelodamaga.blogspot.gr/2010/12/comunicado-fechamneto-do-clube-dominna.html> (último acesso em 5 de dezembro de 2016).

Durante uma conferência do Leather Leadership, em Washington, no ano 2000, Stein apresentou um texto intitulado “Safe Sane Consensual: The Making of a Shibboleth” em que discorria sobre a conferência e o momento em que foi criado o termo. Em seu website, Stein publicou uma versão revisada e atualizada do texto de Washington¹⁹⁴.

O primeiro registro que se tem do uso do termo, data de 1983, durante em uma declaração da GMSMA, em que se lê “GMSMA é uma organização sem fins lucrativos de homens gays na região da cidade de Nova York que estão seriamente interessados em uma prática SM segura, sã e consensual” (STEIN: 2002: 1). O trecho com a declaração que contém a frase acabou sendo incorporado nos panfletos de divulgação da organização e enviados por correio para milhares de indivíduos e centenas de organizações.

A frase surgiu em uma tentativa de “distinguir o tipo de SM que eu queria daquele criminoso e abusivo ou do comportamento neurótico e autodestrutivo popularmente associado ao termo 'sadomasoquismo’”. Os termos “safe” (seguro) e “sane” (são), entretanto, foram escolhidos ao acaso em função do slogan popular: “tenha um 4 de julho seguro e são” (STEIN: 2002). Stein cita outros grupos SM que também teriam feito uso do termo “são” e “seguro” sob o mesmo ímpeto de utilizar um slogan já conhecido no imaginário estadunidense.

De acordo com Stein, o novo slogan tomou outras proporções e, o que era quase uma brincadeira para sugerir que as pessoas não assumissem riscos “estúpidos e desnecessários”, se tornou uma asseveração que delimitava o que poderia ser considerado ou não como prática BDSM, em vez de incitar que cada um tenha uma relação ética com sua própria prática (IDEM).

No ano de 2011, a 18ª *Erótika Fair* aconteceu entre 7 e 10 de abril, no espaço Tancredo, na Av. Tancredo Neves, 600, no Ipiranga, zona sul de São Paulo, com ingresso único de R\$40,00.¹⁹⁵ Já considerada a 4ª maior feira do mundo no setor, atrás de China, Alemanha e Estados Unidos, a feira

194 Disponível em: <http://boycbear.us/history.htm>. Tal apresentação está publicada em: <http://boycbear.us/ssc.pdf> (últimos acessos em 02 de julho de 2017).

195 “Encontro com o prazer”, publicada em *O Estado de S. Paulo*, em 03 de abril de 2011. Caderno Feminino, p. 3.

desta vez foi segmentado em três áreas: o espaço para cursos, palestras e *workshops*, o espaço para os expositores e uma área de entretenimento com shows eróticos.¹⁹⁶

No mesmo ano, entre os dias 26 e 29 de maio, aconteceu no Rio de Janeiro, a 2ª *HotFair*, com ingressos de R\$ 40,00 a R\$ 50,00 e atrações para empresários e para o público e geral, como na *Erótika Fair*. A feira teve grande repercussão na mídia junto com o sucesso do filme *de pernas pro ar*, inspirado em uma vendedora de produtos eróticos carioca.¹⁹⁷ Pouco menos de um mês após a feira de São Paulo, a *HotFair* anunciava-se como a maior feira da América Latina. No website da *HotFair* afirma-se que “Com o conceito de ser erótica, mas não pornográfica (não existe nenhuma das variantes de forma de sexo explícito), o evento atrai principalmente as mulheres e casais que conhecem novos produtos, se divertem nas atrações, adquirem conhecimento nas palestras e terminam a noite se divertindo na Boate *HotFair*”.¹⁹⁸ A segunda edição, foi também a última até o momento. Em 2017, no entanto, aconteceu no Rio de Janeiro a *Sexy Fair*, também com o slogan de maior feira erótica do país, organizada pelo mesmo responsável pela *HotFair* e com muitas das mesmas atrações da *Erótika Fair*.¹⁹⁹ Com apoio da ABEME, a *Sexy Fair* anunciava ser erótica, mas não pornográfica.

A 19ª edição da *Erótika Fair* aconteceu nos dias 22 a 25 de março de 2012, no maior pavilhão de convenções da América Latina, o *Anhembi*, fato comemorado pelos organizadores. Entre as novidades, estavam o lançamento de uma linha de roupas criada pelas performers, habitues da *Erótika Fair*, as *Fetish Dolls*, que além de apresentações eróticas, trabalham junto com *Xplastic*, e são apadrinhadas por Evaldo Shiroma²⁰⁰; distribuidoras de produtos importados para as classes A e B; empresa de móveis eróticos – criada por um advogado que largou a profissão para se dedicar ao

196 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QE0mvZU8sRc> (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

197 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me2505201120.htm> (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

198 Disponível em: <http://www.hotfair.com.br> (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

199 Disponível em: <http://www.feiraerotica.com/>; <http://bellaasdivas.blogspot.com.br/2017/02/sexy-fair-super-feira-erotica.html>; <https://www.abeme.com.br/vem-ai-sexyfair-feira-erotica-no-rio-de-janeiro/> (último acesso em 10 de julho de 2017).

200 “Momento sexy na 19ª *Erótika Fair* (parte 2/3)”, publicado no canal Chris Lima, do youtube, em 11 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AaYUsRPOP-M> (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

ramo –; empresa de bolos eróticos²⁰¹; entre outras empresas e atividades que já haviam exposto anteriormente na *Erótika Fair*. Sobre a mudança de localização, agora no “maior pavilhão de eventos da América Latina”, Mayanna Rodrigues – *fetish doll* e garota *Xplastic* – afirmou que o clima da feira mudou “o local, o Anhembi, mudou completamente o clima da feira, deixou de ser uma coisa mais putaria, quem era pra gente, e tá uma coisa mais capitalista, mais produto mesmo (...) tá bem comercial, mas tá bem legal em relação à mídia também (...) pelo menos pra gente a coisa não muda”²⁰².

Com o sucesso e aceitação cada vez maior do ramo de produtos eróticos, a *Erótika Fair* afastou-se cada vez mais do sexo explícito, voltando-se para o consumo da fantasia. O *Clube Dominna* que causava certa estranheza na feira anterior, não estava mais presente, nem como “atração bizarra”. Aos poucos a feira ajudou a moldar o público, com investimento no público feminino, e moldou-se para agradar esse público, em uma mutação de duas vias. No lugar de homens, mulheres e casais passaram a compor o público majoritário da feira.

Entre 2010 e 2011 – ano de lançamento do primeiro filme *de pernas pro ar*²⁰³ – o chamado mercado erótico teria visto o maior aumento do consumo em 10 anos. Segundo Paula Aguiar, em publicação na *Folha de S. Paulo* de 25 de maio de 2011, este aumento seria resultado do aumento do público feminino, “Muito se deve ao público feminino. No primeiro momento, o maior público desse nicho eram os gays. Pensava-se que os produtos eram voltados para eles. Nos últimos anos, casais héteros, principalmente as mulheres, chegaram mais junto”²⁰⁴

A 20ª edição da *Erótika Fair*, entre os dias 4 e 7 de abril de 2013, foi a segunda feira realizada no espaço do Anhembi. A diferença entre a feira que costumava acontecer no *Expo Mart* e a do *Anhembi* é visível e o valor da entrada é agora R\$60,00. O espaço da entrada é muito mais amplo, e

201 IDEM (parte 3/3). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JTKfSzSuUc> (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

202 IDEM, 5'57".

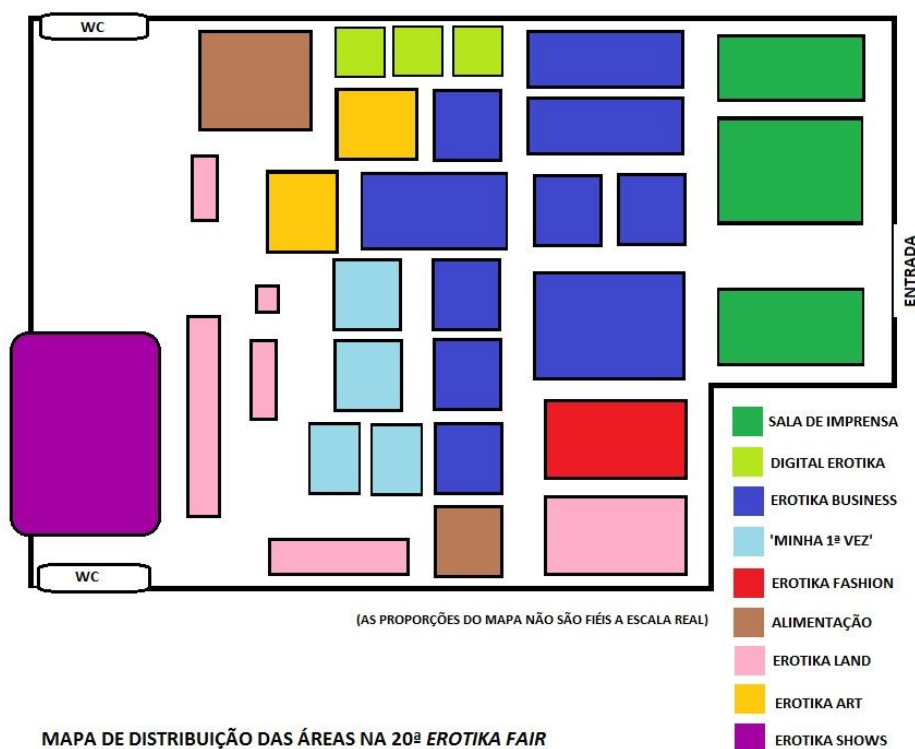
203 Em 2012 foi lançada a sequência do filme, “De pernas pro ar 2”.

204 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QE0mvZU8sRc> (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

também é maior o número de bilheterias. O carpete vermelho percorre quase todo o espaço. A variedade nos estandes parece maior.

Logo na entrada há um pequeno estande da organização Barong, com farta distribuição de camisinhas (masculina e feminina), panfletos e vídeos informativos, sobre direitos reprodutivos e saúde sexual em parceria com a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Na Digital Erotika, empresas disponibilizam serviços para websites e cyber-segurança. Na área denominada Minha 1ª vez, pessoas interessadas em começar ou se aprofundar no mercado erótico tem suporte de entidades como o SEBRAE. O auditório da Erotika Hot, bem como a área dedicada ao altporn (pornô alternativo), ficam mais ao fundo.

Entre os maiores estandes está o da *Hot Flowers* – produtora e distribuidora nacional de maior alcance e que completa 10 anos de existência. Em comemoração, a *Hot Flowers* decidiu ampliar o seu mercado para o restante da América do Sul convocando, como garota propaganda, a modelo paraguaia Larissa Riquelme, que esteve presente nesta edição da feira.²⁰⁵ A modelo ficou conhecida internacionalmente como “musa da Copa”, em 2010, após ser “flagrada” pelas câmeras com o celular entre os seios, sua “marca registrada”.



(Desenho inspirado no mapa disponível na 20ª edição da *Erótika Fair*)

205 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/larissa-riquelme-estrela-novo-catalogo-da-hot-flowers/>; <https://www.abeme.com.br/larissa-riquelme-confirma-presenca-na-erotika-fair/> (últimos acessos em 06 de dezembro de 2016).

A expo Dr. Sexo une o lançamento do livro O prazer secreto – livro sobre os ‘segredos’ da prática do sexo anal –, do urologista e habitué da feira erótica, Celso Marzano, com banners que mostram a história dos objetos sexuais, desde a chamada pré-história, começando pela famosa imagem da ‘vênus de Willendorf’, passando pela Grécia antiga, instrumentos antimasturbação do século XIX, fetichismo e imagens atuais relacionadas à internet.

Há uma área nomeada Erotika Femme, voltada para mulheres, como sugere o nome, promovida pelas empresas Doce Sensualidade e Adão e Eva Toys. A grande caixa-estande é dividida em três áreas. O espaço onde são realizadas as atividades é fechado, e a entrada, com cortinas vermelhas e um grande letreiro em torno de um círculo iluminado, se assemelha à entrada de um show burlesco. A segunda área, de paredes de vidro é dividida em duas seções: um bar para degustação de bebidas e sorteio de prêmios, e a loja, que tem ligação tanto com o espaço das atividades, quanto com o espaço para o público geral. O espaço das atividades é ‘destinado às visitantes da Erótika Fair [e oferece] (...) workshop[s]: Pole Dance, Pompoarismo, Strip-Tease, Dança do Ventre, Massagem Sensual e diversas modalidades de artes sensuais. [E palestras da] (...) área médica (...) [com] Psicoterapeuta, Fisioterapeuta, Sexólogo, Ginecologista, Urologista e Educador Sexual abordando temas sobre relacionamento e sexualidade’²⁰⁶ Além dos cursos, palestras e workshops realizados na Erotika Femme, a ABEME também realizou workshops na área do auditório SEBRAE.

Enquanto a trilogia *Cinquenta tons de cinza* se tornava um best-seller mundial, na *Erótika Fair* ela estampava novos produtos e servia de tema a performances.

Nos corredores da feira, Christian Grey, o protagonista da trilogia, dá uma palhinha de seu show: um homem musculoso²⁰⁷ vestido como executivo, interage, primeiramente, com as próprias lojistas. A performance se trata da simulação de uma dominação sexual sobre a mulher passiva. Mulheres sozinhas ou acompanhadas entram na brincadeira e todos parecem se divertir. (...)

As atividades do antigo Erotika Hot, agora reformuladas no espaço da Erotika Show, são localizadas em um grande auditório com um palco imenso onde se realizam strip-teases – mas o nu total é exclusivamente das mulheres –, show de danças performáticas, comédias stand-up, entre outros.

Em edições anteriores da feira, atividades como sexo explícito e strip-tease total não eram incomuns, ainda que se passassem em um espaço à parte.

Na feira há uma presença maior de mulheres transexuais integradas ao *staff* comum. Com relação às travestis “montadas”, que costumavam circular na feira, não pude ver nenhuma fora do

206 Disponível em: <http://clubeerotika.blogspot.com.br/2013/03/erotika-femme-o-espaco-so-para-mulheres.html> (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

207 Modelo que trabalha como *go-go boy* no clube das mulheres e interpreta alguns personagens sedutores no programa da Eliana, no SBT, além de ser evangélico e ‘homem de família’. Disponível em: <http://www.intimidades.jornalfolhadoestado.com/noticias/25/intimidades-com-bruno-camargo/>. (último acesso em 6 de dezembro de 2016).

palco. As que se apresentaram no *Erotika Show* nesta edição são artistas reconhecidas pela mídia, como a *drag queen* Silvetty Montilla.

Além da exposição “histórica”, a *Expo Dr. Sexo*, havia outra exposição com um caráter menos informativo e mais artístico, em que as imagens expostas não eram relacionadas a um contexto geográfico-histórico, mas apresentavam uma leitura estética singular do corpo e do sexo. Em conversa com o artista responsável pela exposição, ele afirmou que as feiras anteriores costumavam ser mais ‘pornográficas’, mas que mudança se dava pela exigência do *Anhembi*.

Entre as atividades *lúdicas* para o público, no espaço intitulado *Erotika Land*, havia a atração da “cadeira elétrica” e o “labirinto de toques”. As brincadeiras são divididas entre aquelas para casais e as individuais. Entre as individuais existem as que são realizadas por modelos homens e por modelos mulheres, em relação ao público, homens e mulheres podem frequentar os dois espaços, não há delimitações quanto à chamada preferência ou orientação sexual. Homens podem frequentar as brincadeiras propiciadas por outros modelos homens, e o mesmo para as mulheres, mas o que se observa na fila é a prevalência de homens buscando brincadeiras com modelos mulheres e prevalência de mulheres buscando brincadeiras com modelos homens. As filas para as brincadeiras com modelos mulheres, no entanto, são muito maiores. Alguns dos modelos homens que trabalham na *Erotika Land*, ao serem questionados sobre o assédio de homens e mulheres, responderam serem profissionais e saberem separar as coisas, resposta semelhante à dos *go-go boys*, no *jogo da verdade*, realizado na 16ª *Erótika Fair*, em 2010.

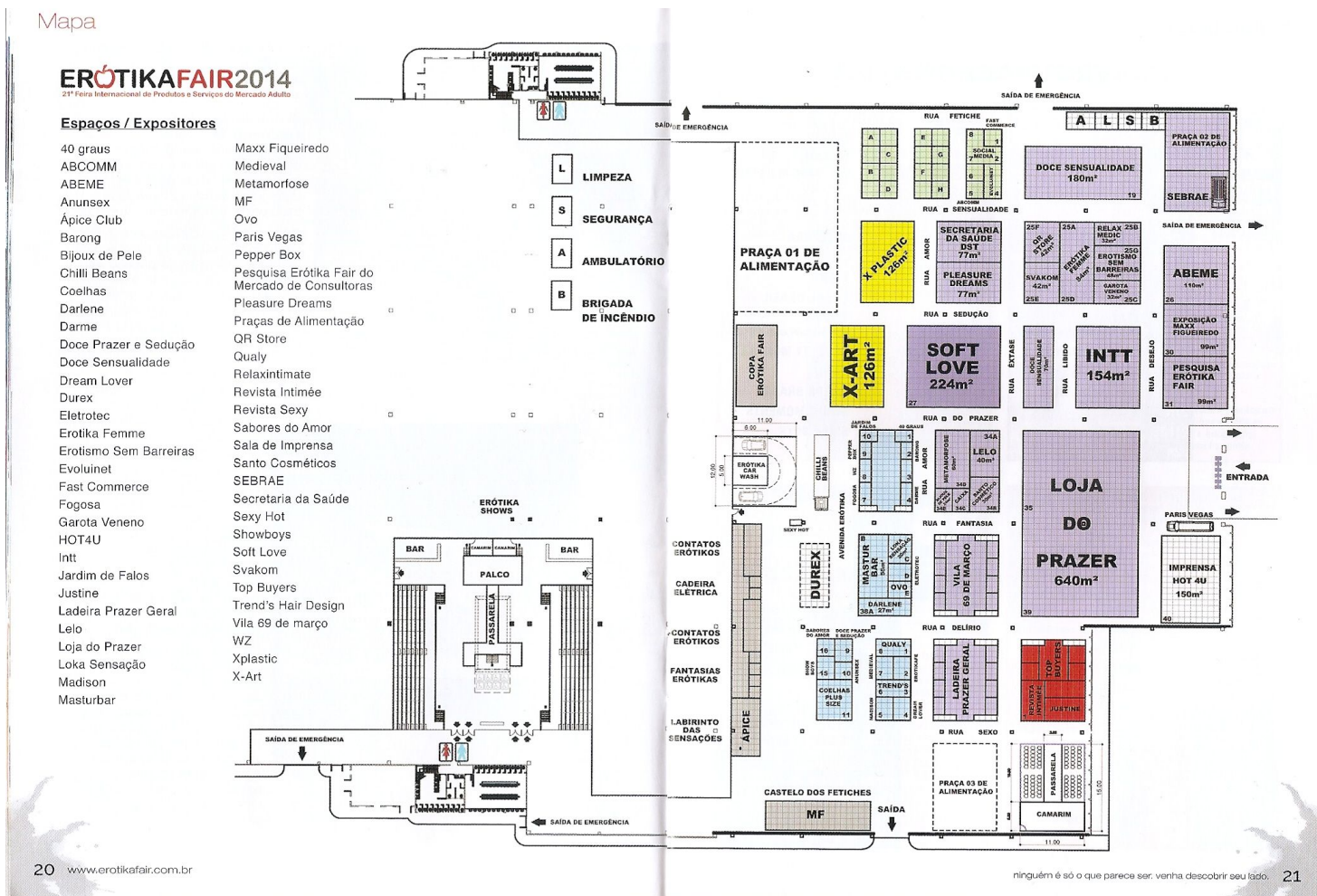
No ano seguinte, 2014, a 21ª *Erótika Fair* aconteceu entre os dias 27 e 28 de março no *Imigrantes Exhibition and Convention Center*, zona sul de São Paulo.

O ingresso individual custa entre R\$ 50,00 (adiantado) e R\$ 60,00. Casais pagam R\$ 80,00 (adiantado) ou R\$ 100,00, desde que provem a ‘parceria’ com um beijo de língua.

O espaço da feira parece maior. Para entrar é preciso passar pelos seguranças e pela revista da bolsa. Às 18hs do dia 27, algumas atividades já estão acontecendo. A feira abre às 14hs para empresários e para a imprensa, e às 17hs para o público em geral. Me dirijo para o Erotika Show onde há uma competição de Twerk, uma dança que simula movimentos sexuais em ritmo aeróbico. O espaço em torno do palco se encontra vazio a princípio, mas não demora

muito para as pessoas ocuparem a plateia em torno da apresentação. Uma das dançarinas é um rosto conhecido do mailing de divulgação de uma sexshop virtual, a Loja do prazer – também responsável pela venda dos ingressos antecipados. Depois de uma primeira apresentação, alguns homens da plateia são convidados a participar da performance. Eles se posicionam deitados no chão, enquanto as duas dançarinas, vestindo roupas esportivas sensuais, competem, realizando os movimentos sobre os homens.

A atração seguinte foi oferecida pela X-art, uma empresa estrangeira que produz filmes e fotos para a internet ‘com conteúdo envolvente e olhar elegante’, o que seria o seu diferencial, de acordo com a descrição no folder da feira. Os performers, homens e mulheres que interagem entre eles, são todos esbeltos e de corpo bem definido. Em um canto da plateia, há um grupo só



Mapa publicado no Guia da 21ª Erotika Fair, em 2014.

A atração que se seguiu foi um *pocket show* de comédia com Nizo Neto (um dos filhos de Chico Anísio, que trabalhou anteriormente na *Escolinha do professor Raimundo*) e Tatiana Presser, psicóloga, “sexcoach” e sua esposa. De modo “descontraído” os dois falaram da própria vida sexual

e deram dicas, por exemplo, de como fazer sexo anal. Além disso, contaram a história dos vibradores e mostraram alguns dos produtos disponíveis com dicas e informações sobre os mesmos.

No primeiro dia da feira havia muitos executivos, alguns deles estrangeiros.

A próxima parada é no estande da ABEME (Associação Brasileira do Mercado Erótico e Sensual), onde se realiza uma palestra sobre venda direta, com dados estatísticos e o perfil do consumidor brasileiro. Durante a palestra, afirma-se que 58% dos consumidores no Brasil são das classes B e C e que as mulheres são a maioria. Próximo dali, um estande realiza exames gratuitos de DST/AIDS, com o apoio da Secretaria da Saúde.

Uma pequena exposição inaugurou um novo ramo na *Erótika Fair*. A ONG *Essas Mulheres*, voltada a mulheres com algum tipo de deficiência, expôs fotos sensuais de cadeirantes, mulheres amputadas, ou com alguma outra deficiência física. A responsável pelo estande afirmou que o objetivo é ajudar mulheres nestas situações a lidar com a própria sexualidade e autoestima. Com relação ao chamado fetichismo com pessoas com deficiências, a organizadora afirmou que a procura de *Devotees* – nome dado às pessoas que sentem atração por outras com deficiência – costumam ocorrer em outras feiras, como a *Realtec*, voltada para reabilitação.

Muitas atividades, palestras e *workshops*, são pagos a parte. É possível pagar com dinheiro e cartão de crédito, mas a feira também criou seu próprio dinheiro, o *pau\$*. No dia 28, uma sexta-feira, o evento estava mais cheio do que no dia anterior e o público, aparentemente, era mais diverso.

Próximo ao local dos shows, uma casa de Swing, *Ápice*, montou uma réplica do seu espaço original. Além de portas e poltronas, a réplica possuía um labirinto. Alguns passos adiante, entre as atividades que compunham o *Erotika land*, havia a *cabine das emoções* em que as pessoas podiam se tocar e ser tocadas por outros. Uma outra atividade era composta por três momentos diferentes: no primeiro, um modelo, homem ou mulher, dançava e não pode ser tocado; no segundo a pessoa poderia tocá-lo/la; no terceiro a pessoa era algemada e somente o/a modelo poderia tocá-la. Na cabine da *cadeira elétrica*, uma pessoa entrava em um pequeno quarto com dois ou duas modelos. As mulheres que saíam da cabine com os modelos masculinos, estavam afobadas, por vezes

limpando a boca. Dentro da cabine havia uma cadeira, os modelos, ao serem questionados sobre as atividades, informaram que ambas as partes estabelecem os limites do que se pode ou não fazer, tanto os modelos quanto o visitante. A duração da brincadeira é de um minuto.

Atrações

Tem pra todo mundo

São 4 dias de atrações para agradar aos mais variados tipos de público. Confira!

COPA ERÓTIKA FAIR DE FUTEBOL DE SABÃO

Esta sim é a Copa das Copas. Os times já estão escalados e a disputa vai ser quentíssima! Venha fazer parte da torcida e vibre com a gente na 1ª Copa Erótika Fair de Futebol de Sabão!
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Land

ERÓTIKA SHOWBOYS

Os strippers prometem levar a platéia à loucura, com apresentações de tirar o fôlego!
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Shows
Horários: Consulte programação na página 22

TEM TRANSAR COM A GENTE

Após temporada de sucesso no RJ, a peça finalmente chega a SP e tem sua estreia na Erótika Fair 2014!
Com Nizo Neto & Tatiana Presser
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Shows
Horários: Consulte programação na página 22

TWERK COMPETITION

A palavra twerk é a mistura de twist (dança considerada provocativa nos anos 60) e jerk, comida jamaicana apimentada e muito condimentada. Febre nas academias de fitness, o twerk é uma dança extremamente sensual, combinando movimentos de pernas, quadril e abdômen. Tornou-se internacionalmente conhecida através do clio "We Can't Stop", da cantora Miley Cyrus!
Data: 27 e 28 de março • Local: Erótika Shows
Horários: Consulte programação na página 22

X-ART.COM

Atrizes e atores do disputadíssimo casting da produtora X-Art, em shows sensuais e cheios de efeitos visuais e acrobáticos. Venha conhecer e se surpreender com o talento internacional desses verdadeiros artistas do sexo!
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Shows
Horários: Consulte programação na página 22

12 www.erotikafair.com.br

ninguém é só o que parece ser, venha descobrir! 13

Atrações da 21ª Erótika Fair, publicadas no Guia de 2014.

Paralelamente às atividades estava planejada uma *Erotika Party*, que aconteceria depois da feira, mas sua entrada era exclusiva para convidados ou para quem tivesse comprado um convite VIP antecipado.

Nos dias 29 e 30 a feira foi aberta ao público desde às 14hs. As filas de compra de ingresso antecipado estavam imensas. Em breves entrevistas, alguns funcionários, modelos ou que trabalhavam como suporte, assumiram uma postura, no geral, mais *conservadora* – termo utilizado por alguns deles – e voltada à família.

Uma das novas atrações da feira foi um espaço, em forma de cápsula gigante, organizada pela marca de camisinha *Durex*, uma das patrocinadoras da feira. O espaço era uma réplica de quarto de motel, com champagne, onde os casais poderiam aproveitar um breve tempo a sós.

Atrações

ERÓTIKA CAR WASH
Um banho de beleza e sensualidade! Gatas provocantes e garotos sarados vão dar um belo trato no seu carro, no lava-rápido erótico que promete ser uma das grandes sensações da Erótika Fair 2014!
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Land
Preço: R\$ 40,00 com vagas limitadas.

ERÓTIKA LAND
Um espaço para explorar seus desejos mais íntimos, uma viagem sensorial ao incrível mundo das fantasias eróticas! Venha se divertir e deliciar-se com a Cadeira Elétrica, Castelo dos Fetiches, Contatos Eróticos, Labirinto das Sensações, Terror Erótico e muitas outras brincadeiras incríveis, nesta que é uma das áreas mais disputadas da Erótika Fair!
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Land

SILVETTY MONTILLA
A performer é considerada uma das mais talentosas drags caricadas do Brasil, em virtude de seu humor ácido e perspicácia. Transformista, atriz, humorista, cantora, apresentadora, repórter e bailarina, apresenta-se assiduamente nas principais boates gays de São Paulo e faz participações em programas de TV, como o TV Fama, Programa Eliana e o humorístico Toma Lá, Dá Cá. Atualmente, se apresenta no projeto "Terça Insana".
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Shows
Horários: Consulte programação na página 22

ERÓTIKA PARTY
Homens e mulheres incríveis, público descolado, música boa, festas como você nunca viu! Desde 2001, a atração é sucesso de público e crítica e evento obrigatório em todas as edições da Erótika Fair.
Data: 27, 28 e 29 de março
Local: Erótika Shows • Horários: 23h

CÁPSULA DUREX
A cápsula de Durex, que já esteve presente na casa mais famosa do Brasil, também vai fazer a festa dos visitantes da quarta principal feira erótica do mundo. Além de conhecer todos os produtos da marca, quem passar pela Erótika Fair poderá viver uma experiência incrível na cápsula gigante, que estará instalada no evento!
Data: 27, 28, 29 e 30 de março • Local: Erótika Land

ERÓTIKA POLE DANCE COMPETITION
Venha aí a 3ª edição da já tradicional Erótika Pole Dance Competition!
• Categoria Amadora Feminina
• Categoria Masculina
• Categoria Profissional Feminina
Prêmios em dinheiro e produtos para os 3 primeiros colocados!
Data: 30 de março • Local: Erótika Shows
Horários: das 20h às 22h

ninguém é só o que parece ser, venha descobrir seu lado.

14 www.erotikafair.com.br 15

Atrações da 21ª Erótika Fair, publicadas no Guia de 2014.

Na revista-folder do evento, além de todas as novidades, anuncia-se “o emprego de um termo que deverá marcar para sempre o mercado e que norteou as iniciativas para esta edição do evento: o bem-estar sexual”²⁰⁸. O conceito é atribuído à marca de lubrificantes e preservativos (e, recentemente, de sex toys), *Durex*, que teve sua estreia nesse ano no Brasil²⁰⁹. De acordo com a *Durex*

208 Guia *Erótika Fair* 2014, p. 3.

209 Disponível em: <http://www.durexbrasil.com.br/explore-o-sexo-incr%C3%ADvel/saiba-mais/sexo/hist%C3%B3ria-de-durex-e-curiosidades-sobre-os-preservativos/> (último acesso em: 03 de julho de 2017).

O bem-estar sexual é um equilíbrio entre fatores físicos, emocionais e sociológicos. Trata-se de proteger e cultivar a sua saúde sexual e de seu parceiro, aproveitando ao máximo sua vida sexual e se sentindo confiante e feliz consigo mesmo. O bem-estar sexual é uma parte fundamental da saúde e do bem-estar humano. (DUREX apud GOBLE; BYE-BROOKS, 2016).

O conceito surgiu a partir da pesquisa “Durex Global Sexual Wellbeing Survey”, em 2006 e 2007. No website da marca, há algumas informações gerais acerca da pesquisa²¹⁰, no entanto, o artigo de 2009, “A Global Survey of Sexual Behaviours”, de Kevan Wylie²¹¹, traz informações mais detalhadas sobre os resultados.

Entre 2006 e 2007, foram realizadas entrevistas, via um questionário aplicado pela agência *Harris International*, com 26.032 pessoas de 26 localidades: Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, China, França, Alemanha, Grécia, Holanda, Hong Kong, Índia, Itália, Japão, Malásia, México, Nova Zelândia, Nigéria, Polônia, Rússia, Singapura, Espanha, Suíça, Reino Unido, Estados Unidos (WYLIE, 2009: 40). Dentre todas as localidades, apenas as entrevistas na Nigéria foram realizadas pessoalmente; todos os outros questionários foram respondidos via internet (IDEM: 41). A idade mínima dos entrevistados foi de 16 anos, aproximadamente 50% mulheres, e 90% heterossexuais (IBIDEM).

O “bem-estar sexual”, no artigo “Global Study of Sexual Attitudes and Behaviours”²¹², é definido por 4 aspectos: “prazer físico, prazer emocional, satisfação com a performance sexual [sexual functioning], e importância do sexo” (WYLIE, 2009: 40).

Wylie concluiu em seu artigo que as definições de “bem-estar sexual”, até o momento, eram muito restritas por abarcar uma dimensão limitada. Como exemplo citou a tentativa do Departamento de Saúde no Reino Unido de definir o conceito, voltando-se, exclusivamente, para

210 Disponível em: <http://www.durexcanada.com/en/about-durex/global-research/> (último acesso em 03 de julho de 2017).

211 Kevan Wylie é Urologista, Consultor de Medicina Sexual, Professor Honorário no Departamento de Neurociência da Universidade de Sheffield (desde 2014), e presidente da WAS (World Association for Sexual Health), desde 2012.

212 A pesquisa em questão foi financiada pela Pfizer, a noção que Wylie adota está disponível em: Laumann EO, Paik A, Glasser DB, Kang JH, Wang T, Levinson B, et al. A cross-national study of subjective well being among older men and women: findings from the global study of sexual attitudes and behaviours. *Archives of Sexual Behaviour* 2006; 35:145- 61. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-005-9005-3> (último acesso em 03 de julho de 2016).

indicadores como doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. De modo mais abrangente, ele definiu os seguintes fatores em torno do “bem-estar sexual”: a satisfação sexual; o relacionamento, a saúde mental e a monotonia; o prazer sexual; o amor; e a intimidade.

Referente a esses fatores, existem dois deles que Wylie considera difíceis de definir por serem influenciados pela cultura e religião: a satisfação e o prazer sexual. Sobre o primeiro, ele tenta definir pela afirmação que a “satisfação sexual está ligada ao bem-estar sexual por meio da influência na autoestima, autoconfiança e qualidade de vida²¹³” (2009: 46). E acrescenta, a partir de uma citação:

'Parece-nos que a satisfação sexual não trata apenas de prazer físico, ou da ausência de insatisfação ou de problemas. No lugar, a satisfação sexual envolve o sentimento geral que fica ao se considerar os aspectos positivos e negativos, ou, as recompensas e custos de nossas relações sexuais' (BYERS apud WYLIE, 2009: 46).

Em relação ao conceito de “prazer sexual”, Wylie observa,

Afirma-se que a atividade sexual está relacionada às percepções de ganhos e benefícios, e a inatividade seria consequência de perdas e custos, não estariam ligadas à busca do prazer em si mesmo. O conceito de trocas sexuais é importante, uma vez que o comportamento sexual, raramente não tem um motivo (IDEM: 47).

O estudo em torno do “bem-estar sexual” mostra a relação deste conceito com o funcionamento do mercado em que ele se insere. A relação não se dá somente pelo fato de que o estudo foi encomendado por uma empresa no interior do mercado, uma vez que seus efeitos, como mostra o artigo, vão para além do campo comercial e assumem contornos de saúde respaldados em organizações internacionais.

Não parece uma mera eventualidade que dois dos fatores constituintes do “bem-estar sexual” tidos como indefinidos e que demandaram maior explicação no artigo foram a “satisfação sexual” e

213 O conceito de qualidade de vida é utilizado no artigo de forma naturalizada. No entanto, a WAS (World Association for Sexual Health) – organização da qual Wylie é o atual presidente – adota os conceitos de saúde provenientes da OMS (organização Mundial da Saúde, WHO, em sua sigla em inglês). A origem deste termo é atribuído à OMS, que se refere a ele como “a percepção dos indivíduos de sua posição na vida, a partir do contexto cultural e de sistema de valores em que vivem, em relação às suas metas, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL-100, 1995). Em “WHOQOL: Measuring Quality of Life”, a WHO/OMS, acrescenta, ainda, que “este é um conceito abrangente influenciado de modo complexo, pela saúde física da pessoa, seu estado psicológico, suas crenças pessoais, relações sociais, e as relações com as principais características do seu ambiente”. Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/whoqol-qualityoflife/en/> (últimos acessos em 02 de julho de 2017).

o “prazer sexual”. Do ponto de vista das sensações corporais, ambos “fatores” poderiam ser compreendidos como elementos imediatos, cujo fim estaria em si mesmos. O prazer, talvez mais do que a satisfação, encontra-se no momento em que ele ocorre, às vezes inesperado, às vezes como efeito da busca do mesmo. Entretanto, ligados ao “bem-estar sexual” estes fatores são inseridos em um cálculo com uma finalidade, por uma lógica liberal de custos e recompensas. É dada uma finalidade a essas sensações no interior de uma relação entre duas pessoas. O prazer e a satisfação, portanto, não podem encerrar-se em si mesmos, mas serem projetados para um futuro a partir de um objetivo que seria a “qualidade de vida”, sendo este último um conceito flexível, como evidenciado pela OMS (Organização Mundial da Saúde), possível de ajustar-se às necessidades de cada um.

No mercado, portanto, o “bem-estar sexual” redimensiona o incalculável em uma conta utilitária, em um investimento. O mercado de produtos para o prazer sexual, torna-se, assim, um espaço para cada um investir na própria “qualidade de vida”.

Entre outras coisas, no folder há algumas afirmações sobre o caráter não pornográfico da feira, e com isso a sua influência em modificar os ambientes das sexshops, tornando-os mais “profissionais”. Como resume Evaldo Shiroma, presidente e idealizador da feira, “Não vendemos sacanagem. Oferecemos bem-estar sexual”.

O desenvolvimento da feira, no passar dos anos, não é contínuo. Empresas aparecem e desaparecem. Outros empreendimentos começam e descontinuam. Conceitos são criados e assimilados, outro talvez desapareçam sem serem notados. A questão da saúde se estabelece como certa, respaldada pelo “bem-estar sexual” e pela “qualidade de vida”.

O investimento no público feminino parece ser mais eficaz quando relativo à saúde e à educação. As continuidades e descontinuidades expressam também uma relação com o público consumidor, que por vezes assimila ou recusa novidades, um risco inerente ao funcionamento do próprio mercado.

A variedade do público consumidor e prestadores de serviço também se destaca. É possível encontrar desde funcionários mais conservadores, que veem na feira uma oportunidade de trabalho – mais divertida ou não – e por vezes mantida em segredo da família, outros provenientes de um meio considerado mais *alternativo* e de ideias mais *abertas* e *inovadoras*; um público composto por empresários atraídos apenas pelos negócios, outros pela diversão, curiosos, casais em busca de um “tempero no relacionamento”, rapazes que buscam um ambiente de *balada* propício para *caça*, entre outros.



Em 2015, a 22ª edição da feira aconteceu no mesmo local renomeado como *São Paulo Expo Exhibition and Convention Center*, entre os dias 6 e 8 de março de 2015. O ingresso custava R\$ 50,00 mais um quilo de alimento não perecível. Em seu 18º aniversário, a feira não se diferiu muito da edição anterior, mas tornou-se não apenas a maior da América Latina, como a única no Brasil.

Próximo à entrada, imensos anúncios de fundo preto mostram a nova coleção exclusiva da Loja do Prazer – agora considerada a maior sexshop da América Latina, e também uma das patrocinadoras desta edição da feira – inspirada na trilogia Cinquenta tons de cinza. A famosa trilogia também é destaque com o show do Clube das mulheres, já realizado anteriormente com o mesmo gogo boy interpretando o protagonista Christian Grey, e uma atividade na Erotika Land que reproduz o quarto vermelho da referida história.

Em um pequeno estande na entrada, vende-se o livro, lançamento, Guia Gospel para sexshops e consultores de casais. Em outro estande uma grande empresa de ‘cosméticos sensuais’ lança uma linha para evangélicos chamada In Heaven_ (...)

A Xplastic, que ocupou estandes de *altporn*²¹⁴ em outras edições, foi responsável pelo bar nesta edição. Como já acontecera em outras edições, há a divulgação de uma rede social. Desta vez, uma rede social do sexo chamada *sex log*. Como brinde, as mulheres ganham uma microcalcinha fio-dental com o logo da marca.

As redes sociais também compõem este mercado do desejo. A *sexlog*, lançada em 2010, define-se como “uma rede social exclusiva para maiores de 18 anos, formada por (...) pessoas interessadas em sexo, swing, encontros, fetiches, fantasias, festas liberais, livecam e o que mais a sua imaginação mandar”²¹⁵.



Colagem a partir do material recebido da *sex log* na 22ª *Erótika Fair*

Redes sociais e aplicativos voltados especialmente para fins sexuais não são raros. Além do *sexlog*, é possível mencionar o *Ashley Madison*²¹⁶, rede de relacionamento voltada especialmente, mas não exclusivamente, para pessoas que querem ter uma relação “extraconjugal”. Há a rede social *Sexo com Café*²¹⁷, especialmente para casal de *swingers* (casais que realizam trocas de parceiros). A

214 Produções pornográficas, muitas vezes independentes, que se utilizam de uma estética *indie*, *rock*, *pin-ups* e alternativas em geral.

215 Disponível em: <https://www.sexlog.com/about> (último acesso em 03 de julho de 2017).

216 Disponível em: <https://www.ashleymadison.com/> (último acesso em 03 de julho de 2017).

217 Disponível em: <https://sexocomcafe.com.br/> (último acesso em 03 de julho de 2017).

*GPSGAY*²¹⁸, que além de propiciar encontros entre a comunidade LGBT, permite acesso a filmes direcionados, eventos e mapas. Isso para citar alguns poucos.

Além dos sites de relacionamento, proliferam os aplicativos para celulares voltados para encontros, entre eles o de maior adesão até o momento é o *Tinder*, também nas variações *3nder*, para *ménage à trois*, e *Grindr*, sua versão gay.

Os aplicativos, no entanto, não se restringem aos facilitadores de encontros. O *Kamasutra* é um aplicativo do livro de mesmo nome. O *Lick This* é um aplicativo que ajuda a desenvolver as técnicas de sexo oral em mulheres. O *Sexy dice* é um aplicativo que possibilita brincadeiras eróticas entre o casal.

Recentemente foi criado um novo aplicativo que funciona com um aparelho que se conecta ao celular, o *Lovely*²¹⁹. Este “brinquedo-aplicativo” é um anel peniano, e deve ser usado durante a relação sexual. A partir daí, ele disponibiliza um “feedback” sobre o desempenho, bem como oferece recomendações personalizadas para “melhorar a experiência do casal”²²⁰. No Brasil ele é anunciado como “o brinquedo sexual que também é controle de saúde”.

O cuidado com o corpo e a saúde sexual, além do desempenho, também faz parte do saber oferecido na internet, por meio de websites e redes sociais e afins, ligados às sexshops. Estas informações circulam na internet, justificando o comércio de produtos para as relações sexuais, por meio de especialistas. Nas sexshops no Brasil, sessões de perguntas sobre sexo ligadas às lojas virtuais ou às versões online de lojas físicas, não são incomum.

A *Loja do prazer*, uma grande rede de sexshop *online*, ofereceu, de 2012 à 2014, uma sessão intitulada “pergunte à doutora” que remetia perguntas à especialista Carla Cecarello²²¹. Entre as 114

218 Disponível em: <http://www.gpsgay.com/> (último acesso em 03 de julho de 2017).

219 Disponível em: <http://ourlovely.site/> (último acesso em 03 de julho de 2017).

220 “Esse brinquedo sexual também mede seu desempenho na cama”, 31 de junho de 2017. Disponível em: <http://gq.globo.com/Corpo/noticia/2017/01/esse-brinquedo-sexual-tambem-mede-seu-desempenho-na-cama.html> (último acesso em 04 de fevereiro de 2017).

221 Carla Cecarello é psicóloga, especializada em sexualidade humana. Em 1998, fundou a ABS (Associação Brasileira de Sexualidade) e realiza, frequentemente, trabalhos na grande mídia. Além de consultoria e colunas sobre sexo em revistas, Cecarello teve o próprio programa de TV sobre a temática sexual, na Rede TV, SBT e TV Gazeta. Informações disponíveis em: <http://www.carlacecarello.com.br/Perfil-profissional> (último acesso em 20 de março de 2017).

perguntas e repostas, ainda disponíveis no website, também publicadas na revista da loja, é possível identificar alguns temas mais recorrentes, como: sexo anal, problemas de ereção e ejaculação (ou desempenho do pênis), questões sobre o orgasmo, e dúvidas relativas à “adequação” de condutas (em referência à adequações à “normalidade”, em geral, ou a um “papéis” específico)²²².

A tradição de sessões voltadas para dúvidas sexuais em programas de TV, revista, ou rádio, no Brasil, é de longa data – como mostra Lúcia Soares em sua tese de doutorado *Política e modulações do entretenimento televisivo: mulheres e denúncias* (2011) –, e a sua produção nas sexshops, mostra a conformação de uma nova abordagem no mercado.

Além da *Loja do Prazer*, outras redes/lojas também possuem algum tipo de canal informativo com os clientes, que vão além de questões relacionadas à compra, como, por exemplo: a *Ella íntima*, “criada em 2013, (...) é uma empresa que atua no segmento varejista do mercado erótico [online], oferecendo produtos de qualidade e especialmente selecionados para o público feminino”²²³, que possui um blog com dicas e informações; a *Love toys*, também é uma loja virtual que mantém um blog com dicas e informações²²⁴; *Love and sex* é uma sexshop online que atende a região de Americana, no interior de São Paulo, e que mantém um blog com informações relacionadas aos produtos, à saúde e desempenho sexual²²⁵.

222 Algumas das questões em cada tema. (1) *Sobre sexo anal*: (a) Como aumentar o prazer da minha companheira no sexo anal?, (b) Sexo anal com segurança, (c) Como a mulher pode fazer Sexo Anal e ter prazer?, (d) Como proceder quanto à higiene e odores no sexo anal?, (e) Sexo Anal faz mal à saúde?, (f) O homem pode sentir orgasmo com penetração anal?. (2) *Ejaculação/ereção*: (a) Como Resolver a Ejaculação Precoce?, (b) Tem algum remédio ou técnica para evitar a ejaculação precoce?, (c) Sempre tive facilidade em ter ereção, mas de um tempo para cá, está mais difícil. Pode ser estresse?, (d) Qual produto erótico ajuda o homem a retardar a ejaculação?, (e) Existe algo que trate a ejaculação precoce?, (f) O que fazer para não perder a ereção ao colocar a camisinha no pênis?, (g) Sou gay e não consigo ter ereção quando sou penetrado. É normal?. (3) *Orgasmo*: (a) Existe remédio para ter orgasmo?, (b) Nunca consegui chegar ao orgasmo, o que pode ser?, (c) Como saber se tive um orgasmo?, (d) Sinto tanto prazer com meu parceiro que chego a urinar. Será que descobri como ter orgasmos?, (e) Sou casada há 6 anos e nunca cheguei ao orgasmo. O que fazer?, (f) É normal a mulher ter vários orgasmos consecutivos?. (4) *“Adequações”*: (a) Gosto muito de pornografia. Isso é um desvio sexual?, (b) Tenho vontade de ver minha esposa transando com outro. Isso é depravação?, (c) Gosto de Fio Terra. Sou Gay?, (d) Sou homem, mas por que será que tenho vontade de experimentar as próteses penianas?, (e) Sou homem mas gosto de usar calcinha e roupas íntimas de mulher. Isso é normal?, (f) Meu namorado adora quando toco seu ânus com brinquedos eróticos. Será que ele é gay?, (g) Eu e meu namorado fazemos sexo de 4 a 5 vezes por dia. Há algum problema conosco?. Disponível em: <https://www.lojadoprazer.com.br/noticias.asp?IDLoja=343&TextoBuscaNews=Dra%2E+Carla+Cecarello&Pag=1> (último acesso em 20 de março de 2017).

223 Disponível em: <https://ellaintima.com.br/sobre-nos/> (último acesso em 20 de março de 2017).

224 Disponível em: <https://www.lovetoy.com.br/> (último acesso em 20 de março de 2017).

225 Disponível em: <http://blog.loveesex.com/> (último acesso em 20 de março de 2017).

A internet, bem como outros meios eletrônicos, ocupa um papel importante como meio para educar-se, tirar dúvidas, adquirir informações. Não é surpreendente, portanto, que lojas virtuais – ou lojas físicas que também atendam virtualmente – sejam mais comuns entre as que possuem algum tipo de abordagem educacional e informativa.

Com relação à saúde e educação, além dos estandes da Secretaria da Saúde em que são realizados testes de DST-AIDS e do estande da *Erotika Femme*, já presente em outras feiras e organizado pela *Doce Sensualidade*, também há o estande da ABRASEX (Associação Brasileira dos Profissionais de Saúde, Educação e Terapia Sexual), fundada por Paulo Tessarioli – psicólogo, terapeuta sexual, fundador e figura presente e parceira há muitos anos na *Erótika Fair*. O estande da ABRASEX dava informações e divulgava cursos e atividades relacionados à CEFATEF (Centro de Formação e Estudos Terapêuticos da Família), à *Vivendo Melhor*, e sobre educação sexual somática, técnica baseada no trabalho de Joseph Kramer – fundador da *Body Electric School*, em 1984, em Oakland, na Califórnia e integrante do corpo docente do IASH (Institute for Advanced Study of Human Sexuality).

O mote do “bem-estar sexual” permanece nesta feira, que ainda tem como um dos patrocinadores a empresa *Durex*. A questão da fantasia/realidade apareceu em destaque em, pelo menos, duas empresas: em um anúncio da linha *Cinquenta tons de cinza* da *Loja do Prazer*, lia-se “deixe a fantasia se tornar realidade”. No estande da rede social *sex log*, uma das frases-chave era “saia do imaginário”.

A prática explícita, apresentada alguns anos antes pelo *Clube Dominna*, cedeu espaço para o mais contido e performático sucesso da trilogia *Cinquenta tons de cinza*, que teve um efeito direto nas vendas de mercado, juntamente ao lançamento do filme homônimo neste ano. Também em 2015, a ABEME divulgou o resultado de uma pesquisa online, com 240 empresários do setor, em que 63% afirmavam que as vendas de produtos para a prática sadomasoquista aumentaram depois do lançamento do livro.²²⁶ Eva Ilouz analisa o impacto e o sucesso deste best-seller e mostra o

226 “O grande público descobre o BDSM” in *Revista ABEME*, n. 1, 2015, p. 8. Disponível em versão eletrônica em:

grande crescimento de vendas de produtos BDSM (cordas, vendas para olhos, algemas) nos Estados Unidos em seguida ao grande sucesso de vendas do livro (2014: 99).

Nas edições da *Erótika Fair*, as performances que aludiam ao livro foram grande sucesso entre as mulheres que frequentavam palestras e que circulavam pela feira. Muitas aparentavam ter mais de 30 anos, usavam roupas comportadas e não muito extravagantes, poderiam ser classificadas com um pouco acima do peso pelos padrões sociais, tinham cabelos arrumados com escova ou chapinha, e pouca e discreta maquiagem. Nenhuma delas, no entanto, se intimidava com as brincadeiras do modelo que interpretava o personagem da trilogia, Christian Grey.

A presença evangélica na feira teve menos alarde, mas não menos força. Além da presença de seguidores do evangelho entre os funcionários, como era o caso do próprio modelo que interpreta Christian Grey, o lançamento de uma linha para evangélicos e de um livro com a presença dos autores, também teve espaço. Apesar da aparente incompatibilidade, o foco no casal e no matrimônio, uniam tranquilamente a religião e o comércio da sexualidade, ambos em comum acordo com a questão da saúde e do bem-estar.

Ainda em 2015, entre os dias 25 e 27 de setembro, aconteceu outra feira, a 1ª *Feira de Negócio do Mercado Íntimo e Sensual*, a *ÍNTIMI Expo* – situada no site da ABEME como “Sexuality, health and intimacy aimed fair” [Feira voltada para a sexualidade, saúde e intimidade] –, no Anhembi.²²⁷ Segundo seus organizadores, “por não se tratar de um evento de entretenimento, os expositores puderam focar 100% em business, realizando negócios imediatos e a médio prazo com lojistas e clientes de todo o Brasil”, o que marcaria uma diferença com a *Erótika Fair*, em que o entretenimento é um dos elementos principais. De acordo com as publicações no *Instagram* da *ÍNTIMI Expo*, a responsabilidade social está integrada em suas ações com campanha contra o turismo sexual, pedofilia e violência contra as mulheres²²⁸.

<https://www.abeme.com.br/downloads/50tons.pdf>.

227 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/brazil-holds-the-1st-sexuality-health-and-intimacy-business-fair/> (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

228 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BFNSjSIAUuU/> (último acesso em 04 de julho de 2017).

Em 2016, a feira mudou novamente de lugar. Entre os dias 1 e 3 de abril, o *Centro de Evento Pro Magno*, no bairro da Casa Verde, Zona Norte de São Paulo, acomodou a 23ª *Erótika Fair*. Em um prédio de três andares, a feira foi dividida em três setores distintos: no pavimento térreo estavam localizados os estandes de lojas, empresas e *workshops*, no segundo andar foi instalado um palco para shows, e no terceiro estavam as atividades interativas do *Erotika Land*.



Fotos do estande da *WZ Fetish*, na 23ª *Erótika Fair*, em 2016. (Fonte: <https://youtu.be/RFoZO8IVv5A>)

Desta vez a feira tinha menos expositores e, entre os produtos, menos variedades. Uma novidade, que chamou a atenção foi a volta de um estande exclusivo para a prática de BDSM e que não estava ligado diretamente à trilogia, organizado pela *WZ Fetish*. Os responsáveis pelo estande afirmaram que costumavam ser frequentadores do *Clube Dominna*, até que esse foi extinto em 2010, mas que resolveram começar um negócio próprio. Com algumas exhibições de Bondage (técnica de amarração), suspensão de corpos por cordas, e eventuais chibatadas, o estande aberto e com cores vibrantes, e instrumentos curiosos, mas não “assustadores”, integrava-se perfeitamente ao clima da feira, em que as pessoas, inclusive, arriscavam a participar de algumas performances.

Nesta edição, Raquel Pacheco – que se tornou conhecida após lançar o livro *O doce veneno do escorpião* (2005), sobre sua vida como a prostituta Bruna Surfistinha –, aproveitou o evento para fazer o lançamento de sua própria sexshop, *Bruna Sex Store*. Raquel Pacheco, já estivera presente em outras edições da feira, em projetos diferentes.

O acesso para pessoas com deficiência também foi destaque na feira, como mostrou reportagem da *Folha de S. Paulo* de 02 de abril de 2016²²⁹. Além do estande *Essas mulheres*, já presente em outras edições, para este ano foram contratados alguns modelos com deficiência para desfilarem pelos espaços do evento – proposta que teve como objetivo, de acordo com a reportagem, “mostrar que esse público tem vida sexual e busca por realização de prazeres igual a qualquer pessoa como também pretende mostrar que é possível empregar cadeirantes, amputados, surdos, cegos, entre outros, em qualquer atividade de trabalho, inclusive voltado ao sexo”²³⁰.



Fotos tiradas durante a 23ª Erotika Fair, em 2016.

229 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/04/1756666-pessoas-com-deficiencia-viram-atracao-de-feira-erotica.shtml> (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

230 IDEM

A presença da polícia como expressão de desejo, em uniformes, *go-go boys* e *go-go girls* consagrou-se com um modelo “palhaço-policia”. Independente das motivações que levam alguém a fantasiar em torno da figura da polícia, esta presença na feira marca uma presença cotidiana da polícia na vida de muitos. O palhaço, que se desvia da imagem da autoridade e do controle, apenas atesta a sua existência. Inserida na fantasia, a polícia não mata e não tortura, no máximo representa.

Ao final de 2016, entre 31 de outubro e 1 de novembro, aconteceu, no Hotel Maksoud Plaza, a *Erotika Business*, enquanto evento separado, “com as características de uma feira de negócios, com foco nos resultados comerciais para os participantes”²³¹. Ainda em 2016, Evaldo Shiroma anunciou a criação de um parque erótico, o *Erótika Land*. Segundo Shiroma, a ideia de fazer um parque temático erótico surgiu em 1998, ano seguinte à criação da feira com a possibilidade de investimentos externos, o *Erotika land* tornou-se um projeto concreto, que tem previsão de ser inaugurado entre 2017 e 2018²³². O projeto ainda encontra dificuldades relativas ao espaço, uma vez que há oposição à instalação do parque erótico conduzida por políticos da região onde o parque deveria ser instalado.²³³ Em 2015, o vereador do PSC (Partido Social Cristão), Matheus Erler, da região de Piracicaba – uma das possíveis localidades para o parque –, se posicionou contra o empreendimento, afirmando:

Que tipos de valores estaremos transmitindo às nossas crianças? Um investimento desse, com piscinas, labirinto, roda gigante. Tudo para que um grupo de empresários saia ganhando milhões, passando por cima da nossa moral. A cidade será conhecida por uma terra libertina, sem escrúpulos.²³⁴

Em 2017, a *Erótika Fair* deu lugar à *Erótika Exxxperience*. O antigo website da feira agora abriga um blog com informações e atualizações do novo evento, e a *Erótika Exxxperience* tem seu próprio website²³⁵. Sobre essa transição, o antigo website da *Erotika Fair* publicou:

231 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/apos-o-sucesso-na-alemanha-intt-cosmeticos-estara-presente-na-erotika-business/> (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

232 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1721205-erotikaland-com-brinquedos-eroticos-promete-sexolandia-no-interior-de-sp.shtml> (último acesso em 10 de dezembro de 2015).

233 Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2015/12/festejado-por-laura-keller-parque-do-sexo-causa-revolta-em-camara-de-sp.html> (último acesso em 10 de dezembro de 2015).

234 IDEM

235 Disponível em: <http://www.erotikaxxp.com.br> (último acesso em 18 de julho de 2017).

Em 2016 ocorreu a última edição da EROTIKA FAIR. Para o mercado, o criador da feira se manifestará em momento oportuno. Para o seu público fiel e seguidor, criamos um novo evento com diversas atrações entre brincadeiras, tecnologia, shows nacionais, internacionais, concurso, lojas com os melhores produtos, lançamentos, novidades e informações. Um evento experimental, pois a marca EROTIKA caminha para uma nova jornada.²³⁶

O novo formato do evento inclui atrações ditas inéditas, como um show de “hipnose erótika”, e outras atividades que já estavam presentes na *Erótika Fair*, como shows de striptease para homens e para mulheres, comédias *stand up*, e muitas das brincadeiras como o “Castelo dos Fetiches”²³⁷.

Sobre o evento, a *Veja São Paulo* publicou:

Neste fim de semana, entre sexta (9) e domingo (11), ocorrerá no Palácio das Convenções do Anhembi a primeira edição da *Erótika Exxxperience*. Segundo seu organizador, o empresário Evaldo Shiroma, o evento será uma espécie de “esquenta” para o primeiro parque erótico da América Latina, que deverá ser inaugurado até 2018 aqui na cidade. O projeto inicialmente se chamava ErotikaLand, mas agora está sem nome definido.

É também uma repaginação da *Erótika Fair*, evento que teve 23 edições. Se antes a feira abrangia também o mercado corporativo, agora está completamente focada no consumidor final. “Foi descartado tudo o que não tinha relação direta com bem-estar e saúde”, diz Shiroma.²³⁸

Em 20 anos de existência, a *Erótika Fair* se constituiu ao longo dos anos como um espaço para circulação de mercadorias e realização de negócios, produção de desejos, construção de uma comunidade empresarial.

As mulheres, como consumidoras, foram o grande alvo desde o início, conforme declarou Shiroma. Para além das mulheres, aos poucos, outros segmentos sociais foram incorporados na feira, como deficientes físicos e evangélicos. Alguns segmentos apareceram e desapareceram para então voltar em outra modulação, como foi o caso das práticas de BDSM, que, apesar do estranhamento no início, foram reavivadas com a versão *soft* do best-seller *Cinquenta tons de cinza*, para voltarem de forma mais lúdica e mais integrada na última feira.

236 Disponível em <https://erotikafair.com.br/sobre/> (último acesso em 18 de julho de 2017).

237 Disponível em: <https://erotikafair.com.br/atracoes-2017/>; <https://erotikaxxp.com.br/> (últimos acesso em 18 de julho de 2017).

238 Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade/erotika-exxxperience-evento-parque-erotico/> (último acesso em 18 de julho de 2017).

A *XPlastic*²³⁹, produtora de filmes pornô alternativos, esteve presente em todas as feiras, especialmente com apresentação das performers Chris Lima e Mayanna Rodrigues. No ano de 2012, Chris Lima havia trocado sua performance costumeira pela apresentação de um programa de vídeo para o canal da feira e lançamento da linha de roupas *Fetish Dolls*. Em 2016, Mayanna Rodrigues estava na feira com um outro projeto, o *We Porn*. O projeto, novo investimento do qual Rodrigues faz parte, lançou na feira um aplicativo e aparelho que permite assistir ao filme pornô 3D de modo mais ou menos interativo.

A presença do público feminino cresceu junto a presença mais constantes de palestras para mulheres e com abordagem médico-terapêutica. Somada à presença feminina, aumentou a presença de casais. Para além dos empreendedores, a presença masculina, de acordo com depoimentos em reportagens e com a observação de campo, parece estar mais ligada a uma abordagem *voyeristica*, com a possibilidade de alguma interação, algo próximo de uma “observação participante”. Assim como as mulheres pareciam em busca de algo a aprender para incorporar a suas próprias vidas.

Com relação a participação das mulheres em brincadeiras, estas eram mais comuns quando as atividades reuniam um grupo de mulheres, enquanto os homens buscavam, aparentemente, as experiências mais individualizadas. Quanto mais “profissionalizada” se tornava a feira, menos “putaria” ela mostrava, ou menos explícita.

Em relação às notícias publicadas em jornais de grande circulação, vale notar que grande parte estava localizada nos cadernos relacionados ao mercado/economia ou à saúde e bem-estar. O conteúdo das notícias, no entanto, não diferenciava drasticamente de um caderno para o outro.

239 A *Xplastic*, começou com a produção de filmes pornô alternativos a partir do meio de rock alternativo em São Paulo. Algumas das produções consistiam em modelos da *Xplastic* – garotas com tatuagens, dread-locks, piercings, cabelos coloridos – fazendo um strip-tease enquanto uma banda do chamado meio underground tocava. Pude presenciar/ participar de uma das gravações, entre 2004 e 2005, realizada no extinto *Espaço Impróprio* – espaço para comida e música criado a partir de uma proposta libertária, na região da R. Augusta próximo ao centro da cidade de São Paulo – quando na época toquei com a minha banda enquanto uma garota *Xplastic* se despia ao som da música. A *Xplastic* surgiu a partir de uma experiência de um grupo de amigos que tinham uma banda punk e que resolveram produzir um vídeo pornô como bonecas barbie, o *Plastic Lesbians*, que acabou sendo selecionado para o festival *Mix Brasil* (PARREIRAS, 2012:197-222).

A “profissionalização” da feira acompanhou a incorporação de mais organizações de saúde e de direitos atuando em seu interior. Uma parceria com a Secretaria da Saúde permitiu um espaço permanente de realização de testes de HIV e, em parceria com ONG, distribuição de material informativo, além de camisinhas femininas e masculinas.

No Brasil, o período dos anos 1980 e 1990 foi prolífico no sentido de aumentar o investimento em organizações voltadas ao campo da sexualidade. Do mesmo modo que o *pânico*²⁴⁰ em torno da doença deu azo ao preconceito em relação à população gay – como também aconteceu nos Estados Unidos (RUBIN, 1993: 26-27) –, esta também foi uma oportunidade para o surgimento formal de organizações voltadas tanto para a educação sexual quanto para os direitos LGBT. De acordo com o estudo *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*, a difusão da AIDS teve um papel significativo na proliferação da educação sexual em escolas “bem como a veiculação da temática da sexualidade no contexto extraescolar (programas em televisão, rádio, matérias em jornais e revistas)” (RUSSO; ROHDEN, et alli, 2011: 41), também em função dos investimentos de agências internacionais. Jorge Leite, ao se voltar ao estabelecimento da transexualidade como identidade própria, afirma que

(...) os grupos políticos e de direitos civis de travestis e transexuais, quando começaram a se organizar dentro da “segunda onda” do movimento brasileiro com foco em identidades sexuais coletivas, a partir de fins dos anos 80 do século XX, suas questões se associavam intimamente à problemática das DST's/ AIDS e a toda estigmatização presente neste processo. (2008: 209)

Neste sentido, é possível identificar algumas correspondências em relação ao investimento em uma educação e saúde sexual que não tem um caráter repressivo, e que atua no fortalecimento dos movimentos das chamadas minorias sexuais.

Para além da diversificação com a incorporação de minorias identitárias no interior da feira, o seu crescimento permitiu também uma especialização de cada um dos setores, como uma feira

²⁴⁰ Retomo pânico a partir do termo utilizado por Gayle Rubin, emprestado de Jeffrey Weeks, entretanto, em uma leitura não muito apartada da leitura de Rubin, influenciado também por Jeffrey Weeks, Marcelo Secron Bessa salienta no livro *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*, publicado a partir de sua dissertação de mestrado em literatura defendida em 1996 na PUC-RJ, a construção da AIDS enquanto doença no Brasil recoberta pelo argumento que a separa do que ela é – apenas uma doença – para inseri-la como uma metáfora moral. (BESSA, 1997)

exclusiva para negócios, realizada ao final de 2016, e um parque de diversões erótico, ainda a ser implantado. No princípio do projeto da feira, a diversificação de “ofertas” para públicos com diferentes interesses foi importante para garantir seu crescimento. O critério, durante os primeiros momentos, era mais elástico/flexível, a conquista de novos espaços esteve acompanhada de concessões por meio dos organizadores. A sua consolidação permitiu uma separação a partir de segmentos mais específicos, ao mesmo tempo em que uma maior diversificação em cada um desses segmentos. A imagem desta proliferação poderia assemelhar-se ao processo biológico de reprodução assexuada, por mitose, não fosse a diferença de que os “produtos” não são absolutamente idênticos, uma vez que representam “segmentos” distintos, dentro deste segmento maior – e que, ao mesmo tempo, não param de se tocar.

A comunidade empresarial criada em torno da *Erótika Fair* reproduz o argumento de colaboração e não competitividade. A ABEME (Associação Brasileira de Empresários do Mercado Erótico e Sensual) realiza este papel unificador, da matriarca que acolhe, relaciona, cuida. No interior da feira e sob a guarda da ABEME diferentes histórias de “superação”, seja no campo pessoal ou de negócios, proliferam.

o pessoal é negócio

Gravação no canal do *youtube*: Marcela Quiroga – uma das curadoras da Arena Inspiração, realizada na VI Virada Empreendedora, entre os dias 16 e 17 de abril de 2016, na sede da Fundação Getúlio Vargas (FGV) – introduz a próxima palestra do dia no evento, “Transformando sexo em negócios”²⁴¹, com Evaldo Shiroma, criador da *Erótika Fair*. Shiroma, em um tablado cinza, de frente a um público de não mais de 50 pessoas, brinca com seu nervosismo e procura interagir com o público como em um show de auditório. Ele fala “Erótico é...”, e quem completar a frase com uma palavra ganha um produto erótico. A ideia é compreender o conceito deste mercado. Shiroma

241 Palestra “Transformando sexo em negócios”, realizada na VI Virada Empreendedora, na FGV, nos dias 16 e 17 de abril de 2016, vídeo da palestra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UpGCJTkGzb0> [aos 23'10"] (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

então simula um ato sexual com sua “mulher imaginária” e pergunta: “erótico ou pornográfico?”. Pornográfico, palavra que não surgiu na primeira tentativa de interação, era a palavra que ele buscava para dizer que “a pornografia está nos olhos de quem vê” e que “preconceito é fruto da falta de informação”. A conclusão é que para entrar neste negócio é preciso se despir dos próprios preconceitos, com informação, e ter a coragem de mostrar a cara para amigos e familiares.

Apesar de atribuir o pornográfico à imaginação, fica claro que há um investimento em se livrar do estigma de pornô associado ao mercado, por meio do erótico. A pornografia ainda é rejeitada, na medida em que se quer dissociar as práticas e imagens do termo, mas, ao mesmo tempo, sem romper com esta distinção entre pornografia e erotismo – como foi colocado por Gregori anteriormente – abre-se o leque de inclusão para o mercado, por meio da normalização por meio do erotismo.

Em seu caminho, Shiroma relembra que há 20 anos, quando começou a primeira feira erótica “no maior país católico do mundo”, foi pedir conselho e benção para dois padres, que teriam dito: “Paga impostos? Gera emprego? Então não está pecando”. Em seguida contou sobre seu próprio preconceito em relação a este mercado, antes de entrar nos negócios, hoje, afirmou que entra em uma sexshop “como quem entra em uma padaria”. A palestra motivadora é recheada de exemplos pessoais.

No momento final da palestra, Shiroma fala, finalmente, sobre o que o motivou a entrar no mercado erótico. Seu irmão mais velho, cirurgião plástico, sofreu uma dissecação de aorta. A cirurgia e o tratamento, além de deixarem sequelas que o impediam de trabalhar, geraram custos enormes de modo que seu pai adquiriu uma dívida de R\$ 3 milhões. Diante desta situação, Evaldo Shiroma, que na época trabalhava em uma produtora de eventos, não tinha possibilidades de ajudar com o seu salário, mas viu uma oportunidade de criar um negócio próprio que lhe daria dinheiro suficiente para ajudar a família. Com mais um empréstimo de R\$ 500 mil, Shiroma criou a primeira

Erótika Fair, em 1997. Apesar do prejuízo na primeira feira, nos anos subsequentes conseguiu pagar a dívida.²⁴²

Shiroma descreve sua história de investimento no mercado do sexo em diversos outros momentos que incluem entrevistas, *workshops*, conferências. A escolha do mercado “erótico”, segundo ele, se deu na busca de um nicho mercadológico que ainda não tivesse representatividade na área de feiras de negócios. Esta busca coincidiu com uma proliferação de reportagens e programas televisivos que lidavam com o mercado do sexo²⁴³ e também com a proliferação de sexshops pela cidade, representada, por exemplo, pela extinta rede de sexshops *Ponto G*. Somado a isso, em uma pesquisa informal, Shiroma descobriu que 90% das mulheres tinham interesse em entrar em uma sexshop, mas não tinham coragem para isso.²⁴⁴

No interior da feira, outras histórias pessoais aparecem relacionadas a “casos de sucesso”. Durante a 17ª *Erótika Fair*, em outubro de 2010, pude conversar com os responsáveis pelo estande da *Lu Pompoar*, em que Lu Riva lançava seu livro *Pompoar. Prazer e Saúde* – posteriormente publicado também em Portugal. Adriano Riva, marido de Lu Riva, explicou que o trabalho com pompoar começou a partir de um problema contínuo de Lu Riva de infecção urinária. Depois de quase três anos e diferentes médicos, ela resolveu tentar a técnica do pompoarismo. Segundo Adriano Riva, ambos descobriram o pompoarismo por meio da *Erótika Fair*, que já frequentavam (RIVA, 2010: entrevista). Em outras entrevistas, realizadas no programa do Jô Soares, em 23 de outubro de 2014²⁴⁵, e no programa *The Noite*, em 27 de abril de 2015²⁴⁶, Lu Riva não apresentou essa informação. Na entrevista com Adriano Riva, ele afirmou ainda que, de início, Lu Riva – nome-marca de Lucimara Siqueira, que antes de tornar-se professora de pompoarismo trabalhava

242 IDEM.

243 Evaldo Shiroma menciona um curso de strip-tease para homens apresentado no programa *Fantástico* da Rede Globo. Apesar de não mencionar nas entrevistas, o curso a que se refere era oferecido por Fátima Moura, que atualmente faz parcerias com a *Erótika Fair*.

244 Evaldo Shiroma fala sobre sua experiência familiar e a motivação para começar a *Erótika Fair* em entrevista realizada por Douglas Ambrosano, publicada no site <http://www.colirio girl.com.br/single-post/564cd9c50cf2382b191f0f11>, em 18 de novembro de 2015; e também em palestra “Transformando sexo em negócios”, realizada na VI Virada Empreendedora, na FGV, nos dias 16 e 17 de abril de 2016, (op. cit).

245 Disponível em: <https://youtu.be/ewX7bINKv3I> (último acesso em: 10 de dezembro de 2016).

246 Disponível em: <https://youtu.be/o0jVf2opgxw> (último acesso em: 10 de dezembro de 2016).

como bancária – começou a ensinar suas técnicas às amigas, da onde surgiu a *Lu Pompoar*, para então começar um trabalho com as mídias sociais. Além do livro, segundo Adriano Riva, o trabalho se estende a partir de acompanhamento, dicas e informações por meio do blog.

Em 2012, Lu Riva criou, segundo ela, a primeira escola de Pompoarismo no Brasil. Além do curso de Pompoarismo – de três módulos –, de uma a duas vezes por semana, é possível verificar no atual website²⁴⁷ que também são oferecidos curso de “Strip e Sedução”, *workshop* de “massagem sensual e orgasmo”, aulas particulares personalizadas, “chá de lingerie”, e ensaios fotográficos sensuais.

Em entrevista a Jô Soares e a Danilo Gentili, Lu Riva afirmou que seu trabalho é reconhecido internacionalmente em função de sua técnica de ensino, criada de modo autodidata. Entretanto, ela observou que em momento algum parou de pesquisar e procura sempre se aperfeiçoar e aprender elementos novos. Um dos investimentos na sua formação foi o curso de pós-graduação em Terapia Sexual, oferecido pela CEFATEF²⁴⁸.

Em 2016, durante a 23ª *Erótika Fair*, participou da Roda de Debate “Os desbravadores do mercado erótico/sensual e os desafios do pioneirismo”, junto a Andrei Marsiglia, fundador da sexshop *Doce Sensualidade* com sua mulher Thais Plaza, e Fátima Moura, que esteve presente desde a primeira *Erótika Fair* e se identifica como *Sensual Coach*.

Fátima Moura, considerada uma das mais antigas pioneiras neste novo momento do chamado mercado erótico, é professora em “artes sensuais”, assim como Lu Riva. No entanto, Moura atribui a sua carreira neste mercado à mídia. Coreógrafa e professora de um curso de modelo e manequim, nos anos 1980, desenvolveu, na década de 1990, uma coreografia sensual de strip-tease, a pedido de uma aluna. A partir daí, Moura decidiu montar um curso com este propósito. O ineditismo do curso, em São Paulo, chamou a atenção da mídia e ela passou a ser convidada a participar de uma

247 Disponível em: <http://www.lupompoar.com.br/>.

248 Centro de Formação e Estudos Terapêuticos da Família. Website: www.cefatef.com.br. Os cursos voltados à sexualidade, oferecidos pela CEFATEF, são, muitas vezes, realizados em parceria com a ABRASEX (Associação Brasileira dos Profissionais de Saúde, Educação e Terapia Sexual) website: www.abrasex.com.br.

série de programas televisivos, além de se tornar foco de reportagens em jornais e revistas. Desde então, Moura diversificou seu trabalho, acrescentando chá de lingerie – dos quais é considerada a pioneira no Brasil, tendo comemorado 15 anos da atividade, em 2016²⁴⁹ –, cursos voltados a relacionamentos, cursos de pompoarismo e massagem sensual, é consultora em sexualidade pela ABRASEX, além de oferecer palestras e ser autora de dois livros: *Sexo para mulheres casadas*, de 2004 e *Sexo, amor e sedução*, de 2006. O seu sucesso na grande mídia não é surpreendente, pois além do tema, Moura é, pessoalmente, bem-humorada e atenciosa, como pude observar em suas apresentações, bem como em breves conversas durante a *Erótika Fair*.

Fátima Moura afirma que não foi tanto uma questão pessoal que a levou a este mercado, mas o mercado que acabou sendo assimilado em suas experiências pessoais, uma vez que tudo o que ensina em cursos e *workshops* é utilizado por ela em seus próprios relacionamentos.²⁵⁰

Recentemente Fátima Moura se uniu à Thaís Plaza – outra empreendedora de sucesso no mercado em São Paulo – para criar, em 2015, o curso de capacitação em mercado e artes sensuais. O curso é realizado em 27hs, distribuídas em 3 dias, no espaço da loja *Doce Sensualidade*, pelo investimento de R\$ 1.500.²⁵¹

Thaís Plaza e Andrei Marsiglia associam a experiência pessoal e o mercado erótico de forma diferente de Lu Riva e mais próxima de Fátima Moura. Não foi a busca de uma solução para um problema pessoal que possibilitou a sua inserção no mercado, mas a inserção no mercado teve efeitos na vida pessoal. Em palestras, vídeos promocionais e entrevistas, ambos afirmam que antes de montar a sexshop, ou boutique erótica, como se referem, trabalhavam com decoração de ambientes em motéis, especialmente, para casais que quisessem ter um momento especial. Thaís

249 “Homenagem à Fátima Moura pelos 15 anos de Chá de Lingerie”, durante a primeira oficina de Prevenção de DST – HIV – AIDS, realizada pela ABEME, com parceria com a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Publicada no canal de Fátima Moura, no youtube, em 26 de julho de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=af_S3YK1Es0 (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

250 Disponível em: <http://www.fatimamuora.com.br>. Ver também, entrevista com Luciana Gimenez em “O diário secreto de uma Personal Sex Trainer” in *Super Pop*, publicado no Canal de Fátima Moura, no Youtube, em 20 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iAqBDReldI4> (últimos acessos em 10 de dezembro de 2016).

251 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/mercado-ganha-curso-intensivo-de-capacitacao-em-mercado-e-artes-sensuais-2/> (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

Plaza afirma que, apesar de sua abordagem ser mais “romântica”, com frequência recebia solicitações de “algo mais” para apimentar os ambientes. Partiu daí a interação dela e do marido com as sexshops. A principal questão pessoal refere-se à dificuldade em lidar com este novo ambiente e produtos. Os dois afirmam que foi preciso que eles primeiro aprendessem a lidar com os próprios tabus e preconceitos até chegarem em um momento em que não só se sentiam plenamente confortáveis com isso, como também assimilaram à vida de casal.²⁵²

Hoje, além do trabalho com a “boutique erótica” *Doce Sensualidade*, eles realizam outros projetos e atividades como chás eróticos para homens e para mulheres, palestras, como as que ocorrem na *Erótika Fair*, e, além disso, Thais Plaza é promotora e consultora da marca brasileira de produtos erótico *A sós*. Na *Erótika Fair*, a *Doce Sensualidade*, sempre com outras parcerias, criaram o espaço *Erotika Femme*, voltado para a saúde, educação e empreendimento da mulher.

Thaís Plaza tem formação como publicitária e radialista. Andrei Marsiglia é formado em administração. Ambos são consultores em sexualidade pelo Curso de Capacitação em Saúde e Educação Sexual, com pós-graduação em Terapia Sexual na Saúde e Educação, pela CEFATEF, e coordenadores da ABRASEX (Associação Brasileira dos Profissionais da Saúde, Educação e Terapia Sexual).

Antes de montar a loja, eles começaram com a venda de porta em porta. Thais Plaza afirma que entrou no mercado erótico porque tinha um sonho de trabalhar por conta própria. Em uma de suas palestras para consultoras da marca *A sós*, declarou a importância de se compartilhar o conhecimento, que todos aprendem – da consultora à promotora –, enfatizando que o trabalho não consiste em concorrência, que a empresa é “um grupo só, uma família só”.²⁵³

Plaza afirma ainda, durante a palestra, que o papel do consultor não é vender artigos eróticos, mas oferecer benefícios e proporcionar felicidade na vida dos clientes. Neste sentido, o que seria do

252 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cb-ulTgat4U> (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

253 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PZYF-hpSoP4> (último acesso em 10 de dezembro de 2016).

âmbito pessoal na vida do consumidor aparece como oportunidade de negócios, uma vez que a chamada felicidade, não pode ser compreendida apenas no campo do privado.

Para as consultoras, Plaza afirma: “Você é a sua marca”, ao mencionar a apresentação das mesmas aos clientes. Observa que não é preciso ter vergonha em trabalhar com esses produtos, uma vez que não se trata de “vender drogas” ou “vender o corpo”, acrescentando ainda que quem precisa desses produtos é a mulher normal, a mulher comum. As “profissionais do sexo” não precisariam. Ao final, afirma que é importante conhecer o cliente e saber ouvir – sem tentar adivinhar. Dessa forma, o vendedor acaba se tornando “amigo” do cliente, mostrando, mais uma vez, como a relação de negócios toca o âmbito pessoal. A abordagem indicada em vendas é vender produtos para relacionamento. Nesta perspectiva, *o produto não é só um produto, é um benefício, e o mercado erótico não é só prazer, mas também bem-estar.*

O conceito que guia Thaís Plaza nas vendas como “consultora” é o mesmo conceito que criou no atendimento em sua loja: lidar com a venda e com o cliente como se lida em um relacionamento. Desta maneira, a loja é organizada em 3 espaços: o primeiro é o da “autoestima e sedução”, onde é preciso conquistar o cliente, sem assustá-lo. Neste espaço se encontram, principalmente, os cosméticos. O segundo, chamado de “preliminares”, é para conhecer melhor o cliente – saber se é casado, solteiro, suas preferências. –, apresentar outros produtos, como massageadores que não precisam ser usados só nos genitais. Finalmente, há o “espaço da relação íntima”, quando já foi estabelecida alguma intimidade entre vendedor e comprador, onde os clientes já se sentem a vontade para falar de suas próprias necessidades, desejos. Mas mesmo neste último ambiente, as próteses penianas, os objetos mais realísticos, ficam guardados em uma gaveta. O modelo da loja reproduz às relações do chamado âmbito privado, como modelo de abordagem de negócios. O investimento no pessoal é o que justifica a produção neste mercado.

No espaço da loja, Thais Plaza e Andei Marsiglia procuraram constituir um ambiente que não fosse intimidador e onde as mães pudessem até levar as crianças, sem que as mesmas fossem expostas a nenhuma imagem ou informação “inadequada”.

A preocupação com a discrição não se reduz ao espaço da loja. Thais Plaza afirma que, mesmo em seu Facebook, esconde quaisquer imagens – principalmente aquelas em que aparece ao lado de uma prótese peniana – da visualização do público, de modo que todas as pessoas, das mais liberais às mais conservadoras, possam se sentir à vontade para uma aproximação. Ao mesmo tempo que há um investimento no que se refere ao “pessoal”, esta aproximação se dá, primeiramente, por uma profissionalização, com um certo distanciamento da própria prática.

Tanto Thais Plaza quanto Lu Riva e Fátima Moura, entre outras (e outros), observam a importância em se ouvir as questões, queixas, dúvidas e conhecimentos de suas clientes. É desta forma, com esta relação em nível pessoal, que conseguem desenvolver o próprio trabalho e oferecer soluções individualizadas para cada caso. O chamado mercado erótico traz uma forte marca pessoal, na medida em que, em uma sociedade onde a sexualidade é tomada como a guardiã dos segredos do “ser” de cada indivíduo – como observa Michel Foucault (2003a) – entrar neste campo, significa, nas sociedades ocidentais, entrar nos campos mais obscuros, secretos e escondidos de cada um.

Estas histórias apresentam sempre algo como uma oportunidade de investimento, seja diante de dificuldades financeiras, seja por uma demanda externa, mas que tem como resultado comum efeitos considerados positivos no âmbito pessoal, e não somente em relação ao dinheiro, mas no que muitos chamam de bem-estar ou qualidade de vida.

Outro elemento deste mercado é que a circulação de mercadoria não se restringe a produtos e serviços. O próprio mercado – com seus vendedores, consultores, profissionais de saúde, modelos – é um dos grandes filões de comercialização, na medida em que há uma série de cursos, capacitações, *workshops*, palestras, que promovem a iniciação ou aperfeiçoamento na área. Neste

sentido, os consumidores não são somente aqueles que compram os serviços ou os produtos finais, mas aqueles que resolvem “abraçar” uma profissão no mercado.

Não são raros os exemplos de pessoas que eram consumidoras – como Lu Riva –, alunas dos inúmeros cursos e que resolveram tornarem-se empreendedoras no mesmo setor. Uma forma de negócios, que parece reproduzir um antigo modelo de consultoras *Avon*; *Natura*; *Jequiti*, entre outras marcas, quando as próprias consumidoras são convidadas a tornarem-se disseminadoras e parte da empresa. O valor destes produtos não é entendido como “preço”, mas como investimento, uma vez que tem como objetivo um retorno maior no futuro.

Desde os anos 1990, a grande mídia tem apontado para a facilidade de negócios e retorno financeiro neste mercado, como na notícia “Mercado de sexo dá retorno rápido”, do jornal *Folha de S. Paulo* de 21 de abril de 1996²⁵⁴, e, mais recentemente, em “Sem crise, mercado erótico terá megafeira prevendo crescimento de 3% em 2016”, publicado em “JC Negócios”, no blog de Fernando Castilho, do Jornal do Comércio de Pernambuco.²⁵⁵ Esta última notícia se referia ao evento *Erotika Business*, que aconteceu em outubro de 2016 no Maksud Plaza, em São Paulo. Entretanto, apesar do alarde contínuo em torno do sucesso neste mercado, no decorrer dos anos pude observar que muitos empreendimentos não tiveram continuidade. Na última edição da *Erótika Fair* em abril de 2016, a variedade de produtos e expositores também esteve reduzida, coincidentemente ou não, no tão aclamado período da crise. As pessoas que conseguiram se manter geralmente tinham mais flexibilidade em relação às atividades que faziam. Além disso, parece haver um certo “núcleo consolidado” em torno da *Erótika Fair* e da ABEME, que trabalhando no formato de “família” ou “comunidade”, foram mais bem-sucedidos em sua continuação.

Como observa Maria Filomena Gregori,

Antes de ser um panorama seguro e de estável crescimento, a pesquisa revelou um esforço bastante significativo dos lojistas de manterem seu negócio, por vezes,

254 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/21/tudo/1.html> (último acesso em 12 de dezembro de 2016).

255 Disponível em: <http://jc.ne10.uol.com.br/blogs/jcnegocios/2016/10/24/sem-crise-mercado-erotico-tera-megafeira-prevendo-crescimento-de-3-em-2016/> (último acesso em 12 de dezembro de 2016).

tendo que adicionar estratégias para garantir, via mídia, uma visibilidade crescente, porém, vicária em termos econômicos (2012: 66).

Em sua pesquisa, Gregori afirma que os dados publicados na mídia sobre o crescimento do mercado provêm exclusivamente da ABEME, e que muitos dos novos investidores se basearam nestes dados antes de entrar no mercado. Entretanto, a atenção ao crescimento deste mercado na mídia é ainda anterior à criação da ABEME e da própria *Erótika Fair*.

Em 2010, o filme brasileiro *De pernas pro ar* fez grande sucesso com a história de uma mulher em seus trinta anos que se depara com uma crise no casamento e a perda do emprego como resultado da sua incapacidade de conciliar os dois adequadamente. Esta executiva, com tino para os negócios, resolve então se unir a uma amiga que trabalha em uma sexshop e que tem um estilo de vida mais alternativo, concentrada em sua espiritualidade, saúde e prazer. Ambas começam um negócio juntas, vendendo estes produtos de porta-a-porta e em pequenas reuniões para mulheres. Desta forma, acabam se tornando empreendedoras de sucesso, além de, a partir destas experiências, conseguirem tornar mais saudáveis seus relacionamentos amorosos. O filme fez tanto sucesso que teve uma sequência em 2012.

A história do filme foi inspirada na empresária carioca Érika Rambalde, que entrou no ramo do chamado mercado erótico em 2005, após largar seu emprego em uma seguradora por estar infeliz e estressada com o trabalho²⁵⁶. Um dos elementos do filme, que coincide com a história de Rambalde, foi a sua experiência em uma sexshop no Rio de Janeiro, que achou um ambiente pouco convidativo para mulheres. Segundo observa em entrevista a Jô Soares, em 18 de novembro de 2009, em uma de suas visitas a uma sexshop se deparou com gemidos que vinham de uma sala dentro da loja, e que tinha uma grande circulação de homens. Os gemidos vinham de uma cabine de filmes pornôs que Rambalde classificou como “coisa de mal gosto” e que deixava as mulheres constrangidas. Acrescenta que a partir da sua curiosidade em relação às sexshops, viu uma oportunidade de levar os produtos eróticos ao alcance das mulheres. O primeiro investimento foi a

256 Disponível em: <http://www.vix.com/pt/bdm/trabalho/conheca-historia-da-empresaria-que-inspirou-o-filme-de-pernas-pro-ar>; <https://globoplay.globo.com/v/1178169/> (últimos acessos em : 4 de agosto de 2016).

venda de porta-a-porta, inicialmente para as amigas: “Era tudo o que queriam, mas tinham vergonha de expor, de entrar numa loja. Passei a oferecer o erotismo vestido de sensualidade, que é o que as mulheres buscam. A primeira coisa que pensei foi como falar sobre o assunto sem constranger, levar a mensagem do produto de forma não técnica e não vulgar. Fiz isso através do bom humor, para não deixar as pessoas inibidas”²⁵⁷. Anos depois Rambalde, abriu sua própria sexshop, *Sexy Delícia*, com um espaço para palestras e *workshops*, chamado “Espaço Mulher”.

A questão do erotismo se coloca na maneira que o mercado apresenta o prazer sexual. Se na *Erótika Fair* a preocupação era se desvincular do termo pornografia, Rambalde expõe como um apaziguamento das palavras é necessário para que se atraia um outro tipo de público, no caso a “mulher comum”.

Até 2013, a loja era associada à ABEME e realizava eventos em parceria com ela. Em 2016, o website da loja se encontrava fora do ar e a menção mais recente na internet se refere a uma página do Facebook²⁵⁸ da empresa que se apresenta agora como marca – que carrega o mesmo logotipo da empresa inicial. É possível que a loja física não exista mais. Além do Facebook, a loja mantém um Twitter desde 2009²⁵⁹. No Twitter, o último evento anunciado é de 2012, os chás de lingerie, no entanto, continuaram sendo publicados no Twitter e no Facebook até 2015. Os últimos anúncios de produtos no Facebook, até janeiro de 2017, constam de 2016.

Outra história deste mercado que virou filme foi a história de Bruna Surfistinha, pseudônimo de Raquel Pacheco. Entretanto, o primeiro grande sucesso veio com o livro, que inspirou o filme, *O doce veneno do Escorpião*, lançado em 2005. Nele, é retratado, a partir do diário que mantinha em seu blog pessoal, o dia-a-dia da menina de classe média que abandonou a família para se tornar garota de programa e que, entre os seus clientes, encontrou o amor de sua vida. No livro, Raquel Pacheco descreve alguns dos programas, intercalado com a difícil vida familiar de uma jovem

257 IDEM

258 Disponível em: https://www.facebook.com/Sexy-Delicia-803534649729887/?ref=page_internal (último acesso em 12 de janeiro de 2017)

259 Disponível em: <https://twitter.com/sexydelicia> (último acesso em 12 de janeiro de 2017)

insegura, com complexo por ter sido adotada. O livro marca também sua aposentadoria como garota de programa, mas não sem enxergar “o lado bom” da experiência, pelo “meu amadurecimento como pessoa, [por] aprender a cuidar e a gostar de mim, [e pelo] aprendizado de conviver com todo tipo de gente, de respeitar o lado de cada um” (PACHECO, 2005: 40). Ao final afirma: “Vou me aposentar, mas continuarei com o blog até o último dia de minha vida. Ainda quero escrever nele que ‘amanhã será o meu casamento’ ou que ‘o meu filho nasceu ontem’ (...). O importante na vida é nunca desistir de buscar a felicidade” (IDEM: 41). O livro foi um grande sucesso de vendas e, em 2011, foi lançado o filme *Bruna Surfistinha*.

Raquel Pacheco, para além do sucesso de público e bilheteria, conseguiu consolidar *Bruna Surfistinha* como uma marca. Além do sucesso com os livros e o filme, e presença em inúmeros programas televisivos e mídias em geral, Raquel Pacheco montou, em 2016, sua sexshop, nomeada *Bruna Sex Store*. A marca, além da loja, estampou também outros produtos, como cerveja artesanal *Bruna Surfistinha*, lançada em 2016.²⁶⁰

Nos últimos anos, outras ex-garotas de programas escreveram livros e ganharam a atenção da mídia. Vanessa de Oliveira nasceu em Porto Alegre e foi *Marise*, seu codinome no trabalho, por 5 anos na região do sul do país. Mãe, estudante de enfermagem, começou a fazer programas por necessidades financeiras²⁶¹. Em 2006, lançou o primeiro livro sobre sua vida, *O diário de Marise: a vida real de uma garota de programa*, e hoje já tem seis livros publicados, além de participar de programas de TV e oferecer cursos relacionados à sedução e desempenho sexual²⁶². Um livro bastante significativo para esta tese é *Seduzir Clientes: o que todo profissional pode aprender com uma garota de programa e um homem de marketing*, lançado em 2008, pela editora Matrix. No livro, o consultor na área de propaganda e marketing, Reinaldo Bim Toigo, analisa e relaciona as

260 Disponível em: <http://www.allbeers.com.br/2016/05/cerveja-da-bruna-surfistinha-sera.html> (último acesso em 15 de dezembro de 2016).

261 Disponível em: <http://laxantecerebral.blogspot.com.br/2006/08/o-dirio-de-marise.html> (último acesso em 5 de julho de 2017).

262 Disponível em: <http://vanessadeoliveira.net/> (último acesso em 15 de dezembro de 2016).

estratégias utilizadas na fidelização de clientes da garota de programa, com as estratégias de marketing de sucesso utilizadas no mundo corporativo.

Em 2013, Lola Benvenuti, pseudônimo de Gabriela Natália da Silva, se tornou pauta de jornais e programas de TV antes de ter um livro publicado. Comparada com Bruna Surfistinha, por também manter um blog sobre sua vida, diferenciou-se por ser estudante de Letras na UFSCar, e por ter escolhido a profissão por opção e não “por falta de escolha”. Além disso, faz questão de se diferenciar de garotas de programa “universitárias” que entram na profissão para custear o curso. Em 2004, lançou seu primeiro livro, autobiográfico, *O prazer é todo nosso*. Atualmente, em um relacionamento sério com seu “namorado”, declara-se “puta aposentada”²⁶³. Apesar das diferenças, assim como as outras garotas de programa na atualidade, fez de seu passado uma forma de investimento. Dá palestras, cursos e lançou um segundo livro, em 2017, *Por que os homens me procuram? Aprenda com uma profissional a apimentar sua relação*. Diferente das outras profissionais citadas, Benvenuti adota um visual mais “alternativo”, com tatuagens, referências ao rock e às *pin-ups*, próximo da estética adotada pelas garotas *Xplastic*.

A pesar das diferenças, as três têm em comum o fato de terem transformado a experiência passada como garota de programa em uma fonte de renda no presente, e por atualmente terem como público-alvo as mulheres, com dicas e técnicas sobre sexo e relacionamento.

Em 1992, Gabriela Leite, nome adotado integralmente por Otilia, lançava seu primeiro livro sobre a sua experiência como prostituta²⁶⁴, *Eu, mulher da vida*, esgotado há mais de uma década. Em 2009 sua história foi publicada em *Filha, Mãe, Avó e puta*, também de sua autoria. Sua

263 Disponível em: <http://www.lolabenvenuttioficial.com.br/2016/02/15/puta-aposentada-o-meu-deus/> (último acesso em 05 de julho de 2017).

264 Escolhi usar o termo prostituta ao me referir à Gabriela Leite e Garota de Programas ao me referir às profissionais, em função do posicionamento de Gabriela Leite que rejeita os termos “profissionais” ou “trabalhadoras” do sexo, como uma maneira de reforçar o estigma da prostituta. Vanessa de Oliveira é explícita quanto a isso “não uso a palavra prostituição porque acho pejorativo e não condizente o conceito com a realidade”. Disponível em: <http://laxantecerebral.blogspot.com.br/2006/08/o-dirio-de-marise.html>. Lola Benvenuti se afirma como puta, mas é possível que a escolha do termo seja influência da própria Gabriela Leite, uma vez que Benvenuti esteve envolvida em eventos da Daspu (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/pJ4TwrKlp1/>), bem como participou de eventos com a neta de Gabriela Leite (<http://www.publishnews.com.br/materias/2015/03/31/81267-planeta-de-leitores-sapequinhas>), mas considero que sua prática se aproxima mais da “garota de programa” (últimos acessos em 05 de julho de 2017).

biografia, no entanto, não é voltada aos encontros picantes e curiosidades do que acontece entre quatro paredes no interior de “uma das profissões mais antigas do mundo”. Leite retrata a suas lutas pessoais e na constituição de um movimento articulado de prostitutas, eventos que se entrecruzam e provocam rupturas. Ainda na década de 1960, cursando Sociologia na USP, aproximou-se dos movimentos de esquerda e daqueles que se interessavam por uma revolução sexual, mas em pouco tempo afastou-se ao perceber em ambos a mesma disputa por uma verdade absoluta. Ao buscar o seu próprio percurso entre o prazer e a independência, tornou-se prostituta.

Em plena ditadura civil-militar, foi como prostituta que Gabriela Leite organizou a sua primeira manifestação pública contra a violência estatal. O desaparecimento de duas prostitutas, depois serem colocadas num camburão em uma prática rotineira na época, a levaram a organizar uma manifestação na praça da Sé que teve grande adesão, inclusive de artistas, e grande cobertura da mídia, expondo publicamente os problemas enfrentados por elas. (LEITE, G., 2009: 65). Entretanto, nunca mais se soube das mulheres desaparecidas. Alguns anos depois, um delegado envolvido no desaparecimento, visto frequentemente em um bar próximo a um ponto de travestis, levou uma surra e foi deixado jogado no meio-fio. Ele nunca mais voltou ao local (IDEM).

Apesar de assinalar a questão da violência e de afirmar que este é um tema que sempre se coloca em relação à prostituição, por fazer parte deste cotidiano, recusa a vitimização imputada por organizações que se declaram aliadas. Ao trazer o seu envolvimento com organizações pastorais, afirma que um dos maiores problemas é que “o objetivo deles era que eu assumisse o discurso da vitimização da puta. E isso não aconteceria nunca. Eu penso que se você considera uma pessoa vítima é porque já estabeleceu uma relação de dominação com ela” (IDEM: 121).

Ao final do livro, volta ao assunto da vitimização, acrescentando que “o mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta

não é diferente” (IDEM: 157). Mas é importante frisar que a negociação de que fala não se assemelha necessariamente à negociação colocada por uma lógica liberal.

Em outro momento, lembra do seu envolvimento com o Ministério da Saúde em questões relativas à prevenção do HIV/AIDS. Nos anos 1990, a Usaid – agência do governo estadunidense que investia em programas sociais nos chamados países em desenvolvimento – resolveu investir em programas destinados ao combate à AIDS em São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Com a eleição de George W. Bush, em 2004, o financiamento passou a recusar o auxílio aos trabalhos que envolvessem organizações de prostitutas. Diante do impasse entre continuar ou não o projeto com essa restrição, Gabriela Leite afirmou “nós dedicamos nossas vidas à prostituição. Preferimos ficar sem o dinheiro a ir contra o que pensamos” (LEITE, G., 2009: 152).

Apesar de ter se envolvido com governo – chegando mesmo a se candidatar como vereadora –, com organizações religiosas que tinham uma postura questionável frente a prostituição, Leite não colocou o prestígio ou o dinheiro à frente do que acreditava, rompendo, por mais de uma vez, com seus então parceiros, abdicando do dinheiro e das facilidades que eles lhe ofereciam. Como fez com o Iser (atualmente Viva Rio), abandonando o instituto antes de fundar a organização *DaVida*. Organização no interior da qual criou a grife *Daspu* – uma paródia da grife burguesa *Daslu* que na época estampava os jornais por uma denúncia de lavagem de dinheiro – para ajudar a financiar a organização e dar mais visibilidade à causa das prostitutas. Como fez também ao abandonar o empreendimento de sucesso de um restaurante, quando este deixou de ser um auxílio para a organização tomando o tempo e a dedicação necessários a esta última. E como fez durante toda a sua existência, ao romper com a família, com a maternidade “imposta”, com a carreira universitária, com a comodidade de outros empregos (LEITE, G., 2009).

Assim como Bruna Surfistinha, Marise e Lola Benvenuti, Gabriela Leite ocupou os holofotes, deu entrevistas e palestras, mas é necessário marcar uma diferença. No percurso de Leite isso não se relaciona como um investimento a partir de uma experiência do passado que faria dela

uma especialista no assunto, mas de trazer ao público uma questão até então tida como privada. Apesar de também ter se aposentado da prostituição, o seu envolvimento com a prática não se encerrou ali, mas tomou outros contornos. Ainda que outras digam, como é o caso de Lola Benvenuti, que sua causa é a da liberação sexual, a sua produção mostra que a experiência se tornou uma capacitação para torná-la mais uma “expert” no assunto. Não há rompimento, mas um investimento em uma melhoria no campo privado por meio de sua publicização.

A mesma exposição midiática de formas tão distintas em lidar com a mesma questão, apenas explicita o interesse, ou curiosidade no assunto por sua excentricidade, que expressa também uma curiosidade do público em ter acesso, de maneira segura, a este “submundo do sexo”. Não à toa, algumas destas autobiografias figuram nas listas de best-sellers. Além de permitirem, da segurança do lar, o acesso aos segredos ao qual as “mulheres comuns” – as grandes consumidoras e alvo desta literatura de autoajuda (ILOUZ: 2014) – muito raramente tem acesso, contribuem com o mercado da renovação do casamento, por meio da possibilidade de um investimento pessoal.

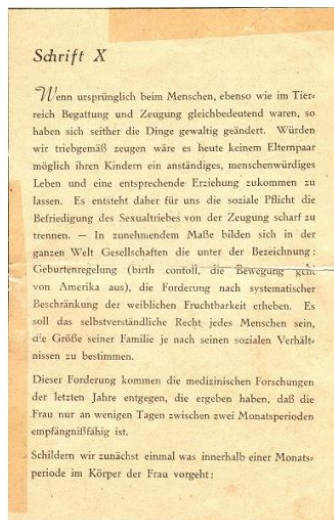
Gabriela Leite não fez de sua experiência pessoal um negócio, mas levou adiante a máxima dos anos 1960 que dizia que “o pessoal é político”.

Beate Uhse e a renovação

Algumas destas histórias contadas sobre o crescimento do mercado erótico no Brasil se assemelham em alguns aspectos com a história de Beate Uhse, considerada a criadora da primeira sexshop no mundo.

Em 1936, Beate Uhse era a única mulher piloto de acrobacias na Alemanha. Com o início da guerra e a impossibilidade de seguir com seu trabalho, ingressou na Luftwaffe – a força aérea da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial–, onde chegou a ser promovida a capitã. Ao final da guerra, com a cidade de Berlim cercada pelas tropas da União Soviética, Uhse fugiu para Leck, no distrito de Nordfriesland ao norte da Alemanha, com seu filho e a babá. Ali foi capturada

pelas tropas britânicas. Após ser libertada foi proibida de pilotar novamente, junto a todos os outros antigos pilotos da Luftwaffe, e teve que buscar outra atividade²⁶⁵.



Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg/Beate-Uhse-Archiv



Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg/Beate-Uhse-Archiv



Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg/Beate-Uhse-Archiv

Imagens retiradas de *The Spiegel Online*. A primeira imagem é uma reprodução do *Schrift X*, a segunda imagem a capa de um dos catálogos com a pergunta: “Está tudo bem com o nosso casamento?”, e a terceira imagem mostra o interior de um dos catálogos.

Na cidade de Flensburg, Uhse começou a vender produtos porta-a-porta. Ao começar a ouvir os problemas das donas-de-casa, se deparou com uma questão comum às mulheres da região.²⁶⁶ Diante da escassez do pós-guerra, muitas mulheres queriam evitar a gravidez, mas não sabiam como²⁶⁷. Beate Uhse aprendera com a mãe – uma das primeiras mulheres médicas da época da República de Weimar – métodos contraceptivos “naturais”, a partir do cálculo do período fértil da mulher. Uhse criou seu primeiro panfleto “Schrift X”, que vendia pelos correios, no qual explicava o método de “abstenção periódica”, ao mesmo tempo que oferecia conselhos maritais.

No site da empresa, Beate Uhse AG, considera-se que este panfleto foi a pedra basilar da bem-sucedida companhia²⁶⁸. Em 1948, com a ajuda do novo marido, Uhse fundou o seu negócio de venda por correspondência. A empresa foi registrada como nome de Versandhaus Beate Uhse.

265 Disponível em: <http://therufflifelingerie.blogspot.com.br/2013/10/the-unsung-hero-of-sexual-liberation.html>. (último acesso em 20 de agosto de 2016).

266 IDEM.

267 Durante o regime nazista as mulheres consideradas da “raça pura” eram estimuladas a terem filhos, enquanto todas as outras, judias, ciganas, as chamadas doentes mentais, passavam por uma esterilização compulsória. Elizabeth Heineman, afirma que, apesar disso, o uso de preservativo masculino, sob a justificativa de prevenção às DSTs, era comum e, sua eficácia para evitar a gravidez não era de desconhecida, ainda que não explicitada (2002: 46).

268 Disponível em: <http://www.beate-uhse.ag/index.php/the-story.html> (último acesso em 20 de agosto de 2016).

Apesar de ter incorporado o nome do segundo marido ao seu, resolveu manter o nome do primeiro marido como marca da loja por ser de mais fácil assimilação. Além do panfleto, vendia camisinhas e outros produtos voltados para a vida sexual do casal, em um momento em que, devido às frustrações sexuais no pós-guerra – causadas tanto pelas mutilações, como pela dificuldade em evitar gravidez indesejadas –, a instituição do casamento estava em crise. De acordo com reportagem em *The Spiegel Online*, Uhse se colocava como “salvadora” do casamento e, desta maneira, “guardiã da sociedade burguesa”²⁶⁹.

A partir de 1951, com o empreendimento via correios bem estabelecido, Uhse contratou um médico para responder às questões frequentes que recebia de suas compradoras. Entre as muitas perguntas, figuravam algumas como “É possível engravidar com um beijo?”, ou “O bebê nasce do buraco do umbigo?”. Grande parte dos produtos era vendido como recomendação médica, de dildos à estimulantes, mas além disso Uhse também vendia, ilegalmente, literatura erótica, que a pesar de ter lhe rendido alguns processos, não prejudicou a empresa de catálogos. Ao se referir aos dildos, Uhse reproduzia um vocabulário utilizado para próteses médica. É possível que tenha decorrido daí, o nome “próteses penianas” utilizado em português. De acordo com reportagem em *The Spiegel Online*, o empreendimento recebeu legitimidade, pois “a educação sexual e os produtos que vendia não eram sórdidos [prurient], mas auxílios para um casamento saudável e feliz”²⁷⁰.

Em 1959, a Suprema Corte de Justiça Alemã decidiu proibir o envio de informações detalhadas sobre sexo pelo correio. Assim, Uhse adotou o envio de um panfleto simples no lugar dos catálogos completos, em que a pessoa poderia solicitar o material.

Beate Uhse fazia questão de não esconder seu verdadeiro nome, chegando até a enviar uma foto sua em uma situação corriqueira com o material, afirmando que ela mesma era uma esposa feliz e mãe de quatro filhos.²⁷¹

269 Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/sixty-years-of-germany-s-beate-uhse> (último acesso em 20 de agosto de 2016).

270 Disponível em: <http://therufflifelingerie.blogspot.com.br/2013/10/the-unsung-hero-of-sexual-liberation.html>. (último acesso em 20 de agosto de 2016).;

271 Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/sixty-years-of-germany-s-beate-uhse> (último acesso em 20 de agosto de 2016).



Acima, Uhse em foto que acompanhava o material por correio. Abaixo, produtos do catálogo: elixir, óleos e bombons (The Spiegel Online).



Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg/Beate-Uhse-Archiv



Acima, imagens de próteses penianas expostas no catálogo de Uhse, e abaixo outros produtos, como camisinhas (The Spiegel Online).



Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg/Beate-Uhse-Archiv



Forschungsstelle für Zeitgeschichte in Hamburg/Beate-Uhse-Archiv

Com o aumento na variedade de produtos, voltados para o sexo marital, Uhse abriu, em 1962, a primeira sexshop, nomeada como “Instituto para a higiene marital”. Uhse recuperara o termo “artigos de higiene”, dos antigos gregos para dar seriedade aos seus produtos. Entre os produtos encontravam-se lingerie, revistas, livros, contraceptivos, fármacos e produtos estimuladores.

Em 1971, a loja já se tornara uma cadeia com 25 filiais na Alemanha. Segundo Dagmar Herzog, em seu livro *Sex After Fascism*, Uhse teve uma grande influência em tornar “a obsessão sexual [em] um respeitável passatempo, especialmente entre a classe trabalhadora” (2005: 145). Até meados dos anos 1975, as leis anti-pornografia eram muito estritas na Alemanha, após este período o item passou a ser vendido no catálogo oficial. Na história publicada no website oficial da empresa, afirma-se que os primeiros anos da empresa foram dedicados exclusivamente à contracepção e educação, por conta das leis anti-pornografia, entretanto, essa informação não coincide com nenhuma outra fonte. Além das leis anti-pornografia, até 1969, a homossexualidade era criminalizada, mas Uhse vendia, paralelamente ao seu negócio legal, fotos de seus filhos adolescentes como “subsídios para masturbação homófilos” (IDEM). Ainda nos anos 1970, Herzog assinala que o empreendimento ia tão bem que as lojas físicas de Uhse chegavam a competir com o seu comércio via correio. No decorrer do tempo, os filhos de Uhse passaram a trabalhar na empresa da mãe.

Em 1999, a empresa entrou na bolsa de valores de Frankfurt e, com a aquisição de lojas estrangeiras, tornou-se internacional. Beate Uhse faleceu em 2015, mas seu nome permaneceu como uma grande marca, chegando a patrocinar até um time de futebol. A empresa diversificou-se dentro do ramo, com a produção de filmes e, em 2009, passou a elaborar reuniões/festas para venda de seus produtos, juntamente com entrega de produtos em domicílio. Em 2014, as lojas adotaram uma estética mais feminina, seguindo uma tendência cada vez maior, que já figurava nos Estados Unidos desde a década de 1970.²⁷²

272 Disponível em: <http://www.beate-uhse.ag/index.php/the-story.html> (último acesso em 20 de agosto de 2016).

Em diversos textos na internet acerca da trajetória de Uhse, ressalta-se o seu papel liberador em relação à sexualidade. Na reportagem no *The Spiegel Online*, afirma-se que o regime nazi-fascista havia instaurado uma grande repressão sexual e que por este motivo prevalecia a falta de informação sobre sexo e reprodução. Entretanto, Dagmar Herzog (2005), mostra, ao contrário, um grande investimento na sexualidade durante o regime. A contrapartida pudica teria seguido logo após a guerra, como uma forma de se afastar da marca do nazismo. Nos anos 1960, a revolução sexual clamava que a repressão sexual – retomando a tese de Reich – vinha do regime. E este pressuposto se alastrou. É importante notar também, como afirma Herzog, que a República de Weimar também disseminava um argumento que unia saúde e prazer sexual. Neste sentido, nos primeiros anos do regime nazi-fascista, exaltava-se de fato uma abordagem mais pudica, buscando com isso o apoio das igrejas diante da febre científica da república de Weimar. Não demorou muito, entretanto, para o Regime Nazi-fascista começar a adotar uma postura mais “secular”, ou “científica” que justificasse suas conhecidas atrocidades. Ao fim das contas, ambos os argumentos – mais 'pudico' e mais 'liberal' circulavam na Alemanha sob a sombra do Nacional Socialismo.

Apesar da constante atribuição à Beate Uhse como “pioneira da sexualidade liberal” e “salvadora de vários casamentos na nação”, a própria declara: “Não sou Jesus”, “E também não sou alguém que busca melhorar o mundo. Sou uma comerciante, e tenho que oferecer e vender o que as pessoas querem”.²⁷³

sexo no museu

Os museus no ocidente tem como uma de suas principais procedências os Gabinetes de curiosidades, comuns entre os séculos XVI e XVII na Europa. Nestes gabinetes se encontravam todos os tipos de objetos “curiosos”, cujas procedências muitas vezes remetiam aos povos submetidos nos processos de colonização.

273 Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/zeitgeist/sixty-years-of-germany-s-beate-uhse> (último acesso em 20 de agosto de 2016).

Em alguns destes gabinetes, os objetos eram classificados pela lógica de seu proprietário. Além disso, poderiam figurar como “troféus”, como exemplares de povos antigos ou contemporâneos considerados inferiores, ou como a expressão de uma tradição aristocrática. Com a emergência do iluminismo e a valorização da razão e do pensamento científico, muitos dos gabinetes foram transformados em “museus de história natural” e os objetos adquiriram cada vez mais um significado histórico e científico (RAFFAINI, 1993).

Os museus tornaram-se um símbolo de preservação histórica e cultural, atestando a existência e a relevância de povos de outros tempos e culturas. Entretanto, não demorou para que o caráter universalizante do museu, como representante de uma história dos vencedores diante dos vencidos, fosse colocado em questão. Com a emergência das lutas das chamadas minorias, surgiu uma série de museus que afirmam essas outras histórias, suas lutas e conquistas, também como uma maneira de conquistar um espaço de legitimidade.

Recentemente, o próprio formato do museu passou a ser questionado. Ao mostrar o processo de criação de um museu indígena pelos Bororo, na reserva de Merure, no estado do Mato Grosso, as antropólogas Aivone Brandão, Dulcília Silva e Viviane Silva apresentam a própria leitura dos Bororo sobre o museu nas sociedades ocidentais. Os Bororo, por terem “uma forma de expressarem que estão vivos (...) rejeitaram a denominação “Museu”, nome, que para eles, lembrava “prisão”, lugar onde os objetos culturais perdiam a força e morriam para que os brancos pudessem reconhecê-los como vencidos” (BRANDÃO; SILVA; SILVA, 2008: 4).

Na atualidade, museus estáticos dão cada vez mais lugar aos museus e espaços que propiciem algum tipo de experiência que deve repercutir na educação e investimento cultural do público. Em todo o mundo, os museus voltados à temática do sexo parecem expressar ou caráter de curiosidade ou voltar-se às lutas de algum movimento identitário específico, como é o caso dos museus LGBT.

No Brasil, existem alguns museus que adotam a temática do sexo. Em São Paulo, o *Museu do Sexo*, um museu virtual, é um projeto idealizado pela psiquiatra Carmita H. N. Abdo, ligado ao

Prosex (Projeto Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP)²⁷⁴. Ainda na cidade, o *Museu Erótico de S. Paulo*, fechado em 2008²⁷⁵, era localizado no mesmo imóvel da videolocadora especializada em filmes pornô, *Canal X*. Em um casarão próximo à Av. Paulista, contava com uma exposição permanente, com estátuas que remetiam à antiga Grécia, figuras com pênis ereto, além de quadros e desenhos humorísticos ou apenas sensualizados, como pude observar em uma visita em 2005.

Mais voltado às questões de direitos LGBT, existe em São Paulo o *Museu da Diversidade Sexual*, reativado em 2013.²⁷⁶ Na Bahia, em Salvador, existe, desde 1998, o *Museu da Sexualidade*, associado ao Grupo Gay da Bahia²⁷⁷, criado pelo historiador Marcelo Cerqueira com assessoria do antropólogo Luiz Mott. Em Belo Horizonte, localizei informação sobre dois museus itinerantes ligados à Aprosmig (Associação de Prostitutas de Minas Gerais): o *Museu do sexo das putas*²⁷⁸ e o *Museu do sexo Hilda Furacão*²⁷⁹, ambos localizados na área da rua Guaicurus e inaugurados em 2016. A proposta, com relação ao segundo, é que ele seja acomodado em um lugar fixo, de acordo com Cida Vieira, presidente da Aprosmig. Vieira ainda afirma que uma das inspirações para o museu foi o museu do sexo, em Amsterdã²⁸⁰.

Em fevereiro de 2017, tive a oportunidade de visitar o famoso museu do sexo, o *Venustempel*, fundado em 1985, em Amsterdã, “o primeiro e mais antigo do mundo”²⁸¹, de acordo com seu website, bem como a região do *Red Light District*²⁸² e um outro museu erótico acomodado nesta área.

274 Disponível em: http://museudosexo.com.br/sobre_museu_home.asp (último acesso em 20 de março de 2017).

275 Disponível em: <https://www.facebook.com/SaoPauloParaCuriosos/posts/10202515920431861>; <https://vouporai.wordpress.com/2009/11/25/museu-erotico-de-sao-paulo/> (últimos acessos em 20 de março de 2017).

276 Disponível em: <http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/br/museus/5011-museu-da-diversidade-sexual> (último acesso em 20 de março de 2017).

277 Disponíveis em: <http://www.ggb.org.br/museu.html> (último acesso em 20 de março de 2017).

278 Disponível em: <http://museudasputas.wixsite.com/museu> (último acesso em 20 de março de 2017).

279 Disponível em: <https://museudosexohildafuracao.wordpress.com/> (último acesso em 20 de março de 2017).

280 Disponível em: <http://www.otempo.com.br/cidades/bh-ganha-museu-do-sexo-focado-na-conscientiza%C3%A7%C3%A3o-1.1318916> (último acesso em 20 de março de 2017).

281 Disponível em: <http://www.sexmuseumamsterdam.nl/index2.html> (último acesso em 20 de março de 2017).

282 Assim como a rua Guaicurus, o *Red Light District* é uma região, tradicionalmente, de prostituição. Em Amsterdã, a região ainda é reservada a este propósito.

Noite de sábado, 25 de fevereiro de 2017. Entre a estação central em Amsterdã e a rua Damrak é possível escutar uma grande diversidade de línguas; apesar da chuva, a circulação é constante. Em frente ao museu do sexo, as pessoas param, riem, arriscam uma visita ao lugar, ou seguem seu caminho. No museu, um corredor expõe fotos antigas, desenhos do século XIX, peças de roupas. Uma das primeiras atrações é uma montagem com bonecos que se movimentam reproduzindo o Red Light District de tempos passados. Há simulação de sexo entre os bonecos, gemidos, risadas mecânicas e vez ou outra algum boneco que salta do escuro. Nos andares de cima, muitos quadros, fotos e objetos, de diversas partes do mundo e reconstruções de cenas ou momentos contextualizados historicamente. As escadas no interior do museu formam uma espécie de labirinto. Há uma imensa coleção de arte erótica em cerâmicas gregas originais que não avistei nos museus em Atenas. Em um dos andares existe uma sessão só com máquinas à manivela de filmes-fotos pornográficas. No fundo da seção, uma animação educativa sobre a história do sexo desde Adão e Eva, passando pelos macacos e chegando no espaço sideral. De volta ao primeiro andar, uma sala escura com uma pequena porta anuncia: Cuidado, cenas fortes. O espaço é dedicado às práticas de BDSM, e contém, além de alguns objetos no centro da sala pequena, uma imensidão de fotos que cobrem as paredes. (...)

Depois do museu busco o Red Light District – o espaço de fato e não sua representação. Ao pedir informações a uma jovem, ela sorri sem graça, mas responde seriamente. Já próximo ao distrito avisto uma multidão. Sigo a rua atravessada por um canal e ao lado avisto sexshops, lojas especializadas na venda de maconha e vitrines em que mulheres com poucas roupas se oferecem, olham no celular, ou fumam um cigarro. Em um momento uma mulher sai de sua vitrine com o celular em punho filmando o rosto de algum pedestre que tirava fotos ou filmava. Poucas mulheres respondem ao um “boa noite” ou a um sorriso, a não ser que seja um cliente em potencial. Os pedestres não são somente clientes, mas famílias, e turistas de todos os tipos. (...)

Entre os estabelecimentos que compõem o distrito existe um museu erótico. A entrada do museu é mais simples que o anterior. Um casal entra e pergunta se ali é um museu ou algum outro tipo de estabelecimento. O valor da entrada é maior do que o primeiro museu. Enquanto o primeiro era organizado de maneira mais histórica, com textos que indicavam o contexto de cada imagem ou objeto, as imagens e objetos deste segundo estão dispostas de forma um pouco mais aleatória. Apesar de alguns objetos de caráter “histórico”, como uma vitrine com esculturas africanas, ou de outros povos chamados tribais, há a presença de objetos mais contemporâneos, ou mesmo antigos que não são indicados historicamente. Em um dos andares, há uma sala com a projeção de vídeos com temáticas infantis em suas versões pornôis.

Em Nova York existe um outro museu do sexo, o *MoSex*, ou *Museum of Sex*, fundado em 2002. A proposta deste museu diferencia-se um pouco dos museus de Amsterdã. Em Nova York, o *MoSex* mistura exposições artísticas contemporâneas, outra de base científica/biológica, e uma espécie de *playground* com atividades para os visitantes. De acordo com o website “a missão do *Museum of Sex* é preservar e apresentar a importância histórica, evolutiva e cultural da sexualidade

humana”²⁸³. Apesar de rotativas, algumas exposições permanecem as mesmas desde minha visita em 2015. Entre elas a *funland* (na realidade somente um pedaço da exposição original), e a exposição *the sex live of animals*. A última se propõe a apresentar a “nova história natural”, expondo, a partir dos comportamentos de animais não humanos, características sexuais físicas e comportamentais que passam longe do modelo macho-fêmea, bem como monogâmico ou “heterossexual”. De acordo com a descrição da exposição,

Pesquisas recentes no campo de estudos do comportamento animal revelam que os animais participam de uma surpreendente gama de comportamentos sexuais, reconhecendo que o sexo é mais do que um instinto sexual para reprodução. Surpreendentemente, existe [no mundo animal] todas as parcerias e práticas sexuais concebíveis, desde preliminares ao carinho pós-coito: os animais beijam, abraçam, estimulam-se solitária ou mutualmente, fazem sexo oral e toda a forma de coito com penetração imaginável. Sexo no reino animal é tão diversificado quanto entre humanos. E o sexo por prazer parece não ser restrito ao *Homo sapiens*.²⁸⁴

A exposição *funland* é composta por um pula-pula, *jump for joy*, que reproduz imensos seios femininos. O mesmo foi “projetado para aumentar a atenção ao corpo e criar a emocionante possibilidade de contato físico entre estranhos”²⁸⁵. Quando visitei o museu pela primeira vez, em 2 de junho de 2015, o *jump for joy* estava integrado a uma série de instalações que propiciavam sensações físicas, como uma casa de espelho, um labirinto com paredes e cortinas atravessáveis e filmes pornô. Na segunda visita, entre 16 e 22 de setembro de 2015, a *funland* havia sido substituída por uma outra exposição chamada *Splendor in the grass*, mas o *jump for joy* permanecia no mesmo lugar. Esta segunda exposição também tinha como objetivo propiciar sensações físicas no visitante, tendo como tema um acampamento. Entre as instalações da segunda exposição, era possível medir – através do calor de dois corpos presentes – a intensidade do tesão entra as pessoas.

Outra diferença marcante entre os museus em Amsterdã e o de Nova York é a loja. Em Amsterdã o museu mais antigo, o *Venustempel*, disponibilizava catálogos e cartões-postais,

283 Disponível em: <http://www.museumofsex.com/museum/about/history/> (último acesso em 20 de março de 2017).

284 Disponível em: http://www.museumofsex.com/portfolio_page/exhibition-animals/ (último acesso em 20 de março de 2017).

285 Disponível em: http://www.museumofsex.com/portfolio_page/exhibition-jump-for-joy/ (último acesso em 20 de março de 2017).

enquanto o museu erótico no *Red Light District* disponibilizava chaveiros, isqueiros e cartões-postais. Em ambos, não havia uma loja de fato, os objetos estavam todos dispostos em torno da bilheteria. No museu de Nova York, a loja ocupava um grande espaço na entrada do museu (que era também sua saída) e nela podia se encontrar tudo o que há em uma sexshop comum: dildos, vibradores, cosméticos, livros, além de uma imensa variedade de souvenirs.

Em São Francisco, para além do museu do vibrador (descrito na série anterior), visitei o museu LGBT na rua Castro, que expunha fatos e fotos históricas, além de desenhos, caricaturas e pinturas que ressaltavam a luta e a cultura LGBT nos Estados Unidos.

O que estes museus têm em comum é que todos foram fundados após a chamada revolução sexual dos anos 1960. No Brasil, com exceção do museu que fechou, localizado na *Canal X*, há em todos eles a configuração de verdades em torno do sexo, seja em relação aos movimentos de direitos como LGBT e das prostitutas, seja por um caráter científico como o museu virtual ligado à Faculdade de Medicina da USP. Em relação aos museus de Amsterdã e de Nova York, há uma diferença quanto as abordagens, mas que, ao final, atestam a naturalização da sexualidade seja pela história ou pela biologia. O investimento em torno desta sexualidade em Amsterdã parece voltar-se especialmente à constituição de um imaginário, enquanto nos Estados Unidos há um investimento nas sensações corporais que, não fortuitamente, abrem a possibilidade mais direta e explícita com a comercialização de produtos para o prazer e não somente ao redor dele.

As verdades constituídas por meio dos museus legitimam a produção de desejos relacionada ao sexo, seja por meio do estímulo da fantasia ou pela afirmação das necessidades biológicas e da saúde.

produção de desejos

Não existe uma continuidade no mercado em torno do sexo, mas, como assinalou Margareth Rago (1991) em relação à prostituição, existem elementos que se tornaram possíveis a partir do mercado industrializado e da urbanização. Neste mercado, há uma produção assimilação de desejos

que se intensifica em meio a transgressões e saberes médicos. Desejos que respondem, ao mesmo tempo, a um ideal abstrato de liberdade e de normalidade.

Pode-se dizer que este desejo é produzido e produz o que Foucault nomeou de *dispositivo de sexualidade*. Se por um lado há um investimento explicitado em uma sexualidade feminina, com objetivos claros de que este é um “público” com grande potencial de consumo, por outro lado, as mutações que ocorrem a partir deste investimento não tem um sentido único. Não são as mulheres, passivamente, que assimilam um desejo de consumo sexual aos moldes que lhes são colocados. Mas é neste jogo que os desejos destas mesmas mulheres moldam o que lhes é oferecido, reafirmando a marca do mercado como lugar de negociação.

A atual “repaginação” da *Erótika Fair* em *Erótika Exxxperience* mostra, ao mesmo tempo, as mudanças no investimento a partir da resposta do público e da criação de setores especializados que passaram a dar conta de algumas propostas, como feiras direcionadas especificamente para as negociações entre comerciantes. O foco em shows e atividades, que antes tinham como extensa maioria o público masculino, passam a incluir um público feminino, como, por exemplo, o show de striptease exclusivamente para mulheres, nesta primeira edição da *Erótika Exxxperience*.

Um dos efeitos deste investimento é a ascensão do *casal* como um outro público privilegiado. Este efeito mostra a principal relação da mulher com o prazer e com o sexo, ao menos no que diz respeito à mulher brasileira. Diferente do que foi colocado com mais ênfase pelas lutas de direitos nos Estados Unidos, o chamado *autoconhecimento* – enquanto conhecimento da própria sexualidade – adquire maior relevância na medida em que influência na vida sexual do casal.

No *Guia Gospel para sexshops e consultores de casais*, lançado pela ABEME em 2015, exalta-se o que se considera o início deste mercado à sua atenção para o casal e o casamento. Esta relação colocada no *Guia Gospel*, no entanto, não é fortuita, uma vez que a conexão entre o público evangélico e os chamados produtos eróticos se dá, precisamente, pela exaltação do casal monogâmico e heterossexual. Apesar desta ligação necessária em um guia voltado para evangélicos

– ou pessoas que terão como consumidores evangélicos –, nota-se que a história de Beate Uhse e sua empresa, considerada pioneira e mesmo fundadora deste mercado, não desmente o foco no casal e no casamento.

A loja conceitual *Doce Sensualidade* explicita, de outra maneira, a importância do casal, na medida em que a própria loja-conceito é fundada em um modelo ideal de relacionamento entre um casal: a autoestima e sedução; as preliminares; e a relação íntima, que não se reduz ao sexo, mas a uma intimidade de fato, em que é possível falar sobre os desejos e elementos mais secretos. O conceito da loja também explicita o pessoal como negócio. Neste sentido, se distingue do mercado do prazer como algo exclusivamente privado, mas, por meio do campo pessoal, traduz o investimento na privacidade em resultados no âmbito público e social, seja por meio da carreira, do bem-estar, da saúde, sintetizados no sucesso. Além disso, enquanto a relação com o privado estabelece dois campos completamente separados que não necessariamente interferem um no outro, a abordagem pessoal generaliza um controle de condutas que se reflete no público e no privado.

Há uma reapropriação do que foi um slogan contracultural de que o “pessoal é político”, no sentido de que o que move a conduta pública deve também mover a conduta pessoal, e não o contrário. O pessoal se torna, portanto, um negócio, como se explicita pelo próprio investimento de ex-garotas de programas na atualidade.

Apesar dos segredos – próprios da intimidade, neste caso – fazerem parte da constituição da sexualidade no ocidente, não há valorização da dissimulação ou segredos em uma grande parte deste jogo de mercado. Ao contrário, há uma exaltação da visibilidade e da transparência, das quais faz parte a incorporação das experiências pessoais. Ainda que possam existir objetivos escusos e segredos a sete-chaves, fala-se abertamente sobre os investimentos, o objetivo de sucesso. O desejo de prosperar e mesmo a vontade de “mudar vidas” – por mais que não seja o ponto principal – não fogem do que é esperado para alguns investidores comerciais.

Entre as declarações públicas e entrevistas, afirma-se em mais de um momento que a participação neste mercado foi uma tentativa de se atingir certa “independência financeira”. Neste sentido, as publicações em jornais, telejornais e revistas – ao menos desde o final da década de 1990 – anunciavam um setor de mercado em crescimento e sempre próspero, informação que não parece refletir a realidade. Há uma circulação de empresas no interior deste mercado, e as empresas/empreendedores que parecem se sustentar por mais tempo são também aqueles com mais flexibilidade e diversificação, que além da venda de serviço/produto, fazem consultorias, oferecem cursos, elaboram outras atividades – de curta ou longa duração – com outros parceiros.

Existem, no entanto, alguns momentos em que de fato parece haver um *boom* no mercado, dirigido tanto pela exposição midiática, quanto pelo sucesso de filmes e livros, como é o caso do filme *De pernas pro ar* e do livro e filme *Cinquenta tons de cinza*.

A história narrada no livro coloca em questão o relacionamento do casal, a partir da abordagem por meio das práticas BDSM. O sedutor e bem-sucedido empresário, com dificuldades em se comprometer emocionalmente, apaixona-se por uma estudante de letras virgem e decidida. O livro procura introduzir o universo BDSM, mas a partir da perspectiva da estudante inexperiente e que, ao decorrer do livro, sente-se cada vez mais incomodada com a prática e a relação de submissão e dor que ela demanda. Como observa Ilouz, no decorrer dos três livros, sugere-se e explica-se a relação do sedutor empresário Christian Grey com o BDSM, a partir de uma infância com início problemático (pai alcoólatra e mãe prostituta e cocainômana). O livro sugere, então, que o verdadeiro (e puro) amor é o que pode salvar. E neste trajeto, o herói-vilão terá que aprender a lidar com a intimidade de um relacionamento.

Enquanto as práticas de BDSM lidam com a questão do prazer, o que está em jogo no livro é a salvação do amor e o amor como salvação.

No Brasil, o livro *Cinquenta tons de cinza* foi traduzido quase que imediatamente após seu lançamento oficial internacional, em 2012. Eva Ilouz (2014), mostra como o livro foi construído de

forma diferente aos best-seller em geral, que partem de grandes editoras e investimento publicitário. *Cinquenta tons de cinza* foi publicado inicialmente em um grupo de discussão de “fan fiction”²⁸⁶, de fãs do best-seller da saga *Crepúsculo*, e reformulado de acordo com o *feedback* do público específico. *Cinquenta tons de cinza* tornou-se um sucesso boca-a-boca, para depois se tornar um grande empreendimento publicitário.

Entre os anos de 2012 e 2015, o número de pessoas nos ônibus de São Paulo que liam a publicação indicava o sucesso do livro por aqui. Em uma escola Estadual do Governo de São Paulo, pude observar, por meses, o livro circulando entre as professoras e funcionárias, que apesar de suas condutas conservadoras em relação às experiências sexuais do aluno, não escondiam o prazer em ler e compartilhar com as colegas as opiniões sobre o livro.²⁸⁷

Na *Erótika Fair* de 2016, o *WZ Fetish*, acompanhando a tendência no mercado e na *Erótika Fair*, atraiu atenção ao estande permitindo conexões com o livro *Cinquenta tons de cinza*. Seis anos antes, o *Clube Dominna* havia ocupado o espaço BDSM na feira. Desde o sucesso do livro, o mesmo se tornou referência para uma série de produtos, linhas de produtos e performances.

Em São Francisco e em Seattle, nos Estados Unidos, em 2015, pude conversar com praticantes regulares do BDSM sobre a repercussão do livro na comunidade, ao que fui informada que não foi bem recepcionado, por distorcer a prática e por apresentá-la como um desvio justificado por problemas na infância, escapando do *são, seguro e consensual*.

Com isso, há o retorno, no interior do BDSM, da disputa em torno do que seria uma prática legítima e do que seriam os desvios. Enquanto as procedências do slogan buscavam uma afirmação das práticas de modo a escapar de sua criminalização, a defesa do slogan atualmente parece ter se voltado a uma defesa da própria identidade.

286 Segundo Ilouz, “Fan Fiction (...) é uma forma de narrativa interativa, mais ou menos relacionada com livros, filmes, programas de TV populares, escrita por fãs ou profissionais e que recebem retorno do público” (2014: 31).

287 Disponível em: http://articles.chicagotribune.com/2012-07-24/features/sc-fam-0724-sex-toys-20120724_1_fifty-shades-bdsm-babeland (último acesso em 20 de agosto de 2016).

Sem agradar inteiramente aos adeptos da prática, o livro teve como um dos efeitos o maior interesse do público geral em elementos da prática BDSM, além de propiciar uma maior exposição dos adeptos mais tradicionais, por meio de discussões, entrevistas, reportagens e performances.²⁸⁸

Cinquenta tons de cinza conseguiu unir o fortalecimento do casal com a incitação a práticas antes consideradas aberrantes, como as práticas ligadas ao BDSM. Possibilitou para um universo mais amplo do que os chamados meios alternativos, onde a prática florescia, a produção de novas formas de desejo, efeito possivelmente não planejado, mas que foi (e continua sendo) assimilado e incitado dentro deste mercado.

Michelle Perrot (1998) atribui à literatura entre as mulheres no século XIX – em especial as mulheres burguesas –, a partir da sua reclusão a um espaço privado, uma forma de contato com mundos alheios ao seu cotidiano. Com raras exceções, estas experiências eram restritas ao seu imaginário, facilitando a produção de fantasias mais do que experiências, produzindo novos desejos e garantindo a segurança de sua integridade. Neste sentido, a produção de best-sellers, seja do universo de garotas de programas, ou de uma nova literatura romântica, garantem a mesma segurança, mas adicionam a possibilidade de melhoria na vida pessoal.

O filme *De pernas pro ar* – de sucesso instantâneo e mais restrito ao território nacional –, apesar de não ter gerado um aumento continuado de vendas de produtos, da mesma maneira que a trilogia/filme *Cinquenta tons de cinza*, com certeza teve um papel importante ao levar ao grande público uma imagem mais normalizada dos produtos de sexshop, em que uma mãe de família, com problemas familiares e profissionais comuns, encontra sucesso profissional e a felicidade conjugal ao ingressar neste mercado.

Beate Uhse já publicizava a mesma abordagem desde o final da década de 1940, quando começou com seus negócios. Ao mesmo tempo que o sexo é relegado a um lugar escondido em

288 Além de notícias em jornais e programas de TV, um outro exemplo dos efeitos do *Cinquenta tons de cinza* entre os próprios praticantes de BDSM, é o crescente número de atividades de Allena Gabosch – importante figura da comunidade BDSM em Seattle – em função do livro. Informação disponível em: <https://allenagabosch.wordpress.com/2015/02/17/some-musings/> (último acesso em 20 de agosto de 2016).

nossa sociedade, a visibilidade da vida pessoal dos envolvidos torna-se importante, na medida em que desconstrói a imagem de sujo, pervertido e imoral. Ao tornar-se capaz de levantar problemas comuns e cotidianos ao público consumidor – o feminino, em especial –, ao mostrar que uma mãe ou pai de família, uma esposa ou um marido, compartilham de alguns dos mesmos problemas e mesmas questões que o seu público, estes investidores conseguem romper a barreira do que antes foi considerado anormal e insalubre, e mostrar que trazer outros elementos à vida sexual não só é saudável, como normal e mesmo desejável. A história de cada um se torna um testemunho e um incentivo para os consumidores. Mais do que empreendedores de sucesso, são pessoas que se tornam exemplos de uma vida sexual saudável e mais plena, e algumas vezes se tornam, também, exemplos de superação a partir do momento em que são capazes de desvendar a própria sexualidade.

Existe um dado comum na história de Uhse e que se repete em outras histórias, inclusive naquela retratada no filme *De pernas pro ar*, que é uma relação estabelecida em comum com a venda *tupperwares*, ou a venda de porta-a-porta. A venda de *tupperwares* inaugurou uma relação de comércio que envolvia a dona de casa como consumidora preferencial, assim como disseminadora, e que trazia o mercado para o ambiente do lar. Como alternativa para complemento financeiro familiar, este tipo de venda colocava donas de casa em encontros e pequenas reuniões com suas vizinhas, conhecidas, e conhecidas de conhecidas, criando um ambiente de familiaridade, valores e experiências semelhantes. A venda de *Tupperware* fortaleceu o chamado mercado de venda direta com as “tupperware parties”.

O mercado erótico também adotou o modelo dos “tupperware parties”, ou seja, festas ou reuniões para mulheres para apresentar as maravilhas dos novos produtos. Isto esteve atrelado a crescente visibilidade e valorização do sexo inclusive como elemento essencial para a manutenção do casamento; à noção de que a independência e o que hoje se chama de “empoderamento das

mulheres”²⁸⁹ incorporam uma certa autonomia sexual – herança dos movimentos feministas e de liberação dos anos de 1960.

Esta relação entre festas de *tupperware* e “chás de lingerie” (nome mais comum relacionado a estas reuniões no Brasil) foi estabelecida por Debra Curtis, a partir de uma pesquisa realizada nestas festas com mulheres em Rhode Island, nos Estados Unidos.

Um dos elementos que Curtis ressalta dentro de sua pesquisa é o fato de muitas das participantes das festas serem mulheres com uma conduta mais conservadora. Além disso, saliente que as apresentações são exaltadas por terem uma abordagem bem-humorada, além de bem informativa, elementos que foram assinalados por vendedoras aqui no Brasil, como Érica Rambalde e Fátima Moura.

Seu ponto de partida é o de que o mercado produz desejos encorajando a inovação sexual, e se questiona sobre os efeitos desta produção na formação e negociação da subjetividade sexual (2004: 95). Sem conseguir responder plenamente à questão da subjetividade, Curtis assinala os efeitos contraditórios do mercado.

Entretanto, ao se compreender o mercado como espaço de negociações, as aparentes contradições se dissolvem em meio ao jogo que é colocado. A inovação diante de uma conduta conservadora ajusta-se a essa moral. Não fere os tradicionais valores familiares, mas os implementa, propicia melhorias, garantindo a sua continuidade em uma moderação segura dos riscos. Neste âmbito, essas inovações sequer assumem o papel de transgressões. Não se quebra uma regra, mas existe no lugar um aperfeiçoamento que resguardará as condutas conservadoras dos perigos da chamada liberalidade.

No entanto, o sexo, dentro deste mercado, ainda que os produtos sejam direcionados para o corpo de cada um, não existe sem um tanto de fantasia e recoberto de prescrições para uma vida

289 Flávia Lucchesi, em sua dissertação de mestrado “Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra” (2015), volta-se ao uso do termo para mostrar uma distinção entre o termo *girl power* relacionado, inicialmente, às práticas radicais e afirmativas de mulheres no meio punk – termo que depois foi dissolvido no interior do meio musical mainstream. O empoderamento, por outro lado, não esteve associado às práticas radicais, mas à assimilação das mulheres no mundo dos negócios, em uma disputa por “direitos iguais” – especialmente no campo financeiro e de carreiras – aos homens.

saudável e com “mais qualidade”. A própria venda de fantasias (como bombeiros, colegiais, enfermeiras) é uma grande parte deste mercado.

Os uniformes de policiais, tão comuns nas feiras e em sexshops, mostram um desejo em relação à figura da autoridade. É possível que, em algum momento, esta “presença policial” como fantasia configure uma forma de controle sobre esta autoridade tão constante na vida de cada um, na medida em que este universo da fantasia é algo que se tem um certo controle. No interior da fantasia, a relação com o personagem polícia é consensual.

Allena Gabosch, em entrevista ao programa *Sex Positive Culture*, no canal do youtube, *Psychology In Seattle*,²⁹⁰ relata algumas raras, mas presentes, situações no BDSM, em que existe um caráter terapêutico nesta prática. Como exemplo, cita uma jovem que resolveu lidar com uma situação de violência sexual, reproduzindo-a dentro deste universo seguro. A reprodução de uma situação de violência, neste caso, proporciona um controle sobre esta situação. Neste sentido, a prática BDSM poderia ter um efeito terapêutico.

Mas é importante ressaltar, como afirma Gabosch em relação à sua e outras experiências, que os adeptos da prática não são as chamadas “vítimas” de algum tipo de abuso ou situação traumática – como é retratado no livro *Cinquenta tons de cinza*. A relação estabelecida refere-se a uma forma de prazer. A questão para Gabosch não é se houve ou não uma situação de abuso na vida dos praticantes, mas o fato de que tal prática lhes dá prazer. Buscar uma origem traumática para a prática apenas direciona a situação para a busca de uma cura. Se não se procura identificar uma origem, a prática se estabelece somente como relação de prazer.

Desta perspectiva, não há vítimas em uma relação sadomasoquista. Não somente no sentido de que as práticas são consensuais, mas também porque o prazer que elas proporcionam não é justificado por alguma vitimização no passado. O BDSM, entretanto, como identidade, separa esta relação que pode se estabelecer com o prazer e a dor das práticas cotidianas. Um policial, um cabo do exército, ou um bombeiro, podem igualmente serem adeptos desta prática – inclusive no papel

290 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7_dr3fsGG7g (último acesso em 20 de agosto de 2016).

de submissos – sem alterar a sua relação exterior, em que se julga, condena, tortura e mata sem o consentimento das pessoas envolvidas, em que a chamada vítima contribui como testemunha do ato sem que também sua situação seja alterada significativamente.

Thomas Laqueur (2003), ao se referir à história do sexo solitário, ressalta o duplo *perigo e liberdade* que rondava a masturbação por meio da imaginação, porque poderia estimulá-la. Problema este colocado ao iluminismo, que, de uma perspectiva kantiana, localizava a liberdade nas palavras e pensamentos, enquanto demanda na prática pública a obediência às leis. Desta maneira – na soma do pensamento cartesiano e kantiano –, é possível determinar a mente (ou imaginário) como lugar de liberdades, enquanto o corpo deve manter-se domesticado.

Na atualidade, a distinção entre o público e o privado kantiano é redimensionada por meio do investimento pessoal. Há uma extração produtiva dos desejos que acabam por ajustá-los ao governo da vida em toda a sua amplitude. Não se busca limitar a imaginação, mas extrair dela elementos que possam ser assimilados na configuração do governo das pessoas.

As formas de domesticação já não são mais tão explícitas e rígidas quanto às disciplinas nas fábricas, escolas e prisões. Há uma flexibilidade que permite ajustes/adaptações moduladas, por todos os lados. A constituição deste mercado de desejo que visualizamos hoje – e que não está definido – responde não somente a certas crenças e valores dos chamados produtores ou investidores. Aqueles que consomem e que são modificados também modulam, de acordo com seus desejos, crenças e valores, às formas deste mercado.

A própria separação entre produtores/investidores e consumidores torna-se cada vez mais rara, uma vez que todo consumidor também é chamado a tomar parte no “investimento”, ao mesmo tempo em que os produtores/investidores também são convocados a consumir o que oferecem, inclusive como forma de dar credibilidade, e, assim, também descobrir novidades que podem ser incorporadas neste mercado.

Após os movimentos de liberação da década de 1960, em que a liberação sexual era um de seus principais motes, a restauração da família, do casal por meio da incorporação da mulher no mercado, não é um mero acaso. A frase de Beate Uhse sobre seu trabalho é significativa: “(...) Sou uma comerciante, e tenho que oferecer e vender o que as pessoas querem”.

Não há novidade em afirmar que o mercado do sexo não se limita às transições financeiras. Ele passa por um investimento na vida de cada um. É certo que muitos investem neste mercado em busca de uma vida economicamente mais confortável, mas não é necessário que os investidores partilhem de interesses de controle para que disseminem certos valores e mantenham o funcionamento deste dispositivo de sexualidade. Basta que desejem alguma segurança e sucesso. Uma vez que o sexo, em nossa cultura, foi relegado, em determinado momento, a lugares obscuros, acessar estes lugares tornou-se tarefa não muito fácil, e possibilitou – como mostrou Laqueur em relação à masturbação – forjar nesse espaços experiências de liberdade, pois, quando proibidas, estavam livres de qualquer regulação.

O processo de assimilação do sexo, por meio da sexualidade, permite menos espaço para as experiências livres, uma vez que as regulações e a formulação de guias mais ou menos flexíveis são constantes. Isto não significa que o mercado das práticas, que ainda se encontram delimitadas no campo da proibição e ilegalidade – como a chamada pedofilia – seja, por este motivo, mais liberador. O mercado, como mediador, legal ou ilegal, atua em um campo de mais ou menos segurança, mas nunca completamente nu.

moral sexual
(religião e saúde)

Do banco de trás de um taxi, entre o vão dos bancos dianteiros, uma frase em amarelo se destaca no painel negro: “POR AMOR NÃO FUME!”. Da janela do carro, em uma larga avenida em São Paulo, alguns cartazes no poste estampam “trago de volta a pessoa amada”, “amarração para o amor”. São velhos conhecidos dos moradores da cidade, que vez ou outra se arriscam a buscar nos números de telefone que acompanham a frase, uma solução para suas desilusões amorosas. Mais adiante, em letras maiores e um fundo colorido, uma frase nova, mas já não menos comum: “Mais amor, por favor”.

A última deriva de um movimento com mesmo nome, iniciado pelo artista visual Ygor Marotta, na cidade de São Paulo. Em pouco tempo a cidade se viu tomada por grafites (ou pixos, como ele se refere) e lambe-lambes estampando a frase e suas derivações. Marotta afirma que “não se trata somente do amor nutrido por uma pessoa a outra, e sim do amor idealizado no sentido de responsabilidade, respeito e educação. É a atenção, a afeição, a gentileza, o querer bem”²⁹¹.

O amor idealizado é um amor que se quer universal. É o amor entre os povos, entre os homens, pela humanidade e pelo planeta. É tido como um bem maior e por um bem maior. Ele se coloca acima do amor sexual e enobecedor do último quando se une a ele. O amor idealizado, entretanto, é um amor que se deve aprender, ou ainda, ser “resgatado” de tempos primordiais de que não se tem notícia, é uma capacidade que demanda esforço.

Com a emergência do cristianismo, o amor consagrou-se pela religião. O iluminismo trouxe o amor para a humanidade. Atualmente, o amor deve englobar não somente Deus e os homens, mas os animais, as plantas, os rios, as montanhas, o ar, em uma palavra, o planeta.

A última série é apresentada a partir da noção de *poder pastoral*, de Michel Foucault, e suas conexões com o chamado *dispositivo disciplinar*, *dispositivo de segurança*, com a psiquiatria, a religião e a família.

291 Disponível em: <http://ygormarotta.com/filter/mais-amor-por-favor/> (último acesso em 08 de julho de 2017).

Logo de início, mostra-se o amor cristão como um modelo de conduta que deve ser aprendido e reproduzido pelo casal. O acompanhamento do programa evangélico, *The love school – A Escola do amor*, e da palestra-culto “Terapia do Amor”, no Templo de Salomão, expressa algumas diretrizes da conduta desejada, e sua aproximação a um discurso psiquiátrico. Em seguida, situa-se a positividade do sexo nas religiões cristãs e a sua importância na preservação do casamento. A assimilação do sexo evangélico no mercado de desejos mostra as negociações e articulações entre a religião e o mercado. Na sequência, os investimentos na prevenção do vírus do HIV explicitam as conexões, disputas e negociações entre Estado, religiões e organizações internacionais por meio da educação sexual. Finalmente, as disputas entre as diretrizes da religião, do Estado e organizações internacionais, dissolvem-se por meio da confluência de uma produção conceitual que tem como alvo privilegiado as crianças e jovens.

Em 20 de abril de 1978, Michel Foucault realizou uma conferência na Universidade de Tóquio em torno da publicação da *História da sexualidade* (2004b: 63). Nesta, afirma que procurou mostrar no primeiro volume da obra, *A vontade de saber* (2003a), “que seria sem dúvida mais interessante e mais rico fazer a história da sexualidade a partir do que a motivou e impulsionou do que a partir daquilo que a proibiu” (2004b: 63). Deste modo, no lugar de procurar no cristianismo a fonte do *não* primordial à sexualidade no ocidente, como assume a hipótese repressiva, Foucault observa a introdução de novas técnicas na história da moral sexual a partir do cristianismo. No lugar de ideias morais, a grande contribuição do cristianismo na chamada história da sexualidade seriam mecanismos de poder, mais precisamente, mecanismos de um poder pastoral.

O que Michel Foucault denomina como poder pastoral é um poder individualizante. Tal técnica associa-se e difunde-se nos séculos XVIII e XIX – já não ligado necessariamente à igreja – a um mecanismo de poder disciplinar. É desta maneira que a contribuição do cristianismo se aplica mais a uma forma de governar do que à difusão de ideias morais.

Em “‘Omnes et singulatim’, para uma crítica da razão política”, texto de 1981, Foucault (2006a) elenca algumas características do pastorado: (a) o pastor atua mais sobre um rebanho do que a terra em que o mesmo se localiza; (b) a existência do pastor e do rebanho são indissociáveis, uma vez que um existe a partir do outro; (c) a salvação do rebanho se dá de modo individualizado e o mesmo é composto por indivíduos dispersos; (d) o pastor tem um plano para o rebanho; (e) o exercício do poder pastoral é um devotamento, o pastor é quem faz a vigília, quem cuida, quem dá atenção especial a cada indivíduo; (f) a obediência é entendida como uma virtude, ela não é imposta, mas um exercício de vontade; (g) o pastor é ainda aquele que deve conhecer a necessidade de cada um, não só do corpo, mas também da alma.

Em “Sexualidade e política”, texto de 1978 (2004b), Foucault acrescenta que no pastorado o conhecimento da alma de cada um se dá pela técnica da confissão. O poder pastoral é um poder benfazejo, altruísta, o pastor é aquele que deve se sacrificar pelas ovelhas, disso depende a sua própria salvação.

Ao contrário do que afirma o que chamou de hipótese repressiva sobre a impossibilidade de se falar sobre o sexo, Foucault mostra como, em um primeiro momento, a técnica do poder pastoral – ainda ligada ao que chamou de *dispositivo de aliança* – investe na prática da confissão, no âmbito geral do que é prescrito ou não a partir da relação matrimonial (2003a).

No interior do que seria este *dispositivo de aliança*, as proibições ou desaconselhamentos voltavam-se mais às práticas do que a tipos de indivíduos. Assim, o que era proscrito até um determinado momento era a prática da sodomia e não a figura do homossexual – que não existiu até o século XIX. A sodomia, em relação a homens ou mulheres, era proscrita como uma prática estéril e a relação entre dois homens só era um agravante na medida em que se opunha à procriação (IDEM).

No Brasil, durante o período que remete aos primeiros séculos da colônia, o controle imperial sobre as atividades sexuais aqui exercidas era muito pequeno, como relata Paulo Sérgio do Carmo

(2011). No entanto, a igreja católica, por meio de “funcionários”²⁹² do Santo Ofício português, disseminava e inseria um certo controle sobre os pecados a serem combatidos.

De acordo com os historiadores Mary del Priore (2012) e Paulo Sérgio do Carmo (2011), o sexo prescrito pela igreja era o sexo para a procriação. Práticas que envolvessem a perda do sêmen eram considerados pecados nefandos, agravados se houvesse uso do “vaso não natural” (CARMO, 2011: 53). Sodomitas, homens ou mulheres poderiam ser condenados à morte pela Inquisição (IDEM). Os pecados eram identificados a partir de confissões ou delações que ocorriam especialmente no “período da graça”, momento em que o pecador poderia ser absolvido da pena capital (IDEM: 51). Carmo afirma ainda que, apesar do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição ser instaurado em 1497, “o sexo passou a ser considerado com especial atenção (...) somente a partir do Concílio de Trento (1545-1563)” (IDEM: 50).

Com o investimento do poder pastoral na confissão, no fazer falar minucioso sobre o sexo, Foucault (2003a) mostrou como, nos séculos seguintes, esta investigação detalhada do sexo ampliou-se para além do âmbito religioso, povoando – como racionalidade –, a política, a economia e a medicina. Esta inserção do sexo pela confissão – religiosa ou laica – ainda estava atrelada a quem, com quem e em que circunstâncias se deveria falar sobre o sexo. Com isso, há uma determinada verdade que é criada em torno deste, primeiramente voltada ao casal legítimo e, posteriormente, à questão da saúde de cada um, física e psíquica.

No decorrer do curso *O Poder Psiquiátrico*, realizado no *Collège de France* entre novembro de 1973 e fevereiro de 1974 (2006b), Foucault mostrou a constituição de um saber psiquiátrico não a partir das instituições e suas verdades, mas a partir, primeiro, das relações de poder propiciadas pelas práticas discursivas que precedem as instituições.

292 “A igreja mantinha sua vigilância por meio de serviços prestados pelos bispos, vigários e religiosos em geral, e também por um grande número de fiéis leigos, chamados familiares (...). Para pertencer ao Santo Ofício, na condição de 'funcionário', a pessoa tinha que provar ser cristão-velho e ter 'sangue limpo', sendo vedado o ingresso daqueles de 'raça infecta'” (CARMO, 2011: 50).

Há um modelo disciplinar reproduzido nas instituições psiquiátricas que irá se mostrar, especialmente, por uma hierarquização de posições e comandos. Neste sentido, tomando o panóptico de Bentham²⁹³, projetado como prisão no século XVIII enquanto explicitação do modelo de controle disciplinar, Foucault observa como este mesmo modelo é reproduzido no interior do asilo com uma função de cura. Ainda que o projeto arquitetônico do asilo não copie o projeto de Bentham, é possível encontrar em seu funcionamento os elementos do modelo panóptico. Em primeiro lugar, o dito louco não só é vigiado continuamente, como sabe que é vigiado. Em segundo lugar, o centro de vigilância é produzido de forma piramidal, de acordo com a hierarquia “constituída por guardas, enfermeiros, vigilantes, médicos, que fazem relatórios uns para os outros (...) que culmina no médico-chefe” (FOUCAULT, 2006b: 129). Em seguida, o “princípio de isolamento”, que pode se apresentar em “um isolamento do louco em sua própria loucura” (IDEM: 130), quando, ao ser colocado com os demais, nota na relação entre o médico e os outros pacientes a loucura dos outros, evitando assim o contágio/união entre os ditos loucos, por meio do que Foucault chamou de “espécie de Consciência médica dos outros” (IDEM). E, finalmente, encontra-se no asilo o elemento principal que é o da punição incessante.

O panóptico funciona como o “olho de Deus”: sem a necessidade de se enxergar quem vigia, sabe-se que está sendo vigiado todo o tempo. Não só o olho, também a força: é um modelo que se pretende onisciente e onipotente. Cabe ressaltar aqui, como lembrou Foucault, que dispositivos do tipo disciplinar – em que o alvo é o corpo, onde há o controle do corpo no tempo, em que vale a ocupação e conduta de cada um –, já podiam ser encontrados antes dos séculos XVII e XVIII no

293 De acordo com Foucault, o Panopticon de Bentham seria para o mesmo mais do que um modelo, mas um mecanismo de fortalecimento das instituições. Este mecanismo seria um multiplicador e intensificador de força na instituição. O Panopticon é “uma construção aneliforme que constitui a [sua] periferia (...); nessa construção são distribuídas celas que abrem ao mesmo tempo para dentro, por uma porta envidraçada, e para fora, por uma janela. No perímetro interno desse anel, (...) tem uma galeria que permite circular e ir de uma cela a outra. Depois, um espaço vazio e, no centro do espaço vazio, uma torre, (...) construção cilíndrica com vários andares, no topo da qual (...) têm uma espécie de cúpula (...) construíd[a] de tal forma que desse ponto central pode-se Ver (...) tudo o que acontece em cada uma das celas” (FOUCAULT, 2006: 93). Neste esquema, “o poder é coletivo em seu centro – uma vez que qualquer um pode vigiar – e individualizado onde ele age. A “vigilância tem de poder ser exercida de tal sorte que os que são vigiados não possam saber se são vigiados ou não” (IDEM: 94).

interior de certas comunidades religiosas, integradas ao modelo feudal de soberania, mas também com “um papel crítico, um papel de oposição e de inovação” (FOUCAULT, 2006b: 79-80).

Em relação ao funcionamento do hospício, Foucault assinala duas “idades da psiquiatria”: a do uso das “correntes” e a “humanizada”, comparando-as com dois momentos da colonização, a de conquista e instalação, e a “em profundidade”. Foucault ainda identifica três expressões de colonização: a da juventude, a dos povos indígenas – em referência à catequização dos povos na América do Sul – e a dos “marginais”, os bandidos, os mendigos, os loucos. Todos os três tipos referem-se a alguma forma de “pacificação”, de disciplinarização destes “estrangeiros” à ordem.

Pierre Clastres, ao se voltar às relações entre os chamados colonizadores e os povos indígenas na América do Sul, encontrou o termo *etnocídio*. Para explicar o termo, Clastres faz referência às práticas genocidas, como nos campos de concentração durante o governo da Alemanha nazista, em que está em jogo a aniquilação dos corpos do outro, dos que são diferentes, entendendo a diferença como “má diferença”. O etnocídio partiria da mesma visão, mas no lugar de aniquilar o corpo, em nome da salvação e do humanismo, da integração a uma cultura superior, aniquila-se a “alma”. Aqui, Clastres usa a cristianização dos povos indígenas no Brasil, como um exemplo de etnocídio. Assim, para Clastres, “a espiritualidade do etnocídio é a ética do humanismo”. (1982: 55).

Uma das formas da colonização “em profundidade” – ou esta prática etnocida – se dá por meio da introdução da família nos grupos a serem colonizados. A família, enquanto articulação entre um sistema de soberania²⁹⁴ e disciplinar, teria um papel essencial como “instância de coerção que vai fixar permanentemente os indivíduos aos aparelhos disciplinares” (FOUCAULT, 2006b:100). A família é um resquício do sistema de soberania, mas intensifica-se com as disciplinas, e se delimita. “Graças ao código civil, a família conservou os esquemas de soberania:

294 Foucault denomina um sistema de soberania a partir de uma forma privilegiada de exercício de poder. Tal sistema se caracterizaria por uma centralidade no corpo do soberano, justificada por uma marca fundadora. Neste sentido, o sistema de soberania olharia sempre para o passado, diferente do sistema majoritariamente disciplinar que buscaria sua justificativa no futuro. É um sistema onde não se busca uma medida comum, e é, além disso, este sistema de soberania é um sistema de coleta-despesa (FOUCAULT, 2006b).

dominação, pertencimento, vínculos de suserania, mas ela os limitou às relações homem-mulher e às relações pais-filhos” (IDEM: 103).

O dado mais importante aqui diz respeito a esse papel coercitivo da família em empurrar os indivíduos para dentro do esquema disciplinar. Mas esta coerção não se dá simplesmente pela força. A estrutura familiar cria uma obrigação diante do valor que a própria família assume. Foucault usa como exemplo o investimento de patrões, filantropos, e poderes públicos em reestabelecer/restaurar as estruturas familiares entre os operários (IDEM: 104). É preciso ter amor à família para que o indivíduo se sujeite ao trabalho, às ordens, às disciplinas de um modo geral.

Quando a família “falha” uma série de dispositivos e instituições disciplinares assumem a função de preencher esta lacuna, seja o exército, orfanatos, asilos psiquiátricos. A intersecção entre a estrutura familiar e os dispositivos disciplinares acontece também a partir de outra entrada.

O sistema disciplinar teria como base duas funções: o controle/disciplina dos corpos para fortalecer a força do governo/instituições; e o ajuste do corpo para a produção. Nas palavras de Foucault, trata-se do ajuste do acúmulo dos homens ao acúmulo da produção, resultando em uma fonte de lucro e no fortalecimento do poder (2006b: 137-138).

Este interesse no lucro, no âmbito da psiquiatria, se traduz na produção voltada aos interesses da burguesia, ou seja, como devolver o “doente” ajustado ao ambiente familiar. Desse modo, Foucault observa o investimento em um tratamento que tem como objetivo refamiliarizar o sujeito e, para tanto, insere-se no tratamento psiquiátrico a reconstrução do ideal de família como técnica terapêutica.

Foucault assinala que, até o século XIX, a verdade construída sobre o saber psiquiátrico e a sua prática não tinham necessariamente uma ligação. A psiquiatria como ciência, autorizava-se a detenção da verdade, sem ter de justificá-la. Teria sido a simulação que colocou para a psiquiatria o problema de sua verdade. Por simulação, Foucault compreende “a mentira da simulação, a loucura

simulando a loucura”, este seria “o antipoder dos loucos em face do poder psiquiátrico” (2006b: 168).

O fenômeno da simulação teria surgido com duas pacientes de Georget, em 1821, mas se espalhado, levando à crise da psiquiatria asilar na França, por volta de 1880. A crise “aparece quando se percebe que, diante da grande taumaturgia de Charcot, todos os sintomas estudados por ele eram por ele suscitados a partir da simulação de seus doentes (...)” (IDEM: 169). A este processo de simulação chamavam *histeria*. É a partir desta crise “histórica” que se coloca a questão da verdade da psiquiatria, e é no campo da histeria que a família se insere, a princípio, no modelo psiquiátrico (IDEM: 33).

Esta introdução da família burguesa que não existia anteriormente na psiquiatria, tem como efeito reverso a disciplinarização da própria família (IDEM: 143-144).

O olhar familiar tornou-se olhar psiquiátrico ou, (...) olhar psicopatológico, olhar psicológico. A vigilância da criança tornou-se uma vigilância em forma de decisão sobre o normal e o anormal; começou-se a se vigiar seu comportamento, seu caráter, sua sexualidade; e é então que vemos emergir justamente toda essa psicologização da criança no interior da própria família (IDEM: 154)

A criança, sob o olhar psiquiátrico, torna-se alvo, tanto de intervenções, como também a base por onde se interroga o adulto considerado louco. A infância será considerada o momento de origem dos males, ao mesmo tempo em que o comportamento do dito louco também será associado a um pensamento “infantil”.

A família, portanto, aparece como campo de articulação entre a constituição da verdade e a disciplinarização dos corpos. E é nesta articulação que se encontram os investimentos mais incisivos na chamada sexualidade, onde a criança, como assinalado anteriormente, é um dos seus alvos principais.

Mas se o poder pastoral inseriu-se por meio do cristianismo na construção da chamada sexualidade, atualmente é possível observar a renovação do próprio cristianismo com atenção a esta sexualidade “laica”.

deus é amor

Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. (BÍBLIA, 1 João 4, 7-8)

Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos. (BÍBLIA, 1 João 5, 3)

O cristianismo é a religião fundada no amor. Gustavo Ramus mostra em sua dissertação de mestrado, *Anarquismos, cristianismo e literatura social no Brasil (1890-1938)*, que Jesus não criou a seita, mas proclamava uma desobediência civil, desafiava costumes e exaltava uma igualdade radical (RAMUS, 2011: 41). O cristianismo, fundado por seus apóstolos, pregava a igualdade espiritual garantida pelo amor. Foi somente no 3º século d. C., durante o reinado de Constantino, que o cristianismo deixou de ser uma religião perseguida. No século seguinte, grande parte dos cidadãos romanos era composta por cristãos (IDEM: 44). Ramus acrescenta que a determinação de Cristo como divindade (parte da santíssima trindade), por meio de uma manobra de Constantino com o Concílio de Niceia, em 325, permitiu a “adequa[ção do cristianismo] a uma religião de Estado” (IDEM: 45). Constantino, por meio de sua relação com a igreja foi um dos grandes responsáveis pela cristianização do Ocidente. No ano 391, o cristianismo se tornou a religião oficial de Roma.

Mas ainda no chamado cristianismo primitivo, este “pregava o amor entre todos na idealização de uma família universal constituída pelos filhos de Deus, ao mesmo tempo, que acreditavam na imortalidade da alma” (IDEM: 47).

A família é, portanto, o modelo de relação entre os cristãos. Não faltam, na bíblia, referências às relações entre pais e filhos, assim como não faltam referências ao casal, base da família: “Maridos, amem cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (BÍBLIA, Efésios 5, 25). O modelo de amor entre o casal também é o amor divino.

Na doutrina da igreja católica declara-se que o celibato é preferível ao casamento. O casal é importante enquanto base da família e garantia do futuro, mas o celibato é a maior expressão de

obediência e autocontrole diante de Deus. Em documento publicado pelo Vaticano, afirma-se que “A Revelação cristã conhece dois modos específicos de realizar a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor: o Matrimónio e a Virgindade”.²⁹⁵

No catolicismo, uma das imagens mais marcantes – além do Cristo pregado na cruz – é a imagem da virgem Maria. Esta passou a ser oficialmente santificada a partir da controvérsia sobre o carácter humano e divino de Jesus, debatidos no Concílio de Éfeso, em 431. Naquele momento, passou a ser aclamada como “a mãe de Deus”, no lugar de “mãe de Cristo”, sendo referida, ela mesma, como uma mulher excepcional²⁹⁶.

Ao mostrar a trajetória de disputas e negociações que levaram à consolidação e crescimento da Igreja Católica na Europa – e no mundo –, Gustavo Ramus observa que o celibato clerical só foi instituído na Igreja em 1074, com o Papa Gregório VII (RAMUS, 2011: 46), ainda que a prática, no catolicismo, tenha sido valorizada muito anteriormente.

No novo testamento da bíblia, Paulo, ainda no primeiro século d.C., explicita sua preferência pelo celibato, mas acrescenta:

A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, o marido; e também, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e, sim, a mulher (BÍBLIA, I Coríntios 7, 4).

não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e novamente vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontidência (IDEM, 5).

O casamento, apesar de não ser, para o catolicismo, a expressão de conduta preferencial, é considerado uma relação sagrada. De acordo com o documento *Familiaris Consortio*, de 1981, no website do Vaticano,

A comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel, encontra uma significativa expressão na aliança nupcial, que se instaura entre o homem e a mulher.

295 Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html (último acesso em 14 de junho de 2017)

296 Disponível em: <http://centrowhite.org.br/pesquisa/artigos/o-culto-a-maria-uma-criacao-do-papado/> (último acesso em 14 de junho de 2017)

É por isto que a palavra central da Revelação, “Deus ama o seu povo”, é também pronunciada através das palavras vivas e concretas com que o homem e a mulher se declaram o seu amor conjugal. O seu vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo. E o mesmo pecado, que pode ferir o pacto conjugal, torna-se imagem da infidelidade do povo para com o seu Deus: a idolatria é prostituição, a infidelidade é adultério, a desobediência à lei é abandono do amor nupcial para com o Senhor. Mas a infidelidade de Israel não destrói a fidelidade eterna do Senhor e, portanto, o amor sempre fiel de Deus põe-se como exemplar das relações do amor fiel que devem existir entre os esposos.²⁹⁷

As chamadas crises da família e do casamento se tornaram, nas últimas décadas, foco de atenção das igrejas cristãs. Atualmente, de uma perspectiva estatal, a família nas sociedades ocidentais podem configurar-se simplesmente com a presença de um dos pais e filhos, não sendo necessária a presença de um cônjuge para esta classificação.²⁹⁸ Esta possibilidade atual de diversas modulações da família e casais, apresenta-se como uma das grandes preocupações entre as igrejas cristãs. No dia 8 de abril de 2016, o Vaticano apresentou a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*, do Papa Francisco. De acordo com notícia veiculada no site católico *Canção nova*:

Francisco escreveu a *Amoris laetitia* com base nos relatórios do Sínodo da Família, documentos de Papas predecessores e as catequeses sobre família. Além disso, recorreu à contribuição de diversas conferências episcopais e citações de personalidades de relevo, como Martin Luther King.²⁹⁹

No documento, o atual papa aponta a importância de uma orientação pré-matrimonial, bem como um acompanhamento matrimonial por parte da comunidade católica e da igreja. Cursos de orientação para casais, no entanto, não são novos (e nem exclusivos) na igreja católica. A própria igreja há tempos investe em cursos preparatórios para o matrimônio, bem como cursos para aqueles que já estão casados.

297 Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html (último acesso em 14 de junho de 2017).

298 No Estatuto da Família no Brasil, a mesma é definida no artigo 2, como: “o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. O casal está incluído no estatuto, mas não é delimitado como forma exclusiva de família. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1159761&filename=PL+6583/2013

299 Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/mundo/apresentado-documento-do-papa-francisco-sobre-o-amor-na-familia/> (último acesso em 14 de junho de 2017)

De acordo com o website da Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Fortaleza, que disponibiliza informações mais completas acerca destes cursos, com base nas orientações da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB),

A evangelização do matrimônio e da família é missão de toda a Igreja, em que todos os fiéis devem cooperar segundo as próprias condições e vocações. Deve partir do conceito exato de matrimônio e de família, à luz da Revelação, segundo o Magistério da Igreja (Orientações pastorais sobre o matrimônio – CNBB Doc. Nº 12 / DN-pág. 13)³⁰⁰

Acrescentam ainda que,

O ECC [Encontro de Casais com Cristo] contribui de forma efetiva para que as famílias se constituam como “Igrejas Domésticas”, “Formadoras de Pessoas”, “Educadoras na Fé” e “Promotoras do Desenvolvimento”, tendo seu lugar insubstituível no anúncio e vivência do Evangelho, pois o “FUTURO DA HUMANIDADE PASSA PELA FAMÍLIA”.³⁰¹

O curso, um “serviço-escola” paroquial, é dividido em três etapas. A primeira, considerada o momento “evangelizador e missionário”, busca trazer os casais de volta à igreja e inseri-los na comunidade. A segunda etapa, procura “dar conhecimento aos casais dos Documentos da Igreja e das Diretrizes da Ação Evangelizadora”. E finalmente, a terceira etapa, traz a questão da relação com os outros na atualidade e os obstáculos colocados a um cristão no mundo de hoje.

A relevância deste tipo de empreendimento religioso é esclarecida na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*

Temos de reconhecer como um grande valor que se compreenda que o matrimônio é uma questão de amor: só se podem casar aqueles que se escolhem livremente e se amam. Apesar disso, se o amor se reduzir a mera atracção ou a uma vaga afectividade, isto faz com que os cônjuges sofram duma extraordinária fragilidade quando a afectividade entra em crise ou a atracção física diminui. Uma vez que estas confusões são frequentes, torna-se indispensável o acompanhamento dos esposos nos primeiros anos de vida matrimonial, para enriquecer e aprofundar a decisão consciente e livre de se pertencerem e amarem até ao fim.³⁰²

300 Disponível em: http://www.paroquiagloria.org.br/pagina_multipla.asp?strPagina=encontro_de_casais_com_Cristo&strTitulo=Encontro%20de%20Casais%20com%20Cristo (último acesso em 14 de junho de 2017).

301 (IDEM)

302 Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html (último acesso em 14 de junho de 2017).

Por um lado, o catolicismo continua sendo a principal religião no Brasil, com aproximadamente 64% de adeptos na população de acordo com dados do IBGE de 2010. Por outro lado, a religião evangélica é a que tem crescido mais, passando de aproximadamente 15%, em 2000, para 22%, em 2010. E assim como a Igreja Católica, as diversas Igrejas Evangélicas também tem voltado sua atenção ao casamento.

As chamadas igrejas evangélicas, derivadas da reforma protestante, configuram-se por uma abordagem cristã que valoriza a posição do casamento e do casal na estrutura religiosa. Durante o Concílio de Trento³⁰³, que respondia às mais diversas propostas de reformas da igreja, mostrou-se que o celibato entre os clérigos, e o pecado original associado ao sexo, eram alguns dos questionamentos dos chamados protestantes, ou reformadores.

Atualmente, há uma infinidade de denominações cristãs derivadas ou influenciadas em alguma medida pela Reforma Protestante. Dentre as diferentes congregações, é possível citar: Anglicana, Luterana, Adventista, Metodista, Batista, Calvinista, Presbiteriana e Pentecostal. No Brasil, segundo o IBGE, dos 22,2% de evangélicos no país, 4%, declara-se “Evangélico de Missão”, 13,3% de origem pentecostal, e o restante (4,8%) sem determinação (IBGE, 2010: 92).³⁰⁴

303 O Concílio de Trento, também conhecido como “contra-reforma” foi resultado de uma disputa no interior da Igreja Católica, a partir das proposições de Martinho Lutero. Lutero publicou em 1517 “95 indulgências” que questionavam as ordens da Igreja Católica, e foi por isso excomungado em 1521. Representantes do Reino Alemão pediram a realização de um concílio geral para que fosse discutida a reforma. Tal concílio não aconteceu até 1545. Tomaram parte no concílio integrantes da Igreja Católica, bem como alguns dos chamados líderes protestantes, muitos ligados ao Reino Alemão. O concílio realizou 25 sessões, divididas em três períodos distintos. O primeiro período, realizado na cidade de Trento em 1545, foi transferido para Bolonha em 1547, último ano do período. O segundo período ocorreu entre 1551 e 1552, novamente em Trento. O terceiro e último período, também em Trento, foi realizado entre 1562 e 1563. Na segunda sessão do concílio, ainda no primeiro período, intitulada “Regras de vida e outras atitudes a serem observadas”, foi exortada a necessidade do celibato para padres – um dos pontos que questionavam os reformadores. Na quinta sessão, sobre o “pecado original”, o concílio entende a “prevaricação” de Adão como a origem da ira de Deus. Enquanto, atualmente, entre os herdeiros do protestantismo, o pecado original não é associado ao sexo, mas a desobediência, para a Igreja Católica, o pecado de Adão está sim relacionado ao sexo, e tal pecado não resultou somente na mortalidade dos homens como penitência, mas na morte da alma, por meio da união carnal. Na 24ª sessão do 3º período, tratou-se do tema “doutrina do Sacramento do Matrimônio”, estabeleceu-se aqui – como já havia sido mencionado em outras sessões – a impossibilidade de líderes da igreja contraírem matrimônio, exaltando o celibato como a conduta preferencial, como explicitado no Cânone X “Se alguém disser que o estado de Matrimônio deve ser preferido ao estado de virgindade ou de celibato, e que não é melhor nem mais feliz manter-se em virgindade ou celibato que casar-se, seja excomungado”. No lugar de incorporar ou assumir algumas das reformas, o concílio serviu como reafirmação da Igreja Católica diante da nova vertente. Informações publicadas em *Agnus Dei – O concílio de Trento*. Disponível em: <http://agnusdei.50webs.com/trento.htm> (último acesso em 14 de junho de 2017).

304 Na pesquisa do IBGE, foram considerados Evangélicos de Missão: Igreja Evangélica Luterana; Igreja Evangélica Presbiteriana; Igreja Evangélica Metodista; Igreja Evangélica Batista; Igreja Evangélica Congregacional; Igreja Evangélica Adventista; Outras Evangélicas de Missão. Foram consideradas evangélicos pentecostais: Igreja

Em artigo intitulado “Casamento deve ser ensinado e reconstruído pelas igrejas”, publicado originalmente no website *Christian Post* e reproduzido pela igreja *Paz e Vida*³⁰⁵, ressalta-se o atual problema das igrejas em como as mesmas lidam com o casamento. A informação foi retirada da Conferência Nacional da Ethics & Religious Liberty Commission (ERLC) of Southern Baptist Convention (SBC), realizado em 2014 na cidade de Nashville, nos Estados Unidos, intitulada “The Gospel, Homosexuality, and the Future of Marriage” [O evangelho, homossexualidade e o futuro do casamento].

A notícia veiculada pela igreja *Paz e vida*, no Brasil, traz da conferência Batista a questão do casamento apresentada no painel de discussão “Millennials and Marriage: Evaluating The Younger Generation's Views on Sexuality and Marriage” [traduzido no *Christian post* como “Os jovens e o casamento: Avaliando a visão das novas gerações sobre sexualidade e o matrimônio”]. De acordo com os palestrantes do painel, o problema hoje não estaria na defesa/propaganda do casamento, uma vez que diversas pesquisas mostram que a maioria dos jovens solteiros querem casar. Entretanto, a expectativa de um casamento “ultrarromantizado” (efeito da grande mídia e de Hollywood), somado ao medo de separação, fazem com que os jovens evitem se casar.

Na seleção apresentada no artigo, acrescenta-se, ainda, de acordo com o palestrante John Stoneestreet,

que a única maneira de combater este “entendimento limitado” é que as igrejas comecem a ensinar e reensinar o que o amor e o casamento significam no contexto bíblico e na sociedade (...) “É hora de começar a reconstruir o casamento. Pare de defendê-lo e passe a reconstruí-lo”.³⁰⁶

Assembleia de Deus; Igreja Congregação Cristã do Brasil; Igreja O Brasil para Cristo; Igreja Evangelho Quadrangular; Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja Casa da Bênção; Igreja Deus é Amor; Igreja Maranata; Igreja Nova Vida; Evangélica Renovada não determinada; Comunidade Evangélica; Outras Igrejas Evangélicas de Origem Pentecostal (IBGE, 2010: 163)

305 Disponível em: <http://portugues.christianpost.com/news/casamento-deve-ser-ensinado-e-reconstruido-pelas-igrejas-e-nao- apenas-defendido-20201/>; <http://www.pazevida.org.br/component/content/article/18-destaque/3713-casamento-deve-ser-ensinado-e-reconstruido-pelas-igrejas.html> (últimos acesso em 14 de junho de 2017)

306 IDEM

Neste painel de discussão, disponível em vídeo no website da conferência³⁰⁷, outro assunto presente foi a relação do número de solteiros na atualidade e como as igrejas têm lidado com esse enorme contingente que não é mais a exceção, mas a norma. Ao considerar o casamento e a família dois elementos essenciais na vida cristã, levantou-se a questão de como atrair estes jovens para a vida do matrimônio, mostrando por exemplos, inclusive de gerações mais antigas, o que é o casamento, e que é possível ter um casamento saudável e feliz apesar das experiências “traumáticas” de filhos de pais divorciados.

Em um outro painel de discussão, nesta mesma conferência, intitulado “Is It Okay To Be Gay? A Candid Conversation on Christians and Same-Sex Attraction” [Tudo bem ser gay? Uma conversa sincera sobre cristãos e a atração pelo mesmo sexo], a questão do “ser solteiro” é abordada de um outro ponto de vista. Neste caso, evoca-se o texto de Paulo para exaltar o celibato e apresentá-lo como um dom, algo que não se escolhe mas que é dado por Deus. Ser solteiro e celibatário seria uma alternativa ao chamado homossexualismo. As “batalhas” contra as “tentações”, que seriam elemento “comum” na vida de qualquer cristão, deveriam ser parte constitutiva e contínua durante toda a vida.

No Brasil, as igrejas evangélicas pentecostais realizam uma série de cursos com foco no casamento. A *Igreja Renascer em Cristo* oferece continuamente o “Encontro de casais” ministrado pelo casal à frente da igreja, Apóstolo Estevam Hernandes – formado em marketing e vendas – e Bispa Sônia Hernandes – formada em teologia –, casados há 39 anos³⁰⁸. O curso foi configurado, mais recentemente, em um projeto intitulado “Casais +QV” (Casais Mais que Vencedores), do qual surgiu o livro “Casamento mais que vencedor”, lançado em 2016, com autoria de ambos³⁰⁹. Anteriormente, a *Igreja Renascer em Cristo* já havia lançado outro livro de casamento, o

307 Disponível em: <http://erlc.com/resource-library/panel-discussions/millennials-and-marriage-evaluating-the-younger-generations-views-on-sexuality-and-marriage> (último acesso em 14 de junho de 2017)

308 Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/apostolo-estevam-bispa-sonia-herndandes-igreja-renascer-33-casados.html> (último acesso em 14 de junho de 2017)

309 Disponível em: <http://cristaonoticia.blogspot.com.br/2016/11/lideres-da-igreja-renascer-lancam-o.html> (último acesso em 14 de junho de 2017)

“Casamento É Uma Bênção”, publicado pelo casal de pastores Jilton e Ester Moraes, pela editora Thomas Nelson.³¹⁰

Nos encontros “Casais +QV”, os pastores dão orientações aos casais baseados na bíblia, lembrando que o primeiro milagre de Cristo foi em um casamento, ao transformar água em vinho. De acordo com o casal Hernandes, o vinho é uma metáfora para a felicidade, portanto, uma das lições da bíblia é que casamentos sempre enfrentam crises e problemas, que levam ao fim do “vinho”, mas que podem ser solucionados se colocados nas mãos de Jesus. Além disso, o casal traz suas próprias experiências para mostrar que eles também tiveram que passar por uma reformulação em seu casamento até se tornarem o feliz casal de hoje.³¹¹ Outro elemento presente nestas palestras/cultos voltados aos casais, é que a relação de um casal deve ser como a relação de cada um com Deus. Apesar de não haver menção explícita ao preço, os encontros noticiados são sempre realizados durante mais de um dia em algum hotel, resort ou similares, sugerindo haver um custo na participação. Além do projeto/evento realizado pelo casal Hernandes, as filiais da *Igreja Renascer*, em São Paulo, ou outros estados, oferecem também a “terapia de casais”, cuja frequência varia em cada uma das filiais.³¹²

Outra igreja que oferece serviço a casais é a *Igreja Apostólica Fonte da Vida*. O casal de bispos Fábio³¹³ e Priscila Sousa estão a frente dos *Encontros da Rede de Casais*, que faz parte do “Departamento da Família” no interior desta Igreja.³¹⁴ Além dos encontros, também faz parte do departamento a “Escola para casais”, encontros ministrados pelos bispos Paulo Sérgio e Cássia

310 Disponível em: http://www.igospel.org.br/br/noticia.php?m=*18B4E52A7B52D47525FC7B91FA14EED2589BDBE7 (último acesso em 14 de junho de 2017)

311 Disponível em: <http://casaismaisquevencedores.com.br/>; http://www.igospel.org.br/br/noticia.php?m=*F9695C748F1BBF6C752F9A8E53175D197B7B1A5C; <https://youtu.be/76KDd53v9D8> (últimos acessos em 14 de junho de 2017).

312 Alto Santana, SP: http://www.igospel.org.br/br/noticia.php?m=*DD68BD25BAF311DB40AB53425D987B378C4B2A0C; Sorocaba: <http://www.renascersorocaba.com.br/2009/06/12062009-terapia-de-casais-regional.html>; Itu <http://www.renascersorocaba.com.br/2010/01/24012010-terapia-de-casais-itu.html>; (últimos acessos em 14 de junho de 2017).

313 Fábio Sousa, além de pastor é deputado federal pelo PSDB de Goiânia. Disponível em: <http://fabiosousa.com.br/deputado/> (último acesso em 14 de junho de 2017).

314 Disponível em: <http://www.fontedavida.com.br/eventos-fonte-da-vida/proteja-seu-casamento/#.WT4Kh7pFzIU>; <http://www.fontedavida.com.br/encontro-de-casais-infinitamente-mais/#.WT4aSrpFzIU>; <http://www.fontedavida.com.br/escola-para-casais/#.WUAclrpFzIV> (últimos acessos em 14 de junho de 2017).

Helena. A igreja também promove um encontro voltado para a vida sentimental de jovens, chamado “o Bom Encontro”, e realizado pelo “Ministério Atitude”, ministrado pelos bispos Fábio e Priscila Sousa.³¹⁵



De acordo com o website da *Comunidade Evangélica Famílias em Cristo*, Deus “estabeleceu o casamento como uma união sagrada na qual Ele iria construir os alicerces para o estabelecimento da família e, ainda, da sociedade e da cultura.”³¹⁶

Compreender como funcionam as organizações de parentesco e família em povos não ocidentais sempre foi uma das marcas dos estudos em Antropologia. Por muito tempo estes estudos tiveram como base um evolucionismo inspirado na teoria darwinista aplicada às sociedades. O que era considerado como ponto mais alto desta evolução, obviamente, eram as sociedades ocidentais em suas estruturas presentes. Neste sentido, o casamento monogâmico – estrutura da família nuclear burguesa – era considerado como ponto elevado da civilização, enquanto às outras sociedades não

315 Disponível em: <http://www.fontedavida.com.br/bom-encontro/#.WUApyLpFzIU> (último acesso em 14 de junho de 2017).

316 Disponível em: <http://www.familiasemcristo.com.br/2011/08/o-casamento-na-historia-de-deus/>; <http://jesuscristopalavraviva.blogspot.com.br/2009/07/casamentos-com-marca-de-deus.html> (últimos acessos em 14 de junho de 2017).

ocidentais, consideradas como resquício de um primitivismo, era atribuído uma promiscuidade próxima aos comportamentos de animais não-humanos.

De uma perspectiva antievolucionista, Claude Lévi-Strauss discorre sobre a família e as relações de casamento em um breve texto intitulado “A família”³¹⁷. Esta palavra designaria um grupo social, com as seguintes características:

1) Tem a sua origem no casamento. 2) É formado pelo marido, pela esposa e pelos filhos (as) nascidos do casamento, ainda que seja concebível que outros parentes encontrem o seu lugar junto do grupo nuclear. 3) Os membros da família estão unidos por a) laços legais, b) direitos e obrigações econômicas, religiosas e de outro tipo, c) uma rede precisa de direitos e proibições sexuais, além duma quantidade variável e diversificada de sentimentos psicológicos (...) (1980: 16).

Apesar de variações encontradas entre os mais diversos povos, Lévi-Strauss compreende o casamento como um elemento importante e afirma que se “o casamento origina a família, (...) são as famílias que geram casamentos como o dispositivo legal mais importante que possuem para estabelecer alianças entre elas” (IDEM: 21). Desta forma, conclui, o casamento não é e nem pode ser um assunto privado.

Lévi-Strauss (1980) ainda relaciona o casamento à divisão sexual do trabalho, que, por sua vez é “um dispositivo para instituir um estado recíproco de dependência entre os sexos” (IDEM: 30). O autor traça então um paralelo entre a divisão do trabalho e a proibição do incesto, considerada como regra universal em qualquer cultura³¹⁸. Se a divisão do trabalho criaria uma dependência entre os diferentes sexos (em seus chamados “papeis sociais”) a proibição do incesto estaria ligada à dependência entre as famílias. Logo, uma poderia igualmente ser chamada de proibição de tarefas e a outra como divisão de direitos matrimoniais, sem alterar o seu sentido. Uma e outra, por meio de regras e regulações, garantiriam a circulação.

O casamento, como base para as regulações sociais, não é um assunto privado, como mostrou Lévi-Strauss, e como tal demanda um investimento, que pode ser observado em uma série de

317 O texto foi publicado em francês, no livro *O olhar distanciado*, em 1983, mas em português já havia uma tradução para o texto, utilizada aqui, em 1980.

318 A proibição do incesto é o elemento, como Lévi-Strauss gosta de se referir, que marca a passagem da natureza para a cultura, permitindo a constituição de grupos sociais.

curios, livros, encontros, DVDs, entre outros aparatos que tem como objetivo orientar os casais, neste caso cristãos, a fortalecer e conduzir seu casamento.

escola do amor

Em 2011, o casal Renato e Cristiane Cardoso – esta última, filha de Edir Macedo, bispo e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e proprietário da *Rede Record* de televisão –, estrearam, na *TV Record*, o programa *The Love School*. O programa televisivo surgiu da experiência de Cristiane e Renato Cardoso com palestras e cursos nos Estados Unidos direcionados para casais ou solteiros em busca de um relacionamento sério³¹⁹.

Por aproximadamente 20 anos, o casal Cardoso viveu nos Estados Unidos e outros países como Inglaterra e África do Sul, realizando o trabalho da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), onde também apresentavam palestras e cursos direcionados a casais e solteiros, como o curso *Casamento Blindado*, criado em Houston, no Texas, e publicado como livro no Brasil, em 2012.

Nestas viagens, Renato Cardoso foi consagrado Bispo em Londres e recebeu o diploma de educador familiar e matrimonial pela National Marriage Centers de Nova York. Além disso, ambos escreveram o best-seller de autoajuda, traduzido também para o inglês, *Casamento Blindado* (2012). Posteriormente, Renato e Cristiane Cardoso escreveram juntos *Namoro Blindado* (2016), e mais recentemente o *Diário do Namoro Inteligente* (2017). Entre a produção individual do casal, ainda constam os livros: *Melhor que comprar sapatos* (uma compilação de artigos em inglês, publicada em 2006, e traduzida para o português e o espanhol); *A mulher V* (publicado em 2011 e traduzido para o inglês, francês e espanhol), ambos de autoria de Cristiane Cardoso. De autoria de Renato Cardoso foram publicados: *21 dias que mudarão a sua vida: Desafio de João* (2015); *IntelliMen: 53 desafios para homens inteligentes* (2015); *O perfil para o jovem de Deus* (2011)³²⁰.

319 Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/love-school-escola-amor/o-programa-10042015> (último acesso em 24 de maio de 2017).

320 Disponível em: <http://www.tendagospel.com/autores/cristiane-cardoso/melhor-que-comprar-sapatos-cristiane-cardoso.html>; <http://www.tendagospel.com/autores/cristiane-cardoso/livro-intellimen-53-desafios-para-homens->

Além dos livros, há também o DVD *Sexo em um casamento blindado*, chaveiros, alianças, camisetas, marca-livros e uma aliança para os casais comprometidos em “blindar” seu relacionamento.



A produção escrita do casal assemelha-se à produção por grupos evangélicos nos Estados Unidos, inaugurada com o livro *The Act of Marriage*, publicado em 1976, pelo casal evangélico Timothy e Beverly LaHaye (HERZOG, 2008: 32).

Em 2011, o casal voltou ao Brasil e começou a apresentar o programa *The School of love – a escola do amor*, na *TV Record*. Além da veiculação na *TV Record* e suas derivações (*Record Internacional*, *Record News*, *Rede 21*), o programa também pode ser acessado pela internet via o website da IURD³²¹, pelo Facebook do programa³²², pelo canal do youtube³²³ de Renato Cardoso, pelo canal do youtube do programa³²⁴, e também pode ser acompanhado em sua versão *Escola do Amor responde* por diversas rádios, nos estados de Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato

inteligentes-renato-cardoso.html; <http://www.tendagospel.com/atores/cristiane-cardoso/livro-21-dias-que-mudarao-sua-vida-desafio-joao-renato-cardoso.html> (últimos acessos em: 25 de maio de 2017).

321 Disponível em: <http://www.iurdtv.com> (último acesso em 25 de maio de 2017).

322 Disponível em: <http://facebook.com/escoladoamor> (último acesso em 25 de maio de 2017).

323 Disponível em: <http://www.youtube.com/rcardoso27> (último acesso em 25 de maio de 2017).

324 Disponível em: <http://www.youtube.com/CanalTheLoveSchool> (último acesso em 25 de maio de 2017).

Grosso, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Roraima, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo e Tocantins.³²⁵ Ainda em 2012, a IURD comprou alguns horários na *Rede TV*³²⁶. De acordo com um verbete sobre a *The Love School* na Wikipédia³²⁷, o programa seria transmitido na programação da *Rede TV*, entretanto, na grade do canal de televisão não há nenhuma especificação sobre a programação da IURD bem como nos sites oficiais da IURD, a programação da igreja não menciona a *Rede TV*.

Cada um dos programas segue um roteiro mais ou menos padronizado, apresentando apenas pequenas variações. No geral, há um tema principal que atravessa o programa inteiro, com convidados que passaram pelo problema e o superaram, e que estão ali para mostrar como fizeram. Há um convidado especial – mais ou menos famoso – que pode ter passado pela situação temática ou não. A participação do público aparece por questões via e-mail, Facebook, Twitter e também por meio de depoimentos feitos a uma repórter nas ruas.

Nos três primeiros anos do programa, além dos convidados, havia reportagens que assemelham-se, no formato, àquelas de programas como o *Fantástico*, na *Rede Globo*, ou *Domingo Espetacular*, na Rede Record. Mais recentemente, muitas reportagens são de fato extraídas de outros programas da mesma rede de televisão. Nestas reportagens, após a opinião do público e da apresentação do tema, um especialista é convidado a analisar a questão, seja ao vivo, ou em uma gravação. Além disso, pesquisas acadêmicas são inseridas nas reportagens, às vezes para confirmar a posição dos apresentadores, outras vezes para serem questionadas.

Ainda nos programas atuais, muitas vezes celebridades são apontadas como exemplos das dificuldades discutidas, colocando em questão o tipo de amor e relacionamento que se vende na mídia. Vez por outra uma celebridade evangélica é chamada para contar a sua história.

325 Disponível em: https://www.facebook.com/pg/EscoladoAmor/about/?ref=page_internal (último acesso em: 25 de maio de 2017).

326 Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/igreja-universal-rede-tv-programacao/> (último acesso em 25 de maio de 2017).

327 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Love_School (último acesso em: 25 de maio de 2017).

No quadro *laboratório*, mostra-se um vídeo de um casal sentado, um de frente ao outro, discutindo os problemas do relacionamento. O vídeo é interrompido por Cristiane e Renato Cardoso de tempos em tempos para apontar os erros que o casal comete, tanto em relação às suas práticas como na maneira de discuti-los. A cada interrupção também são apontadas sugestões no comportamento que podem servir como modelo ao público.

Ao final dos primeiros programas, era feita uma revisão de tudo o que foi aprendido e por vezes eram repassadas algumas lições de casa para os casais ou solteiros telespectadores.

Um quadro, incorporado posteriormente ao programa, foi o “ferramenta”. Neste apresentava-se algum elemento considerado crucial para um bom relacionamento, como, por exemplo, o perdão. Outro quadro que surgiu no decorrer dos anos e depois desapareceu foi a esquete “Papo de homem”. Nela, Renato Cardoso, em conversa com um amigo convidado, discutia condutas de um homem inteligente no relacionamento do casal. Em “Reprovado no teste” são apresentadas esquetes de situações comuns entre casais, ou, como é colocado pelos apresentadores, erros comuns, como: a falta de tolerância, o ciúme.

Mais recentemente, o quadro “Ninguém é perfeito” adotou o formato de reality show. Um jovem e uma jovem, antes de decidir se entram em um relacionamento, seguem passo-a-passo as orientações dos “professores” da *Escola do amor*. Cada encontro é acompanhado pelos telespectadores, onde os participantes confessam aos seus parceiros em potencial os seus vários defeitos e histórias comprometedoras do passado. Ao final, eles devem decidir se este é relacionamento possível de ser levado adiante.

Os programas de 2017 aparecem em um formato mais integrado ao restante da programação da *Rede Record*. Os convidados são jornalistas, apresentadores, atores e atrizes que compõe a grade regular da rede. As reportagens conectam a trajetória e o trabalho dos convidados ao tema principal do programa. Outras alterações nos programas foram: o cenário, também cada vez mais integrado a estética dos programas da emissora; e o próprio modo de se vestir dos apresentadores. Na primeira

exibição da *Love School – Escola do amor*, Renato e Cristiane Cardoso vestiam terno e blazer cinza e se colocavam diante de um cenário de cores escuras e com poucos elementos. Atualmente, o casal se apresenta de maneira mais despojada que se reflete tanto nas roupas, coloridas, camisas menos formais, vestidos, como no corte de cabelo, e nos cenários, mais claro, iluminado e com mais objetos de cena.

O primeiro programa que foi ao ar, apesar de mais precário em termos de produção e esteticamente mais rígido, apresenta muitos dos temas e abordagens que irão se desenvolver, as vezes mais aprofundadamente, nos outros programas. O conteúdo também não difere muito do conteúdo apresentado em seus livros.

Sob um fundo escuro, ao som de uma música romântica, Cristiane e Renato Cardoso interrompem sua dança e Renato diz, enquanto Cristiane sorri:

Bem-vindo, ao nosso programa... você nos assiste agora, dançando essa música linda, essa música romântica... mas eu quero dizer que não foi sempre assim o nosso casamento, não. Inclusive, houve um dia que eu tive que empurrar a Cristiane para fora do escritório para não ficar pior, pra coisa não ficar feia (...). Isso já faz muitos, muitos anos, estamos casados hoje há 20 anos (...).

Nos primeiros minutos do programa, o casal se apresenta como um casal feliz, mas que teve de aprender a alcançar essa felicidade. O sucesso atual dos apresentadores é também a prova de que ambos possuem a *expertise* necessária para ajudar outros casais.

Na introdução de seu livro *Namoro Blindado*, o casal Cardoso classifica três tipos de pessoas: os burros, os espertos e os sábios. Os burros seriam aqueles que insistem em aprender com os próprios erros. Os espertos, aqueles que de fato aprenderiam com os próprios erros. Finalmente os sábios, seriam aqueles que aprenderiam pela experiência dos outros, sem a necessidade de ter que repetir o erro (CARDOSO; CARDOSO, 2016: 8).

O programa segue. Renato eleva ou abaixa o tom de voz, incorporando uma maior dramaticidade ao seu texto, enquanto Cristiane, ao seu lado, assume um complexo mais sério:

Seja bem-vindo ao programa *The Love School – a Escola do Amor*. Por quê “a escola do amor”? Sabe, existe escola para tudo nesse mundo. Você quer aprender

inglês? Tem escola pra inglês. Quer ser engenheiro? Tem escola de engenharia. Tem escola pra tudo: pra pintor, pra carpinteiro, pra ser ator... Tem escola pra tudo nesse mundo. Mas não tem escola pra casamento. Não tem escola pra amor. E eu acho que os dados atuais de divórcio, as estatísticas, provam o resultado disso, que as pessoas têm se casado, têm se unido, mas elas não têm tido as ferramentas, as instruções os conhecimentos necessários pra fazer o amor frutificar. Então nós vamos falar neste programa, vamos tratar neste programa, das coisas que você talvez não saiba como fazer para poder expressar o amor, para poder evitar que situações circunstanciais da vida a dois venham entrar no meio de vocês e separar.³²⁸

A superação do casal se mostra como uma saída de um problema da atualidade: o divórcio. A escola é o lugar de absorção de informações, onde os professores-condutores, a partir de sua *expertise* poderão guiar os “alunos” na solução definitiva capaz de salvar o casamento. Se o amor de Deus é um só, o caminho também é só um e não há necessidade para “tentativas e erros”.

O primeiro quadro do programa, cujo tema é “Voltar com ex”, mostra uma reportagem sobre casais famosos que se separaram e depois voltaram atrás, e que abre com a pergunta “você voltaria com o seu ex?”. O primeiro caso apresentado é do então jogador de futebol Elano Blumer, que depois de 15 anos casado largou a esposa para ficar com a atriz Nívea Stelmann, voltando para a primeira mulher poucos meses depois. O outro caso de destaque foi o dos atores Thaís Araújo e Lázaro Ramos, que após uma separação reataram o casamento. Inverte-se então a pergunta: “Você aceitaria seu ex de volta?”. O casal Cristiane e Renato Cardoso voltam à tela para comentar esta situação, segundo Renato, “cada vez mais comum” de términos e retornos constantes, apontando para o desejo em se manter casado, ao mesmo tempo em que os problemas que se sobrepõe a essa união.

Sobre a pergunta do final Renato Cardoso afirma que não há uma resposta única; que seus pais, por exemplo, vão se casar novamente, mas que em outros casos a reconciliação não é possível. A questão mais correta seria, portanto, de acordo com Renato, o que fez com que um dos parceiros deixasse o outro, depois de anos de casado, acrescentando: “será que o problema que existia antes da separação foi resolvido?”, caso contrário, o retorno é inútil.

328 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZ12z9KX66o> (último acesso em 25 de maio de 2017).

A pergunta “você aceitaria seu ex de volta?” é levada às ruas, no que a maioria das mulheres entrevistadas afirma que não aceitaria o ex. Questionadas, ainda, sobre se a reconciliação com ex daria certo, a maioria afirma acreditar que não. De volta ao estúdio, Renato Cardoso explica novamente porque a maioria dos retornos não dão certo. Cristiane Cardoso acrescenta que insistir no relacionamento por causa dos filhos também não adianta, pois em famílias em que os pais brigam muito os filhos cresceriam rebeldes.

A partir de uma outra experiência, trazida por e-mail por uma das telespectadoras, os apresentadores levantam a questão dos maridos, como Elano, que querem ter uma vida de solteiro, mesmo sendo um homem casado. Afirmam, neste sentido, que algumas pessoas que se casam ficam divididas entre a vida que elas tinham e a vida após o casamento. Para ser homem casado, afirma Renato, “é preciso assumir que você é homem de uma só mulher”. Cristiane acrescenta que isso é parte da aliança, do sacrifício que uma pessoa faz com a outra. Renato começa com a lição:

As pessoas que querem um casamento sólido, que querem a felicidade, tem que saber que é impossível você tirar de uma conta o que você não depositou. Se você quer ter felicidade no seu casamento, você tem que investir no seu casamento, (...) você tem que ir pra escola, você tem que aprender, porque quando você não aprende (...) você vai repetindo de ano.

A relação entre educação e investimento é colocada explicitamente. Assim como a analogia entre um relacionamento e uma conta bancária também explicita o casamento/amor como um capital. Este assunto é uma constante nos programas da *Escola do amor*. Em 01 de dezembro de 2012, com o tema “O banco do amor”³²⁹, Renato abre o programa com as questões: “Imagine você que o seu relacionamento é um banco. Como estaria a sua conta hoje? Positiva ou negativa? será que ultimamente você tem crédito com o seu parceiro? Ou está devendo, e feio?”. Mais adiante, levantando as diferenças entre o homem e a mulher, Renato afirma que o homem – como parte de sua natureza – está sempre pensando no que vai ganhar. Segundo ele, o homem é um negociante nato, e a mulher tem que aprender a negociar também, buscando utilizar algo que o homem valoriza como moeda de troca no lugar de se opor.

329 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7m3DsdhfpBI> (último acesso em: 25 de maio de 2017)

No programa de estreia, Cristiane Cardoso traz a própria experiência para discutir o problema de um casal em um dos quadros do programa que depois viria a se chamar “laboratório”. O problema em questão é a desorganização e falta de iniciativa do companheiro nos afazeres domésticos. De acordo com Cristiane, no início de seu casamento, ela havia procurado mudar alguns hábitos do marido reclamando da bagunça: roupa suja fora do cesto, objetos fora do lugar. Ela afirma que tais reclamações apenas afastavam o marido e a tornavam, em suas palavras, “uma chata”. Foi então que decidiu começar a fazer as tarefas de casa (suas e do marido) sem reclamar, e que tal iniciativa, depois de muito tempo, começou a surtir efeito. A tática estaria em não tentar mudar os hábitos do marido com a insistência, mas “com sabedoria”.

Um pergunta por e-mail permite um outro exemplo. “O que fazer quando o marido só se interessa por futebol e a mulher não gosta?”. No lugar de brigar, a sugestão é que a mulher comece a se inserir neste mundo do marido, comece a assistir aos jogos, se interessar pelo interesse do marido. Com tal disposição a mulher estaria “depositando crédito” na conta do relacionamento, pois ao fazer algo pelo marido, o mesmo cria uma dívida com sua esposa.

Em uma apresentação em Brasília, publicada em dezembro de 2012 no canal do youtube de Renato Cardoso, ele afirma:

O marido às vezes têm complexo de Deus, ele acha que a mulher existe para servi-lo, então ele fica lá no pedestal e quer que a mulher venha se arrastando e servi-lo. E não é isso que é ser cabeça, não é isso que é ser líder. Jesus, que foi o cabeça, que é o líder, o cabeça da igreja, foi o primeiro a se sacrificar. Antes de pedir para que a gente se sacrifique por Ele, Ele se sacrificou por nós, por isso Ele é líder. O homem só é cabeça, só é líder, quando ele é o primeiro a se oferecer em sacrifício pelo seu casamento.³³⁰

O “depósito” no casamento está associado com o sacrifício. É um investimento para o futuro: sacrificar-se agora, para colher os resultados depois. Para ser líder é preciso saber se sacrificar. O pastor só pode ser um guia na medida em que ele é o primeiro a se sacrificar.

Ser líder é ser o primeiro a pedir perdão. Ser líder é se o primeiro a buscar solução. E normalmente – no nosso trabalho a gente vê isso – 80% dos casos, quem busca ajuda é a mulher. O casamento tá acabando, tá afundando, mas é a mulher que vai

330 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4No3wTvTRUE> (último acesso em: 25 de maio de 2017).

buscar ajuda. Quer dizer que o seu marido não tá sendo líder. (...) O líder vai na frente. Então ser líder é você ser o primeiro a fazer uma coisa: ser o primeiro a buscar ajuda, o primeiro a pedir perdão, o primeiro a baixar a voz... Você é o primeiro, e nisto está a sua força. Jesus fez isso e mesmo assim Ele se tornou um líder. Aos olhos dos outros Ele estava sendo fraco inicialmente, foi crucificado, mas depois foi exaltado através do seu sacrifício. Então o homem se sacrifica pela esposa. Ele é o líder, ele cuida dela.

A mulher, ela... Diz a bíblia: “Mulheres, esposas, aceitem a liderança dos seus maridos”. Então quando o marido oferece uma liderança digna de ser seguida, Deus fala pra mulher: “Aceite que o seu marido te lidere”. Ou seja, ela é tão forte, a mulher é tão forte que se ela não deixar, o marido não consegue liderá-la. (...) A grande verdade é que a mulher é mais forte que o homem, sabia disso? **Essa é a verdade: a mulher é mais forte que o homem. Tanto é, que Deus tem que falar: “Mulher, deixe o marido te liderar”. Se Deus não falasse isso, o natural era o homem ser liderado pela mulher, que é o que está acontecendo, hoje em dia.**

[Cristiane:] Infelizmente. (...) ³³¹

A questão da importância da mulher é outro elemento bastante presente nos programas *The Love School*, bem como em outros momentos de reflexão do casal Cardoso. Apesar de colocarem o feminismo como um dos problemas da atualidade, ambos estão sempre enaltecendo a força da mulher. Deste modo, não ignoram os critérios da sociedade contemporânea, mas os adaptam à sua própria causa.

No blog de Cristiane Cardoso, alguns textos são dedicados especialmente ao tema. Em “O que tem de errado em ser feminista?”, escrito por Isabella Barbosa, ela escreve que “O ideal que o feminismo propaga é o de ser uma máquina que derrota homens” e que este ideal se trata apenas de ambição e carreira. Segundo Barbosa,

Para a mulher poder alcançar o ideal de vida (ou seja, a carreira, né), ela tem de negar tudo, família, marido, filhos, e tudo deve estar precisamente cronometrado, obediente e compreensivo, para que ela possa olhar para tudo e todos de cima e ver que está do jeito que ela quer. ³³²

Para finalizar, Barbosa conclui: “Busque ser uma mulher real, não uma que a sociedade quer impor a você”. A crítica ao feminismo, apontada neste texto, valoriza a “mulher-do-lar” enquanto

331 IDEM. Grifos meus.

332 Disponível em: <http://blogs.uniVersal.org/cristianecardoso/pt/o-que-tem-de-errado-em-ser-feminista/> (último acesso em: 25 de maio de 2017)

uma forma de “resistência” aos modelos impostos em nossa sociedade, reproduzindo o argumento feministas por meio de uma inversão de sinais.

Em um outro texto, “Sucesso na carreira vs. no amor”³³³, desta vez publicado no blog de Renato Cardoso, o mesmo coloca a diferença entre uma mulher bem-sucedida e feminina, e aquela que acredita que a saída é pisar no homem para não se tornar uma escrava. Neste texto, apesar de não mencionar o feminismo, ressalta-se que muitas mulheres que não compreenderem o texto o considerarão machista.

Em outros momentos são apresentados dois tipos principais de mulheres: as femininas e aquelas que querem ser como os homens. O casal está constantemente valorizando as diferenças de cada um, incluindo as diferenças entre homens e mulheres. Nesta distinção, ressalta-se que a “mulher de Deus” é a mulher forte, enquanto a outra é fraca por se deixar levar pelo que a sociedade impõe, ou por ter aprendido de maneira errada na própria família. A “individualidade” é, portanto, valorizada, cada indivíduo “é único”, como afirmam em outros momentos, e aqueles que seguirem a moda estarão abrindo mão da própria individualidade. O segredo em lidar com a diferença, para eles, é o encontro de um equilíbrio, que poderia ser traduzido em negociações. A partir deste equilíbrio, elaborado nos planos de Deus, o casal torna-se uma unidade a partir de suas diferenças, conforme afirmam.

Uma das características da *The Love School – Escola do Amor* é buscar lidar com os problemas da atualidade que possam afetar o casamento; do novo lugar da mulher da sociedade – como os relacionamentos entre mulheres mais velhas e homens mais jovens (também como uma derivação das conquistas das mulheres) – às novas tecnologias. Mas no lugar de uma volta ao passado, propõe-se encontrar soluções para os novos problemas.

Além do programa de TV e rádio, o casal realiza, semanalmente, palestras no Templo de Salomão, em São Paulo, intituladas *Terapia do Amor*. As palestras também são realizadas no Rio

333 Disponível em: <http://blogs.universal.org/renatocardoso/blog/2017/05/17/sucesso-na-carreira-vs-no-amor/> (último acesso em: 25 de maio de 2017)

de Janeiro e Minas Gerais, ainda que nem sempre sejam apresentadas pelo Casal Cardoso, mesmo em São Paulo. Além disso, as palestras também acontecem em outras partes do planeta, onde a igreja universal mantém filiais, como Miami e a África do Sul.³³⁴

A *Terapia do Amor* no entanto, não segue exatamente o mesmo formato da *Escola do Amor*. Apesar de estarem em conexão, abordando temas semelhantes nos mesmos períodos, a *Terapia do Amor* é um culto com alguns elementos diferentes.



No dia 8 de junho de 2017, a sessão noturna da *Terapia do Amor* oferecia um encontro para solteiros de 30 anos ou mais.

A sessão começa às 20hs, mas de acordo com o website as portas se fecham às 19:55. Próximo ao horário, desço junto com umas 7 pessoas na Av. Celso Garcia, perto do número 300. Não é possível avistar o Templo, então decido seguir o pequeno rebanho que se formou com as pessoas que estavam no ônibus e outras que já se encontravam na rua. O rebanho me leva ao Templo. Ali, um dos vários seguranças avisa “entrada agora, somente pelo piso de baixo”. Desço as escadas que dão para um imenso estacionamento. Volto a seguir o rebanho e entro na primeira fila: um guarda-volumes onde devem ser entregues celulares, isqueiros e objetos cortantes. O atendimento é rápido. Não há muita espera na fila, devido ao grande número de funcionárias para executar a função. Sem conseguir me localizar, volto a seguir o rebanho. Me deparo com uma série de outras pequenas filas, para homens e para mulheres. Seguranças com detectores de metais examinam cada um e checam as bolsas.

Subo alguns lances de escada e entro por uma grande porta. Do outro lado já acontece o culto. Quem nos guia aqui são mulheres vestidas com uma longa túnica branca. No momento, todos estão em pé, enquanto Renato Cardoso – com uma gravata, diferenciando-se do atual vestuário do programa de TV – fala algumas palavras. O ambiente está à meia-luz e nas laterais os candelabros encrustados na parede são iluminados com uma luz verde. Em um dado momento, pessoas com problemas são chamadas à frente do palco. Muitos se levantam e vão. O espaço é

334 Disponível em: <https://www.facebook.com/events/281699918970842/> (último acesso em 10 de julho de 2017).

*grande, o palco é distante e do fundo o apresentador e as pessoas são muito pequenas, mas o apresentador também pode ser visto em dois telões dispostos nas paredes ao lado do palco. Renato começa a falar dos maus espíritos que habitam as pessoas: a rejeição, a solidão, o ciúme. Ali, Deus irá tirar os maus espíritos. Renato Cardoso, se volta para a arca atrás de um balcão onde estão as tábuas da salvação e começa a falar com Deus. Em alguns momentos as pessoas repetem as palavras que são ditas – e às vezes reproduzidas no telão. Em todo o espaço se ouve as vozes repetindo as palavras. Não parece ter ninguém em silêncio. Alguns se emocionam. Renato Cardoso volta-se então para a plateia e descreve o mal que estes espíritos fazem na vida de cada um, desde o nascimento. Ao final da frase, engrossa a voz e diz: sai espírito. Do grande grupo à frente do palco, ouve-se o grito de uma mulher, cada vez que essa frase é pronunciada.*³³⁵

No decorrer do culto, as referências aos problemas que emergem a partir da família e da infância eram constantes. O próprio Renato Cardoso costuma retomar nos programas *The Love School* os problemas que herdou de sua família desestruturada e que refletiram nos conflitos entre ele e Cristiane Cardoso nos primeiros anos de casados.

O livro *Sexualidade: autoconhecimento e qualidade de vida*, escrito pelos ginecologistas José Bento, Poliani Prizmic, e pela jornalista Maria Cristina Gonçalves, e “abençoado”³³⁶ por Carmita Abdo, psiquiatra, sexóloga e coordenadora do ProSex (Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas), traz uma abordagem sobre o casamento e seus problemas quase idêntica à encontrada no livro do casal Cardoso, ainda que o primeiro se refira somente ao campo da sexualidade.

Os autores, citando Carmita Abdo, afirmam que “algumas pessoas esperam o amor incondicional para aliviar a sensação de ‘nunca terem sido amadas realmente, não terem sido a preferida pela mãe, pelo pai ou na escola’ (...)” (ABDO apud BENTO; GONÇALVES; PRIZMIC, 2007: 60). E acrescentam que, “quando se fala em sexualidade no casamento, esbarra-se em questões comportamentais. Afinal, trata-se da convivência diária de duas pessoas diferentes, que vieram de famílias, modos de vida e pareceres diferenciados (...)” (BENTO; GONÇALVES; PRIZMIC, IDEM).

No segundo capítulo do livro *Casamento Blindado*, afirmam que

335 Texto escrito a partir das anotações do caderno de campo. Para distinguir de outras citações, as anotações do caderno de campo serão apresentadas em itálico e centralizadas na página.

336 Carmita Abdo escreveu o prefácio do livro e é uma das referências principais.

Quando duas pessoas se casam, os passados de ambas também se juntam. E são eles, esses passados, que determinam o comportamento de cada um dentro do relacionamento. Por esse motivo, você não pode olhar somente para a pessoa com quem você está hoje (...). Você tem que saber quem é essa pessoa desde a sua raiz, de onde ela veio, quem ela é, quais as circunstâncias e pessoas que a influenciaram e a fizeram ser a pessoa que é hoje — e tudo o que contribuiu para isso. Somente assim você poderá entender bem a situação e agir com eficácia (CARDOSO; CARDOSO, 2011: 26).

Carmita Abdo também afirma que é recomendável que o casal procure estar em sintonia, atualizando um ao outro sobre o que está acontecendo, o que agrada ou não, como se sentem. (...) O ideal é ser natural e honesto, o máximo que conseguirmos” (ABDO apud BENTO; GONÇALVES; PRIZMIC, 2007: 61).

Foucault (2006b) já havia mostrado como a família passa a compor o discurso psiquiátrico na constituição de uma verdade. Em *Os anormais*, curso proferido no College de France de 1974 a 1975, Foucault (2002) observa como o discurso psiquiátrico se insere na justiça penal para determinar o ato “criminoso” a partir da história de vida do sujeito, fazendo emergir, desta forma, a figura do delinquente. Esta relação entre o sujeito e a origem do mal passa então a determinar quem é este sujeito.

Mas, se no contexto da justiça criminal a identificação do sujeito tem como objetivo a prova para a condenação, no contexto da psiquiatria clínica e da Terapia do Amor, esta identificação tem como objetivo a cura/salvação e, neste sentido, a renovação de um sujeito melhor adaptado em seu papel de cidadão ou de servo de Deus. Esta renovação foi oferecida durante o culto da “Terapia do Amor”:

As pessoas ali estão posicionadas para receberem uma mudança de Deus. Cardoso afirma: “Deus faz uma versão nova de você. Não reforma. Não é uma versão melhorada. É nova!”. Para isso é preciso que cada um deixe o seu “eu” morrer, para que Deus possa construir um “eu” novo. A mudança não é para depois. É imediata.

A mortificação de si é uma das características do que Foucault (2006a) denominou como técnicas do poder pastoral. Em algumas igrejas pentecostais, como a IURD, isto é ainda mais explícito, uma vez que se baseiam no argumento do “renascimento em Cristo”.

No interior do meio religioso esta mortificação é esperada. Sabe-se de antemão que para atingir a salvação é preciso entregar a vida a Deus. Entretanto, ela não é exclusiva do meio religioso. No sistema prisional, a mortificação do sujeito se dá também como uma forma de restauração – é preciso se redimir dos “pecados” contra a sociedade para poder ingressá-la novamente como um bom cidadão. Não é a toa que proliferam as parcerias – oficiais ou não – entre as igrejas e a prisão.

A diferença, no entanto, está que no ambiente religioso a busca pela mortificação é voluntária, enquanto no sistema prisional ela é imposta, ainda que a “salvação” só possa ser atingida voluntariamente.

Na sessão de *Terapia do Amor*, no Templo de Salomão

Cristiane Cardoso se junta ao seu marido no palco e ambos falam das 7 fases da reconstrução do eu. Tudo na vida, afirmam, acontece duas vezes: 1º a visão e 2º o caminho. A visão é a mente. Diversos exemplos são dados de como cada pequena ação que executamos são realizadas primeiro na mente, para então se realizarem fisicamente. Afirmam então que o diabo bloqueia a visão boa na vida das pessoas. No entanto, a visão, como explicam, não é sinônimo de pensamento positivo, mas é o alinhamento à visão de Deus.

A partir da visão, como explica Cristiane Cardoso em uma outra apresentação³³⁷, uma pessoa não teria como errar. Ela complementa que, “se você tem uma visão (...) hoje (...) [vai se] preparar para chegar lá.” Neste sentido a visão poderia ser traduzido num objetivo, em uma finalidade. Conclui que também é preciso ter uma visão para a vida amorosa.

Na estreia do programa *The love school – Escola do amor*, ao salientar a importância de uma escola para o amor, Renato Cardoso lembra que para prender é preciso usar a cabeça e não o coração, pois “o coração gosta de sentir”,

(...) Amor não tem nada a ver com sentimento.. Talvez você diga assim.. você ouve falar isso e “Peraí? Amor não tem nada a ver com sentimento?” Exatamente. (...) O amor verdadeiro, ele não começa com o sentimento. (...) Por exemplo, quando eu conheci a Cristiane, quando a gente se conheceu.. quando eu te vi [virando para ela], eu não te amei.. de cara, como dizem aí: amor a primeira vista. Eu gostei de você. Eu gostei das informações que eu recebi ao seu respeito. (...) Eu gostava da maneira como você se comportava (...) Então eu comecei a conhecê-la. Amar, eu

337 Disponível em: <https://www.facebook.com/criscardosooficial/videos/10155415632536591/> (último acesso em 30 de junho de 2017).

só vim amar você mesmo, depois do casamento (...), porque o amor é você decidir fazer aquela pessoa feliz e tomar as decisões necessárias, fazer os sacrifícios necessários pra isso...³³⁸

O sacrifício no amor está relacionado ao altruísmo. Abdicar de si em nome do outro. Se o modelo do relacionamento do casal deve ser o modelo do relacionamento com Deus, é no cotidiano do casamento que se pode praticar a supressão da própria vontade em nome da manutenção de um “bem” maior.

Porque você está investindo nessa pessoa e recebendo de volta o retorno do seu investimento. Então o amor não é aquele sentimento que você tem inicial. Aquela paixão (...) aquele sentir de gostar de estar bem ao lado daquela pessoa (...) Amor não é sentimento. Quando o amor verdadeiro acontece, aí o sentimento é possível, o sentimento é natural, o sentimento é real. (...) Mas tem pessoa que quer usar a emoção primeiro, sem ter usado a cabeça, sem ter tomado as decisões corretas³³⁹.

O amor para eles deve ser uma escolha racional, com vistas a um objetivo. Desta forma, a educação é importante para se aprender o caminho certo a se tomar, racionalmente. No mesmo programa Renato Cardoso afirma que, “a verdade, o fato é que tem que haver uma escola, tem que haver um aprendizado, tem que haver uma lição (...). Pra você aprender você tem que usar a cabeça, você não pode usar o coração. O coração gosta de sentir”.

Um dos capítulos do livro *Casamento blindado* é intitulado “Casamento como uma empresa”. Tratar o casamento como uma empresa seria uma forma eficaz de lidar com os problemas em seu interior. Reproduzo a seguir alguns dos pontos levantados no capítulo:

Toda empresa tem pelo menos um objetivo. Nenhum negócio existe por existir. Sempre há a busca de resultados (CARDOSO; CARDOSO, 2011: 45).

O casamento também é uma empresa. Ninguém se casa sem objetivos nem sem buscar resultados. Quando os noivos pensam em casamento, estão na realidade pensando em objetivos, sonhos realizados, entre eles: formar uma família; ter filhos; fazer a outra pessoa feliz e ser feliz; estar sempre ao lado de quem ama e se sentir amado; conquistar juntos materialmente; ter alguém que lhe apoie na realização de seus sonhos; alcançar o prazer sexual; ter no parceiro um amigo verdadeiro etc. (IDEM).

338 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZ12z9KX66o> (último acesso em 25 de maio de 2017).

339 IDEM.

O casamento também tem objetivos e existe para produzir resultados, assim como uma empresa. Por que é importante você entender esse paralelo? São os objetivos de uma empresa que guiam tudo o que se faz dentro dela no dia a dia (IDEM: 46)

(...) Quer dizer, o foco no objetivo dita o nosso comportamento. (...) Quando aprendi que o meu casamento é uma empresa, entendi que mesmo as minhas menores decisões e atitudes têm que estar ligadas aos nossos objetivos a longo prazo. Hoje, em nossos raros desentendimentos, sempre me pergunto: que resultado eu quero desta conversa? Daí, trago à mente o meu objetivo, e conduzo a conversa para alcançá-lo (IDEM: 47).

O segredo das empresas de sucesso é não usar a emoção para resolver problemas, e sim a razão. Entendem que não se resolve nada usando sentimentos (IDEM: 48).

No capítulo seguinte continuam as comparações entre o casamento e a empresa:

Daí o outro benefício de ver o seu casamento como uma empresa: entender que ele é o seu maior investimento. Pessoas casadas normalmente são mais estáveis financeiramente e em todas as outras áreas da vida, como: saúde, espiritualidade e família. Não tem sentido você sacrificar suas emoções para ter sucesso no trabalho, mas não no seu casamento. De que adianta ter sucesso profissional sem ser feliz no amor? De que adianta ter tantos bens sem ser feliz na família? (IDEM: 64)

E no seguinte:

Não há como não sentir emoções. Somos apenas carne e osso. Mas temos que saber e crer que também somos seres inteligentes, não apenas animais que seguem seus instintos. Se por um lado estamos sujeitos às emoções, por outro podemos sujeitar as emoções à nossa inteligência (IDEM: 67-68).

Apesar das disputas em torno das verdades que colocam em oposição “religiosos” e “seculares”, a explicitação da abordagem do casamento como empresa mostra – ao menos em relação aos evangélicos – um modo de fazer em comum.

As direções indicadas pelo casal Cardoso poderiam igualmente ser aplicadas a Judeus, Católicos e Ateus. E são. Para citar um brevíssimo exemplo, tomo o best-seller *O código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional*, do psiquiatra e psicoterapeuta, escritor de romances, ex-ateu e atual cristão “sem-fronteiras”³⁴⁰,

340 Cury declarou ter se tornado um Cristão após sua pesquisa sobre a vida de Jesus, em uma entrevista ele declara: “Fui um dos maiores ateus que pisou nesta terra. Mas depois de estudar a personalidade de Jesus sob o crivo da ciência, percebi claramente que ele não cabe no imaginário humano. Tornei-me um cristão sem fronteiras. Mas não defendo uma religião, e dentro das minhas limitações procuro como escritor através do Freemind contribuir com a saúde emocional de todos os homens. Escrevo para dezenas de milhões de pessoas, inclusive para acadêmicos e ateus”. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/conteudo/augusto-cury-lanca-biblia-de-estudo-e-diz-ser-um-cristao-sem-fronteiras> (último acesso em 09 de julho de 2017).

Augusto Cury. Apesar de, aparentemente, seguir o caminho oposto em seu livro, trazendo a emoção para o campo da inteligência, tal divergência se desfaz já em seu “primeiro código da inteligência”: “Código do EU como gestor do intelecto”. A relação pode ser observada em dois breves trechos no interior do capítulo sobre o primeiro código:

Gestão é fundamental para que uma família, uma empresa, uma instituição, uma pessoa, sobreviva. Toda gestão tem etapas e processos que devem ser observados, cumpridos e melhorados (CURY, 2008: 76).

O Código do Eu como gestor da mente humana é o código que decifra como filtrar estímulos estressantes, fazer a higiene psíquica, reciclar pensamentos, reeditar o filme do inconsciente e construir janelas paralelas para superar nossos conflitos (IDEM: 77).

Ainda que não utilizem exatamente os mesmos termos, os dois livros citados trazem a questão do gerenciamento da vida pessoal e o “uso inteligente das emoções”. Mas esta gestão empresarial da vida, esta inteligência emocional, ou emoção inteligente, trazem um outro aspecto no governo das condutas.

Para além das “coincidências” entre os termos *psi* adotados no interior da igreja, como por exemplo “terapia”, e além da utilização de verdades embasadas em um saber científico, muitas vezes de origem *psi*, Foucault (2006b) havia mostrado a relação entre as técnicas disciplinares e o poder pastoral por meio das comunidades religiosas.

Se por um lado, no interior dessas religiões, os “erros” do passado não são objetos de uma punição imediata, e são, inclusive, “perdoados” e “esquecidos” diante de uma mudança na conduta, por outro lado, a própria conduta que se exige reproduz uma característica de punição contínua. É preciso estar constantemente em uma auto-vigília, dirigido por sua própria consciência.

Max Stirner, em seu breve escrito “Algumas observações provisórias a respeito do estado fundado no amor”, afirma que “a consciência, essa instância da moralidade, juiz da moral, soberana do homem moral, diz ao homem do dever que ele agiu corretamente: ‘o que fiz foi-me ditado pela minha consciência’” (2002: 16). Stirner contextualiza esta frase a partir da noção de liberdade moral. Dessa maneira, se é livre, desde que se cumpra com seus deveres. A consciência, portanto,

está relacionada à incorporação de regras de condutas externas, os deveres, ou seja, o que se espera como práticas de um bom cristão, um bom cidadão ou um bom revolucionário. A partir desta incorporação, aquilo que é tido como consciência deverá alertar o sujeito sobre as maneiras que ele deve se conduzir. Uma dos meios pelo qual a consciência funciona é por meio da culpa. Neste sentido, a culpa está ligada a um desvio de conduta e este desvio se relaciona a um objetivo final: o reino do céu, a utopia comunista, um planeta limpo. Portanto, a consciência deve garantir que não haja desvios. Ela é o juiz e a polícia de cada um.

Os pastores não tem o papel de juizes, mas de lembrar o rebanho, o tempo todo, de que estes têm um dever diante de sua consciência. A consciência na doutrina cristã é traduzida como a voz do espírito santo, e, portanto, a voz de Deus.

Ao final do programa de estreia, Renato Cardoso se despede: “Vamos acabando o programa. Vou deixar você com essa música, com esse clipe, muito bonito, essa canção do *The police*: 'Every breath you take'”

A cada respiro seu/A cada movimento que fizer/ A cada elo que você quebrar, cada passo que você der/ Estarei te vigiando.

A cada dia/ Cada palavra que você disser/ Cada jogo que você fizer, cada noite que você estiver/ Estarei te vigiando.

Você não consegue enxergar/ Que me pertence/ Que meu pobre coração doi/ A cada passo que você dá

Cada movimento que você fizer/ Cada voto que você quebrar/ Cada sorriso que você fingir e cada reivindicação sua/ Estarei te vigiando (...)³⁴¹

sexo no templo de deus

Que formoso são os teus pés nos sapatos, ó filha do príncipe! As voltas de tuas coxas são como joias, trabalhadas por mãos de artista.

O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre como monte de trigo, cercado de lírios.

Os teus dois seios como dois filhos gêmeos de gazela.

341 Tradução de trecho da música citada. A música se tornou um grande sucesso como música romântica, no entanto, Sting, que compôs a música em um momento turbulento de seu divórcio, não nega o caráter controlador, possessivo e perturbador da música. Disponível em: <https://youtu.be/LAqBuHXbUns> (último acesso em 9 de julho de 2017).

*O teu pescoço como a torre de marfim; os teus olhos como os viveiros de Hesbom,
junto à porta de Bete-Arabim; o teu nariz como torre do Líbano, que olha para o
Damasco. (...)*

Quão formosa, e quão aprazível és, ó amor em delícias!

A tua estatura é semelhante à palmeira, e os teus seios aos cachos de uva.

*Dizia eu: Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos; e então os teus peitos serão
como os cachos na vide; e o cheiro de tua respiração como o das maçãs.*

*E o teu paladar como o bom vinho para o meu amado, que se bebe suavemente, e faz
com que falem os lábios dos que dormem (BÍBLIA, Cantares de Salomão, 7, 1-9).*

As referências na bíblia, em relação ao sexo, não dizem respeito somente à sua proibição. O sexo, no interior do casamento, é louvado e incentivado.

O livro *Casamento Blindado* dedica um capítulo exclusivamente ao tema. Nele, o sexo no casamento-empresa é uma ferramenta e, de acordo com os autores, umas das principais para “a blindagem” do mesmo (CARDOSO; CARDOSO, 2011: 167). O sexo seria o que manteria o casal unido. Ele também é compreendido como o que expressa pensamentos e sentimentos não verbais. “O sexo não só fala como também cura muitos males no relacionamento. É cientificamente provado que a atividade sexual age como uma limpeza, uma desintoxicação mental e física no casal” (IDEM: 167-168). O sexo é, nos termos do casal: “a moeda mais forte”.

Em um texto intitulado “6 razões porque o sexo antes do casamento prejudica o relacionamento”, Cristiane Cardoso afirma que “infelizmente, o sexo tem sido visto como algo ruim, impuro, cansativo, egoísta, e até carnal por muitos casais, que acabam deixando de ter sexo após o casamento”³⁴². Um das grandes razões para isso, seria pelo fato de muitos casais não esperarem até a noite de núpcias, pulando uma etapa do relacionamento.

Em um outro texto intitulado “A Lagoa azul”, comenta sobre o filme e afirma que, apesar das cenas de nudez, ele mostra como o sexo seria se Adão e Eva não tivessem pecado, como

algo natural, puro, simples, e bonito.(...) o que nos leva a entender como o sexo hoje em dia não tem nada a ver com o que Deus tinha em mente quando nos criou... Sim, somos seres sexuais e o sexo é **muito bom** quando feito dentro do casamento. (...) Atendemos alguns casais com diversos tipos de problemas e

342 Disponível em: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/6-razoes-porque-o-sexo-antes-do-casamento-prejudica-o-relacionamento/> (último acesso em 9 de julho de 2017).

quando vamos ver mais de perto, a raiz de todos os seus problemas está na cama. Um não gosta muito e rejeita o outro, ou simplesmente não sabe que o sexo é para o prazer do outro e não só seu.³⁴³

O momento da relação sexual é o momento em que o casal deve voltar-se inteiramente para o prazer do outro. Desta maneira, ele funciona como um dos pontos de regulação das negociações entre o casal. Conforme o casal Cardoso (2011), é preciso haver um investimento no dia-a-dia para que o relacionamento sexual seja satisfatório. As mulheres, mais do que os homens, já teriam esta compreensão de que o sexo não se reduz ao ato sexual,

É claro que são dois corpos físicos que se envolvem no ato (...). Porém, antes e depois é onde está o verdadeiro começo e fim do que chamamos um ótimo sexo. O antes e depois é trabalho da mente. Sim, o sexo começa e termina na mente. O ato físico é o veículo de expressão, mas a mente é seu motorista e destino ao mesmo tempo (IDEM: 168).

Por um lado, o homem deve cuidar de sua conduta durante o dia: dar atenção à mulher, ajudá-la, tratá-la bem, “a mulher que vem sendo preparada 24 horas por dia por ele não vai precisar de tanta preparação na hora do ato sexual”, ainda que eles considerem que as preliminares também são fundamentais (2011: 173). Além disso, o momento “pós-coito”, também é entendido como parte desta preparação contínua que irá reverberar na próxima relação sexual. Por outro lado, a mulher também deve fazer a sua contraparte, como explica Cristiane Cardoso:

Pouco antes de me casar, muito jovem e inexperiente, minha mãe me instruiu algo sobre sexo que guardei sempre comigo: “Nem sempre você vai ter vontade de fazer amor com o seu marido, mas não vá pelo que você sente. Faça mesmo assim. Depois que começa, você acaba sentindo vontade. Nunca diga não a ele para não deixá-lo se sentir rejeitado.” E até hoje o Renato agradece! (IDEM: 174).

O sexo, portanto, funciona como uma “moeda” que irá regular tanto a conduta do marido, quanto a da própria esposa, ainda que em diferentes momentos do cotidiano do casal.

No entanto, no texto intitulado “O sexo como moeda de troca”³⁴⁴, no website da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) – igreja associada ao casal –, o sexo como moeda de troca é vinculado

343 Disponível em: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/a-lagoa-azul/> (último acesso em 9 de julho de 2017).

344 Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/sexo-como-moeda-de-troca> (último acesso em 09 de julho de 2017).

à banalização do mesmo. Mas neste caso eles se referem ao sexo fora das relações estáveis e como troca por bens e serviços na internet.

Há mais de um século, a anarquista Emma Goldman publicou o texto *Marriage and love*, em que coloca o casamento e o amor como diametralmente opostos. Neste sentido, compara o casamento a um contrato de seguro.

O casamento é primeiramente um arranjo econômico, um pacto de segurança. Ele se distingue do seguro de vida comum, apenas porque é mais compulsório e mais exigente. Seus retornos são insignificantes comparados ao [outro] investimento. Ao tomar uma apólice de seguros, a pessoa paga em dólares e cents, e sempre tem a liberdade de descontinuar os pagamentos. Mas, no entanto, se o prêmio da mulher é um marido, ela paga por isso com seu nome, sua privacidade, seu amor-próprio, sua própria vida, “até que a morte os separem”. Além disso, o seguro do casamento a condena a uma vida inteira de dependência, parasitismo, e inutilidade completa tanto individual como socialmente. O homem também paga sua tarifa, mas sua esfera é mais abrangente, o casamento não o limita tanto quanto à mulher. Ele se sente mais acorrentado no campo econômico (GOLDMAN, 1910: 91).

Parte da crítica de Emma Goldman, no entanto, se restringe à forma comum do casamento, no momento em que escreve, ao assinalar que os investimentos no casamento não tinham um retorno tão satisfatório e eram condenados a serem eternos, sem rompimento de contrato. Atualmente, observa-se que se investe no casamento de maneira que seus retornos “econômicos” e “emocionais” valham a pena. E que se possa extrair utilidade tanto do homem quanto da mulher. Mas o casamento continua sendo um investimento e um pacto de segurança. O casamento é, inclusive, uma garantia de que haverá retorno nos investimentos e a segurança de se alcançar os seus objetivos – sociais e financeiros.

Com foco no “bom casamento” como finalidade, outras práticas relacionadas ao sexo são analisadas, a partir, especialmente, de perguntas levantadas pelos próprios “fiéis”. Entre essas práticas estão a pornografia, o uso de aparatos para incrementar a vida sexual, e a masturbação.

O sexo anal, também figura entre algumas das práticas colocadas em questão, mas neste caso a resposta é simples, pois a prática seria condenada na própria bíblia, bem como relações entre pessoas do mesmo sexo. O sexo anal é tido como prática contra a natureza, mas ainda que tenha a

bíblia como respaldo, artigos de “cunho científico”³⁴⁵ são utilizados para mostrar que, além da palavra de Deus, a ciência também comprova os seus malefícios.

No caso da pornografia, ainda que não esteja na bíblia, há um consenso na IURD de que ela seja um dos grandes males da atualidade nos relacionamentos. Um dos problemas com a pornografia seria a “objetificação da mulher”, que poderia até resultar no aumento de casos de estupro³⁴⁶. O outro problema com a pornografia seria vender uma realidade ilusória de como as relações sexuais deveriam ser, acarretando em prejuízos como a falta de libido entre o casal.

Elementos externos trazidos pela mídia para “apimentar as relações” são vistos sempre como uma forma de contaminação que trariam mais prejuízos ao corpo e ao espírito do que benefícios ao casamento. Entre o que se referem como “lixo” na atualidade, estaria a trilogia *Cinquenta tons de cinza*. Ainda que o livro lide com a mulher virgem que espera seu grande amor e que faz de tudo para salvá-lo de si mesmo, corando esta busca com um casamento, a IURD, não desconhece os efeitos em relação as desejos que o livro desperta, acusando-o de incentivar o abuso e a objetificação da mulher³⁴⁷.

A masturbação, geralmente associada ao que chamam de “vício da pornografia”, tem uma abordagem mais amena. Ao responder à questão “Masturbação é pecado”, o Bispo Edir Macedo recorre à especialista, Eunice H. Higuchi, médica e integrante da Igreja. Do ponto de vista científico, Higuchi apresenta os argumentos sobre os hormônios na adolescência, atestando para a naturalidade da prática, com exceção de quando se torna compulsiva.

Espiritualmente, a masturbação é uma inclinação carnal. O ato em si não é pecado. Mas, sim, o motivo pelo qual é feito. Ou seja, o pensamento que o motiva. Conciliar a boa consciência cristã e tal prática é impossível, penso eu. O que fazer? Paulo ensina: É melhor casar do que viver abrasado. Mas, e os abrasados

345 Uma das fontes utilizadas são as orientações da palestrante espírita, de Anete Guimarães – apresentada como Doutora. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=6&v=2K-_IBVuj3k; <http://noticiasdauniversal.blogspot.com.br/2012/01/perguntas-e-respostas-sexo-anal.html> (últimos acessos em 9 de julho de 2017).

346 Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/os-estragos-da-pornografia> (último acesso em 09 de julho de 2017).

347 Disponível em: <http://blogs.universal.org/renatocardoso/blog/2015/02/03/as-doutrinas-de-cinquenta-tons-de-cinza/> (último acesso em 09 de julho de 2017).

impedidos de casar? Acredito que a masturbação seria a saída mais segura. Isso se não houver intenção impura no coração. Mateus 5.28³⁴⁸

Em um vídeo publicado em seu blog, Renato Cardoso responde à questão da masturbação. Para ele o problema com a masturbação seria menos o ato em si, mas o que este envolveria, citando a importância da autodisciplina. Neste sentido, uma das razões para não se masturbar seria desenvolver esta autodisciplina em relação às próprias vontades³⁴⁹. Com relação aos efeitos benéficos da masturbação, lembra que há um mecanismo no corpo que resolve isso “naturalmente”: a chamada poluição noturna, que é involuntária e por isso não apresenta problema algum.

Uma crítica comum levantada pelo casal Cardoso ao investimento em novos elementos para o prazer que fogem do que seria o “natural” está relacionada ao egoísmo. Todos estes novos elementos teriam como objetivo o prazer egoísta, enquanto a relação entre um homem e uma mulher deveria ser a maior expressão de altruísmo, em que o sexo é praticado com vistas ao prazer do outro. “O foco é a outra pessoa, não você! Se ela alcançar o prazer, o seu será uma consequência. Por isso, leve em conta o que é importante para a outra pessoa” (CARDOSO; CARDOSO, 2011: 171-172).

A abordagem em relação ao sexo nas diferentes igrejas evangélicas também tem suas variações. A Pastora/Missionária evangélica Sarah Sheeva, filha de Baby do Brasil, coloca as relações sexuais acima do casamento em si. No lugar de atribuir ao sexo um papel fundamental no casamento, ela compreende que este seria o próprio denominador da aliança entre duas pessoas.

Entretanto, diferente do objetivo da *Escola do Amor*, o casamento para ela não é sinônimo de sucesso, e, portanto, seus investimentos em relação aos solteiros não se restringem a encontrar um bom casamento, mas serem solteiros “em Deus”³⁵⁰.

348 Disponível em: <http://noticiasdauniversal.blogspot.com.br/2012/01/masturbacao-e-pecado.html> (último acesso em 09 de julho de 2017).

349 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FpFhw67Wgts> (último acesso em 09 de julho de 2017).

350 Disponível em: <https://sarahsheeva.wordpress.com/2014/06/04/ser-casada-nao-significa-ser-vitoriosa-e-melhor-estar-so-do-que-mal-casada/> (último acesso em: 09 de julho de 2017).

O sexo, para Sheeva, mais do que o casamento, representaria uma transferência de espíritos onde os dois se tornariam um – o sexo é o que sela o casamento.³⁵¹ Da mesma forma, seria por meio do sexo que uma pessoa abriria as portas para os “maus espíritos” e para os “demônios” que afligem outras pessoas. Em um de seus vídeos-repostas³⁵², Sarah Sheeva orienta um autodenominado cristão que diz viver em conflito com o fato de ser homossexual, tendo praticado o sexo gay quando jovem. Após esclarecer que não tem preconceito contra gays, que compreende que algumas pessoas fazem essa escolha e são felizes, Sheeva se atém ao fato que ele estar procurando ajuda como cristão, por essa não ser uma prática “de Deus”. Apesar de não responsabilizar as experiências sexuais do passado do rapaz, Sheeva assinala que o sexo com outros rapazes podem sim ter contribuído por seu período de promiscuidade, uma vez que colocaram seu espírito em contato com os demônios do outro rapaz.³⁵³

Cristiane Cardoso, apesar de não se referir ao sexo como uma transferência de espíritos, ressalta a “bagagem” que a relação sexual com outras pessoas acarretam ao futuro³⁵⁴. A posição de Sarah Sheeva em relação à masturbação também se assemelha muito à do casal Cardoso. Neste sentido, Sheeva também se refere às etapas na vida colocada por Deus, e a masturbação como uma maneira de atravessar a etapa do prazer sexual que deve ser realizada somente no interior de um relacionamento “abençoado”. Em referência às necessidades biológicas também se respalda na poluição noturna, como uma solução natural e divina. A “estimulação”, portanto, seria um ato de rebelião contra o tempo de Deus. Para ela, a “Rebelião é provavelmente um dos piores pecados que existem. Portanto, é pecado tanto para homens solteiros, quanto para mulheres solteiras”³⁵⁵. A rebelião e a mentira seriam características do diabo.³⁵⁶

351 Disponível em: <https://sarahsheeva.wordpress.com/2014/05/13/sexo-e-transferencias-de-espiritos/> (último acesso em 09 de julho de 2017).

352 Sarah Sheeva responde todas as perguntas que lhe são enviadas por vídeos publicados no youtube, a fim de alcançar outras pessoas que possam ter o mesmo questionamento.

353 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CMCfQ_OSKo4 (último acesso em 9 de julho de 2017).

354 Ver nota 315.

355 Disponível em: <https://sarahsheeva.wordpress.com/2015/08/04/porque-a-masturbacao-e-pecado-para-os-solteiros/> (último acesso em 9 de julho de 2017).

356 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=noxxubH1NY4> (último acesso em 09 de julho de 2017).

Cristiane Cardoso trata do mesmo assunto em um contexto diferente, não relacionado ao sexo, mas em torno da questão da vontade. Em 2014, instigada pela moda, Cristiane Cardoso resolveu aderir às calças jeans rasgadas – ainda que com um rasgo falso para não mostrar a pele. Sua mãe tentou convencê-la de todas as maneiras que aquela roupa não era para ela. Cristiane Cardoso ignorou os conselhos da mãe, até que um dia em uma reunião com algumas das jovens da igreja, sua mãe trouxe o assunto. A solicitação de Ester, mãe de Cristiane, foi atendida prontamente por todas, menos por Cristiane Cardoso, que continuou com sua “resistência” (termo da própria). Até que, em suas reflexões, ouviu uma “voz”: “Por que você está resistindo tanto à ideia de não usar uma calça jeans? Será que a calça jeans é tão importante assim para sua vida? O que está por trás dessa resistência, Cris?”³⁵⁷

Cristiane Cardoso atribuiu à voz ao espírito santo e concluiu “quando há muita resistência, tem o dedo do diabo ali. Pergunte a si mesma o porquê de tanta resistência e você vai ver que, no fundo, é um orgulho escondido dentro de si”³⁵⁸

Em outro momento Cardoso afirma que “desde pequenininha, essa foi uma das lições que mais me lembro minha mãe ensinar. O importante é fazer a vontade de Deus, ela dizia”³⁵⁹.

Em relação aos problemas no próprio casamento, ressalta que “foi por isso que não tivemos problemas mais sérios. Foi por isso que mesmo com nossas dificuldades, conseguimos ser felizes. Porque a vontade de Deus era mais importante do que a minha própria”³⁶⁰

Apesar de aparentemente seguirem linhas diferentes, o Ministério de Sarah Sheeva e do Casal Cardoso se aproximam em uma abordagem comum que guiam as condutas por meio de um fim específico próprio, mas não exclusivo, de qualquer religião. Para além disso, a religião evangélica tem uma característica específica, que a difere da religião católica, por exemplo, quando a redenção dos pecados não se dá pela confissão ao intermediário de Deus, pela relação direta com o mesmo,

357 Disponível em: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/calca-jeans-rasgada/> (último acesso em 09 de julho de 2017).

358 IDEM

359 Disponível em: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/o-que-minha-mae-me-ensinou-sobre-casamento-que-me-serve-ate-hoje-xi-2/> (último acesso em 09 de julho de 2017).

360 IDEM

por meio de uma transformação cotidiana em suas condutas. A consciência de cada um é o seu próprio juiz. Ainda que a cada um dos pastores sejam chamados a orientar seu rebanho a todo mundo, inclusive pelo mesmo artifício de sites voltados à sexualidade, com sessões de perguntas e respostas.

A confissão não é algo tão relevante na religião evangélica quanto na católica. Em contrapartida, os testemunhos, públicos e não coercitivos, servem de exemplos a serem seguidos para o resto do rebanho. Ao mesmo tempo valorização da “transparência”, especialmente entre o casal, acaba também reatualizando o papel da confissão. As experiências pessoais de cada um dos pastores – Renato e Cristiane Cardoso, Sarah Sheeva, e todos os outros – funciona como um ensinamento que deve ser assimilado como uma lição. Sarah Sheeva volta seus ensinamentos especialmente à mulheres solteiras e jovens, pois tem *expertise* para tal. Da mesma forma, o casal Cardoso se volta aos casados ou aqueles que desejam casar, pois é também esta *expertise* que sua experiência lhe proporcionou.

o sexo no casamento entre a religião e o mercado

Apesar de elementos “não-naturais” no relacionamento sexual serem condenados por grande parte das igrejas evangélicas, em 2008 surgiu nos Estados Unidos uma das primeiras sexshops para evangélicos *online*. Conforme notícia no site *Gospel+*, a *Book22* teria surgido quando sua criadora, Joy Wilson, ao procurar produtos para melhorar o seu casamento, se deparou com muita pornografia. “Por isso, ela resolveu começar seu próprio sex shop livre de pecados”³⁶¹. Em outra notícia, em citação ao website da loja, afirma-se que a “Book22 só vende para casais porque, como diz bíblia, ‘o homem e a mulher são uma só carne’,” acrescentando, “Queremos incentivar o plano de Deus para que as pessoas continuem sexualmente puras”.³⁶²

361 Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/sex-shop-gospel-evangelico-pode-ir-sexy.html> (último acesso em 10 de julho de 2017).

362 Disponível em: <http://galatas2-6.webnode.com.br/news/amor%20em%20cristo%3A%20jesus%20tem%20ajudado%20o%20sex%20shop%20cris%C3%A3o.%20diz%20proprietaria%20/> (último acesso em 10 de julho de 2017).

No Rio de Janeiro, em 2012, um evangélico solteiro, Maicon Santos, montou a loja virtual, *SexshopGospel*, cujo site também se encontra fora do ar. De acordo com notícia veiculada no *Gospel+*, a loja seria voltada para casais e com produtos mais “leves”, “Não temos artigos sadomasoquistas, anais, nem homossexuais”³⁶³.

Em notícia vinculada no site da ABEME (Associação Brasileira do Mercado Erótico e Sensual), em 2012, procurou-se mostrar uma mudança no meio evangélico, com relação ao sexo, ressaltando a importância dos casais em explorar o prazer, especialmente das mulheres, que carregariam ainda um estigma de pecado em relação ao próprio prazer. Duas pastoras, responsáveis por inserir o tema em sua igreja com a palestra “o poder do sexo”, afirmam, de acordo com a notícia, “que as mulheres têm um órgão – o clitóris – cuja única função é dar prazer às mulheres. Foi dado por Deus, não há porque ignorá-lo”³⁶⁴. Além disso as pastoras venderiam de cremes e roupas sensuais para ajudar a apimentar a vida do casal, sem que ele tenha que enfrentar o constrangimento de entrar em uma sexshop.

Em 2015, a ABEME lançou o *Guia Gospel para Sexshops e Consultores de Casais*. O livro é resultado de um projeto que já se anunciava em 2013. No mês de maio desse ano, a ABEME anunciou: “Associação do setor quer a participação de pastores e fiéis na elaboração [de um manual gospel] e já conta com especialistas do mercado erótico, sexólogos e médicos para iniciar o projeto”³⁶⁵. Em uma reportagem com o Pastor Cláudio Duarte, acerca do crescimento das sexshops entre evangélicos, ele afirma que alguns produtos, como géis lubrificantes, podem ser benéficos para o casal, mas outros que saem do “contexto da santidade”, usando como exemplo o pênis de dupla penetração³⁶⁶.

363 Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/sex-shops-voltados-publico-evangelico-chegam-brasil-voce-concorda-pratica-52737.html> (último acesso em 10 de julho de 2017).

364 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/pastora-evangelica-incentiva-uso-de-produtos-estimulantes-e-roupas-sensuais-em-palestra/> (último acesso em 10 de julho de 2017).

365 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/abeme-inicia-estudo-para-criacao-de-manual-gospel-para-sexshops/> (último acesso em 21 de maio de 2017)

366 Disponível em : <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-claudio-duarte-comenta-relacao-evangelico-sex-shop-60298.html> (último acesso em: 10 de julho de 2017).

Em divulgação da primeira reunião para elaboração do manual, publicada no site da ABEME em janeiro de 2014, destacou-se que,

Este Projeto (...) tem como objetivo desenvolver um manual digital no formato ebook para ser distribuído gratuitamente para os vendedores / revendedor de produtos eróticos como um orientador de atendimento e de produtos baseados em boas práticas comerciais, na palavra bíblica e na saúde e bem-estar dos casais casados. Para participar é necessário comparecer às reuniões com vontade de colaborar para o bem do projeto, os profissionais do mercado erótico devem ser associados a ABEME.³⁶⁷

Ainda no anúncio de 2013, o foco nos casais já havia sido destacado: “Antes de debater esta questão, é importante frisar que o sexshop nasceu como uma loja de ajuda marital, ou seja, a ideia desde o início foi orientar os casais unidos maritalmente”³⁶⁸.

O encontro que aconteceu em 29 de janeiro de 2014 em São Paulo teve como tema: “Quem está apto para atender adequadamente o público evangélico no mercado erótico?”; o segundo encontro, programado para acontecer em fevereiro do mesmo ano, na Praça do Conhecimento³⁶⁹, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, teve como tema: “Os Produtos Sensuais no cenário Gospel”, ambos com a participação da ABEME, bem como de pastores e fiéis³⁷⁰.

O resultado do projeto, o manual, deveria ser disponibilizado inicialmente somente para associados da ABEME, em dezembro de 2014, em formato digital.

Em 2015, na 22ª edição da *Erotika Fair*, ocorreram, simultaneamente, os lançamentos do *Guia gospel* em versão de papel, à venda para o público geral, e da linha de produtos cosméticos eróticos *In Heaven* da marca *INTT*, para evangélicos. Somado ao lançamento, foi realizada uma palestra no auditório da *Erotika Femme*, com os autores do livro.³⁷¹

367 Informação publicada em: “Reunião do Projeto Gospel para Sexshops marcada para o dia 29 de janeiro em S. Paulo” (08 de janeiro de 2014). Disponível em: <https://www.abeme.com.br/reuniao-do-projeto-gospel-para-sexshops-marcada-para-o-dia-29-de-janeiro-em-s-paulo/> (acesso em 21 de maio de 2017).

368 Ver nota 338.

369 A praça integra o projeto “Nave do Conhecimento”. Disponível em: <https://navedoconhecimento.rio/#/pracaconhecimento/projeto> (último acesso em 21 de maio de 2017).

370 Informação publicada em: “Projeto Gospel para Sexshop chega ao Rio de Janeiro” (30 de janeiro de 2014). Disponível em: <https://www.abeme.com.br/projeto-gospel-para-sexshops-chega-ao-rio-de-janeiro/> (último acesso em 21 de maio de 2017).

371 Informação publicada em: “*Erotika Fair*: Livro Guia Gospel para Sexshops será lançado pelos autores” (4 de março de 2015). Disponível em: <https://www.abeme.com.br/erotika-fair-livro-guia-gospel-para-sexshops-sera-lancado-pelos-autores/> (último acesso em 21 de maio de 2017).

O livro foi produzido a partir de depoimentos durante as reuniões realizadas pela ABEME (Associação Brasileira do Mercado Erótico e Sensual), e com a ajuda de pessoas envolvidas no mercado erótico evangélico. Paula Aguiar, presidente da ABEME, entrou no rol de autores como representante da Associação. O casal João Paulo de Carvalho Ribeiro e Lidia Bueno Ribeiro, membros da congregação Cristã no Brasil – “uma das mais rigorosas igrejas evangélicas do mundo” (AGUIAR, et alli, 2015: 94), de acordo com o *Guia* –, também estão incluídos entre os autores. Ambos atuam como consultores de casais e possuem uma sexshop na cidade de Jandira, em São Paulo, a *Secret Toys*, “a única Sexshop na cidade” (IDEM). Lidia Ribeiro é formada administração e possui pós-graduação em Educação e Terapia Sexual na Saúde e na Educação, pela CEFATEF³⁷², e João Paulo Ribeiro é formado em Vendas e Marketing. Thelma Regina, outra das autoras, é “evangélica desde 2011 na Igreja Batista Água Viva”. Além do trabalho com aconselhamento de casais, *Life Coaching* para mulheres e divulgação de produtos sensuais, Regina realiza orientação de crianças e jovens em relação às questões sexuais. É formada em pedagogia pela Unicid e possui pós-graduação em Educação Sexual pela Unisal. Finalmente, completando o grupo de autores, Leila Emilia Campos, fundadora da *Mata Hari Boutique Sensual*, no Rio de Janeiro, é formada em Gestão de Recursos Humanos e Gestão Empresarial, recentemente – de acordo com o website da empresa – realizou o curso de “Capacitação Sexual: Saúde e Educação Sexual através da Vivendo Melhor-SP e atualmente é pós-graduanda em Terapia Sexual-SP no Instituto Doctum / Cefatef.”³⁷³. Apesar de não se identificar com o segmento evangélico no livro, se apresenta como uma mulher casada.

O livro anuncia o aumento do segmento evangélico no setor erótico, os preconceitos a serem rompidos e a importância deste mercado na vida do casal. A publicação impressa se deve à parceria com a marca INTT, também responsável pela criação da linha de cosméticos *In Heaven*, voltadas

372 Organização ligada à ABRASEX, uma das principais parceiras da ABEME e na *Erótika Fair* no campo da educação sexual.

373 Disponível em: <https://www.mataharibs.com.br/idealizadores> (último acesso em 21 de maio de 2017).

para o público evangélico. O “Projeto Gospel” é descrito brevemente na introdução. Em seguida, assinala-se que

A proposta [do guia] além de orientar o atendimento ao consumo é promover o diálogo, é fazer uma reflexão sobre a importância do sexo para a manutenção do casamento e conseqüentemente fortalecer a união familiar. (IDEM: 9)

Antes da história das sexshops e mercado erótico pelo mundo, Beate Uhse é apresentada como a grande fundadora da sexshop, e como essa criação estava atrelada a preocupações voltadas ao casamento. Uma breve história das sexshops pelos Estados Unidos e Europa é introduzido com uma ênfase maior na questão feminina, e apenas nos anos 1980 o investimento no consumidor masculino teria criado o formato de sexshop associado com a pornografia. No Brasil o caminho foi oposto. As primeiras sexshops aqui seguiriam os modelos masculinos estadunidenses e só atualmente é que as mulheres têm crescido como consumidoras nesse mercado.

Depois de algumas outras informações em relação ao mercado de venda direta, a questão do sexo e religião é colocada com dados de pesquisa, orientações e regras prescritas na bíblia e por algumas igrejas.

O *Guia* orienta, então, o vendedor/consultor na venda ou consultoria de produtos e para casais: como se portar, como apresentar os produtos, como abordar os assuntos, quais assuntos não abordar e também o fato de que as diferentes igrejas, congregações, não seguem as mesmas orientações em relação ao uso ou não de produtos “sensuais”. São indicados os produtos no mercado mais bem-aceitos entre os evangélicos, e aqueles que não devem ser sugeridos, a não ser que solicitados diretamente.

Grande parte dos produtos indicados fazem parte da categoria de cosméticos. De acordo com o *Guia*, eles são: mousse efervescente (para massagem), vela de massagem beijável, óleo de massagem térmico, excitante feminino, excitante unissex, retardador de ejaculação, vibrador líquido (feito com substância da amazônia que produz sensações vibrantes), lubrificante à base de água, preservativos (AGUIAR, et alli, 2015: 70-73).

Entre os produtos não indicados – a não ser sob solicitação –, estão: gel de sexo anal, gel comestível de sexo oral (a não ser quando apresentado com outras funções que não o sexo oral), lingerie e fantasias (apesar de ser um artigo que evangélicos acabam comprando, o guia indica que para este tipo de produto é importante que o casal esteja de acordo antes de comprar), vibradores (apesar de ser um produto que não deve ser oferecido a evangélicos, há no guia alguns parágrafos dedicados ao produto e seus benefícios para o sexo e para a saúde), acessórios (brinquedos) e próteses (os brinquedos com maior aceitação entre os evangélicos, são aqueles que não possuem formatos fálicos) (IDEM: 73-76).

A partir de alguns depoimentos, são colocadas situações rotineiras e as melhores maneiras de lidar com elas, bem como os preconceitos que podem surgir entre os próprios vendedores/consultores em relação à abordagem ao público evangélico.

O interesse no investimento no público evangélico acompanha o crescimento da religião no Brasil, que, de acordo com pesquisa do IBGE de 2010³⁷⁴, somou mais de 22% da população no país (IBEGE, 2012: 91-92). Ao mesmo tempo, cresce o próprio investimento evangélico em cursos e consultorias especializadas para casais.

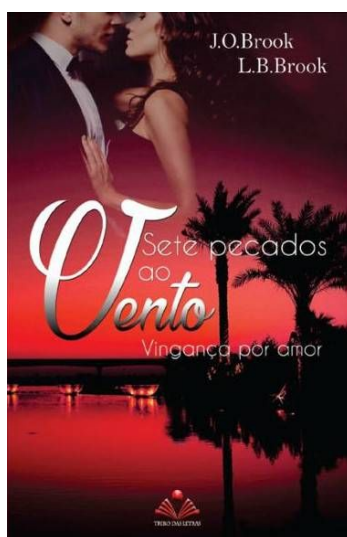
O casal João e Lídia Ribeiro adentraram no mercado com a venda de cosméticos de porta-a-porta com o objetivo de incrementar a relação do casal. Com o tempo abriram um sexshop em sua cidade natal e ampliaram o público para além do evangélico, incorporando em entre os produtos: próteses penianas, vibradores, chicotes. Eles afirmam que o seu foco é ajudar casais. Essa seria a missão do casal Ribeiro. Os problemas de um casal hétero, segundo afirmam, são os mesmos problemas de um casal gay. João Ribeiro afirma ainda que “fé é uma coisa e a prática profissional é outra.(...) Jesus Cristo quando veio à terra só deixou um mandamento: ‘amai ao teu próximo como

374 O Censo de 2010, realizado pelo IBGE, mostra o crescimento da população evangélica no país – como a segunda religião mais popular, depois do catolicismo – enquanto aponta para um decréscimo entre os católicos, ainda que o catolicismo continue sendo a religião com maior número de adeptos no país (IBGE, 2012).

a ti mesmo’, não especificou como tinha que ser o próximo”³⁷⁵. João Ribeiro afirma, que enquanto terapeutas sexuais, eles aprenderam a respeitar todas as religiões e os dogmas de cada uma.³⁷⁶

Lídia Ribeiro afirma que eles não vendem só produtos, “nós vendemos a informação”³⁷⁷. Este argumento é largamente difundido nas palestras e depoimentos associados à ABEME (Associação Brasileira de Empresas do Mercado Erótico e Sensual). Enquanto o casal teve que lidar com alguma “resistência” por parte das igrejas, a parceria com a ABEME abriu portas para que realizassem outras atividades, além da venda de produtos.

Em 2016, o casal publicou *7 pecados ao vento: Vingança por amor*, o primeiro livro de sua trilogia erótica, composta ainda pelas partes: *Tudo por Amor* e *Viver Por Amor*. O livro é assinado por J.O. Brook e L.B. Brook, e a opção de adotar um pseudônimo, ainda que não fosse secreto, se deu para distinguir as atividades que realizam, pois “assim não comprometemos nosso trabalho como consultores de casais”³⁷⁸



João Ribeiro afirma, ainda, que o romance tem o objetivo de não atingir somente o público evangélico. Neste sentido, de acordo com notícia na revista *Veja*, a religião só entra no último livro,

375 Disponível em: <https://seuhistory.com/microsite/history-now/news/conheca-o-sex-shop-evangelico> (último acesso em 10 de julho de 2017).

376 Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/1xu2xa5tnz3h/dono-de-sex-shop-evangelico-faz-papel-de-terapeuta-de-casais-04024C183566D0A15326?types=A&> (último acesso em 10 de julho de 2017).

377 Ver nota 349.

378 Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/blog/sexo-e-a-cidade/conheca-a-trilogia-cinquenta-tons-de-cinza-evangelica/> (último acesso em 12 de julho de 2017).

além disso, há na história um casal homossexual, sobre o qual João Ribeiro afirma: “Por causa do nosso trabalho com sexo, passamos a aceitar melhor a diversidade”³⁷⁹.

Atualmente eles realizam palestras em igrejas evangélicas e também para o público não evangélico. Em 2016, participaram de palestras durante a IV Convenção MIESS, “evento de lingerie e sexshop no Brasil”³⁸⁰, sobre o mercado de sexshop voltado para o público evangélico. No mesmo ano, as palestras foram organizadas pela Intt cosméticos – marca que abriga uma linha gospel –, com os temas: “Mercado Evangélico sem Crise”, “Técnicas de Venda de Cosmético Sensual”, “Consultoria de Casais – Ajude seus Clientes”. Em abril de 2017, participaram da *Sexy Fair*, no Rio de Janeiro, com as palestras: “O mercado erótico e o público evangélico” e “Produtos eróticos na era da revolução sexual cristã”³⁸¹.

Ainda no ano de 2017, na cidade de Jandira, interior de São Paulo – onde possuem a loja –, o casal realizou uma palestra em uma escola estadual para jovens “sobre prevenção, sexualidade, respeito e relacionamento de casais”, a convite da prefeitura.³⁸² De acordo com Lídia Ribeiro, “fazer uma palestra de educação sexual é importante para alertar tanto dos riscos de se contrair doenças, quanto da importância de respeitar etapas da vida para a formação do indivíduo”³⁸³

O mercado se explicita mais uma vez como espaço de negociações. É preciso ceder para que este “casamento” “dê certo”. A lógica da empresa aplicada ao casamento tem sua contrapartida nos “casamentos” realizados no interior do mercado. *Ceder* é um termo importante no âmbito do casamento. Não resistir, não se impor, sacrificar-se por um bem maior, seja ele o sucesso do empreendimento do casamento ou do empreendimento dos negócios.

De um lado, ajustes no interior do mercado ampliam seu alcance de público. As negociações permitem uma atenção focada em um público específico: um guia sexual que dará as diretrizes de

379 IDEM.

380 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/convencao-dia-02-apresenta-sexualidade-emprededorismo-digital-e-atendimento-gospel/> (último acesso em 12 de julho de 2017).

381 Disponível em: <http://www.feiraerotica.com/programacao.html> (último acesso em 10 de julho de 2017).

382 Disponível em: <https://www.abeme.com.br/casal-evangelico-donos-de-sexshop-palestram-sobre-prevencao-em-escola/> (último acesso em 11 de julho de 2017).

383 IDEM

conduta; uma linha de cosméticos que se adapta a essas diretrizes. Do outro lado, o sucesso duradouro desse *casamento*, para ambas as partes, depende que também sejam feitas concessões. O sucesso do empreendimento comercial do casal evangélico só é possível se este não se ater exclusivamente ao público evangélico, que ainda não é “forte” o suficiente para sustentar um mercado exclusivo. E, ainda que um mercado exclusivo seja possível, a integração com um mercado mais amplo permite sua entrada em outros espaços, mas sempre adaptado e cedendo às circunstâncias.

Emma Goldman já havia anunciado esta estreita relação entre o casamento e as relações econômicas, alertando ainda para sua proximidade com as empresas de seguros. O papel de uma companhia de seguros é garantir um ressarcimento econômico diante de uma situação de risco, de modo a extingui-lo ou minimizá-lo. Da mesma maneira, um contrato de casamento, diante do Estado, assegura os direitos à herança, propriedades, além de intermediar as negociações em torno dos bens e dos filhos no caso de divórcio. Mas independente dos contratos legais, o casamento também se pretende como garantia de uma estabilidade familiar e emocional entre um casal.

Portanto, além das negociações, tanto o mercado quanto o casamento são espaços que procuram garantir certa segurança de circulação. Circulação dos bens em um meio restrito, circulação dos pares – não necessariamente em caráter de exclusividade, mas controlada³⁸⁴ –, e circulação dos filhos.

o sexo no casamento entre estado e religião

No final dos anos 1970, Joani Blank compreendia que uma das abordagens mais abertas em termos de educação sexual, era propiciada pela Igreja Universalista³⁸⁵. Em um curso intitulado

384 Apesar de menos comum, os casais adeptos da prática de swing – em que há uma troca sexual de parceiros – também garantem a permanência do próprio relacionamento por meio de regras estabelecidas entre os dois.

385 Conforme nota 82, na primeira série deste trabalho: A Igreja Unitarian Universalist foi criada nos anos 1960, a partir da junção de dois grupos cristãos radicais: a Igreja Unitária (1825) e a Igreja Universalista (1793). A congregação se autodenomina democrática e acolhe pessoas de distintas crenças que compartilham os mesmos valores. A Congregação é conhecida por seu ativismo social e relação com os chamados grupos minoritários, como o LGBT. Recentemente, a congregação chegou ao Brasil com a Associação Unitarista Brasileira, em Pernambuco (<https://sites.google.com/site/cristianismoliberal/>) e a Sociedade Unitária de São Paulo, ainda em processo de formalização. Disponíveis em: <https://www.uua.org/association> (último acesso em 22 de maio de 2017).

About Your Sexuality (AYS) questões relativas ao corpo e ao prazer de cada um eram apresentadas sem que o foco fosse a reprodução ou as doenças.

Atualmente, o curso é produzido para ser aplicado em escolas religiosas ou laicas, a partir do documento *Guidelines for Comprehensive Sexuality Education* [Diretrizes para uma educação abrangente da sexualidade] (2004), produzido pelo SIECUS (Sexuality Information and Education Council of the United States). Apesar de a organização ter sido alvo de grupos religiosos e ter se envolvido em uma campanha contra o financiamento de abordagens educacionais que se embasavam apenas na abstinência até o casamento, afirmam no guia que:

O SIECUS não está sozinho na crença de que a educação sexual escolar é de importância vital para a saúde e o bem-estar dos jovens de nossa nação. Pesquisas em âmbito nacional, estadual e local, tem mostrado consistentemente que a maioria dos pais querem que a escola providencie uma educação abrangente da sexualidade que inclua tópicos como a abstinência, DSTs, HIV/AIDS, contracepção, e métodos preventivos. Na realidade, muitos estados exigem que alguns, ou todos estes tópicos sejam abracados no currículo escolar. A pesquisa também apoia uma abordagem abrangente para a educação sexual, com numerosos estudos descobrindo que tais programas podem ajudar os jovens a adiar as relações sexuais, reduzir a sua frequência, reduzir o número de parceiros e aumentar o uso de preservativos e outros métodos contraceptivos ao tornar-se sexualmente ativo (SIECUS, 2004: 13).

O advento da AIDS nos anos 1980 trouxe uma nova discussão acerca da educação sexual para jovens no país. Até 1993, 47 estados – eram apenas três inicialmente – incluíram a educação sexual nas escolas como disciplina obrigatória. Uma reportagem na *Times Magazine* relaciona o reconhecimento da AIDS a uma abertura em relação ao conteúdo ensinado nas escolas, como a inclusão de temas como homossexualismo e sexo anal. A mesma reportagem atribui à descoberta de medicações para controle dos efeitos do vírus ao retorno da discussão do que deveria ser ensinado ou não nas escolas³⁸⁶.

Se o medo da contaminação pelo vírus abriu o conteúdo da educação sexual ou não, não é o mais relevante, mas o fato é que abriu uma discussão e tornou a educação mandatória em grande parte dos estados no país.

386 Disponível em: <http://time.com/3578597/aids-sex-ed-history/>;
<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,962907,00.html> (últimos acessos em 12 de julho de 2017).

No artigo “The failure of the American ABC HIV prevention model in Botswana” [O fracasso do modelo americano ABC na prevenção ao HIV em Botsuana], Yvonne Su (2010) observa que nos Estados Unidos foram estabelecidos dois tipos de abordagem em relação ao HIV. O primeiro tipo voltava-se especialmente à comunidade gay e, em um primeiro momento, investiu-se na distribuição de camisinhas entre esta população considerada de risco. Em seguida, o CDC (Center for Disease Control [Centro de Controle de Doenças]) indicou um investimento na mudança comportamental, sugerindo “a redução do número de parceiros sexuais, a eliminação de troca de fluidos durante o sexo e ‘conhecer o seu parceiro’, evitando lugares caracterizados pelo anonimato sexual” (IDEM: 2). Tal modelo ficou conhecido como “safe/r sex” [sexo (mais) seguro]. O termo “safer sex” reconhece que não há completa ausência de riscos nas relações sexuais³⁸⁷.

A outra abordagem, direcionada à população heterossexual, teria um caráter mais educativo como base no modelo de “Abstinência até o casamento”, sob os preceitos cristãos, dominantes na sociedade estadunidense (SU, 2010: 3). Com o suporte do governo estadunidense, o modelo de abstinência até o casamento passou a integrar o currículo educacional para crianças e jovens (IDEM).

A historiadora Dagmar Herzog (2008), em *Sex in crisis: the new sexual revolution and the future of American politics*, observa que o pânico em torno do HIV mostrou-se como uma oportunidade para a direita religiosa ampliar o alcance de sua abordagem, com base em argumentos científicos, ou seculares.

No início dos anos 2000, com a eleição de George W. Bush, a abordagem de uma educação sexual com foco na abstinência teria se espalhado para além do continente americano a partir dos investimentos contra o vírus HIV no continente africano.

Yvonne Su (2010) afirma que o modelo de prevenção importado para alguns países do continente africano teria sido delimitado a partir da abordagem em relação à comunidade Gay e também àquela voltada ao público cristão. Neste modelo, intitulado “ABC” (Abstein, Be Faithful,

387 Disponível em: <http://sfsi.org/?s=safes> (último acesso em 11 de julho de 2017).

use Condom [Abstenha, seja fiel, use camisinha]), o “A” seria proveniente da abordagem voltada a heterossexuais, enquanto o “B” e o “C” estariam relacionados à abordagem no interior da comunidade gay (IDEM).

De acordo com Dagmar Herzog (2008), durante o Governo de Bush, na primeira década dos anos 2000, a abordagem “ABC” teria se tornado ainda mais restrita, delimitando o investimento do uso de camisinhas aos casos de “alto risco” como: motoristas de caminhão, trabalhadores do sexo, trabalhadores imigrantes, e, ocasionalmente, “usuários de substâncias”. Além disso, todas as ONGs que recebessem financiamento do programa estadunidense teriam que assinar uma declaração em que se opunham à prostituição e ao tráfico de mulheres, igualando essas duas práticas.

No início do que se constituiu como epidemia no Brasil, na década de 1980, os casos de contaminação eram referidos como “câncer gay” ou “peste gay”. Ao mesmo tempo, emergia um movimento gay organizado no país. A pressão popular, em conjunto com o aumento da chamada epidemia, levou o governo federal a criar o Programa de Controle da SIDA ou AIDS, em 1985, hoje Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais (LEVI; VITÓRIA, 2002).³⁸⁸

Em 1992, o programa passou por uma reformulação: “foram estabelecidas conexões com a sociedade civil, outras áreas do governo, além de acordos-chave com outros países e instituições internacionais, para cooperação técnica com o Brasil” (IDEM). O país se tornou uma das referências em programas nos chamados países em desenvolvimento para combate ao vírus do HIV. Os investimentos financeiros na área também impulsionaram os programas de prevenção que, entre outras medidas, adotou a distribuição em massa de preservativos, especialmente para aqueles que seriam mais “vulneráveis” a elas: gays e prostitutas (IDEM).

Uma infinidade de ONGs foram criadas, incentivadas pelo investimento que vinham também dos chamados países desenvolvidos, como os Estados Unidos. Em 2003, o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, apresentou o President’s Emergency Plan for AIDS Relief (PEPFAR – Plano de Emergência do Presidente para Auxílio à AIDS), em parceria com agências

388 Disponível em: <http://www.aids.gov.br/legislacao/2012/51440> (último acesso em 10 de julho de 2017).

como a USAID (United States Agency for International Development [Agência Estadunidense para o Desenvolvimento Internacional])³⁸⁹. No relatório de contas do PEPFAR, de 2006, afirmou-se que

No ano fiscal de 2005, os Estados Unidos empenhou aproximadamente \$2.8 bilhões no Plano de Emergência, para além dos \$2.4 bilhões do ano fiscal de 2004, primeiro ano de implantação. O presidente Bush requereu – e o congresso destinou – aproximadamente \$3.2 bilhões para o ano fiscal de 2006, mantendo o compromisso de \$15 bilhões, no compromisso de 5 anos do Plano de Emergência³⁹⁰.

Os investimentos em parcerias bilaterais com 123 países – com ênfase e 15 países na África, Caribe e Ásia – não envolveram o Brasil, apesar de investimentos passados e de seu reconhecimento internacional em relação aos programas de prevenção à contaminação pelo vírus.

No artigo “Prostitution Puts U.S. and Brazil at Odds on AIDS Policy” [Prostituição coloca EUA e Brasil em divergência sobre as políticas de AIDS], para o *NY Times*, Larry Rohter afirma que organizações no Brasil que trabalham com a prevenção do vírus HIV romperam as parcerias e recusaram o investimento de \$40 milhões pela USAID, em função de suas novas diretrizes. De acordo com Rohter, o governo estadunidense “exige que todos os beneficiários estrangeiros da assistência à AIDS devem, explicitamente, condenar a prostituição”³⁹¹.

No Brasil, muitas organizações envolvidas nos programas de prevenção estavam diretamente envolvidas com as prostitutas, por serem consideradas um dos principais focos de *vulnerabilidade*. Este era o caso da organização *Fio da Alma* – cuja diretora, Ivanilda Lima, havia sido prostituta desde os 13 anos –, que trabalhava em parceria com outras organizações como a *DaVida*, fundada e coordenada por Gabriela Leite³⁹².

389 O Plano de Emergência foi criado um ano depois de estabelecidas as metas do milênio pela ONU, dentre as quais constam: Erradicar a extrema pobreza e a fome; Atingir o ensino básico universal; Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; Reduzir a mortalidade infantil; Melhorar a saúde materna; Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; Garantir a sustentabilidade ambiental; Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. Disponível em: <https://14minionuunaids2001.wordpress.com/2013/04/26/as-oito-metas-do-milenio/> (último acesso em 11 de julho de 2017). A proposta do PEPFAR responde a algumas destas meta, para além da AIDS, uma vez que inclui o investimento em países pobres, na redução da mortalidade infantil, além de parcerias entre outros países.

390 Disponível em: <https://2001-2009.state.gov/s/gac/rl/61765.htm> (último acesso em 10 de julho de 2017)

391 Disponível em: <http://www.nytimes.com/2005/07/24/world/americas/prostitution-puts-us-and-brazil-at-odds-on-aids-policy.html> (último acesso em 10 de julho de 2017)

392 IDEM.

O relatório de 2006 da PEPFAR não menciona as suas diretrizes em relação às medidas de prevenção, apenas assinala o uso de estratégias como

Abordagem ABC (Abstain, Be faithful, correct and consistent use of Condoms where appropriate [Abstenha, seja fiel, uso correto e consistente da camisinha quando apropriado]), desenvolvida na África para prevenir a transmissão sexual; prevenção da transmissão de mãe-para-a-criança (PMTCT – prevention of mother-to-child transmission); prevenção da transmissão por transfusão de sangue por meio programas de transfusões seguras e sangue seguro; e programas que focam nos usuários de drogas intravenosas, em casais Sorodiscordantes, em mulheres, em homens, em abuso de álcool, entre outras questões-chave³⁹³.

Os investimentos em Uganda foram utilizados, durante o governo Bush, como propaganda do sucesso da abordagem. Nos primeiros anos da década de 2000, a ONU comemorava o sucesso no declínio da contaminação pelo vírus HIV em Uganda, e atribuía esse sucesso aos anos de investimento em educação sexual. O governo Bush, por sua vez, atribuía este mesmo sucesso aos investimentos por meio do PEPFAR.

Em 2005, um oficial da ONU acusou o governo Bush e o governo de Uganda de causarem estragos nos avanços conseguidos em Uganda, ao cortarem o financiamento destinado ao uso da camisinha e enfatizar as medidas de abstenção e fidelidade.³⁹⁴

Apesar das críticas do oficial da ONU e de representantes de outros países, o então presidente de Uganda, Yoweri Museveni, e sua esposa, deram suporte à abordagem estadunidense, que além do dinheiro, iam de encontro com os preceitos evangélicos do qual eram adeptos, assim como Bush.

O estudo *Tolerance and Tension: Islam and Christianity in Sub-Saharan Africa*, financiado pela Pew Charitable Trusts e pela John Templeton Foundation e publicado em 2010, mostra que a partir do século XX houve um crescimento das religiões muçulmanas e cristãs, e declínio das diversas das chamadas “religiões africanas”, no continente africano. Segundo o estudo, o norte da África é hoje tomado em sua maioria pela religião muçulmana, enquanto o sul, ou a chamada África subsaariana, é de maioria cristã.

393 IBIDEM

394 Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2005/aug/30/usa.aids> (último acesso em 11 de julho de 2017).

Em 1995, o Vaticano tornou pública a exortação *Ecclesia in Africa* do então Papa João Paulo II, em que tratava da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos, realizada no continente africano, com o objetivo de pensar nos rumos da evangelização para o milênio próximo.

Na exortação, o Papa João Paulo II lembrou a história da evangelização no continente. Creditando suas origens às origens da própria igreja, com uma vida cristã intensa entre os séculos II ao IV. Esta seria para o então Papa a primeira fase da evangelização. Com relação a segunda fase, afirma que

Nos séculos XV e XVI, a exploração da costa africana pelos portugueses foi rapidamente acompanhada pela evangelização das regiões da África situadas ao sul do Saara. Tal esforço incluía, entre outras zonas, as regiões do actual Benin, S. Tomé, Angola, Moçambique, e Madagáscar.³⁹⁵

A última fase “de evangelização sistemática” teria se iniciado no século XIX. Enquanto a segunda fase foi possível em função da abertura pela colonização europeia, a última fase aconteceu em consonância com o combate à escravidão e a abertura do “livre mercado”. No início do século XX, o continente africano estava tomado por colônias europeias, e em meados deste mesmo século estas colônias começaram a se tornar estados independentes, mantendo as velhas fronteiras coloniais, bem como, em muitos dos casos, os costumes religiosos, como no Brasil.

O documento apresentado pelo Papa não ignora as diretrizes internacionais, assimilando o direito à diversidade cultural, a valorização da democracia, a valorização das mulheres, e mesmo o respeito a outras crenças religiosas. Deste modo, o Papa afirma que “O desafio da inculturação³⁹⁶ em África consiste em fazer com que os discípulos de Cristo possam assimilar cada vez melhor a mensagem evangélica, continuando, no entanto, fiéis a todos os valores africanos autênticos”³⁹⁷.

Além dos cristãos, os não cristãos também são alvos da evangelização

395 Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa.html (último acesso em 12 de julho de 2017).

396 De acordo com o documento a “inculturação” se refere ao “processo pelo qual 'o ensinamento catequético *se encarna* nas diferentes culturas”. Em outro trecho, acrescenta ainda: “Tal como 'o Verbo Se fez carne e veio habitar entre nós' (Jo 1,14), assim também a Boa Nova, a palavra de Jesus Cristo anunciada às nações, deve entranhar-se no ambiente de vida dos seus ouvintes. A inculturação é precisamente esta inserção da mensagem evangélica nas culturas”(IDEM).

397 IBIDEM.

Certamente a Igreja respeita e estima as religiões não cristãs, professadas por tantas e tantas pessoas no Continente Africano, pois elas constituem a expressão viva da alma de largos sectores da população; todavia “nem o respeito e a estima para com essas religiões, nem a complexidade dos problemas levantados são para a Igreja um motivo para ela calar, diante dos não cristãos, o anúncio de Jesus Cristo (...)”.³⁹⁸

No capítulo II da exortação são levantados alguns dos problemas, naquela época, da igreja na África. Eles são: a “evangelização em profundidade”; a “superação das divisões”; o “matrimônio e vocações”; as “dificuldades sociopolíticas”; a “intromissão do mass-media”.

A “evangelização em profundidade” se refere à evangelização no interior da própria igreja: “a Igreja que se evangeliza por uma conversão e uma renovação constante, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade”³⁹⁹. A questão da credibilidade aparece em outros momentos ligadas ao testemunho, sobre isso afirmam: “Mais do que nunca, (...), o testemunho da vida tornou-se uma condição essencial para a eficácia profunda da pregação”⁴⁰⁰.

Sobre a questão da “superação das divisões”, a “Assembleia Especial sublinhou a importância do diálogo ecumênico com as outras Igrejas e comunidades eclesiais, e ainda do diálogo com a religião tradicional africana e com o islamismo”⁴⁰¹.

Em relação ao “matrimônio e às vocações”, coloca-se a família como expressão do futuro da humanidade e da igreja. Em um outro momento, ressalta-se que a família cristã deve, ainda, se tornar “um lugar privilegiado de testemunho evangélico”⁴⁰².

Sobre as “dificuldades sociopolíticas”, apresenta-se

o aumento da pobreza em África, a urbanização, a dívida internacional, o comércio das armas, o problema dos refugiados e deslocados, os problemas demográficos e as ameaças que pesam sobre a família, a emancipação das mulheres, a propagação da SIDA, a sobrevivência em alguns lugares da prática da escravatura, o etnocentrismo e as oposições tribais.⁴⁰³

E finalmente, em relação à “intromissão do mass-media”, aponta-se para as duas

398 IBIDEM.

399 IBIDEM.

400 IBIDEM.

401 IBIDEM.

402 IBIDEM.

403 IBIDEM.

possibilidades trazidas pelos meios de comunicação. Se, por um lado, os meios de comunicação podem se tornar fortes aliados no trabalho de evangelização, por meio da divulgação de um modo de vida cristão, por outro lado, o que se apresenta é “uma visão deformada da vida e do homem”.⁴⁰⁴

Em um dado momento, frente aos “desafios atuais”, se estabelece a importância da formação, que deveria ocupar um lugar central na vida cristã:

O programa de formação há-de incluir, de modo particular, a preparação dos leigos para desempenharem plenamente o seu papel de animação cristã da ordem temporal (política, cultural, económica, social), que é empenho característico da vocação secular do laicado. A tal propósito, não se há-de deixar de encorajar leigos competentes e motivados a empenharem-se na acção política, onde poderão, através de um digno exercício dos cargos públicos, “atender ao bem comum e, ao mesmo tempo, abrir caminho ao Evangelho”.⁴⁰⁵

Esta nova fase evangelizadora anuncia o que se concretizou, posteriormente, em um investimento nas condutas, a partir da articulação entre a família, a educação e o Estado. E é por meio dos investimentos na conduta sexual no combate ao HIV, com atenção especial aos jovens, que esta articulação vai funcionar.

Entre os grandes problemas colocados a partir da exortação, o Papa afirma:

Constatando o papel que comportamentos sexuais irresponsáveis desempenham na difusão dessa doença, formulou esta firme recomendação: “A amizade, a alegria, a felicidade, a paz que o matrimónio cristão e a fidelidade proporcionam, bem como a segurança que a castidade oferece, devem ser continuamente apresentados aos fiéis, particularmente aos jovens”.⁴⁰⁶

Em agosto de 2007, a *Catholic Medical Quarterly*, uma revista da associação médica católica do Reino Unido, publicou um artigo em que rebatia as críticas à intervenção católica em relação a AIDS na África.

Logo após a publicização da exortação, a Igreja Católica tomou parte na formação de uma série de programas de combate à AIDS, em especial na África do Sul, Suazilândia, Botsuana, Lesoto, e Namíbia.⁴⁰⁷ A bordagem adotada pela igreja dizia basear-se na capacidade de cada um em

404 IBIDEM.

405 IBIDEM.

406 IBIDEM.

407 Disponível em: http://www.cmq.org.uk/CMQ/2007/Aids_in_Africa.htm (último acesso em 12 de julho de 2017).

mudar o seu comportamento. A estratégia, portanto, era fundamentada na “educação, abstinência sexual fora do casamento, fidelidade marital, e respeito pela vida e pelos outros”⁴⁰⁸, que teria se mostrado eficiente em países como Uganda, onde as contaminações haviam diminuído. Ainda de acordo com o artigo, a estratégia buscava envolver não somente os que tinham uma vida sexual ativa, a partir de um programa educacional voltado para jovens nomeado “True Love Waits” [O verdadeiro amor espera].⁴⁰⁹

A posição das diferentes igrejas cristãs frente a chamada epidemia do vírus HIV é esperada. A facilidade de sua atuação em certos países corresponde ao próprio processo de colonização que teve início nos séculos XV e XVI, como é apontado pelo próprio Papa João Paulo II.

A atuação das diferentes igrejas no decorrer dos séculos foi também o que possibilitou a entrada de organizações internacionais e ONGs de diferentes países. A história de colonização no continente africano, assim como aconteceu na América do Sul⁴¹⁰, não está separada dos investimentos religiosos.

Os povos subjugados foram assimilados, quase que desde o primeiro momento, como uma oportunidade – além de corpos como simples mercadorias – de investimento a longo prazo. As crianças e jovens, como promessas do futuro, se tornaram um dos investimentos mais valiosos. As disputas entre organizações eclesiais, estrangeiras ou internacionais se deu principalmente no campo desta educação. Há um consenso em relação aos cuidados relativos aos doentes e às medicações, mas é no campo da prevenção que esta disputa se mostra mais acirrada.

Uma disputa que, no entanto, não descarta a necessidade de espaços para negociações. No documento papal, bem como nos documentos da ONU, a “tolerância” com outras religiões, organizações, grupos políticos, é exaltada. Esta tolerância é necessária para que haja possibilidade de “diálogos” e, portanto, de negócios.

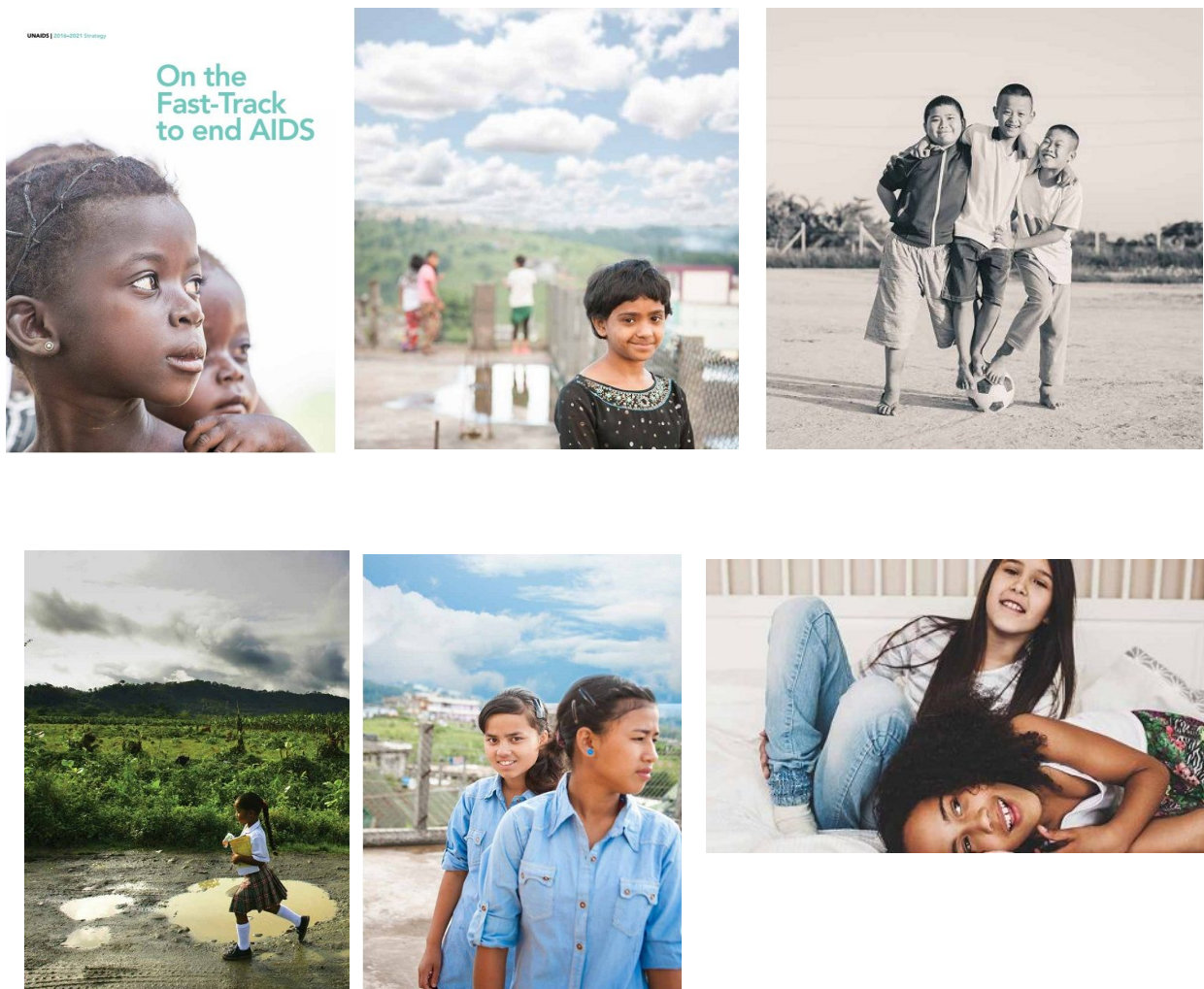
408 IDEM.

409 IBIDEM.

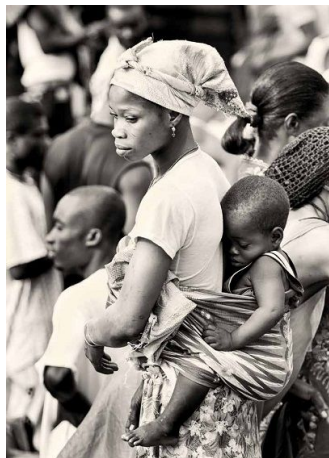
410 O processo de conquista na América do Norte, apesar da forte presença protestante desde os primeiros séculos de contato, não esteve tão marcado por uma formação religiosa dos povos nativos, uma vez que a estratégia no continente foi, antes, a dizimação quase completa.

O último documento da UNAIDS, em relação às medidas propostas para o fim da “epidemia do HIV”, explicitam, por meio das imagens escolhidas, seu alvo principal. Em meio a estas disputas, o vírus do HIV, assim como a família, se apresentam como oportuna justificativa. A família ainda se coloca como uma porta de entrada, e o sexo, junto à família, uma oportunidade de inserir-se na regulação das condutas. As crianças e jovens, maiores alvos deste investimento regulador, são também usados como justificativa para sua manutenção e sua ampliação.

A seguir, estão 15 das 23 fotos publicadas no plano estratégico *On the fast-track to end AIDS* para 2016-2020⁴¹¹ da UNAIDS, publicado em 2015, em que se explicita em imagens, o alvo privilegiado.



411 Disponível em: http://www.unaids.org/en/resources/documents/2015/UNAIDS_PCB37_15-18 (último acesso em 12 de julho de 2017).



sexo é saúde ou, o verbo se fez carne

A saúde em relação ao sexo é um denominador comum em qualquer de suas abordagens na atualidade. O sexo está relacionado à saúde do casamento, à saúde do corpo, à saúde da mente, das relações em geral, e, obviamente, também à saúde enquanto reprodução e futuro da sociedade.

De um lado, o mercado assimila argumentos religiosos e de saúde, ampliando o alcance das negociações na vida de cada um por meio do sexo. De outro lado, os investimentos em saúde e os investimentos religiosos trazem – também por meio do sexo – as negociações do mercado como um modelo de conduta.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) – uma das agências especiais da “família ONU”⁴¹² – lançou seu primeiro relatório em torno da saúde sexual, intitulado “Education and treatment in human sexuality” [Educação e tratamento em sexualidade humana], em 1975. Em 2006, a OMS publicou o *Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health* [Definindo a saúde sexual: relatório de consulta técnica em saúde sexual]. O novo relatório partiu da proposta – em uma parceria com a PAHO (Pan American Health Organization [Organização Panamericana de Saúde]) e a WAS (World Association for Sexual Health [Associação Mundial para a Saúde Sexual]) – de atualização do relatório de 1975, com o objetivo de “refletir sobre o estado global da saúde sexual e definir as áreas em que a OMS e seus parceiros pudessem oferecer orientações para gestores nacionais de saúde, responsáveis políticos e provedores de cuidados com a saúde, de como melhor abordar a saúde sexual” (WHO, 2006: 1).

Este relatório foi resultado do encontro de quatro dias, realizado em Genebra, em janeiro de 2002, intitulado “Challenges in sexual and reproductive health: Technical consultation on sexual health” [Desafios na saúde reprodutiva e sexual: consulta técnica sobre a saúde sexual].

o primeiro de uma série de encontros internacionais com vários objetivos desafiadores, a saber: revisar e atualizar as definições de saúde sexual e conceitos relacionados, tais como sexualidade; identificar desafios e oportunidades ao abordar a saúde sexual; e definir estratégias que países e regiões deverão adotar de modo a promover a saúde sexual de acordo com seus contextos específicos (2010a).

412 O sistema ONU, conhecido não-oficialmente como “família ONU”, é composto pela própria ONU e muitos programas, fundos e agências especializadas, afiliados. Cada um com sua própria associação, liderança, e orçamento. (...) As agências especializadas são organizações internacionais independentes, financiadas por contribuições voluntárias ou tributárias. Disponível em: <http://www.un.org/en/sections/about-un/funds-programmes-specialized-agencies-and-others/index.html> (último acesso em 14 de julho de 2017).

Antes de apresentar os resumo dos temas e discussões do encontro, o relatório estabelece quatro “definições operacionais” que devem dar suporte às discussões. Os termos são: sexo, sexualidade, saúde sexual e direitos sexuais. Neste primeiro relatório, a OMS deixa claro que estas “definições operacionais” [working definitions] são uma contribuição para o avanço do entendimento no campo da saúde sexual. Eles não representam uma posição oficial da OMS” (WHO, 2006: 5).

Em relação ao “sexo”, a definição adotada “para fins técnicos” se refere ao seu caráter “biológico” aplicado para “homens” e “mulheres”, apesar do mesmo apresentar variações. A seguir, as três outras definições na íntegra:

Definição de *sexualidade*:

A sexualidade é um aspecto central do ser humano ao longo da vida e abrange o sexo, as identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressada em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Enquanto a sexualidade pode incluir todas estas dimensões, nem todas elas são sempre experimentadas ou expressadas. A sexualidade é influenciada pela interação entre fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais (IDEM).

Definição de *saúde sexual*:

A saúde sexual é um estado de bem-estar físico, emocional, mental e social, em relação à sexualidade. Não é a simples ausência de doença, disfunção ou enfermidade. A saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa em relação à sexualidade, relações sexuais, bem como a possibilidade de se ter experiências sexuais prazerosas, seguras, livres de coerções, discriminações e violências. Para a saúde sexual ser alcançada e mantida, os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e cumpridos (IDEM).

Definição de *direitos sexuais*:

Os direitos sexuais adotam os direitos humanos que já foram reconhecidos em leis nacionais, documentos de direitos humanos internacionais, e outras declarações consensuais. Eles incluem o direito de todas as pessoas, livre de coerções, discriminações e violências, a: o mais alto padrão possível de saúde sexual, incluindo o acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva; procurar, receber e transmitir informações relacionadas à sexualidade; educação da sexualidade; respeito pela integridade do corpo; escolha de parceiros; decidir sobre ser sexualmente ativo ou não; relações consensuais; casamentos consensuais; decidir

se querem ou não, e quando, ter filhos; e buscar uma vida sexual satisfatória, segura e prazerosa. O exercício responsável dos direitos humanos demanda que todas as pessoas respeitem os direitos umas das outras (IDEM).

Mais adiante, o documento enfatiza que esta definição de saúde sexual “chama a atenção para a natureza inter-relacional entre as dimensões físicas, mentais e sociais da sexualidade e, sobretudo, à noção de bem-estar sexual” (IDEM: 4).

De acordo com o relatório, as duas apresentações de abertura “focam no imperativo da saúde pública de construir sociedades sexualmente saudáveis” (IDEM: 6). A primeira apresentação, “Healthy sexual development – a gender issue” [Desenvolvimento sexual saudável], por Smita Pamar, representante do SIECUS (Sexuality Information and Education Council of the United States), levanta que

A noção de saúde, assim como de sexualidade, não é estática e sem julgamentos. O desenvolvimento sexual ocorre ao longo da vida, mas o status da saúde do adulto está intimamente ligado às suas experiências durante a adolescência, o período crucial de transição para a idade adulta. A adolescência estabelece as condições para a saúde sexual em uma fase posterior da vida (IDEM: 6).

Em seguida, assinala três problemas em relação ao desenvolvimento sexual do adolescente: “(i) o desenvolvimento cognitivo e o contexto de tomada de decisão; (ii) a identidade de gênero; e (iii) o contexto socioeconômico do desenvolvimento físico” (IDEM:7).

Em relação ao desenvolvimento cognitivo, na chamada fase da adolescência, este seria marcado pela capacidade de abstrações, de avaliar as consequências e de tomadas de decisões. Além disso, seria “influenciado pelos contextos, social (relacionado ao gênero, especialmente), político, econômico e cultural em que são tomadas as decisões” (IDEM).

Enquanto que, a identidade de gênero, “definiria para a maioria o que significa se tornar um homem ou uma mulher (...). As garotas geralmente relatam a necessidade de intimidade, amor e carinho, e os garotos, a curiosidade, o prazer e o status entre os seus pares” (IDEM).

O terceiro item, “contexto socioeconômico do desenvolvimento físico”, por sua vez, levantaria a questão do conhecimento em relação às transformações físicas, que afetariam a sua

capacidade de decisão. Em geral, aqueles responsáveis por lhes passar as informações, sejam os profissionais ou os familiares, também não possuiriam o conhecimento adequado. “Como resultado, os jovens tendem a se envolver sexualmente sem o conhecimento ou habilidades necessários para negociar por sua própria saúde sexual e bem-estar [welfare]” (IDEM)

“The public health challenge” [O desafio da saúde pública] foi o título da segunda apresentação, realizada por Eli Coleman, da Universidade de Minnesota. Assim como Pamar, Coleman avaliou a importância de se dar atenção à fase de desenvolvimento dos “adolescentes” a fim de evitar as consequências prejudiciais com a maturidade. Tanto Coleman quanto Pamar fizeram menção aos riscos relacionados ao HIV.

O tema de abertura do segundo dia foi o risco e a vulnerabilidade, apresentado por Peter Aggleton, da Universidade de Londres, com o título “Models for addressing vulnerability and risk” [Modelos para abordar a vulnerabilidade e o risco]. Antes de expor o resumo da apresentação, o relatório assinala que, além da influência dos fatores familiares, culturais e sociais, entre outros na determinação da sexualidade de indivíduos e casais, “menos reconhecida, mas igualmente significativa para a tomada de decisão são os significados, as motivações e desejos que as pessoas associam com as atividades, comportamentos e práticas sexuais” (IDEM: 10).

A apresentação de Aggleton começa com referência aos aprendizados em torno da prevenção do HIV nas últimas duas décadas: “a pouca apreciação da sexualidade e do ‘sexual’; a relutância em se envolver com o que é explicitamente político; e uma maior preocupação com o risco do que com a vulnerabilidade” (IDEM: 10). Ele observa que, atualmente, têm-se prestado mais atenção às diferenças entre risco e vulnerabilidade e, também, entre redução de risco e redução de vulnerabilidade. O risco, por um lado, seria voltado para o comportamento individual e com base nas probabilidades de, no caso, contrair do vírus do HIV. A vulnerabilidade, por outro lado, seria observada a partir da influência de, pelo menos, três outros fatores: “(i) fatores pessoais; (ii) fatores relacionados à qualidade cobertura dos serviços e programas; e (iii) fatores sociais” (IDEM: 11).

Ressalta-se, então, a importância de articular os dois tipos de intervenção, a partir do risco e da vulnerabilidade.

Na discussão em torno da apresentação, levantou-se a questão de que a religião pode ser um fator tanto de proteção como de risco, assinalando, posteriormente que as parcerias que envolvem as instituições religiosas podem ser importantes devido a sua entrada na família e na comunidade, alertando, ainda, para que “a sexualidade precisa ser desmistificada antes que possa se abordada adequadamente em nível institucional” (IDEM: 12).

As quatro apresentações seguintes compunham o “Regional perspectives on sociocultural factors” [Perspectivas regionais sobre fatores socioculturais]. Nele observa-se que “Programas que procuram reduzir a vulnerabilidade e os riscos no comportamento sexual terão que trabalhar com a crença das pessoas, seus valores e tradições, para poder apoiar o comportamento de busca de uma saúde sexual e um ponto-de-vita mais holístico sobre a sexualidade ao longo da vida” (IDEM).

Nesta série, Esther Corona, representante da “Federación Latinoamericana de Sociedades de Sexología y Educación Sexual” (FLASSES) e da Asociación Mexicana de Educación Sexual (AMES), falou sobre o contexto da América Latina. Uwem Esiet, da Action Health Incorporated, na Nigéria, falou sobre a África Subsaariana. Faysal El-Kak, da Universidade Americana de Beirute, tratou do contexto na região do mediterrâneo oriental. E, finalmente, Terence Hull, da Universidade Nacional da Austrália, abordou a Ásia.

Em relação à região Subsaariana do continente africano, Esiet colocou que o HIV continua sendo um dos grandes problemas, mas que apesar dos desafios, também existem oportunidades: “O alto valor dado às crianças pode servir para mobilizar instituições políticas e religiosas, para apoiarem e manterem um estilo de vida sexual saudável, enquanto imperativo para o futuro bem-estar futuro das crianças” (WHO, 2006: 13).

As apresentações seguintes se referem às “necessidades das pessoas”. Judith Helzner, representante da International Planned Parenthood Federation (IPPF) em Nova York, apresentou

“Integrating sexual health into existing services” [Integrando a saúde sexual a serviços que já existem] (Judith Helzner). Na apresentação, observou-se uma mudança significativa em relação ao planejamento familiar, por volta de 1994, a partir do destaque à questão da sexualidade, e à necessidade das pessoas. Entre outras coisas, a atenção à sexualidade no campo reprodutivo teriam possibilitado o acesso a informações sobre as relações de poder, traduzidas em “poder para” e “poder sobre” alguém. Helzner acrescenta que,

A epidemia do HIV, chamou a atenção sobre a necessidade de se abordar a sexualidade de maneira franca e direta. Os programas de prevenção ao HIV podem e devem incluir discussões sobre práticas sexuais, parcerias, relacionamentos, poder e uso de camisinha, se quiserem ser bem sucedidos. No planejamento familiar, discussões recentes sobre o impacto de métodos contraceptivos no prazer e relações sexuais, reconhecem que isso pode influenciar na escolha do método, uso e continuidade.

Entre os desafios colocados em relação à integração da sexualidade na saúde pública, foi colocada a necessidade de se realizar parcerias. No resumo da discussão, colocada a seguir, determinou-se que “os grupos religiosos devem ser trazidos a bordo, para que haja um real progresso (IDEM: 16).

A apresentação seguinte, intitulada “Sexuality information: how can the health sector make a difference?” [Informação sexual: como o setor de saúde pode fazer a diferença?], foi realizada por Pilar Ramos-Jimenez, da Universidade De La Salle, nas Filipinas.

Nas Filipinas não existe uma palavra para sexualidade:

Informações básicas sobre gênero, sexo, saúde sexual e responsabilidade sexual existem, assim como módulos completos de gerenciamento de casos de ITS⁴¹³ – os quais focam na prevenção de ITS e do HIV, no lugar de se voltar para questões mais abrangentes como sexualidade e bem-estar sexual. (...) Como resultado, poucos dados são coletados nacionalmente sobre saúde sexual, práticas ou comportamentos sexuais (IDEM: 16).

A questão colocada na apresentação pela inexistência de “sexualidade” nas Filipinas, é respondida com a necessidade de se criar novos paradigmas, além de parcerias entre os setores de saúde, ONGs, instituições de pesquisa e comunidades.

413 Infecções Transmitidas Sexualmente, sigla que deve substituir as DSTs.

Na discussão que se seguiu, observou-se a necessidade de investir na capacitação em países em desenvolvimento, de habilidades para melhorar a qualidade de suas pesquisas em torno da sexualidade (IDEM: 17). Ressaltou-se também a importância de uma melhor disseminação das informações que já existem: “Informações podem ser adaptadas, tornadas apropriadas culturalmente, e traduzidas para outros países e regiões” (IDEM). Levantou-se a possibilidade de se implementar fóruns pela internet, além de outras questões como “Quais mensagens enviar por meio de documentos de orientação para países que não tem uma palavra para descrever a sexualidade?” (WHO, 2006: 18).

Em seguida foram apresentados estudos de casos em alguns países relativos à educação da sexualidade. A partir de casos apresentados na Tailândia, por Verapol Chandeying (da Universidade Príncipe de Songkla, na Tailândia), na Suécia, por Lillemor Rosenqvist (da Associação Sueca para Sexologia) e na África do Sul, por Khosi Xaba (do Ipas da África do Sul), destacou-se a eficácia das parcerias entre governos, ONGs, e setores privados na questão da saúde sexual.

Entre os pontos considerados na discussão, ressaltou-se que “a educação da sexualidade deve procurar promover a saúde e o bem-estar, assim como os direitos sexuais. Ela deve se estender para todos os setores, uma vez que nem todas as crianças vão para a escola” (IDEM: 18).

O próximo tema discutido abarcou o papel dos governos. Neste sentido, as discussões foram voltadas para a implementação de leis que facilitassem a entrada da abordagem da saúde sexual. Também foram colocadas as importâncias de diferentes parcerias.

Na conclusão do relatório foram propostas uma série de medidas para serem implementadas pela OMS:

Desenvolver uma agenda expandida de pesquisa sobre sexualidade e convocar um encontro para se estabelecer as prioridades de pesquisa.

Desenvolver documentos de orientação normativa sobre desenvolvimento e amadurecimento da sexualidade e da saúde sexual para países em desenvolvimento.

Desenvolver um currículo e ferramentas de treinamento sobre sexualidade para médicos e trabalhadores da área da saúde.

Avaliar modelos de prestação de serviços e programas para estabelecer melhores práticas relacionadas à saúde sexual

Advogar pela coleta de dados relacionados à sexualidade e à saúde sexual em todos os países.

Avaliar métodos de pesquisa para o estudo da sexualidade e do comportamento sexual e desenvolver um documento de orientações para métodos de pesquisa

Construir capacitação em pesquisa sobre comportamento sexual e sexualidade em países em desenvolvimento.

Desenvolver um documento de orientação abrangente sobre saúde sexual para auxiliar nas estratégias e políticas de países em desenvolvimento em relação à saúde sexual (IDEM: 21).

Ao final, a OMS declarou que,

Desde a Consulta o Departamento de Saúde e Pesquisa Reprodutiva, em cooperação com o Departamento de Saúde da Criança e do Adolescente, e o Departamento de HIV/AIDS, desenvolveram um plano de trabalho em saúde sexual a médio prazo, que refere-se a muitas destas recomendações (IDEM).

A partir deste primeiro relatório e suas reverberações em documentos produzidos posteriormente, é possível fazer algumas considerações.

A primeira consideração diz respeito ao processo de definição de alguns termos que deverão se consolidar no interior de uma estratégia. As “definições operacionais” foram, ao mesmo tempo, o primeiro passo e também o inacabado. Elas não delimitam o caminho, mas apontam e se ajustam aonde se quer chegar.

Há uma preocupação em se definir conceitos que sejam abrangentes, de modo a permitir ajustes e adaptações aos diferentes contextos. Neste sentido, aproxima-se também da noção de “inculturação” proposta no interior da Igreja católica, ou seja, como inserir uma mensagem nas diferentes culturas e contextos.

Como apresentado anteriormente, a “inculturação” é compreendida como “processo pelo qual o ensinamento catequético *se encarna* nas diferentes culturas (...)”⁴¹⁴; Continua mais adiante, “Tal como ‘o Verbo Se fez carne e veio habitar entre nós’ (Jo 1,14), assim também a Boa Nova, a palavra de Jesus Cristo anunciada às nações, deve entranhar-se no ambiente de vida dos seus ouvintes (...)”⁴¹⁵.

“No princípio era o verbo, e o verbo era Deus” (BÍBLIA, Jo 1,14). A exposição do contexto filipino explicita também a importância da consolidação de um termo, ainda que flexível, o que interessa, como foi colocado, é como transmitir a mensagem.

A mensagem, o verbo, que se torna carne quando se insere na consciência de cada um, se insere por uma série de outros termos que ajudam a compor esta rede de definições. Conforme descrito na primeira série deste trabalho, o conceito de “bem-estar sexual” é um conceito que procura se estabelecer de forma abrangente, possibilitando um cálculo na economia do prazer, com base em uma autoavaliação de custos e recompensas, tendo em vista a garantia do que se considera um futuro saudável. Este termo volta ainda em outros documentos decorrentes desta série de encontros realizadas pela OMS.

No documento *Measuring sexual health: conceptual and practical considerations and related indicators* (2010), retoma-se o termo “bem-estar sexual” para se pensar índices de medições da saúde sexual, como uma alternativa à “sexualidade saudável”, uma vez que esta terminologia poderia ser limitante ao se pensar os diferentes contextos e o que pode ser atribuído como sexualidades “não-saudáveis”:

O termo “bem-estar sexual” foi discutido como uma outra possibilidade. O problema, novamente, é a definição e entendimento de “bem-estar”, propenso a ser específico a um contexto ou cultura. O sentido de bem-estar deve estar ligado a aspectos como identidade sexual, preferência sexual, e comportamento sexual. O termo pode incluir também expressões da sexualidade por pessoas que vivem com deficiências físicas, intelectuais ou doenças. O “bem-estar sexual”, provavelmente, só pode ser medido se “auto-percebido como saúde sexual”, o que inclui estar

414 Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa.html (último acesso em 12 de julho de 2017).

415 IDEM.

confortável ou satisfeito com a própria identidade, e a motivação e habilidade para proteger e melhorar a saúde sexual. Tais considerações possibilitam capturar tanto elementos positivos da saúde sexual, quanto negativos, como a coerção e a discriminação. No lugar das respostas de “sim” ou “não”, poder se projetar uma escala composta de “bem-estar” (WHO, 2010: 4).

Neste mesmo documento, em relação ao uso do termo “saúde sexual”, a sua abrangência possibilitaria abordar a chamada “disfunção sexual”, tanto em termos pessoais, como sociais (IDEM: 3).

Dois outros termos apresentados nas discussões foram os conceitos de risco e vulnerabilidade. Conforme foi exposto no primeiro relatório, de 2006, a vulnerabilidade também possibilitaria uma abordagem mais abrangente, ainda que a sua articulação com o conceito de risco seja considerada imprescindível. Em um terceiro relatório, intitulado *Developing sexual health programmes: A framework for action* [Desenvolvendo programas de saúde sexual: uma estrutura para a ação] (2010a), também resultado desta série de encontros, observa-se que risco e vulnerabilidade são conceitos definidos a partir das experiências referente à prevenção do vírus HIV⁴¹⁶.

Risco é a probabilidade de que uma pessoa adquira uma infecção e/ou doença. Certos comportamentos individuais (como sexo inseguro) aumentam este risco. O risco também é algo influenciado por uma multiplicidade de fatores entre os quais existem aspectos do desenvolvimento físico e psicológico das pessoas, e de sua história sexual de exposição, abuso, habilidade para negociação nos relacionamentos, atenção às questões ligadas à sexualidade, acesso a apoio, e associação a redes no âmbito social.

A vulnerabilidade constitui um pano de fundo para se correr riscos, e desponta de fatores sociais, políticos e ambientais mais abrangentes que fornecem um contexto no qual a pessoa age, influenciando os tipos de riscos que eles correm. Estes fatores contextuais incluem a economia política do cenário (e suas desigualdades e exclusões relativas ao gênero, etnia e sexualidade), e seu contexto legislativo, bem como a existência ou ausência de programas de educação e saúde, sua acessibilidade, qualidade, conteúdo e distribuição. Fontes: Mann & Tarantola, (1992); Shaw & Aggleton, (2002); UNAIDS, (1998b) [WHO, 2010a: 13].

Ao contrário do que assinalavam as disputas apresentadas anteriormente entre as religiões cristãs e as diretrizes estabelecida pelas organizações internacionais, explicita-se de ambos os lados,

416 Salete Oliveira em “Desacostumar-se à vida: governo da verdade e qualidade de vida, exercícios atuis do poder psiquiátrico” (2011) mostra a articulação entre o conceito de vulnerabilidade, qualidade de vida e tolerância zero a partir do advento da AIDS, destacando ainda seus efeitos no governo da vida de crianças e jovens.

que estas disputas são apenas uma ínfima parte de processos de negociação. As organizações religiosas, tornam-se, na realidade, parceiros necessários, na medida em que a sua entrada em relação à família e à comunidade é mais eficaz. Além disso, as aparentes incompatibilidades entre uma e outra abordagem se dissolvem, uma vez que não estão em jogo as ideias propriamente ditas, mas um modo de fazer.

Ambas as abordagens se pautam ainda em outras características em comum. Para ambas é preciso estabelecer objetivos e finalidades, que guiarão as condutas em seu trajeto. Como já havia sido mencionado anteriormente, em relação ao casamento. As crianças e jovens são também seu alvo em comum. Enquadrados em especificações cognitivas, estes são inseridos no caminho que deve levar à consolidação de um adulto superior. Crianças e jovens são valorizados como investimentos no futuro.

A transitoriedade e fugacidade da criança e do jovem devem ser enquadradas em identidades e identificações, garantidas pela internalização de uma consciência, por meio da sexualidade, que será o juiz de cada uma de suas condutas para um “futuro melhor”. A consciência como juiz, articulada com as “ameaças” no futuro, explicitam também uma lógica penal, no que, aparentemente, lidava mais com a busca de soluções do que punições. A punição está presente na direção das condutas, a partir, principalmente, das ameaças para o futuro que podem se expressar tanto na fúria divina, como nas mazelas do corpo. O verbo é obedecer.

Tomo emprestada a resposta de Gabriela Leite à sua mãe, quando diagnosticada com um câncer de pulmão em estágio avançado. Quando a mãe lhe interpelou com a frase “se você não tivesse fumado na sua vida, você não estaria com câncer agora”, Gabriela respondeu: “Mas mãe, se eu não tivesse fumado, eu não saberia o gosto bom que o cigarro tem”⁴¹⁷.

417 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mJ_kfXnRbEM (último acesso em 17 de julho de 2017).

é o fim! ...é o fim?

Uma criança, antes mesmo de aprender as palavras, se aproxima de um objeto movida pela sua curiosidade. O objeto brilha, se move, possui um formato incomum, um som diferente, cores estranhas, não importa, o que atrai uma criança a um objeto é o objeto em si, e não o seu “real” propósito. O objeto pode ser inanimado, mecânico, digital, orgânico, uma outra pessoa, um outro animal.

Quando começa a aprender as palavras, os objetos começam a ter utilidades específicas, aprende-se, por exemplo, que um prato é para servir comida (ainda que ele possa eventualmente se transformar em um disco voador). Com o tempo, as palavras passam a antecipar o objeto. O adulto aprende a buscar objetos feitos especialmente para determinados propósitos. Na sociedade atual, os objetos, além dos propósitos imediatos, carregam valores e, no lugar de satisfazerem uma necessidade imediata, muitas vezes se tornam um investimento para o futuro. Uma laranja não é mais simplesmente uma bola ou uma fruta saborosa e refrescante, ela é uma fonte de vitamina C e de saúde, logo um elemento para se adicionar na busca de um corpo saudável para o futuro.

O uso de objetos para o prazer sexual sempre existiu. Assim como o uso de cenouras, mandiocas, pepinos, cabos de vassoura ou qualquer objeto tido como fálico (e também outros não fállicos) já foram, e eventualmente são, utilizados com o único propósito de se ter prazer.

No mercado do desejo, um vibrador é antes uma via para o autoconhecimento. Um lubrificante é uma solução para a vida sexual da mulher que não consegue ficar lubrificada com o marido. Uma fantasia é um tempero na relação entre o casal. E o “bem-estar sexual” de cada um é a garantia de que o sucesso e a felicidade vão encontrá-los no fim do caminho.

O processo de industrialização nas sociedades ocidentais intensificaram uma mudança na relação com os objetos nestas sociedades. Primeiro em relação ao seu valor, adquirindo um valor monetário relacionado a quem poderia consumi-los, um valor externo ao objeto em si. A massificação da produção possibilitou somar ao objeto um valor monetário ainda maior, em função

de sua raridade. Deste modo, não somente o objeto ganhou um valor externo como a sua própria produção passou a ser contabilizada a partir de um valor monetário.

Aos poucos, outros valores ligados ao objeto passaram também a somar nesta contabilização econômica. Portanto, uma laranja orgânica, produzida em menor escala, em um empreendimento familiar, com amor e cuidado, e que fornece saúde em sua vitamina C (e sem agrotóxicos), em um ambiente familiar “feliz”, estimulando a vida comunitária, além de se preocupar com a preservação da terra e garantindo a saúde do planeta, é um objeto cheio de valor econômico.

Os objetos em sexshops direcionados ao prazer são objetos para o “autoconhecimento”, o “bem-estar”, para o casamento, para a saúde e para o sucesso. Em reportagem publicada pelo jornal *O Globo*, afirma-se que

Um (...) estudo, da Universidade de Princeton, nos EUA, conclui que o sexo estimula o crescimento de células cerebrais no hipocampo de ratos. Assim como nos humanos, o hipocampo é parte responsável pela memória e pelo aprendizado. Segundo os pesquisadores, fatores como estresse e depressão ajudam no encolhimento desta região do encéfalo. O sexo tem o poder de reverter esse efeito, conforme testes feitos nas cobaias, pesquisadas pela neurocientista Elizabeth Gould.⁴¹⁸

Os valores acrescentados na economia do objeto acompanharam as lutas pelo reconhecimento de direitos. A exploração do trabalhador diante da fábrica é assimilada como responsabilidade social. A exploração da terra pela extração capitalista é assimilada como responsabilidade ambiental. E assim por diante.

Todas as misérias produzidas pelo Estado (racismos, violências, genocídios) e pelo capitalismo (exploração dos corpos, da terra, dos animais) são traduzidas em valores econômicos a partir de sua assimilação pelo próprio Estado e, imediatamente, pelo mercado. Não que racismos, violências, genocídios, exploração de corpos, terras e animais tenham um fim específico, mas por meio dos direitos um mercado alternativo é incorporado dentro da lógica do Estado e do capital e

418 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/com-sexo-na-cabeca-7857146> (último acesso em 20 de julho de 2017).

novos mercados são criados por meio de leis, punições, monitoramentos, certificações, formação, organizações, além dos ilegalismos. Tornam-se produtivos.

O mercado se mantém a partir dos desejos que são incorporados e daqueles que produzirá. Neste sentido, todo mercado é um mercado de desejo. O desejo que o movimenta é um desejo de fazer parte de algo que se anuncia como um bem mais elevado. É uma sociedade sem desigualdades; um planeta limpo, uma velhice saudável. Mas as proibições e criminalizações também possibilitam a manutenção deste mercado pelo que já foi colocado: por meio de leis, punições, monitoramentos, certificações, formação, organizações, e ilegalismos, além de objetos e outros serviços para a proteção.

Os desejos para o futuro são também resultados de lutas por direitos. As expectativas por um mundo melhor no futuro, qualquer que seja ele, são criadas a partir da constituição de novas verdades em meio às lutas. O reconhecimento de um determinado grupo no interior do Estado demanda que uma nova verdade seja construída em torno deste grupo. Uma verdade que só pode se estabelecer por meio de uma identidade. Ser reconhecido é ser, antes, identificado.

Estes desejos se proliferam na medida em que se ajustam às condutas de um contingente maior de pessoas. Como o objetivo dos movimentos de luta por direitos também é o de que sua verdade seja incorporada pela sociedade como um todo, pequenos ajustes são necessários a fim de que sua esta se torne desejável por muitos.

O movimento pelos direitos LGBT mostraram que também podem se constituir como uma família comum, por vezes até com benção de alguns padres. São merecedores de seus direitos, porque também podem ser bons cidadãos, cumpridores de deveres e pagadores de impostos.

A medida de adaptação permanece a mesma, o velho modelo heterossexual burguês, que também se ajusta às novas demandas de direitos. Os chamados normais, casais heterossexuais, pais e mães de família, crentes em Deus, no Estado e na nação, também se modulam a partir das conquistas por meio do mercado. As práticas BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão

e Sadomasoquismo) tornam-se toleráveis, na medida em que podem ajudar a salvar casamentos e temperar a vida morna destes cidadãos de bem.

O *queer*, como conceito abrangente, acomoda as sobras identitárias e recicla a produção de verdades para aqueles que antes não cabiam nas identificações. O nosso tempo é um tempo que demanda conceitos flexíveis, e por mais radical que tenham sido as práticas nomeadas como *queer* – assim como foram muitas outras –, o termo, por meio de uma nova produção de verdades acomoda o que ainda restava de inclassificável e permite atualizar o que já não responde às novas demandas.

Os conceitos flexíveis como “qualidade de vida”, “vulnerabilidade”, “bem-estar”, e mesmo “sexualidade” e “saúde sexual”, ampliam o campo de atuação de políticas, governos, instituições, e permitem medições e ajustes em campos mais abrangentes. Além disso, são conceitos que se estabelecem, muitas vezes, por meio de definições pessoais. O Estado e as instituições de governo ou internacionais permitem, desta maneira, que se incluam em seus cálculos o que antes estava fora de seu escopo por diferenças religiosas ou culturais.

Entretanto, é preciso que antes estes termos se tornem universais e compreendidos, de uma forma ou outra, dentro dos mais diferentes contextos. Desta maneira, o termo “bem-estar sexual” por exemplo, consegue incluir em seus cálculos mesmo aqueles que desconhecem a palavra “sexualidade”, como é o caso dos filipinos. Além de procurar medir as condutas, a abrangência dos termos também busca um meio de introduzir uma mensagem, como explicitou a ONU, que deve servir de orientação, universalmente.

Esta mensagem, respaldada em suas certificadas verdades, procura incidir diretamente na conduta de cada um. Para que isso seja possível é necessário que alguns objetivos de vida sejam desejados, pois é para eles que o caminho estabelecido por meio de certas condutas promete levar. E estes objetivos se tornam desejados quando são “verdadeiros”. E eles são verdadeiros quando conseguem produzir um discurso que pretende abranger a todos universalmente.

A prática sexual é uma das poucas práticas nas mais diferentes culturas que é universal. Ela se faz necessária para a própria perpetuação da espécie. E o prazer sexual existe a partir do corpo de cada um, para a procriação ou não. As exceções, como os chamados assexuais, não causam muito distúrbio, pois não afetam significativamente o desejo da maioria pelo sexo.

Além disso, o sexo relacionado ao prazer está ligado a uma relação íntima em que uma pessoa expande as possibilidades de prazer no seu corpo para um outro corpo. O sexo não é a única maneira de aproximação entre dois corpos para o prazer, qualquer proximidade física, um abraço, um beijo, um carinho, ou mesmo estar ao lado também possibilitam esta experiência entre duas (ou mais) pessoas. Mas aprendemos, durante séculos, que o prazer sexual é o único que não podemos partilhar com qualquer um, porque ele guardaria o segredo mais íntimo de cada um, a essência e verdade de um sujeito.

Entrar neste campo de prazer, significa, em nossa sociedade, tocar o que há de mais pessoal. Se uma pessoa compreende que o sexo é o que guarda os seus segredos, qualquer coisa que atingir o sexo vai diretamente ter um impacto em todos os outros campos de sua vida. A manutenção desta crença se torna necessária na medida em que se pretende conduzir as escolhas de cada um para um objetivo, para um ponto, para um destino.

A ONU, bem como os meios de comunicação, o governo e o Estado, publicizam a verdade de que uma experiência sexual imprudente poderá afetar a vida de um sujeito definitivamente em uma única direção: a ruína e o fracasso. Ao mesmo tempo, lançam mão de terapias e programas para a mudança nas condutas que podem ajustar um possível desvio de rota. Assim também as religiões possibilitam a recuperação dos “enfermos”, com uma segunda chance (terceira, quarta, ou quantas necessárias) para a recondução de suas condutas.

Os desvios só podem ser entendidos como tal diante de um caminho definido, qualquer que seja ele. Os investimentos em uma saúde sexual e no bem-estar, por mais amplos que sejam esses

conceitos, pressupõe que exista um caminho correto. Portanto, os desvios podem levar a males diante do bom caminho: o caminho para a felicidade e o sucesso.

Existem as correções explicitamente punitivas, ou compulsórias, quando o desvio é contrário às leis, como a chamada pedofilia, ou a violência contra as mulheres. Nestes casos a correção se dá por meio do aprisionamento, ou às vezes, por medidas tidas mais brandas como as chamadas penas alternativas. O que definirá a medida das penas é também um cálculo que delimita quais os danos que tais “crimes” irão gerar na sociedade e os chamados crimes contra as crianças são tidos como os mais nocivos.

Entretanto, isso não se refere à imposição sobre o corpo das crianças. O Estado tem o direito sobre o corpo de qualquer criança, mesmo diante de seus pais. Ele pode remover a criança de uma família ou obrigá-la a permanecer na mesma. As crianças em situação de rua, podem a qualquer momento serem levadas pelo conselho tutelar, sem o consentimento das mesmas.

Salete Oliveira descreve uma entrevista em um programa de mesa-redonda com uma autoridade do governo de São Paulo, em 2009:

Pergunta mote: não há uma maneira de recolher compulsoriamente crianças e jovens que vivem nas ruas? Resposta: Deve-se recolhê-las e isso pode ser feito. (...) Diante de um mendigo adulto você deve oferecer albergues nos quais ele possa ser abrigado caso deseje, mas você não pode obrigá-lo a isso. Com crianças não. Deve-se obrigar e ponto. Não existe isso de “não quero ir para escola”, “não quero isto”, “quero aquilo”. Criança não tem querer! (OLIVEIRA, 2011: 349).

Quando consideradas vítimas de situações traumáticas, crianças e jovens são encaminhadas para especialistas que tem autorização para examiná-las fisicamente e psicologicamente, independente de suas vontades. Retiram amostras de seu corpo, as apalpam com luvas de látex e instrumentos metálicos e as isolam até que tenham sido reviradas das cabeças aos pés. Quando estas mesmas crianças e jovens são considerados infratores, também podem ser retiradas do convívio familiar, ou do espaço em que circulem, e encaminhadas para centros “socioeducativos”, com o “amável” nome CASA, que foi dado a essa prisão para jovens.

Se a relação com uma criança não foi estabelecida a partir de uma imposição, mas com o consentimento da própria, isso não interessa para o Estado e suas polícias, médicos, psiquiatras, psicólogos, psicopedagogos, conselheiros tutelares e afins. A criança não é um ser de vontades.

O valor da criança, evidenciado nos milhares de ONGs, políticas, campanhas, leis, acompanha o grande investimento sobre as mesmas. As crianças são o futuro de uma nação, da família, da sociedade e da humanidade, e a não ser que sejam educadas para isso, podem colocar tudo a perder.

A criança, como alvo preferencial, é sempre a vítima, não tem vontades. Ela não pode ter vontades porque é em seu nome que se fala. A noção de vulnerável permite ainda que a criança seja vista sempre como uma potencial vítima.

A criança muito jovem não tem juízo, não tem capacidade de abstração, não tem um olhar para o futuro. Como assinala Edson Passetti,

O tempo da criança é longo e os espaços para elas são imensidões. As crianças dançam, brincam e guerreiam. Pouco importa o dia e a noite, o claro e o escuro, veracidade e sonho; para elas são experimentações da vida com calor e frio. Então, quando cada um desses momentos estiver habitado de significados, fantasmas, determinações, ela passará a ter ideias-fixas, começará a ser *educada* para a *boa e bela* vida. Desmorona sua liberdade! A liberdade das crianças não está em uma educação para uma nova moral, mas em mantê-las livres dos verdadeiros juízos dos adultos, da real consciência, do esclarecimento e dos fantasmas. Nas crianças, a luminosidade no dia e na noite, no claro e no escuro, aos poucos, torna-se escuridão no dia e na noite, no claro e no escuro. Aí então, na modorra ou na astúcia, queimam ao sol ou vagam presas aos ventos da noite. Poderão ser biblioclastas, soldados, membros do rebanho, bons funcionários, expertos cientistas, espertinhos do momento. Não serão mais crianças. E, talvez, tempos depois e bem maduros, descobrirão como surrupiaram as suas vidas e as de seus filhos; passarão a ser tolos avós formando seus netos livres como pequenos tiranos (PASSETTI, E., 2011b: 67-68).

Os investimentos nas crianças começam cedo. E cada vez mais (OLIVEIRA, 2011), a criança é identificada, estrategicamente, como uma fase do desenvolvimento do adulto pleno. O cidadão pleno de direitos. A criança não é e não pode ser vista como uma pessoa, ela é uma fase e como tal, necessita de investimentos que garantam o seu desenvolvimento como cidadão. O bom cidadão é aquele que tem consciência, que sabe onde quer chegar e que tem uma perspectiva de futuro.

Se aos desviantes é “oferecida” uma correção compulsória, o bom cidadão deve desenvolver essa correção por si mesmo, pela sua consciência. A consciência é a consciência do futuro, de saber

que para cada ação haverá uma consequência (e não somente um efeito qualquer), que pode ser desde a prisão até uma doença, um casamento arruinado, um fracasso econômico ou profissional.

A consciência é, portanto, o seu próprio juiz; aquilo que delimita o que é bom e o que é mau para se colher os “bons frutos” no futuro, aquilo que será penalizado ou recompensado. A conduta exemplar, exigida em qualquer prisão como punição reparadora de uma conduta não exemplar, é assimilada antes mesmo que o “mal” seja punido. Desta maneira, o juízo em cada um é também seu próprio carcereiro que deve prevenir qualquer ocorrência de delito.

A sexualidade é uma forma de se tomar consciência de si. Conhecer os próprios segredos e saber conduzi-los de maneira apropriada, evitando riscos e garantindo um caminho seguro. A sexualidade permite que se possa dizer a verdade sobre si, mesmo que essa verdade seja fluída. A sexualidade permite, portanto, medir essa verdade. Transformá-la em gráficos, números, índices.

De acordo com a reportagem publicado em *O Globo*, a psiquiatra Carmita Abdo afirma,

— Tudo o que se faz na vida tem libido, não apenas numa relação a dois. Entusiasmar-se, fugir, apaixonar-se por um projeto... o sexo ganha corpo no relacionamento, mas está sempre dentro do indivíduo (...). Por isso, os inteligentes entendem mais o jogo, e isso serve para tudo, inclusive para o sexo, uma atividade que reúne uma série de atributos.⁴¹⁹

No final dos anos 1980, no Brasil, o anarquista Roberto Freire publicou o livro *Sem tesão não há solução*. De acordo com Gustavo Simões (2011), Roberto Freire se apropriou da frase que estava escrita em um muro de cemitério em São Paulo. O tesão da vida, para ele, se referia a como as pessoas se relacionavam umas com as outras, diferente do que era estabelecido pela família burguesa, mas similar ao que ele compreendia pela anarquia e pela vida alegre, que não se assemelhava à busca da abstrata felicidade.

O tesão de Roberto Freire não tem nenhuma proximidade com a libido de Abdo. A última expressa a incorporação de uma racionalidade em meio a um “jogo”.

419 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/com-sexo-na-cabeca-7857146> (último acesso em 20 de julho de 2017).

Um *dispositivo da sexualidade* é um meio de se possibilitar a constituição de uma consciência, permitir que ela seja medida, regulada e investida. Melhorada para um futuro saudável, um futuro que talvez nunca chegue, e que se chegar já não haverá muito tempo para desfrutá-lo. Um futuro que pode sempre se adiar enquanto se vive.

Uma criança não tem sexualidade. Isso não significa que ela não experimente prazeres que para os adultos são classificados como prazeres sexuais. A criança experimenta, não pelo desejo do futuro que virá, do que lhe falta, mas pelos sabores de agora.

Emma Goldman discorre sobre a educação das crianças, no início do século XX:

Todas as instituições de nossos dias, a família, o Estado, ou códigos morais, veem em cada personalidade forte, bela e obstinada, um inimigo mortal. Consequentemente, há todo um esforço em comprimir as emoções humanas e originalidade de pensamento do indivíduo em uma camisa de força desde a mais tenra idade. Ou, em formatar cada ser humano conforme um só padrão, não enquanto uma individualidade coerente, mas em paciente trabalhador escravo, autômato profissional, cidadão pagador de impostos, ou um correto moralista. (...) (1906: 7)

Mais de um século se passou desde que Goldman publicou esta crítica à educação das crianças. Pode-se dizer, hoje, que não há apenas um padrão em que a criança deva ser formatada, mas uma série de possibilidades, que constituem uma variação do mesmo. A educação da criança ainda é planejada para formar um adulto obediente, que saiba se ater a certas condutas, por mais flexíveis que estas sejam.

É sabido que as crianças aprendem com o que está ao seu redor. Uma criança presa em uma jaula acostuma-se a ela e apreende o mundo a partir daí. Na atualidade, observamos uma crescente expansão desta jaula – há cada vez mais opções, que são mais ou menos moduláveis. Mas que não deixam de definir certas condutas.

O investimento na criança se faz tão necessário, pois é nos primeiros momentos que ela vai aprender a se relacionar com o mundo. Escapar de uma jaula, depois que se está acostumado a ela, não é tarefa fácil.

(Alguns poucos, vivem se desacostumando.

São mortos aos montes, mas sempre

Há algum que escapa,

Que espera na saída da escola

Para incentivar o colegial de olhos de gelo

E lhe oferecer um canivete) (CORTAZAR: 2008: 95).

referências bibliográficas

- AGUIAR, et alli, *Guia Gospel para Sexshops e Consultores de casais*. São Paulo, ABEME, 2015.
- ANDERSON, Lessley. “A sex toy story” in *Business 2.0 Magazine/ CNN Money*. 01 de junho de 2006. [Disponível em: http://money.cnn.com/magazines/business2/business2_archive/2006/05/01/8375938/index.htm (acesso em 13 de julho de 2016).]
- ARMAND, Émile. *Anarchist Individualism and Amorous Comradeship*. Tradução de J, The anarchist library, 2004. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emile-armand-anarchist-individualism-and-amorous-comradeship>
- BECKER, Gary S. “The economic Way of Looking at Life” in *Nobel Lectures, Economics 1991-1995*. Singapore: Editor Torsten Persson, World Scientific Publishing Co., 1997. Disponível em: http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/1992/becker-lecture.pdf
- BENTO, José; GONÇALVES, Maria Cristina; PRIZMIC, Poliani. *Sexualidade: Autoconhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2007.
- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias Positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997
- BLANK, Joani. *Good Vibrations: the complete guide to vibrators*. Prefácio de Betty Dodson. São Francisco: Down there Press, 3ª. ed., 1989.
- _____. “Joani Blank, Interviewed by Herself” in *Joani Blank's Wb Spot*. S/D [Disponível em: <http://www.joaniblack.com/personal.htm>]
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova York; Londres: Routledge, 1999.
- BRANDÃO, Aivone; SILVA, Dulcília; SILVA, Viviane. “Histórias que o museu conta” in *Anais 26ª RBA: Des/igualdade na diversidade*. Realizada na UFBA, Salvador entre 1 e 4 de junho de 2008. [Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2034/aivone%20carvalho%20brandao.pdf]
- CAVANAHA, Claire (entrevista por Rose Surnow) “Babeland's Co-Founder Talks 20 Years of Vibrators and Lube” in *Cosmopolitan magazine*, 2013. [Disponível em: <http://www.cosmopolitan.com/sex-love/advice/a4221/babeland-turns-20/>]
- CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. *Namoro blindado: O seu namoro à prova de coração partido*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

- CARMO, Paulo Sérgio do. *Entre a luxúria e o pudor: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011.
- CHAVES, Wander Wilson. *O Comissário do Esgoto: coragem da verdade e artes da existência na escritura-vida de William Burroughs*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, com orientação de Dorothea Voegeli Passetti. São Paulo: PEPGCS-PUCSP, 2014.
- CLASTRES, Pierre. *A arqueologia da violência*. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Brasiliense, 1982
- CORTAZAR, Julio. "Aumenta a criminalidade infantil nos Estados Unidos" in *A volta ao dia em 80 mundos*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wach. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2008. v. 1, pp.91-95.
- CURTIS, Debra. "Commodities and Sexual Subjectivities: A Look at Capitalism and Its Desires." In *Cultural Anthropology* 19, no. 1, 2004, pp. 95-121
- CURY, Augusto. *O código da inteligência emocional: a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson/Ediouro, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- ELLIS, H. *Psicologia do Sexo*. Tradução de Pedro Porto Carreiro Ramires. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971.
- FACCHINI, Regina. "Histórico da luta de LGBT no Brasil" in *Cadernos temáticos*, S/D. Disponível em: http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx
- FALK, Candace. *Love, anarchy and Emma Goldman, a biography*. Nova York: Holt, Rinehart & Wiston, 1984.
- FOSTER, Thomas; SIEGEL, Carol; BERRY, Ellen (eds.). *Sex positivity?*. Nova York/Londres: NY University Press, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. Curso no Còllege de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins fontes. 2002.
- _____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003a.
- _____. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 10ª. Ed., 2003b.
- _____. "Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade" Tradução de Wanderson Flor do Nascimento, in *verve*, v. 5, São Paulo: Nu-Sol: 2004, pp. 260-277.
- _____. *Seguridad, Territorio, Población*. Curso no Còllege de France (1978-1979). Tradução de Horácio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

- _____. *Ditos e escritos IV. Ética, estratégia, poder-saber*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.
- _____. *O poder psiquiátrico*. Curso no Collège de France - 1973-1974). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- _____. *Nascimento da biopolítica*. Curso no Collège de France (1978-1979). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. “O saber Gay (entrevista)”. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues, in *Revista Ecopolítica*, São Paulo: Observatório Ecopolítica, no. 11, janeiro-abril 2015, pp. 2-27. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/23545>
- GLICKMAN, Charlie. “The Language of Sex Positivity” in *Electronic Journal of Human Sexuality*, v. 3. 2000 [Disponível em: <http://www.ejhs.org>]
- GOBLE, Colin; BYE-BROOKS, Natasha. *Health and Well-being for Young People: building resilience and empowerment*. Londres/Nova York: Palgrave, 2016.
- GOLDMAN, Emma. *Living My Life*. 1931. [Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-living-my-life>]
- _____. *Anarchism and other essays*. 1910. [Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-anarchism-and-other-essays>]
- _____. “The Child and its enemies” in *Mother Earth*, v. 1, n. 2, 1906. [Disponível em: <http://catalog.hathitrust.org/Record/009469762>]
- _____. *Jealousy: its causes and a possible cure*. The Anarchist Library, 2009. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-jealousy-causes-and-a-possible-cure.pdf>
- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- _____. “Erotismo, mercado e gênero. Uma etnografia dos sex shops de São Paulo”. In *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, 2012, pp. 53-97.
- HEINEMAN, Elizabeth D. “Sexuality and Nazism: The Doubly Unspeakable?” In *Journal of the History of Sexuality*, vol. 11, Texas: University of Texas Press, 2002, pp. 22-66.
- HERZOG, Dagmar. *Sex after fascism: Memory and morality in twentieth-century Germany*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2005.
- _____. *Sex in Crisis: The New Sexual Revolution and the Future of American Politics*. Nova York: Basic Books, 2008.
- HECKERT, Jamie. *Maintaining the Borders: identity & politics*. 2002. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/jamie-heckert-maintaining-the-borders-identity-politics>

- _____. “Anarquismo e sexualidade: rumo a relações consensuais” in *verve*, v. 28, São Paulo: Nu-Sol: 2015, pp. 169-195.
- IBGE. Censo demográfico : 2010 : características gerais da população, religião e pessoas com deficiência (Rio de Janeiro, IBGE, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>)
- ILLOUZ, Eva. *Erotismo de autoajuda: Cincuenta sombras de Grey y el nuevo orden romántico*. Tradução de Stella Mastrangelo. Buenos Aires: Katz, 2014.
- KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell B.; MARTIN, Clyde E. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia: W.B. Saunders, 1948
- KINSEY, Alfred C. *Sexual Behavior in the Human Female*. Philadelphia: W.B. Saunders, 1953.
- KRAFFT-EBING, Richard Freiherr. *Psychopathia Sexualis*. Trad. Charles Gilbert Chaddock. Philadelphia: A.P. Watts & CO, 1894.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- _____. *Solitary Sex*. Nova York: Zone Books, 2003.
- LEITE, Gabriela. *Filha, Mãe, Avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2008.
- LEITE, Jorge. *Nossos corpos também mudam: Sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, sob orientação de Maria Celeste Mira, São Paulo: PEPGCS-PUCSP, 2008.
- _____. “A pornografia 'bizarra' em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o 'abuso facial'” in DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.
- LIEBERMAN, Hallie. “If you mold it, they will come: How Gosnell Duncan's devices changed the feminist sex-toy game forever.” in *Bitch Magazine*, 26 de maio de 2015. [Disponível em: <https://bitchmedia.org/article/if-you-mold-it-they-will-come-dildo-history-feminist-sex-toy-stores>]
- LIMA, Luiz Pereira de. *O acontecimento aleatório do sexo: cartografando a sexualidade na prática da educação sexual e no espaço dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Orientação de Edson Passetti. São Paulo: PEPGCS-PUCSP, 2003.
- LEVI; Guido Carlos; VITÓRIA, Marco Antonio. “Fighting against AIDS: the Brazilian experience” in *An official Internet AIDS Society Journal*, vol 16. Lippincott Williams & Wilkins, 2002, pp. 2373–2383. [Disponível em: http://journals.lww.com/aidsonline/fulltext/2002/12060/fighting_against_aids_the_brazilian_experience.1.aspx]
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “A família” in LÉVI-STRAUSS, Claude; GOUGH, Kathleen; SPIRO, Melford, *A família, origem e evolução*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

- LUCCHESI, Flávia. *Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Orientação de Edson Passetti. São Paulo: PEPGCS-PUCSP, 2015.
- MCLAUGHLIN, Malcolm. *The Long, Hot Summer of 1967: Urban Rebellion in America*. Nova York: Palgrave MacMillan, 2014.
- MCILVENNA, Ted; HAROIAN, Loretta Mason. *Sexual Attitude Restructuring*. International Psychotherapy Institute (e-Book), 2016. [Disponível em: <http://www.freepsychotherapybooks.org/sex-therapy/product/821-sexual-attitude-restructuring>].
- MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o ocidente: Uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- OLIVEIRA, Salete. “Desacostumar-se à vida: governo da verdade e qualidade de vida, exercícios atuais do poder psiquiátrico” in BRANCO, Guilherme C.; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.), *Foucault: filosofia & política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, pp. 349-358.
- OLIVEIRA, Vanessa; TOIGO, Reinaldo Bim. *Seduzir clientes: o que todo profissional pode aprender com uma garota de programa e um homem de marketing*. São Paulo: Matrix, 2008.
- OSÓRIO, Sofia do Amaral. *Teatro de dança galpão: experimentações em dança e práticas de resistência durante a ditadura civil-militar no Brasil*. Dissertação de mestrado e, Ciências Sociais. Orientação de Dorothea Voegeli Passetti. São Paulo: PEPGCS-PUCSP, 2015.
- PACHECO, Raquel. *O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa*. Rio de Janeiro: Panda Books, 2005.
- PARREIRAS, Carolina. “Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online” in *Cadernos Pagu*, n. 38. Campinas: UNICAMP, 2012: 197-222.
- PASSETTI, Dorothea Voegeli. *Lévi-Strauss, antropologia e arte: minúsculo-incomensurável*. São Paulo: Edusp/Educ, 2008.
- _____. “Colagem: arte e antropologia” in *Revista ponto-e-vírgula*, n. 1, São Paulo: PEPGCS/PUCSP, 2007.
- PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. "poder e anarquia. apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado" in revista verve, vol. 12. São Paulo: nu-sol/ PEPGCS-PUCSP, 2007, pp. 11-43.
- _____. “Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica”. *Revista Ecopolítica*, no. 5, 2013, pp. 81-116. [Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/15120>]
- _____. “Entrevista para o CRP-RJ” in *entrelinhas: psicologia, direitos humanos e ética*. Rio de Janeiro, CRP, janeiro-março, 2013b, p. 18-20.
- _____. "Ecopolítica: procedências e emergência". In Guilherme Castelo Branco; Alfredo Veiga-Neto (orgs) *Foucault: filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (pp. 127-141)

- _____. "Fluxos libertários e segurança" in *verve*, v. 20. São Paulo: Nu-Sol, 2011b, pp. 53-54; 61-67.
- PEDRO, Joana Maria. "A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração". In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol. 23, 2003, 239-260.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- PRIORI, Mary Del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2012.
- QUEEN, Carol; SCHIMMEL, Lawrence (eds). *PomoSEXUALS : challenging assumptions about gender and sexuality*. São Francisco, EUA: Cleis Press, 1997.
- RAFFAINI, Patrícia Tavares. "Museu contemporâneo e os gabinetes de curiosidades" in *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, vol. 3, 1993, pp. 159-164.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- RAMUS, Gustavo. *Anarquismos, cristianismo e literatura social no Brasil (1890-1938)*. Dissertação de mestrado do PEPGCS-PUCSP, com orientação de Edson Passetti, 2011.
- REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo: problemas economico-sexuais da Energia biológica*. Tradução de Maria da Gloria Novak. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004.
- RUBIN, G. "Thinking Sex" in ABELOVE, H.; BARELE, M.; HALPERIN, D. (eds.). *The Lesbian and gay studies reader*. Grã-Bretanha, Nova York: Routledge, 1993.
- RUSSO, Jane; ROHDEN, Fabíola et alli,. *Sexualidade, ciência e profissão no Brasil*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.
- SCHÉRER, R. e HOCQUENGHEM, Guy. *Coir, álbum sistemático da infância*. Tradução de Eder Amaral e Heliana de Barros Conde Rodrigues, in SILVA, Eder Amaral. *A cruzada das crianças: constelações da infância à penumbra*. Tese de Doutorado em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Orientação de Heliana de Barros Conde Rodrigues, Rio de Janeiro, 2016.
- SCHULTZ, Theodore W. *O capital humano*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro, Zahar, 1971
- _____. "Capital formation by education" in *Journal of Political Economy*, vol 68, n. 6. Chicago: University of Chicago Press, 1960, pp. 571-583. [Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1829945>]
- _____. "Investment in Human Capital" in *The American Economic Review*, vol. 51, n. 1, 1961. [Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?=0002-8282%28196101%2951%3A1%3C1%3AIIHC%3E2.0.CO%3B2-4>]

- SIDES, Josh. *Erotic City: Sexual Revolutions and the making of Modern San Francisco*. New York: Oxford University Press, 2009.
- SIMÕES, Gustavo. *Roberto Freire: Tesão & Anarquia*. Dissertação de Mestrado, orientação de Edson Passetti. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC-SP, 2011.
- SOARES, Lúcia. *Política e Modulações do Entretenimento Televisivo: mulheres e denúncias*. Tese de doutorado, orientação de Edson Passetti. São Paulo: PEPGCS-PUCSP, 2011.
- STEIN, David. “Safe Sane Consensual', The Making of a Shibboleth”, 2002. [Disponível em: <http://boycbear.us/ssc.pdf>]
- STIRNER, Max. *O único e sua propriedade*. Tradução de João Barrento. Lisboa: Antígona, 2004.
- _____. “Algumas Observações Provisórias a Respeito do Estado Fundado no Amor” in *revista verve*, vol. 1. São Paulo: Nu-Sol, 2002, pp. 13-21.
- SU, Yvonne Yanyun. “The failure of the American ABC HIV prevention model in Botswana” in *Studies by Undergraduate Researchers at Guelph*, v. 4, n. 1, 2010, pp. 93-100 [Disponível em: <https://journal.lib.uoguelph.ca/index.php/surg/article/view/1278/1812>].
- UNAIDS. “On the fast-track to end AIDS” in *unaids.org*, 2015. [Disponível em: http://www.unaids.org/en/resources/documents/2015/UNAIDS_PCB37_15-18]
- VENNING, R; CAVANAH, C. *Sex Toys 101: a playfully unihibited guide*. Nova York, Londres, Toronto, Sidnei, Cingapura: Simon & Schuster, 2003
- WHO. “Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health, 28–31 January 2002, Geneva” in *who.int*, Genebra: WHO, 2006 [Disponível em: http://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/defining_sh/en/]
- _____. “Measuring sexual health: conceptual and practical considerations and related indicators” in *who.int*, Genebra: WHO, 2010. [Disponível em: http://www.who.int/reproductivehealth/publications/monitoring/who_rhr_10.12/en/]
- _____. “Developing sexual health programmes: A framework for action” in *who.int*, Genebra: WHO, 2010a [Disponível em: http://www.who.int/reproductivehealth/publications/sexual_health/rhr_hrp_10_22/en/]
- _____. “WHOQOL-100” in *who.int*, Genebra: WHO, 1995. [Disponível em: <http://www.who.int/healthinfo/survey/whoqol-qualityoflife/en/> e <http://www.who.int/entity/healthinfo/survey/WHOQOL-100.pdf>]
- WILLIAMS, D.; VANUCCI, L. *Revolution in the Garden*. Los Angeles: Silverback Books Inc., 2005.
- WYLIE, Kevan. “A Global Survey of Sexual Behaviours” in *Journal of Family and Reproductive Health*, Vol.3 No.2, 2009.

entrevistas

BLANK, Joani. Entrevista realizada em Oakland (residência), em 4 de Janeiro de 2016.

QUEEN, Carol. Entrevista realizada em São Francisco (Antique Vibrator Museum), em 7 de janeiro de 2016

JOINER, Nenna. Entrevista realizada em Oaklnad (Feelmore 510), em 21 de dezembro de 2015.

MISS IAN. Entrevista realizada em São Francisco (Center for Sex and Culture), em 22 de dezembro de 2015.

RIVA, Adriano, RIVA, Lu. Entrevista realizada em São Paulo (Erótika Fair), em 08 de outubro de 2010.

vídeos

THE BLACK PANTHERS: VANGUARD OF REVOLUTION. Direção: Stanley Nelson. PBS, 2015.

SUMMER OF LOVE. Direção: Gail Dolgin e Vicente Franco. PBS, 2007.

ANEXO

The largest gay organization in the United States has been challenged to join the revolution, "today not tomorrow."

The challenge appears in the April issue of Vector, the official publication of the SF-based Society of Individual Rights (SIR). The magazine goes out today (Friday) to 3000 SIR members.

Editor Leo E. Laurence told BARB in an exclusive interview this week that he knows he has put his job on the line by what he writes in the current Vector. However, he is willing to take the risk.

"I've dedicated my life to this revolution," he said determinedly. "Someone has to make the first step.

"Society has made us perverts for too goddamn long," he said, "It's time for a change -- right now."

He calls for an end to the status quo in an editorial -- not only in society at large, but within gay organizations themselves. "Timid, uptight, conservative, and afraid to act for the good of the whole homosexual community," that's what the gay establishment is like, says the editorial.

"I fully expect up-tight members and officers of SIR to try and stop me as editor," Laurence writes. "But I promise Vector is going to be honest in its reporting, even if it make our middle class homosexuals mad."

"I'm not afraid" Laurence told BARB. "Many young homosexuals believe as I do."

Gays have to love themselves first, Laurence stresses in his editorial. They have to get rid of their double life and proclaim to the world they are homosexuals, and proud of it.

"Tell your boss, family--everybody, that you're gay," he advises.

This isn't easy for the old style leaders of the gay organizations to admit, he confesses. "But even they have to be forced to look at themselves and learn to love themselves.

"We have to get over this bullshit of guilt, the feeling we are degenerates," Laurence said. "After we can admit to ourselves 'gay is good' the revolution will come."

It's the young militant gays who

are going to be the leaders, according Laurence. He used much of the terminology of the Black Revolution as he rapped. "If the uptightness of the present leaders breaks the revolution," he said, "then they must go." Any means necessary must be used to gain gays their personal rights, he said.

"All our lives we've been made butts of jokes, laughed at, made to feel guilty," he said. "Human beings shouldn't have to live like that."

Four years ago Laurence was so guilt ridden and miserable because he was gay, he actually thought of suicide. "Countless young men go through this same misery," he said.

But Laurence went to Glide Memorial Church where he met Reverend Cecil Williams, a black priest.

"By understanding the black revolution, I saw the parallel and what could be done," he says. He believes gays are now where young blacks were just before their revolution -- willing to confront the establishment and demand their rights.

"I'm a homosexual and want to be accepted as such," should be the gay slogan of liberation. It's the same as "Black is Beautiful", says Laurence. Only if we believe that deep down inside can the revolution proceed, he said.

Willie Brown Jr, a black, is leading the battle for sexual freedom in the State Legislature, Laurence pointed out. Brown has introduced a bill making sexual acts between consenting adults legal in California.

"He says self-determination has no timetable. That's also what I believe is right," the editor said. "Others are asking for the 'right political climate.' That's bullshit. We should demand our personal liberty and freedom right NOW."

Instead of isolating themselves from politics in their own little groups Laurence wants gays to participate in other militant social causes. Alliances with the Black Panthers, the Resistance, and other anti-war groups will help when common causes arise, he said.

But it's clear the present gay establishment won't dig this, Laurence said. They've been con-

GAY REVOLUTION

from p. 5

ditioned so long to be afraid he thinks they're actually a stumbling block in the revolution.

None of the established groups like SIR, Tavern Guild, and the gay bars are eager for change, Laurence noted. "Once the revolution comes there'll be no need for such groups," he said. "Gays will be able to go everywhere heterosexuals go."

Laurence envisioned a day when gay lovers will be walking down the street, holding hands, kissing when the impulse comes, like any other couples.

And these aren't only his views but the visions of many young gay's he's talked to.

"I want this picture to become a reality," he said handing me a photo (see this page). "We are just as human as everyone else."

Laurence spoke of a possible test case to push out restrictions

on males showing affection in public. One possibility he mentioned was for two gay lovers to kiss in a bar, just as heteros do. Presently that's described as "degenerate conduct" by existing laws. Laurence wants those laws changed.

If someone loses his job for admitting to be gay all homosexuals should back up that person. The gay editor spoke of the way blacks rallied behind George Murray at SF State. "We have to be just as militant, just as together," he said.


If the SIR establishment jumps on their editor for telling it like it is Laurence expects young militants to support his stand. "I certainly hope they would act, not only talk," he told BARB.

He does concede, however, he could be misjudging the mood of

the gay community. Maybe it isn't ready for revolution and he may come a cropper.

But he doesn't think that likely. "Every human being wants to have freedom and dignity -- eventually."

VENDORS
BARBS CAN
BE HAD AT
2042
UNIVERSITY
BERKELEY-
849-1040
IN SAN FRANCISCO
AT "NORMAN"
FITZGERALD'S
1778 HAIGHT,
387-2733



The